JANE AUSTEN

ORGULHO *E* PRECONCEITO



BAIXE LIVROS .com.br

ORGULHO E PRECONCEITO

Jane Austen

Tradução integral para o português brasileiro

Vitória Gomes Menezes

Aquarelas de Helena Abreu,
segundo Hugh Thomson

BAIXE LIVROS · 2026

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
Orgulho e Preconceito

TÍTULO ORIGINAL
Pride and Prejudice, T. Egerton, Londres, 1813

AUTOR
Jane Austen (1775–1817)

PUBLICADO EM
1813

TRADUÇÃO E INTRODUÇÃO
Vitória Gomes Menezes

ILUSTRAÇÕES
Helena Abreu, em aquarela, adaptadas das gravuras de Hugh Thomson para a edição de George Allen, Londres, 1894

ESTA EDIÇÃO
Tradução integral para o português do Brasil, nos três volumes e sessenta e um capítulos do original, com introdução, vinte apontamentos críticos e noventa e cinco ilustrações

ASSUNTO
Literatura inglesa · Romance · Comédia de costumes · Casamento e juízo

PÚBLICO
Leitores gerais, estudantes de letras e clubes de leitura

EDIÇÃO
Baixe Livros, 2026

REGISTRO
APD-2026-00046-9

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Tradução integral para o português brasileiro, a partir do texto original de 1813. A divisão em três volumes e sessenta e um capítulos é a da primeira edição, e foi mantida: ela marca o ritmo com que Jane Austen soltava a história em três tomos, e o corte entre os volumes cai sempre num ponto de suspensão calculado.

As dezenove cartas do romance — as de Caroline Bingley, a do sr. Collins, a de Darcy a Elizabeth, as de Lydia e as dos Gardiner — vão em bloco recuado, com a data e a assinatura à direita e a saudação à esquerda, como numa carta de verdade. Numa história em que quase toda revelação chega pelo correio, convém que se distinga à primeira vista o que é carta do que é narração.

LICENÇA DE USO

Disponibilização gratuita por meio da plataforma Baixe Livros. Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão. Além disso, a licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do editor. Reforçamos o compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Baixe outros livros gratuitamente em baixelivros.com.br

S U M Á R I O

Introdução 1

Volume I 11

Capítulo I 12
Capítulo II 18
Capítulo III 23
Capítulo IV 31
Capítulo V 36
Capítulo VI 42
Capítulo VII 53
Capítulo VIII 63
Capítulo IX 72
Capítulo X 80
Capítulo XI 91
Capítulo XII 98
Capítulo XIII 102
Capítulo XIV 110
Capítulo XV 116
Capítulo XVI 123
Capítulo XVII 138
Capítulo XVIII 144
Capítulo XIX 165
Capítulo XX 173
Capítulo XXI 181
Capítulo XXII 190
Capítulo XXIII 198

Volume II 206

Capítulo XXIV 207
Capítulo XXV 216

Capítulo XXVI 223
Capítulo XXVII 231
Capítulo XXVIII 237
Capítulo XXIX 244
Capítulo XXX 254
Capítulo XXXI 261
Capítulo XXXII 268
Capítulo XXXIII 276
Capítulo XXXIV 284
Capítulo XXXV 294
Capítulo XXXVI 305
Capítulo XXXVII 314
Capítulo XXXVIII 321
Capítulo XXXIX 327
Capítulo XL 334
Capítulo XLI 342
Capítulo XLII 352

Volume III 360

Capítulo XLIII 361
Capítulo XLIV 380
Capítulo XLV 390
Capítulo XLVI 398
Capítulo XLVII 408
Capítulo XLVIII 424
Capítulo XLIX 433
Capítulo L 442
Capítulo LI 450
Capítulo LII 459
Capítulo LIII 470
Capítulo LIV 482
Capítulo LV 490
Capítulo LVI 500
Capítulo LVII 512
Capítulo LVIII 519

Capítulo LIX 530
Capítulo LX 540
Capítulo LXI 547

Apontamentos críticos da tradutora 553



Introdução

Uma verdade universalmente reconhecida

O romance abre com uma das frases mais célebres da literatura inglesa: a de que um homem solteiro e rico "deve estar necessitado de uma esposa". O leitor apressado toma-a por um axioma; o leitor atento percebe, já na frase seguinte, que se trata de uma ironia — a "verdade" não está na cabeça do homem rico, e sim na das famílias da vizinhança, que o consideram propriedade legítima de alguma de suas filhas. Em duas linhas, Jane Austen apresenta o assunto do livro, o tom com que vai tratá-lo e a exigência que faz ao leitor: prestar atenção. Quem lê *Orgulho e Preconceito* como uma história de amor lê apenas metade; quem o lê como uma sátira lê a outra metade. É preciso ler as duas juntas, porque o livro é as duas coisas ao mesmo tempo, e é nisso que está a sua grandeza.

Jane Austen (1775–1817) foi filha de um pároco de aldeia, sétima de oito irmãos, e viveu toda a vida no interior da Inglaterra, sem casar, escrevendo numa mesinha da sala de estar e escondendo as folhas quando entrava alguma visita. Publicou seis romances, quatro deles em vida e sem o próprio nome na capa. Não conheceu Londres senão de passagem, não viajou, não frequentou salões literários. Conheceu, em

compensação, aquilo que quase ninguém conhece de verdade: a própria família, meia dúzia de famílias vizinhas, e o modo como as pessoas se enganam, se iludem, se casam e se arrependem. Com esse material, que parece pouco, escreveu alguns dos livros mais inteligentes que existem sobre o coração humano. *Orgulho e Preconceito*, rascunhado por volta de 1796 sob o título *Primeiras Impressões* e publicado em 1813, é o mais popular deles, e talvez o mais perfeito.

O que está em jogo

Convém, antes de tudo, entender o que significava o casamento para as mulheres deste livro, porque sem isso muita coisa parece frivolidade e não é. As cinco filhas do sr. Bennet não têm profissão possível, não podem herdar a propriedade da família — que, por um vínculo legal, passará a um primo distante quando o pai morrer — e não têm fortuna própria que valha a pena mencionar. Quando o sr. Bennet morrer, a mãe e as filhas ficarão com uma renda que mal dá para uma vida decente, e sem teto. Nesse mundo, o casamento não era, para uma moça, uma questão de sentimento apenas: era a única porta de saída, e essa porta se fechava por volta dos vinte e sete anos. A obsessão da sra. Bennet, que faz o leitor rir da primeira à última página, tem no fundo uma razão que não é risível: ela tem cinco filhas e nenhuma garantia. O riso de Austen nunca é cruel com a necessidade; é cruel apenas com a tolice, que é outra coisa.

E aqui está o primeiro ensinamento do livro, que ele nunca formula e sempre demonstra: uma necessidade real não justifica qualquer meio de satisfazê-la. Todas as moças do romance precisam casar; nem por isso todas se casam do mesmo modo, e o livro é, no fundo, um estudo comparado de cinco ou seis maneiras de fazer a escolha mais importante de uma vida. Charlotte Lucas casa-se por prudência pura, sem afeto, com um homem que ela mesma sabe ser ridículo, e o faz de olhos abertos, para ter uma casa. Lydia Bennet casa-se por paixão pura, sem prudência, com um homem que a levaria à ruína se não fosse resgatada pela intervenção de outros. Jane casa-se por afeto verdadeiro com um homem bom, mas quase perde tudo por excesso de reserva. Elizabeth, a heroína, casa-se por afeto e por estima, com um homem que ela começou por detestar — e só chega a isso depois de descobrir que estava errada sobre quase tudo. Entre esses casos, o leitor é convidado a pensar, sem que ninguém lhe diga em que pensar.

Orgulho, preconceito e o preço de ver claro

O título nomeia dois defeitos e distribui-os, à primeira vista, entre os dois protagonistas: Darcy teria o orgulho, Elizabeth o preconceito. Mas o livro é mais fino que o seu título. Elizabeth também é orgulhosa — orgulhosa da própria inteligência, da própria capacidade de julgar as pessoas ao primeiro olhar —, e é precisamente esse orgulho que a torna presa fácil do

preconceito. Ela decide, na primeira noite, que Darcy é um homem desprezível, porque ele a desprezou; decide, na primeira conversa, que Wickham é um homem admirável, porque ele a admirou. E constrói sobre esses dois juízos, tomados em minutos, um edifício inteiro de convicções que leva metade do livro para desabar. Darcy, por sua vez, é preconceituoso: julga a família Bennet pela vulgaridade da mãe e das irmãs mais novas e se dá ao direito de separar o amigo de Jane com base nesse julgamento. Cada um dos dois tem os dois defeitos; e o romance consiste em cada um deles descobrir isso.

O momento central do livro é a leitura da carta de Darcy, no capítulo trinta e seis, e vale a pena o leitor demorar-se nele. Elizabeth lê, relê, resiste, cede. E o que ela diz de si mesma ao final é uma das frases mais duras que uma heroína já disse sobre a própria pessoa: até aquele momento, ela nunca se conhecera. Note-se o que Austen está afirmando. Não que Elizabeth fosse tola — ela é a pessoa mais inteligente do livro —, mas que a inteligência não protege ninguém contra o engano quando a vaidade entra em cena. Elizabeth gostava de ser perspicaz, gostava de ter razão, gostava de que Wickham a distinguisse e de que Darcy a tivesse ofendido, porque ambas as coisas lhe davam a satisfação de julgar. E quem julga com prazer julga mal. O livro inteiro poderia resumir-se nessa lição: ver claro custa caro, porque exige que se abra mão do gosto de ter razão.

O mais bonito é o que vem depois. Elizabeth não se torna outra pessoa; torna-se a mesma pessoa, agora

honesta consigo. Continua viva, irônica, alegre; apenas deixou de confundir a agilidade do seu espírito com a justeza dos seus juízos. E Darcy, do seu lado, faz uma coisa rara em qualquer literatura: ouve uma acusação injusta na forma e justa no fundo, e em vez de se defender, corrige-se. Ele não muda de caráter; muda de conduta. Quando os dois voltam a se encontrar, em Pemberley, nenhum dos dois é o que era, e ambos são mais do que eram. Um casamento assim, feito de duas humilhações aceitas, é a única coisa que o livro chama de felicidade sem ironia.

A família como espelho

Poucas obras mostram com tanta exatidão o que uma casa faz das pessoas que nela crescem. O sr. Bennet é um homem inteligente que se casou por um rosto bonito, descobriu cedo o erro, e transformou a decepção em ironia: passa a vida zombando da mulher e das filhas, refugiado na biblioteca, e chama a isso filosofia. Austen não o condena nunca em voz alta, e o leitor é tentado a gostar dele, porque ele é engraçado. Mas o livro vai mostrando, com uma paciência implacável, o preço dessa graça: as duas filhas mais novas crescem sem nenhuma direção, a mulher torna-se cada vez mais ridícula porque ninguém a leva a sério, e quando a catástrofe chega — a fuga de Lydia — o pai reconhece, tarde demais, que a culpa é sua. Ele diz, com uma lucidez que dói, que quer sentir a própria culpa por algum tempo, porque sabe que ela vai passar depressa

demais. Não há no romance nenhuma frase mais triste, nem mais verdadeira sobre a natureza humana.

O ensinamento aqui é claro sem ser dito: a ironia não é uma virtude. Pode ser um talento, pode ser um alívio, mas quando substitui o dever de educar, de corrigir e de proteger, torna-se uma forma de abandono. O sr. Bennet é um pai que deserta permanecendo em casa. E a sra. Bennet, com todos os seus nervos e as suas tolices, tem uma coisa que o marido não tem: preocupa-se de verdade com o futuro das filhas. Está errada em quase tudo o que faz, mas não está errada em querer. Austen distribui a razão de modo desconcertante, e é assim que a vida a distribui.

As pessoas que enganam e as pessoas que se enganam

Wickham é um dos retratos mais precisos que a literatura produziu de um certo tipo de homem: encantador, simpático, com uma história triste sempre pronta, capaz de fazer com que cada pessoa se sinta a única que o compreende. Ele não parece mau; parece vítima. E é exatamente isso que o torna perigoso — o mal que se anuncia é fácil de evitar; o que se apresenta como injustiça sofrida entra pela porta da compaixão. Elizabeth cai porque é boa, não porque é tola. A lição é de uma prudência elementar, e as pessoas mais inteligentes são as que mais precisam dela: o encanto imediato não é prova de caráter; é apenas encanto. O caráter só se conhece com o tempo, pelos atos, e

sobretudo pelo que a pessoa faz quando ninguém a está admirando.

Darcy é o oposto exato. É desagradável no primeiro encontro, seco, sem jeito, incapaz de conversa fácil; e é, de todos os homens do livro, o que age melhor quando ninguém está vendo. Cuida da irmã, sustenta os arrendatários, paga em segredo, e com grande custo, o resgate da reputação de uma família que o insultou. O romance opõe, de propósito, o homem que agrada e nada faz ao homem que desagrada e faz tudo. E não é um contraste retórico: é uma advertência. O modo como alguém nos trata no primeiro encontro diz muito pouco; o modo como trata os que dependem dele diz quase tudo.

O que pede reserva

Um livro tão amado merece também as reservas de quem o ama. A primeira é que Austen, por temperamento e por método, mantém-se sempre dentro das salas de visita. A guerra que devastava a Europa naqueles anos aparece apenas como o regimento aquartelado em Meryton, cujo único efeito visível é fazer as moças perderem a cabeça. Não há pobres neste livro, não há trabalho, não há morte. É um mundo pequeno, e a autora sabe disso — dizia que trabalhava num "pedacinho de marfim de duas polegadas". A grandeza está na profundidade do corte, não na largura do campo. Mas o leitor que procura aqui

o retrato de uma época encontrará apenas o retrato de uma classe.

A segunda reserva é mais delicada. O desfecho é feliz demais para o gosto de alguns, e a pergunta é legítima: a felicidade de Elizabeth seria a mesma se Darcy fosse pobre? O livro responde com honestidade — ela mesma brinca que começou a amá-lo ao ver os belos jardins de Pemberley —, e a resposta é que a estima que ela sente nasce, sim, de ver a casa, mas não da riqueza da casa: nasce de ouvir a governanta dizer que nunca teve uma palavra áspera do patrão, de ver o retrato que sorri, de perceber que aquele homem é, no lugar onde manda, alguém que os outros amam. Pemberley não é um argumento financeiro; é uma prova de caráter. Ainda assim, fica a suspeita, e Austen não a dissipa por completo. Talvez não quisesse dissipá-la. Ela era realista demais para fingir que o coração escolhe no vazio.

A terceira reserva é a mais séria e diz respeito a Charlotte Lucas. O livro apresenta o casamento de Charlotte com o sr. Collins como uma solução aceitável, dentro das circunstâncias, e a própria Charlotte como uma mulher sensata que fez o que pôde. Elizabeth se horroriza, e o leitor tende a concordar com Elizabeth; mas o romance, com uma neutralidade que incomoda, mostra Charlotte instalada, tranquila, administrando a casa e o marido com competência, e nunca a pune. Há aqui uma questão de fundo que o livro deixa em aberto e que não deve ser deixada: pode-se prometer a alguém uma vida inteira sem estima? Charlotte diz que a felicidade no casamento é inteiramente uma questão de sorte; é a única frase do livro que Elizabeth recusa com

veemência, e faz bem em recusá-la. O casamento não é uma loteria; é uma promessa, e uma promessa feita sem nenhuma esperança de cumpri-la por dentro, apenas por fora, é uma coisa a que o bom senso deve chamar pelo nome. Austen, que sabia disso melhor que ninguém, preferiu deixar que o leitor chamasse.

Como ler este livro

Leia-se com atenção às frases, porque tudo está nelas. Austen não descreve rostos, não descreve casas, quase não descreve paisagens; descreve o que as pessoas dizem e o que deixam de dizer, e nesse intervalo está todo o seu retrato do mundo. Leia-se sem pressa nas cenas de conversa, que são as grandes cenas: a discussão sobre o que é uma mulher prendada, em Netherfield; a primeira proposta de Darcy, em Hunsford, que é uma das cenas mais violentas da literatura sem que se levante uma voz; o confronto entre Elizabeth e lady Catherine no bosquezinho de Longbourn, em que uma moça sem fortuna diz a uma grande dama que não lhe deve satisfações. E releia-se, porque este é um livro que muda na segunda leitura: quem já sabe quem é Wickham vê, desde a primeira conversa, todos os sinais que Elizabeth não viu — e descobre que Austen os tinha posto lá, um por um, à vista de todos.

E fique com a última lição, que é a do título invertido. Orgulho e preconceito não são o problema de dois personagens: são o problema de qualquer pessoa que

julga, e todos julgamos. O remédio que o livro propõe não é deixar de julgar — Elizabeth continua a julgar até a última página, e com razão —, mas aceitar que o juízo pode estar errado, e pagar o preço de corrigi-lo. Quem é capaz disso pode se casar com quem quiser. Quem não é, casa-se com a própria opinião, e faz péssima companhia.

A *Tradutora*

VOLUME

I

I

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de boa fortuna, deve estar necessitado de uma esposa.

Por menos que se conheçam os sentimentos ou as intenções de tal homem quando ele chega pela primeira vez a uma vizinhança, essa verdade está tão bem fixada no espírito das famílias ao redor, que ele é considerado propriedade legítima de uma ou outra de suas filhas.

— Meu caro sr. Bennet — disse-lhe a esposa certo dia —, já soube que Netherfield Park foi finalmente alugado?

O sr. Bennet respondeu que não.

— Pois foi — tornou ela —; a sra. Long acaba de estar aqui e me contou tudo.

O sr. Bennet não deu resposta.

— O senhor não quer saber quem o alugou? — exclamou a esposa, impaciente.



— A *senhora* quer me contar, e eu não tenho objeção alguma a ouvir.

Era convite suficiente.

— Ora, meu caro, fique sabendo que a sra. Long diz que Netherfield foi alugado por um jovem de grande fortuna, do norte da Inglaterra; que ele veio na segunda-feira, numa sege com quatro cavalos, ver o lugar, e ficou tão encantado que fechou negócio com o sr. Morris imediatamente; que deve tomar posse antes do dia de São Miguel, e que alguns de seus criados estarão na casa até o fim da semana que vem.

— Como se chama?

— Bingley.

— É casado ou solteiro?

— Oh, solteiro, meu caro, com toda a certeza! Um homem solteiro de grande fortuna; quatro ou cinco mil libras por ano. Que bela coisa para as nossas meninas!

— Como assim? Em que isso pode afetá-las?

— Meu caro sr. Bennet — replicou a esposa —, como pode ser tão enfadonho? O senhor bem sabe que estou pensando em que ele se case com uma delas.

— É esse o seu propósito ao se estabelecer aqui?

— Propósito? Que absurdo, como pode falar assim! Mas é muito provável que ele *venha* a se apaixonar por uma delas, e por isso o senhor precisa visitá-lo assim que ele chegar.

— Não vejo motivo para isso. A senhora e as meninas podem ir, ou pode mandá-las sozinhas, o que talvez seja ainda melhor; pois, como a senhora é tão bonita quanto qualquer uma delas, o sr. Bingley poderia preferi-la a todas as outras.

— Meu caro, o senhor me lisonjeia. É certo que já *tive* a minha cota de beleza, mas não pretendo ser nada de extraordinário agora. Quando uma mulher tem cinco filhas crescidas, deve deixar de pensar na própria beleza.

— Em tais casos, uma mulher raramente tem muita beleza em que pensar.

— Mas, meu caro, o senhor precisa mesmo ir visitar o sr. Bingley quando ele chegar à vizinhança.

— É mais do que posso prometer, asseguro-lhe.

— Mas pense nas suas filhas. Pense só no que seria um estabelecimento desses para uma delas. Sir William e lady Lucas estão decididos a ir, unicamente por esse motivo; pois, em geral, o senhor sabe, eles não visitam

recém-chegados. O senhor precisa ir, de fato, pois será impossível para *nós* visitá-lo, se o senhor não for.

— A senhora é escrupulosa demais, sem dúvida. Imagino que o sr. Bingley ficará muito contente em vê-la; e mandarei por seu intermédio algumas linhas para lhe assegurar o meu mais sincero consentimento a que ele se case com qualquer das meninas que escolher, embora eu deva acrescentar uma boa palavra em favor da minha pequena Lizzy.

— Peço-lhe que não faça nada disso. Lizzy não é nem um pouco melhor do que as outras: e tenho certeza de que não tem metade da beleza de Jane, nem metade do bom humor de Lydia. Mas o senhor está sempre dando preferência a *ela*.

— Nenhuma delas tem muito que a recomende — replicou ele —; são todas tolas e ignorantes como as outras moças; mas Lizzy tem um pouco mais de agudeza do que as irmãs.



— Sr. Bennet, como pode maltratar assim as suas próprias filhas? O senhor sente prazer em me contrariar. Não tem compaixão alguma dos meus pobres nervos.

— A senhora se engana a meu respeito, minha cara. Tenho grande respeito pelos seus nervos. São velhos amigos meus. Há pelo menos vinte anos que a ouço mencioná-los com consideração.

— Ah, o senhor não sabe o que eu sofro.

— Mas espero que se recupere, e viva para ver muitos jovens de quatro mil libras por ano chegarem à vizinhança.

— De nada nos servirá, ainda que venham vinte, já que o senhor não os visitará.

— Pode contar, minha cara, que, quando forem vinte, visitarei todos eles.

O sr. Bennet era uma mistura tão singular de vivacidade de espírito, humor sarcástico, reserva e capricho, que a experiência de vinte e três anos fora insuficiente para que a esposa lhe compreendesse o caráter. O espírito *dela* era menos difícil de decifrar. Era uma mulher de entendimento medíocre, pouca instrução e gênio instável. Quando estava descontente, imaginava-se nervosa. A ocupação de sua vida era casar as filhas; seu consolo eram as visitas e as novidades.

II



O sr. Bennet foi um dos primeiros a apresentar seus cumprimentos ao sr. Bingley. Sempre tivera a intenção de visitá-lo, embora até o último instante assegurasse à esposa que não iria; e até a noite seguinte à visita ela nada soube do fato. Foi então revelado da seguinte maneira. Observando a segunda filha ocupada em enfeitar um chapéu, ele de repente lhe dirigiu a palavra:

— Espero que o sr. Bingley goste dele, Lizzy.

— Não temos meios de saber *do que* o sr. Bingley gosta — disse a mãe, ressentida —, já que não vamos visitá-lo.

— Mas a senhora se esquece, mamãe — disse Elizabeth —, de que o encontraremos nos bailes, e de que a sra. Long prometeu apresentá-lo.

— Não acredito que a sra. Long faça coisa alguma nesse sentido. Ela tem duas sobrinhas. É uma mulher egoísta e hipócrita, e não faço dela nenhum bom juízo.

— Nem eu — disse o sr. Bennet —; e fico contente em saber que a senhora não conta com os serviços dela.

A sra. Bennet não se dignou a responder; mas, incapaz de se conter, começou a ralhar com uma das filhas.

— Pare de tossir assim, Kitty, pelo amor de Deus! Tenha um pouco de compaixão dos meus nervos. Você os despedaça.

— Kitty não tem nenhuma discrição nas suas tosses — disse o pai —; escolhe mal a hora.

— Não tusso para me divertir — replicou Kitty, irritada. — Quando é o seu próximo baile, Lizzy?

— De amanhã a quinze dias.

— Sim, é isso mesmo — exclamou a mãe —, e a sra. Long só volta na véspera; portanto, será impossível que ela o apresente, pois nem ela própria o conhecerá.

— Então, minha cara, a senhora poderá levar vantagem sobre a sua amiga e apresentar o sr. Bingley a *ela*.

— Impossível, sr. Bennet, impossível, quando eu mesma não o conheço; como pode ser tão provocador?

— Admiro a sua circunspecção. Quinze dias de conhecimento são, sem dúvida, muito pouco. Não se pode saber o que um homem realmente é ao fim de quinze dias. Mas, se *nós* não nos arriscarmos, outra pessoa o fará; e, afinal de contas, a sra. Long e as sobrinhas também devem ter a sua oportunidade; e, portanto, como ela há de considerar isso um ato de bondade, se a senhora recusar o encargo, eu mesmo o tomarei sobre mim.

As meninas fitaram o pai, espantadas. A sra. Bennet disse apenas: — Absurdo, absurdo!

— Que pode significar essa exclamação tão enfática? — exclamou ele. — A senhora considera as formalidades da apresentação, e a importância que se lhes atribui, um absurdo? *Nisso* não posso concordar inteiramente com a senhora. Que diz você, Mary? Pois você é uma jovem de profunda reflexão, bem sei, e lê grandes livros, e faz resumos deles.

Mary desejava dizer algo muito sensato, mas não sabia como.

— Enquanto Mary põe as ideias em ordem — continuou ele —, voltemos ao sr. Bingley.

— Estou farta do sr. Bingley — exclamou a esposa.



— Lamento ouvir *isso*; mas por que não me disse antes? Se eu soubesse disso hoje de manhã, certamente não o teria visitado. É uma grande infelicidade; mas, como de fato já fiz a visita, agora não podemos escapar ao conhecimento.

O espanto das senhoras foi exatamente o que ele desejava; o da sra. Bennet talvez superasse o das demais; embora, passado o primeiro tumulto de alegria, ela começasse a declarar que era o que esperava o tempo todo.

— Que bondade a sua, meu caro sr. Bennet! Mas eu sabia que acabaria por convencê-lo. Tinha certeza de que o senhor amava demais as suas meninas para desprezar uma relação como essa. Ora, como estou contente! E é uma brincadeira tão boa, também, o

senhor ter ido hoje de manhã e não ter dito uma palavra a respeito até agora.

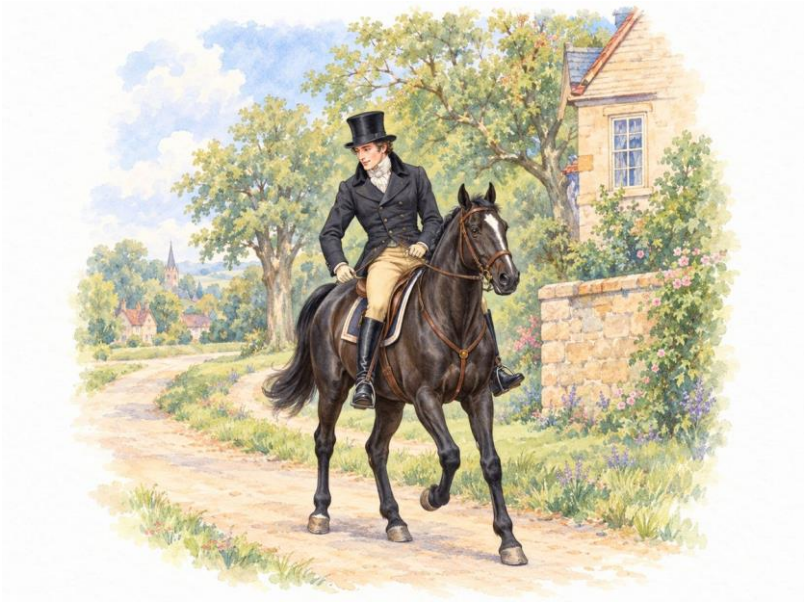
— Agora, Kitty, você pode tossir o quanto quiser — disse o sr. Bennet; e, enquanto falava, saiu da sala, fatigado com os arroubos da esposa.

— Que excelente pai vocês têm, meninas — disse ela, quando a porta se fechou. — Não sei como vocês jamais poderão recompensá-lo por sua bondade; nem a mim, aliás. Na nossa idade, posso lhes dizer, não é tão agradável estar fazendo novas relações todos os dias; mas por vocês faríamos qualquer coisa. Lydia, meu amor, embora você *seja* a mais nova, imagino que o sr. Bingley dançará com você no próximo baile.

— Oh — disse Lydia, resoluta —, não tenho medo; pois, embora eu *seja* a mais nova, sou a mais alta.

O resto da noite passou-se em conjecturas sobre quando ele retribuiria a visita do sr. Bennet, e em decidir quando o convidariam para jantar.

III



Tudo o que a sra. Bennet, porém, com a ajuda das cinco filhas, pôde perguntar sobre o assunto não foi suficiente para arrancar do marido qualquer descrição satisfatória do sr. Bingley. Atacaram-no de vários modos, com perguntas diretas, suposições engenhosas e conjecturas remotas; mas ele escapou à habilidade de todas; e elas foram por fim obrigadas a aceitar as informações de segunda mão da vizinha, lady Lucas. O relato dela era altamente favorável. Sir William ficara

encantado com ele. Era muito jovem, extraordinariamente bonito, extremamente agradável e, para coroar tudo, pretendia estar no próximo baile com um grupo numeroso. Nada poderia ser mais delicioso! Gostar de dançar era um passo certo para se apaixonar; e alimentaram-se as mais vivas esperanças quanto ao coração do sr. Bingley.

— Se eu puder apenas ver uma das minhas filhas felizmente estabelecida em Netherfield — disse a sra. Bennet ao marido —, e todas as outras igualmente bem casadas, não terei mais nada a desejar.

Em poucos dias o sr. Bingley retribuiu a visita do sr. Bennet, e passou cerca de dez minutos com ele na biblioteca. Alimentara esperanças de ser admitido à vista das jovens, de cuja beleza muito ouvira falar; mas viu apenas o pai. As senhoras foram um pouco mais afortunadas, pois tiveram a vantagem de constatar, de uma janela do andar de cima, que ele usava um casaco azul e montava um cavalo preto.

Logo depois foi enviado um convite para jantar; e a sra. Bennet já havia planejado os pratos que fariam honra à sua administração doméstica, quando chegou uma resposta que adiou tudo. O sr. Bingley era obrigado a estar em Londres no dia seguinte e, por conseguinte, não podia aceitar a honra do convite etc. A sra. Bennet ficou bastante desconcertada. Não conseguia imaginar que negócios ele poderia ter em Londres tão pouco tempo depois de chegar a Hertfordshire; e começou a temer que ele vivesse sempre voando de um lugar para outro, sem nunca se fixar em Netherfield como devia. Lady Lucas acalmou um pouco os seus temores

lançando a ideia de que ele fora a Londres apenas para reunir um grupo numeroso para o baile; e logo correu o boato de que o sr. Bingley traria consigo doze damas e sete cavalheiros. As meninas afligiram-se com tamanho número de damas; mas consolaram-se, na véspera do baile, ao saber que, em vez de doze, ele trouxera de Londres apenas seis, as cinco irmãs e uma prima. E quando o grupo entrou no salão, consistia, ao todo, em apenas cinco pessoas: o sr. Bingley, as duas irmãs, o marido da mais velha e outro jovem.

O sr. Bingley era bem-apessoado e de maneiras de cavalheiro: tinha um semblante agradável e modos desembaraçados e naturais. As irmãs eram mulheres elegantes, com um ar de decidida distinção na moda. O cunhado, sr. Hurst, tinha apenas a aparência de cavalheiro; mas o amigo, sr. Darcy, logo atraiu a atenção do salão por sua figura elegante e alta, suas belas feições, seu porte nobre e pelo boato, que em cinco minutos após sua entrada já circulava por toda parte, de que possuía dez mil libras por ano. Os cavalheiros declararam-no uma bela figura de homem, as damas afirmaram que era muito mais bonito do que o sr. Bingley, e ele foi olhado com grande admiração durante cerca de metade da noite, até que suas maneiras provocaram um desagrado que inverteu a maré de sua popularidade; pois descobriu-se que era orgulhoso, que se julgava acima da companhia e acima de se deixar agradar; e nem toda a sua vasta propriedade em Derbyshire pôde livrá-lo de ter um semblante dos mais severos e desagradáveis, e de ser indigno de comparação com o amigo.



O sr. Bingley logo travou conhecimento com todas as pessoas principais do salão: era vivaz e expansivo, dançou todas as danças, irritou-se por o baile terminar tão cedo, e falou em dar ele próprio um em Netherfield. Qualidades tão amáveis falam por si mesmas. Que contraste entre ele e o amigo! O sr. Darcy dançou apenas uma vez com a sra. Hurst e uma vez com a srta. Bingley, recusou ser apresentado a qualquer outra dama e passou o resto da noite andando pelo salão, falando de vez em quando com alguém do seu próprio grupo. Seu caráter estava decidido. Era o homem mais orgulhoso e mais desagradável do mundo, e todos esperavam que nunca mais voltasse ali. Entre os mais violentos contra ele estava a sra. Bennet, cuja aversão ao seu comportamento em geral se aguçou em ressentimento

particular pelo fato de ele ter desdenhado uma de suas filhas.

Elizabeth Bennet fora obrigada, pela escassez de cavalheiros, a ficar sentada durante duas danças; e, em parte desse tempo, o sr. Darcy estivera de pé perto o bastante para que ela ouvisse uma conversa entre ele e o sr. Bingley, que deixara a dança por alguns minutos para insistir com o amigo que se juntasse a ela.

— Vamos, Darcy — disse ele —, preciso que você dance. Detesto vê-lo aí parado sozinho, desse jeito estúpido. Seria muito melhor que dançasse.

— Certamente não dançarei. Você sabe como detesto isso, a menos que conheça particularmente a minha parceira. Num baile como este, seria insuportável. Suas irmãs estão comprometidas, e não há outra mulher no salão com quem dançar não fosse para mim um castigo.

— Eu não seria tão exigente quanto você — exclamou Bingley — nem por um reino! Palavra de honra, nunca na vida encontrei tantas moças agradáveis como esta noite; e há várias delas, como vê, extraordinariamente bonitas.

— *Você* está dançando com a única moça bonita do salão — disse o sr. Darcy, olhando para a mais velha das srtas. Bennet.

— Oh, ela é a criatura mais linda que já vi! Mas há uma das irmãs dela sentada logo atrás de você, que é muito bonita e, imagino, muito agradável. Deixe-me pedir à minha parceira que o apresente.

— De qual você está falando? — e, voltando-se, olhou por um instante para Elizabeth, até que, encontrando-lhe os olhos, desviou os seus e disse friamente: — Ela é

tolerável, mas não bonita o bastante para *me* tentar; e não estou com disposição, no momento, para dar importância a moças que são desdenhadas por outros homens. É melhor você voltar para a sua parceira e desfrutar dos sorrisos dela, pois está perdendo tempo comigo.



O sr. Bingley seguiu o conselho. O sr. Darcy afastou-se; e Elizabeth ficou sem sentimentos muito cordiais a seu respeito. Contou a história, porém, com grande animação entre as amigas; pois tinha uma índole vivaz e brincalhona, que se deliciava com tudo o que fosse ridículo.

A noite, no conjunto, transcorreu agradavelmente para toda a família. A sra. Bennet vira a filha mais velha muito admirada pelo grupo de Netherfield. O sr. Bingley

dançara com ela duas vezes, e ela fora distinguida pelas irmãs dele. Jane ficou tão satisfeita com isso quanto a mãe poderia ficar, embora de maneira mais discreta. Elizabeth sentiu o prazer de Jane. Mary ouvira-se mencionada à srta. Bingley como a moça mais prendada da vizinhança; e Catherine e Lydia tiveram a sorte de nunca ficar sem parceiros, que era tudo o que até então haviam aprendido a desejar num baile. Voltaram, portanto, de bom ânimo para Longbourn, a aldeia onde moravam e da qual eram os principais habitantes. Encontraram o sr. Bennet ainda acordado. Com um livro, ele não dava pelo passar das horas; e, na presente ocasião, tinha bastante curiosidade quanto ao resultado de uma noite que despertara tão esplêndidas expectativas. Esperara, antes, que todos os planos da esposa a respeito do forasteiro fossem frustrados; mas logo descobriu que tinha uma história bem diferente para ouvir.

— Oh, meu caro sr. Bennet — disse ela ao entrar na sala —, tivemos uma noite deliciosa, um baile excelente. Gostaria que o senhor tivesse estado lá. Jane foi tão admirada, nada se compara. Todos diziam como ela estava bonita; e o sr. Bingley achou-a lindíssima e dançou com ela duas vezes. Pense só *nisso*, meu caro: ele realmente dançou com ela duas vezes; e ela foi a única criatura no salão a quem ele convidou uma segunda vez. Primeiro, ele convidou a srta. Lucas. Fiquei tão aborrecida de vê-lo dançar com ela; mas, enfim, ele não a admirou nem um pouco; aliás, ninguém pode, o senhor sabe; e ele pareceu ficar bastante impressionado com Jane enquanto ela descia a fila da dança. Então

perguntou quem ela era, fez-se apresentar e convidou-a para as duas seguintes. Depois, as duas terceiras dançou com a srta. King, e as duas quartas com Maria Lucas, e as duas quintas com Jane outra vez, e as duas sextas com Lizzy, e a *Boulanger*...

— Se ele tivesse alguma compaixão de *mim* — exclamou o marido, impaciente —, não teria dançado nem a metade disso! Pelo amor de Deus, não fale mais das parceiras dele. Oxalá ele tivesse torcido o tornozelo na primeira dança!

— Oh, meu caro — continuou a sra. Bennet —, estou encantada com ele. É tão excessivamente bonito! E as irmãs são mulheres encantadoras. Nunca na vida vi nada mais elegante do que os vestidos delas. Imagino que a renda do vestido da sra. Hurst...

Aqui ela foi novamente interrompida. O sr. Bennet protestou contra qualquer descrição de adornos. Ela foi, portanto, obrigada a buscar outro ramo do assunto, e relatou, com muita amargura de espírito e algum exagero, a chocante grosseria do sr. Darcy.

— Mas posso lhe assegurar — acrescentou — que Lizzy não perde muito por não agradar ao gosto *dele*; pois é um homem dos mais desagradáveis e horríveis, que não vale de modo algum a pena agradar. Tão altivo e tão convencido, que não havia quem o suportasse! Andava daqui para ali, julgando-se tão grandioso! Não era bonita o bastante para dançar com ele! Gostaria que o senhor tivesse estado lá, meu caro, para lhe dar uma daquelas suas respostas cortantes. Detesto esse homem.

IV



Quando Jane e Elizabeth ficaram a sós, a primeira, que antes fora cautelosa em seus elogios ao sr. Bingley, exprimiu à irmã o quanto o admirava.

— Ele é exatamente o que um jovem deve ser — disse ela —: sensato, bem-humorado, vivaz; e nunca vi maneiras tão felizes! Tanta desenvoltura, com tão perfeita boa educação!

— É também bonito — replicou Elizabeth —, o que um jovem igualmente deve ser, se lhe for possível. Seu caráter está, assim, completo.

— Fiquei muito lisonjeada por ele me convidar para dançar uma segunda vez. Não esperava semelhante galanteio.

— Não esperava? *Eu* esperava, por você. Mas essa é uma grande diferença entre nós. Os galanteios sempre pegam *você* de surpresa, e a *mim* nunca. Que poderia ser mais natural do que ele a convidar de novo? Ele não podia deixar de ver que você era umas cinco vezes mais bonita do que qualquer outra mulher no salão. Isso não se deve à galanteria dele. Bem, ele é certamente muito agradável, e eu lhe dou licença para gostar dele. Você já gostou de muita gente mais tola.

— Lizzy querida!

— Oh, você tem uma tendência grande demais, sabe, para gostar das pessoas em geral. Nunca vê defeito em ninguém. Todo mundo é bom e agradável aos seus olhos. Nunca na vida a ouvi falar mal de um ser humano.

— Eu não gostaria de ser apressada em censurar ninguém; mas sempre digo o que penso.

— Sei que sim: e é *isso* que causa espanto. Com o *seu* bom senso, ser tão honestamente cega às tolices e aos disparates dos outros! A afetação de candura é bastante comum; encontra-se por toda parte. Mas ser cândida sem ostentação nem cálculo, tomar o que há de bom no caráter de cada um e torná-lo ainda melhor, e nada dizer do que há de mau, isso pertence a você somente. E então, você gosta das irmãs desse homem também, não é? As maneiras delas não se igualam às dele.

— Certamente não, à primeira vista; mas são mulheres muito agradáveis quando se conversa com elas. A srta. Bingley vai morar com o irmão e cuidar da casa dele; e muito me engano se não encontrarmos nela uma vizinha encantadora.

Elizabeth ouviu em silêncio, mas não ficou convencida: o comportamento delas no baile não fora calculado para agradar em geral; e, com maior rapidez de observação e menor flexibilidade de gênio do que a irmã, e com um julgamento, além disso, não abalado por nenhuma atenção dirigida a si própria, estava muito pouco disposta a aprová-las. Eram, de fato, damas muito elegantes; não lhes faltava bom humor quando estavam satisfeitas, nem a capacidade de ser agradáveis quando assim o desejavam; mas eram orgulhosas e convencidas. Eram razoavelmente bonitas; haviam sido educadas num dos primeiros colégios particulares de Londres; tinham uma fortuna de vinte mil libras; estavam habituadas a gastar mais do que deviam e a conviver com pessoas de posição; e eram, portanto, sob todos os aspectos, autorizadas a pensar bem de si mesmas e mal dos outros. Provinham de uma família respeitável do norte da Inglaterra; circunstância mais profundamente gravada em sua memória do que o fato de a fortuna do irmão e a sua própria terem sido adquiridas no comércio.

O sr. Bingley herdara do pai bens no valor de quase cem mil libras; o pai pretendera comprar uma propriedade, mas não vivera para fazê-lo. O sr. Bingley tinha a mesma intenção, e por vezes chegava a escolher o condado; mas, como agora dispunha de uma boa casa

e da liberdade de um senhorio, era duvidoso para muitos dos que melhor conheciam a facilidade de seu temperamento se ele não passaria o resto dos dias em Netherfield, deixando a compra para a geração seguinte.

As irmãs estavam muito ansiosas por que ele tivesse uma propriedade sua; mas, embora ele estivesse agora estabelecido apenas como inquilino, a srta. Bingley não se mostrava de modo algum avessa a presidir a sua mesa; nem a sra. Hurst, que se casara com um homem de mais elegância do que fortuna, estava menos disposta a considerar a casa dele como seu lar quando isso lhe convinha. O sr. Bingley não completara dois anos de maioridade quando foi tentado, por uma recomendação casual, a ir ver a casa de Netherfield. Viu-a, de fato, por fora e por dentro, durante meia hora; agradou-se da situação e dos cômodos principais, ficou satisfeito com o que o proprietário disse em seu louvor, e alugou-a imediatamente.

Entre ele e Darcy havia uma amizade muito firme, apesar de uma grande oposição de caráter. Bingley cativava Darcy pela facilidade, franqueza e maleabilidade de seu temperamento, embora nenhuma índole pudesse oferecer maior contraste com a sua, e embora com a sua própria ele nunca parecesse insatisfeito. Na força da estima de Darcy, Bingley tinha a mais firme confiança, e de seu julgamento, a mais alta opinião. Em inteligência, Darcy era o superior. Bingley não era de modo algum deficiente; mas Darcy era inteligente. Era ao mesmo tempo altivo, reservado e exigente; e suas maneiras, embora bem-educadas, não eram convidativas. Nesse aspecto, o amigo levava

grande vantagem. Bingley tinha certeza de ser apreciado onde quer que aparecesse; Darcy estava continuamente ofendendo alguém.

O modo como falaram do baile de Meryton foi suficientemente característico. Bingley nunca na vida encontrara pessoas mais agradáveis nem moças mais bonitas; todos haviam sido muito gentis e atenciosos com ele; não houvera formalidade nem rigidez; logo se sentira familiarizado com todo o salão; e, quanto à srta. Bennet, não podia conceber um anjo mais belo. Darcy, ao contrário, vira um ajuntamento de pessoas em quem havia pouca beleza e nenhuma elegância, por nenhuma das quais sentira o menor interesse, e de nenhuma recebera atenção ou prazer. Reconhecia que a srta. Bennet era bonita; mas sorria demais.

A sra. Hurst e a irmã admitiram que assim fosse; mas ainda assim a admiravam e gostavam dela, e declararam-na uma moça doce, e alguém que não fariam objeção a conhecer melhor. A srta. Bennet ficou, portanto, estabelecida como uma moça doce; e o irmão delas sentiu-se autorizado, por tal recomendação, a pensar nela como bem entendesse.

V



A curta distância de Longbourn, a pé, vivia uma família com a qual os Bennet tinham particular intimidade. Sir William Lucas dedicara-se antigamente ao comércio em Meryton, onde fizera uma fortuna razoável e se elevara à honra de cavaleiro do reino graças a um discurso dirigido ao rei durante o seu mandato de prefeito. A distinção fora, talvez, sentida com demasiada força. Dera-lhe aversão ao seu negócio e à sua residência numa pequena cidade de mercado; e,

abandonando ambos, mudara-se com a família para uma casa a cerca de uma milha de Meryton, denominada desde então Lucas Lodge; onde podia pensar com prazer na própria importância e, livre das amarras dos negócios, ocupar-se unicamente em ser cortês com todo o mundo. Pois, embora exultante com o seu título, ele não se tornara por isso arrogante; ao contrário, era todo atenções para com todos. Inofensivo, amistoso e prestativo por natureza, sua apresentação na corte de St. James tornara-o cortês.

Lady Lucas era uma mulher de muito boa espécie, não inteligente demais para deixar de ser uma vizinha valiosa para a sra. Bennet. Tinham vários filhos. A mais velha, uma jovem sensata e inteligente, de cerca de vinte e sete anos, era amiga íntima de Elizabeth.

Que as srtas. Lucas e as srtas. Bennet se reunissem para conversar sobre um baile era absolutamente necessário; e a manhã seguinte ao baile trouxe as primeiras a Longbourn, para ouvir e para contar.

— *Você* começou bem a noite, Charlotte — disse a sra. Bennet, com cortês domínio de si, à srta. Lucas. — *Você* foi a primeira escolha do sr. Bingley.

— Sim; mas ele pareceu gostar mais da segunda.

— Oh, você quer dizer Jane, suponho, porque ele dançou com ela duas vezes. Sem dúvida, *isso* pareceu mesmo indicar que a admirava; na verdade, creio mesmo que *sim*; ouvi algo a respeito; mas mal sei o quê; algo sobre o sr. Robinson.

— Talvez a senhora se refira ao que ouvi por acaso entre ele e o sr. Robinson: não lhe contei? O sr. Robinson perguntou-lhe se gostava dos nossos bailes de Meryton,

e se não achava que havia muitas mulheres bonitas no salão, e *qual* delas achava a mais bonita; e ele respondeu imediatamente à última pergunta: “Oh, a mais velha das srtas. Bennet, sem dúvida alguma: não pode haver duas opiniões sobre esse ponto”.

— Palavra de honra! Ora, isso foi muito decidido, de fato; parece mesmo que... mas, enfim, pode ser que tudo dê em nada, vocês sabem.

— *As minhas* escutas foram mais proveitosas do que *as suas*, Eliza — disse Charlotte. — O sr. Darcy não vale tanto a pena ouvir quanto o amigo, não é? Pobre Eliza! Ser apenas *tolerável*.



— Peço-lhe que não ponha na cabeça de Lizzy a ideia de se aborrecer com o mau tratamento dele, pois é um homem tão desagradável que seria uma verdadeira

desgraça ser apreciada por ele. A sra. Long me disse ontem à noite que ele ficou sentado ao lado dela por meia hora sem abrir a boca uma única vez.

— A senhora tem certeza, mamãe? Não haverá um pequeno engano? — disse Jane. — Eu certamente vi o sr. Darcy conversando com ela.

— Sim, porque ela acabou por lhe perguntar se ele gostava de Netherfield, e ele não teve como não responder; mas ela disse que ele pareceu muito irritado por lhe dirigirem a palavra.

— A srta. Bingley me disse — disse Jane — que ele nunca fala muito, a não ser entre as suas relações íntimas. Com *elas* é notavelmente agradável.

— Não acredito numa palavra disso, minha querida. Se ele fosse tão agradável assim, teria conversado com a sra. Long. Mas posso adivinhar como foi; todos dizem que ele está consumido de orgulho, e imagino que ouvira falar, de algum modo, que a sra. Long não tem carruagem própria e precisou vir ao baile numa sege de aluguel.

— Não me importo que ele não tenha conversado com a sra. Long — disse a srta. Lucas —, mas gostaria que tivesse dançado com Eliza.

— Da próxima vez, Lizzy — disse a mãe —, eu não dançaria com *ele*, se fosse você.

— Creio, mamãe, que posso lhe prometer com segurança *nunca* dançar com ele.

— O orgulho dele — disse a srta. Lucas — não *me* ofende tanto quanto o orgulho costuma ofender, porque há uma desculpa para ele. Não é de admirar que um jovem tão distinto, com família, fortuna, tudo a seu

favor, tenha de si mesmo uma alta opinião. Se posso me exprimir assim, ele tem o *direito* de ser orgulhoso.



— Isso é bem verdade — replicou Elizabeth —, e eu poderia facilmente perdoar o orgulho *dele*, se ele não tivesse mortificado o *meu*.

— O orgulho — observou Mary, que se gabava da solidez de suas reflexões — é um defeito muito comum, creio eu. Por tudo o que já li, estou convencida de que é de fato muito comum; de que a natureza humana é particularmente propensa a ele, e de que há muito poucos entre nós que não alimentem um sentimento de complacência consigo mesmos a respeito de uma ou outra qualidade, real ou imaginária. Vaidade e orgulho são coisas diferentes, embora as palavras sejam frequentemente usadas como sinônimos. Uma pessoa

pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho diz respeito mais à opinião que temos de nós mesmos; a vaidade, ao que desejaríamos que os outros pensassem de nós.

— Se eu fosse tão rico quanto o sr. Darcy — exclamou um dos jovens Lucas, que viera com as irmãs —, não me importaria de ser orgulhoso. Teria uma matilha de cães de caça à raposa e beberia uma garrafa de vinho todos os dias.

— Então você beberia muito mais do que deveria — disse a sra. Bennet —; e, se eu o visse fazendo isso, tiraria a garrafa de você na mesma hora.

O menino protestou que ela não faria tal coisa; ela continuou a declarar que faria; e a discussão só terminou com a visita.

VI



As senhoras de Longbourn logo foram apresentar seus cumprimentos às de Netherfield. A visita foi retribuída na devida forma. As maneiras agradáveis da srta. Bennet foram conquistando a boa vontade da sra. Hurst e da srta. Bingley; e, embora a mãe fosse considerada intolerável, e as irmãs mais novas indignas de conversa, manifestou-se às duas mais velhas o desejo de conhecê-*las* melhor. Jane recebeu essa atenção com o maior prazer; mas Elizabeth ainda via arrogância no

modo como tratavam a todos, quase sem excetuar sequer a irmã, e não conseguia gostar delas; embora a gentileza que dispensavam a Jane, tal como era, tivesse um valor, por provir, com toda a probabilidade, da influência da admiração do irmão. Era em geral evidente, sempre que se encontravam, que ele *de fato* a admirava; e para *ela* era igualmente evidente que Jane estava cedendo à preferência que desde o início começara a sentir por ele, e ia a caminho de ficar muito apaixonada; mas considerava com prazer que isso dificilmente seria descoberto pelo mundo em geral, uma vez que Jane unia a uma grande força de sentimento uma serenidade de gênio e uma alegria uniforme de maneiras que a resguardariam das suspeitas dos impertinentes. Mencionou isso à amiga, a srta. Lucas.

— Talvez seja agradável — replicou Charlotte — poder enganar o público num caso desses; mas às vezes é uma desvantagem ser tão reservada. Se uma mulher esconde a sua afeição com a mesma habilidade do objeto dela, pode perder a oportunidade de prendê-lo; e então será pobre consolo acreditar que o mundo está igualmente às escuras. Há tanto de gratidão ou de vaidade em quase todo afeto, que não é seguro deixar nenhum entregue a si mesmo. Todos podemos *começar* livremente: uma leve preferência é bastante natural; mas há muito poucos entre nós que tenham coração bastante para se apaixonar de verdade sem encorajamento. Em nove casos de cada dez, uma mulher faria melhor em mostrar *mais* afeição do que sente. Bingley gosta da sua irmã, sem dúvida; mas pode nunca passar de gostar dela, se ela não o ajudar a ir adiante.

— Mas ela o ajuda, tanto quanto a sua natureza permite. Se *eu* consigo perceber a estima dela por ele, ele haveria de ser um verdadeiro simplório para não descobri-la também.

— Lembre-se, Eliza, de que ele não conhece a índole de Jane como você.

— Mas, se uma mulher tem inclinação por um homem e não se esforça para escondê-la, ele há de descobri-la.

— Talvez sim, se a vir o bastante. Mas, embora Bingley e Jane se encontrem com razoável frequência, nunca é por muitas horas seguidas; e, como sempre se veem em grandes reuniões, com muita gente, é impossível que cada momento seja empregado em conversar um com o outro. Jane deveria, portanto, aproveitar ao máximo cada meia hora em que possa dispor da atenção dele. Quando estiver segura dele, haverá tempo de sobra para se apaixonar o quanto quiser.

— O seu plano é bom — replicou Elizabeth — quando nada está em questão senão o desejo de fazer um bom casamento; e, se eu estivesse decidida a conseguir um marido rico, ou um marido qualquer, imagino que o adotaria. Mas não são esses os sentimentos de Jane; ela não age por cálculo. Por enquanto, ela nem sequer pode ter certeza do grau da sua própria estima, nem de quanto ela é razoável. Conhece-o há apenas quinze dias. Dançou quatro danças com ele em Meryton; viu-o uma manhã na casa dele e, desde então, jantou em sua companhia quatro vezes. Isso não é bem o bastante para fazê-la compreender o caráter dele.

— Não do modo como você apresenta. Se ela apenas tivesse *jantado* com ele, poderia ter descoberto somente se ele tinha bom apetite; mas você deve lembrar que também passaram quatro noites juntos; e quatro noites podem fazer muita coisa.

— Sim: essas quatro noites permitiram-lhes verificar que ambos preferem o *vingt-un* ao *commerce*; mas, quanto a qualquer outra característica importante, não imagino que muito se tenha revelado.

— Bem — disse Charlotte —, desejo a Jane todo o sucesso, de todo o coração; e, se ela se casasse com ele amanhã, eu acharia que teria tanta chance de felicidade como se passasse um ano inteiro estudando o caráter dele. A felicidade no casamento é inteiramente uma questão de sorte. Por mais que as índoles das partes sejam conhecidas uma da outra, ou por mais semelhantes que sejam de antemão, isso não adianta nem um pouco a sua felicidade. Eles sempre continuam a se tornar suficientemente diferentes depois, para ter a sua cota de aborrecimentos; e é melhor conhecer o menos possível os defeitos da pessoa com quem se vai passar a vida.

— Você me faz rir, Charlotte; mas isso não é sensato. Você sabe que não é sensato, e que nunca agiria assim você mesma.

Ocupada em observar as atenções do sr. Bingley para com a irmã, Elizabeth estava longe de suspeitar que ela própria se tornava objeto de algum interesse aos olhos do amigo dele. O sr. Darcy, a princípio, mal admitira que ela fosse bonita: olhara-a sem admiração no baile; e, quando se encontraram em seguida, olhou-a apenas

para criticar. Mas, mal deixara claro para si mesmo e para os amigos que ela não tinha quase nenhum traço bonito no rosto, começou a descobrir que ele se tornava extraordinariamente inteligente pela bela expressão de seus olhos escuros. A essa descoberta seguiram-se outras, igualmente mortificantes. Embora tivesse detectado com olhar crítico mais de uma falha de perfeita simetria em suas formas, foi forçado a reconhecer que sua figura era leve e agradável; e, apesar de afirmar que suas maneiras não eram as do mundo elegante, deixou-se cativar por sua desembaraçada jovialidade. Disso ela não tinha a menor consciência: para ela, ele era apenas o homem que não se tornava agradável em parte alguma e que não a julgara bonita o bastante para dançar com ele.

Ele começou a desejar conhecê-la melhor; e, como um passo para conversar ele próprio com ela, passou a prestar atenção às conversas dela com outras pessoas. Isso atraiu a atenção dela. Foi na casa de sir William Lucas, onde estava reunido um grupo numeroso.

— O que pretende o sr. Darcy — disse ela a Charlotte — ficando a escutar a minha conversa com o coronel Forster?

— Essa é uma pergunta que só o sr. Darcy pode responder.

— Mas, se ele tornar a fazer isso, certamente lhe farei saber que percebo o que ele está tramando. Ele tem um olhar muito satírico, e, se eu não começar por ser impertinente eu mesma, logo passarei a ter medo dele.

Quando ele se aproximou delas pouco depois, embora sem parecer ter qualquer intenção de falar, a

srta. Lucas desafiou a amiga a mencionar-lhe tal assunto, o que imediatamente provocou Elizabeth a fazê-lo; ela voltou-se para ele e disse:

— Não achou, sr. Darcy, que me exprimi extraordinariamente bem agora há pouco, quando estava importunando o coronel Forster para que nos desse um baile em Meryton?

— Com grande energia; mas é um assunto que sempre torna as damas enérgicas.

— O senhor é severo conosco.

— Logo será a vez *dela* de ser importunada — disse a srta. Lucas. — Vou abrir o instrumento, Eliza, e você sabe o que vem depois.

— Você é uma criatura muito estranha como amiga! Sempre querendo que eu toque e cante diante de todo mundo! Se a minha vaidade tivesse tomado um rumo musical, você seria inestimável; mas, como não é o caso, eu realmente preferiria não me sentar diante de pessoas que devem estar habituadas a ouvir os melhores executantes. — Como a srta. Lucas insistisse, porém, ela acrescentou: — Muito bem; se tem de ser, que seja. — E, lançando um olhar grave ao sr. Darcy: — Há um velho ditado muito bom, que todos aqui certamente conhecem: "Guarde o fôlego para esfriar o mingau"; e eu guardarei o meu para dar corpo à minha canção.

Sua execução foi agradável, embora de modo algum excepcional. Depois de uma ou duas canções, e antes que pudesse responder aos rogos de vários para que cantasse de novo, foi avidamente sucedida ao instrumento pela irmã Mary, que, por ser a única sem atrativos na família, esforçara-se muito por adquirir

conhecimentos e prendas, e estava sempre impaciente por exibi-los.

Mary não tinha talento nem gosto; e, embora a vaidade lhe tivesse dado aplicação, dera-lhe igualmente um ar pedante e maneiras presunçosas, que teriam prejudicado um grau de excelência mais alto do que aquele que ela alcançara. Elizabeth, desembaraçada e natural, fora ouvida com muito mais prazer, embora não tocasse nem a metade tão bem; e Mary, ao fim de um longo concerto, ficou contente em comprar elogios e gratidão com árias escocesas e irlandesas, a pedido das irmãs mais novas, que, com alguns dos Lucas e dois ou três oficiais, puseram-se avidamente a dançar num dos cantos da sala.



O sr. Darcy permanecia de pé perto deles, em silenciosa indignação com semelhante modo de passar a noite, com exclusão de toda conversa, e estava demasiado absorto nos próprios pensamentos para perceber que sir William Lucas estava ao seu lado, até que sir William começou assim:

— Que divertimento encantador para os jovens, sr. Darcy! Não há nada como a dança, afinal. Considero-a um dos primeiros refinamentos das sociedades polidas.

— Certamente, senhor; e tem também a vantagem de estar em voga entre as sociedades menos polidas do mundo: todo selvagem sabe dançar.

Sir William limitou-se a sorrir. — O seu amigo dança deliciosamente — continuou, após uma pausa, ao ver Bingley juntar-se ao grupo —; e não duvido de que o senhor mesmo seja um adepto dessa ciência, sr. Darcy.

— O senhor me viu dançar em Meryton, creio.

— Sim, de fato, e não foi pequeno o prazer que tive com o espetáculo. O senhor dança com frequência em St. James?

— Nunca, senhor.

— Não acha que seria um cumprimento apropriado ao lugar?

— É um cumprimento que nunca faço a lugar nenhum, se posso evitá-lo.

— O senhor tem casa em Londres, concluo?

O sr. Darcy inclinou-se.

— Eu mesmo já pensei em me fixar em Londres, pois aprecio a sociedade superior; mas não tinha muita certeza de que o ar de Londres conviesse a lady Lucas.

Ele fez uma pausa, na esperança de uma resposta; mas o seu companheiro não estava disposto a dar nenhuma; e, como Elizabeth naquele instante se dirigisse para eles, ocorreu-lhe a ideia de fazer algo muito galante, e chamou-a:

— Minha cara srta. Eliza, por que não está dançando? Sr. Darcy, permita-me apresentar-lhe esta jovem como uma parceira muito desejável. O senhor não pode recusar-se a dançar, tenho certeza, quando tanta beleza está diante de si. — E, tomando-lhe a mão, ia entregá-la ao sr. Darcy, que, embora extremamente surpreso, não se mostrava avesso a recebê-la, quando ela imediatamente se retraiu e disse, com certo desconcerto, a sir William:

— Na verdade, senhor, não tenho a menor intenção de dançar. Rogo-lhe que não suponha que vim para cá a fim de pedir um parceiro.

O sr. Darcy, com grave correção, pediu que lhe fosse concedida a honra de sua mão, mas em vão. Elizabeth estava decidida; nem sir William conseguiu abalar-lhe de modo algum o propósito com sua tentativa de persuasão.

— A senhorita dança tão bem, srta. Eliza, que é uma crueldade negar-me a felicidade de vê-la; e, embora este cavalheiro não aprecie o divertimento em geral, não pode ter objeção, tenho certeza, a nos fazer a gentileza por meia hora.

— O sr. Darcy é todo cortesia — disse Elizabeth, sorrindo.

— É, de fato; mas, considerando o incentivo, minha cara srta. Eliza, não podemos nos admirar de sua

baixelivros.com.br

complacência; pois quem faria objeção a semelhante parceira?

Elizabeth lançou-lhe um olhar malicioso e afastou-se. Sua resistência não a prejudicara junto ao cavalheiro, e ele pensava nela com certa complacência, quando foi assim abordado pela srta. Bingley:

— Posso adivinhar o assunto do seu devaneio.

— Imagino que não.

— O senhor está pensando em como seria insuportável passar muitas noites desta maneira, em semelhante companhia; e, na verdade, sou inteiramente da sua opinião. Nunca me aborreci tanto! A insipidez, e no entanto o barulho; a nulidade, e no entanto a presunção, de toda essa gente! O que eu não daria para ouvir as suas críticas a respeito deles!

— A sua conjectura está totalmente errada, asseguro-lhe. Meu espírito estava mais agradavelmente ocupado. Estive meditando sobre o enorme prazer que um par de belos olhos no rosto de uma mulher bonita pode proporcionar.

A srta. Bingley fixou imediatamente os olhos no rosto dele, e pediu que lhe dissesse que dama tinha o mérito de inspirar tais reflexões. O sr. Darcy replicou, com grande intrepidez:

— A srta. Elizabeth Bennet.

— A srta. Elizabeth Bennet! — repetiu a srta. Bingley. — Estou pasma. Desde quando ela é tão favorita? E, diga-me, quando devo lhe desejar felicidades?

— Essa é exatamente a pergunta que eu esperava que a senhora fizesse. A imaginação de uma dama é muito rápida; salta da admiração ao amor, do amor ao

matrimônio, num instante. Eu sabia que a senhora me desejaria felicidades.

— Ora, se o senhor fala tão a sério, considerarei o assunto absolutamente resolvido. O senhor terá uma sogra encantadora, de fato, e é claro que ela estará sempre em Pemberley com o senhor.

Ele a ouvia com perfeita indiferença, enquanto ela preferia divertir-se dessa maneira; e, como a serenidade dele a convencesse de que tudo estava a salvo, o seu espírito continuou a fluir.

VII



Os bens do sr. Bennet consistiam quase inteiramente numa propriedade de duas mil libras por ano, a qual, infelizmente para as filhas, estava vinculada por herança, na falta de herdeiros varões, a um parente distante; e a fortuna da mãe, embora ampla para a sua situação na vida, mal podia suprir a deficiência da dele. O pai dela fora advogado em Meryton, e lhe deixara quatro mil libras.

Ela tinha uma irmã casada com um certo sr. Philips, que fora escriturário do pai delas e o sucedera nos negócios, e um irmão estabelecido em Londres num ramo respeitável do comércio.

A aldeia de Longbourn ficava a apenas uma milha de Meryton; distância das mais convenientes para as jovens, que em geral eram tentadas a ir até lá três ou quatro vezes por semana, para cumprir seus deveres com a tia e com uma loja de chapéus logo do outro lado da rua. As duas mais novas da família, Catherine e Lydia, eram particularmente assíduas nessas atenções: tinham o espírito mais vazio do que as irmãs, e, quando nada melhor se oferecia, um passeio a Meryton era necessário para lhes entreter as horas da manhã e fornecer assunto para a noite; e, por mais desprovida de novidades que a região em geral pudesse estar, elas sempre davam um jeito de obter algumas da tia. No momento, aliás, estavam bem abastecidas tanto de novidades quanto de felicidade pela recente chegada de um regimento de milícia à vizinhança; ele permaneceria ali durante todo o inverno, e Meryton era o quartel-general.

Suas visitas à sra. Philips passaram a render as informações mais interessantes. Cada dia acrescentava algo ao seu conhecimento dos nomes e das relações dos oficiais. Os alojamentos deles não ficaram por muito tempo em segredo, e por fim começaram a conhecer os próprios oficiais. O sr. Philips visitou-os a todos, e isso abriu para as sobrinhas uma fonte de felicidade até então desconhecida. Não conseguiam falar de outra coisa senão de oficiais; e a grande fortuna do sr. Bingley,

cuja menção animava a mãe, nada valia aos olhos delas em comparação com a farda de um alferes.

Depois de ouvir, certa manhã, suas efusões sobre o assunto, o sr. Bennet observou friamente:

— Por tudo o que posso deduzir do seu modo de falar, vocês devem ser duas das moças mais tolas do país. Já desconfiava disso há algum tempo, mas agora estou convencido.

Catherine ficou desconcertada e não respondeu; mas Lydia, com perfeita indiferença, continuou a expressar sua admiração pelo capitão Carter, e sua esperança de vê-lo no decorrer do dia, já que ele partia na manhã seguinte para Londres.

— Espanta-me, meu caro — disse a sra. Bennet —, que o senhor esteja tão pronto a considerar tolas as suas próprias filhas. Se eu quisesse pensar mal dos filhos de alguém, não seria dos meus, em todo caso.

— Se as minhas filhas são tolas, espero estar sempre ciente disso.

— Sim; mas acontece que todas elas são muito inteligentes.

— Este é o único ponto, lisonjeio-me, em que não concordamos. Eu esperava que os nossos sentimentos coincidissem em todos os pormenores, mas devo discordar da senhora ao menos a ponto de achar as nossas duas filhas mais novas extraordinariamente tolas.

— Meu caro sr. Bennet, o senhor não deve esperar que moças assim tenham o juízo do pai e da mãe. Quando chegarem à nossa idade, imagino que não pensarão em oficiais mais do que nós pensamos.

Lembro-me do tempo em que eu mesma gostava muito de uma farda vermelha; e, na verdade, ainda gosto, no fundo do coração; e, se um jovem e elegante coronel, com cinco ou seis mil libras por ano, quiser uma das minhas meninas, não lhe direi que não; e achei que o coronel Forster estava muito bem na outra noite, na casa de sir William, com a sua farda.

— Mamãe — exclamou Lydia —, a titia diz que o coronel Forster e o capitão Carter não vão mais tantas vezes à casa da srta. Watson como iam quando chegaram; agora ela os vê com muita frequência parados na biblioteca do Clarke.

A sra. Bennet foi impedida de responder pela entrada do lacaio com um bilhete para a srta. Bennet; vinha de Netherfield, e o criado aguardava resposta. Os olhos da sra. Bennet brilharam de prazer, e ela perguntava com avidez, enquanto a filha lia:

— Então, Jane, de quem é? Do que se trata? O que diz ele? Vamos, Jane, apresse-se e nos conte; apresse-se, meu amor.

— É da srta. Bingley — disse Jane, e leu-o em voz alta.

> Se a senhorita não for compassiva a ponto de jantar hoje com Louisa e comigo, correremos o perigo de nos odiar uma à outra pelo resto de nossas vidas; pois um dia inteiro de *tête-à-tête* entre duas mulheres nunca pode terminar sem uma briga. Venha assim que puder, ao receber este bilhete. Meu irmão e os cavalheiros vão jantar com os oficiais. Sempre sua,
>
> CAROLINE BINGLEY.

— Com os oficiais! — exclamou Lydia. — Admira-me que a titia não nos tenha contado *isso*.

— Jantar fora — disse a sra. Bennet —; que grande infelicidade.

— Posso ir de carruagem? — disse Jane.



— Não, minha querida, é melhor você ir a cavalo, porque parece que vai chover; e então terá de passar a noite lá.

— Seria um bom plano — disse Elizabeth —, se a senhora tivesse certeza de que eles não se ofereceriam para mandá-la de volta para casa.

— Oh, mas os cavalheiros vão usar a sege do sr. Bingley para ir a Meryton; e os Hurst não têm cavalos para a deles.

— Eu preferiria muito mais ir na carruagem.

— Mas, minha querida, o seu pai não pode dispensar os cavalos, tenho certeza. Eles são necessários na lavoura, sr. Bennet, não são?

— São necessários na lavoura muito mais vezes do que consigo tê-los.

— Mas, se o senhor os tiver hoje — disse Elizabeth — , o propósito de minha mãe estará atendido.

Ela acabou, por fim, arrancando do pai a confissão de que os cavalos estavam ocupados; Jane foi, portanto, obrigada a ir a cavalo, e a mãe acompanhou-a até a porta com muitos alegres prognósticos de mau tempo. Suas esperanças foram atendidas; Jane não havia partido há muito quando começou a chover forte. As irmãs ficaram inquietas por ela, mas a mãe estava encantada. A chuva continuou a noite inteira, sem interrupção; Jane certamente não poderia voltar.

— Esta foi uma ideia feliz da minha parte, de fato! — disse a sra. Bennet, mais de uma vez, como se o mérito de fazer chover fosse todo seu. Até a manhã seguinte, porém, ela não teve consciência de toda a felicidade do seu estratagema. Mal terminara o café da manhã, quando um criado de Netherfield trouxe o seguinte bilhete para Elizabeth:

> Sinto-me muito indisposta esta manhã, o que, suponho, deve ser atribuído a eu ter ficado ensopada ontem. Minhas bondosas amigas não querem ouvir falar de que eu volte para casa antes de estar melhor. Insistem também em que eu veja o sr. Jones; portanto, não se alarme se souber que ele esteve comigo; e, com

exceção de uma dor de garganta e de uma dor de cabeça, não tenho nada de mais.

Sua, etc.

— Pois bem, minha cara — disse o sr. Bennet, quando Elizabeth leu o bilhete em voz alta —, se a sua filha vier a ter um acesso perigoso de doença, se vier a morrer, será um consolo saber que foi tudo em busca do sr. Bingley, e sob as suas ordens.

— Oh, não tenho o menor medo de que ela morra. Ninguém morre de um resfriadinho à toa. Ela será muito bem cuidada. Enquanto ficar lá, está tudo muito bem. Eu iria vê-la, se pudesse ter a carruagem.

Elizabeth, sentindo-se realmente ansiosa, decidiu ir ter com ela, embora não houvesse carruagem disponível: e, como não era amazona, caminhar era a sua única alternativa. Declarou a sua resolução.

— Como pode ser tão tola — exclamou a mãe — a ponto de pensar numa coisa dessas, com toda essa lama! Você não estará em condições de ser vista quando chegar lá.

— Estarei em ótimas condições de ver Jane, que é tudo o que quero.

— Isso é uma indireta para mim, Lizzy — disse o pai —, para que eu mande buscar os cavalos?

— Não, de modo algum. Não desejo evitar a caminhada. A distância não é nada, quando se tem um motivo; apenas três milhas. Estarei de volta para o jantar.

— Admiro a atividade da sua benevolência — observou Mary —, mas todo impulso do sentimento deve

ser guiado pela razão; e, na minha opinião, o esforço deve ser sempre proporcional ao que se exige.

— Iremos com você até Meryton — disseram Catherine e Lydia. Elizabeth aceitou a companhia delas, e as três jovens partiram juntas.

— Se nos apressarmos — disse Lydia, enquanto caminhavam —, talvez consigamos ver alguma coisa do capitão Carter antes que ele parta.



Em Meryton separaram-se: as duas mais novas dirigiram-se ao alojamento da esposa de um dos oficiais, e Elizabeth continuou a caminhada sozinha, atravessando campo após campo em passo rápido, saltando cercas e pulando poças, com impaciente atividade, e encontrando-se por fim à vista da casa, com

os tornozelos cansados, as meias sujas e o rosto afogueado pelo calor do exercício.

Foi conduzida à sala de café, onde todos, menos Jane, estavam reunidos, e onde sua aparição causou grande surpresa. Que ela tivesse caminhado três milhas tão cedo, com um tempo tão enlameado, e sozinha, era quase inacreditável para a sra. Hurst e a srta. Bingley; e Elizabeth ficou convencida de que a desprezavam por isso. Foi recebida, contudo, com muita polidez por elas; e nas maneiras do irmão havia algo melhor do que polidez: havia bom humor e bondade. O sr. Darcy disse muito pouco, e o sr. Hurst absolutamente nada. O primeiro estava dividido entre a admiração pelo brilho que o exercício dera à tez dela e a dúvida quanto a se a ocasião justificava que ela viesse de tão longe sozinha. O segundo pensava apenas no seu café da manhã.

Suas perguntas sobre a irmã não obtiveram respostas muito favoráveis. A srta. Bennet dormira mal e, embora estivesse de pé, tinha muita febre e não estava bem o bastante para sair do quarto. Elizabeth ficou contente por ser levada até ela imediatamente; e Jane, que só fora impedida pelo receio de causar alarme ou incômodo de exprimir no bilhete o quanto ansiava por semelhante visita, ficou encantada com a sua entrada. Não estava, porém, em condições de conversar muito; e, quando a srta. Bingley as deixou a sós, pouco pôde tentar além de expressões de gratidão pela extraordinária bondade com que era tratada. Elizabeth cuidou dela em silêncio.

Terminado o café da manhã, as irmãs juntaram-se a elas; e a própria Elizabeth começou a gostar delas, ao

ver quanta afeição e solicitude demonstravam por Jane. O boticário chegou; e, tendo examinado a paciente, disse, como era de se supor, que ela apanhara um forte resfriado, e que deviam esforçar-se por vencê-lo; aconselhou-a a voltar para a cama e prometeu-lhe alguns remédios. O conselho foi prontamente seguido, pois os sintomas de febre aumentaram, e a cabeça lhe doía agudamente. Elizabeth não saiu do quarto dela nem por um instante, e as outras senhoras também raramente se ausentavam; estando os cavalheiros fora, elas de fato não tinham nada que fazer em outra parte.

Quando o relógio bateu três horas, Elizabeth sentiu que precisava ir, e disse-o muito a contragosto. A srta. Bingley ofereceu-lhe a carruagem, e ela só precisava de um pouco de insistência para aceitá-la, quando Jane manifestou tanta aflição em separar-se dela que a srta. Bingley foi obrigada a converter o oferecimento da sege num convite para que ficasse em Netherfield por enquanto. Elizabeth consentiu com a maior gratidão, e um criado foi enviado a Longbourn para informar a família de sua permanência e trazer uma provisão de roupas.

VIII



Às cinco horas, as duas senhoras retiraram-se para se vestir, e às seis e meia Elizabeth foi chamada para o jantar. Às corteses perguntas que então choveram sobre ela, e entre as quais teve o prazer de distinguir a solicitude muito superior do sr. Bingley, não pôde dar uma resposta muito favorável. Jane não estava nada melhor. As irmãs, ao ouvirem isso, repetiram três ou quatro vezes o quanto lamentavam, como era terrível ter um resfriado forte e como detestavam ficar doentes;

e depois não pensaram mais no assunto: e sua indiferença por Jane, quando esta não estava diante de seus olhos, devolveu a Elizabeth o gosto de toda a sua antipatia original.

O irmão delas, na verdade, era o único do grupo a quem ela podia olhar com alguma complacência. Sua inquietação por Jane era evidente, e suas atenções para com ela própria, muito agradáveis; e impediam-na de sentir-se tão intrusa quanto acreditava ser considerada pelos outros. De ninguém, a não ser dele, recebia mais que escassa atenção. A srta. Bingley estava absorvida pelo sr. Darcy, e a irmã dela não muito menos; quanto ao sr. Hurst, ao lado de quem Elizabeth se sentara, era um homem indolente, que só vivia para comer, beber e jogar cartas, e que, ao descobrir que ela preferia um prato simples a um *ragout*, não teve mais nada a lhe dizer.

Terminado o jantar, ela voltou diretamente para junto de Jane, e a srta. Bingley começou a falar mal dela assim que saiu da sala. Suas maneiras foram declaradas péssimas, de fato — uma mistura de orgulho e impertinência: não tinha conversa, nem estilo, nem gosto, nem beleza. A sra. Hurst pensava o mesmo e acrescentou:

— Em suma, ela não tem nada que a recomende, a não ser ser uma excelente caminhante. Nunca esquecerei sua aparência hoje de manhã. Parecia quase uma selvagem.

— É verdade, Louisa. Mal consegui manter a compostura. Que absurdo ter vindo! Por que *ela* haveria de sair correndo pelos campos só porque a irmã estava

resfriada? Com o cabelo tão desalinhado, tão desgrenhado!

— Sim, e a anágua; espero que tenha visto a anágua, com seis polegadas de lama, tenho absoluta certeza, e o vestido, que fora abaixado para escondê-la, sem cumprir sua função.

— Seu retrato pode ser bastante exato, Louisa — disse Bingley —, mas tudo isso me passou despercebido. Achei que a srta. Elizabeth Bennet estava com ótima aparência quando entrou na sala hoje de manhã. Sua anágua suja escapou inteiramente à minha atenção.

— O *senhor* reparou, sr. Darcy, tenho certeza — disse a srta. Bingley —, e inclino-me a pensar que não gostaria de ver *sua irmã* dar um espetáculo desses.

— Certamente que não.

— Andar três milhas, ou quatro, ou cinco, ou lá o que seja, com lama acima dos tornozelos, e sozinha, completamente sozinha! O que pretendia com isso? Parece-me revelar um tipo abominável de independência presunçosa, uma indiferença ao decoro bem própria de cidade do interior.

— Revela uma afeição pela irmã que é muito agradável — disse Bingley.

— Receio, sr. Darcy — observou a srta. Bingley, quase num sussurro —, que esta aventura tenha afetado um pouco sua admiração pelos belos olhos dela.

— De modo algum — respondeu ele. — O exercício os deixou mais brilhantes. — Seguiu-se uma breve pausa a essas palavras, e a sra. Hurst recomeçou:

— Tenho enorme consideração por Jane Bennet; é realmente uma moça muito doce, e desejo de todo o

coração que se case bem. Mas com um pai e uma mãe daqueles, e com parentes tão humildes, receio que não haja a menor possibilidade.

— Creio já ter ouvido a senhora dizer que o tio delas é advogado em Meryton?

— Sim; e têm outro, que mora em algum lugar perto de Cheapside.

— Isso é ótimo — acrescentou a irmã; e ambas riram com gosto.

— Se tivessem tios suficientes para encher Cheapside *inteira* — exclamou Bingley —, isso não as tornaria nem um pouco menos agradáveis.

— Mas deve diminuir muito consideravelmente as chances de se casarem com homens de alguma posição no mundo — replicou Darcy.

A essa observação Bingley não deu resposta; mas suas irmãs concordaram calorosamente e divertiram-se por algum tempo à custa dos parentes vulgares de sua querida amiga.

Com renovada ternura, porém, dirigiram-se ao quarto dela ao deixarem a sala de jantar, e ficaram em sua companhia até serem chamadas para o café. Jane ainda estava muito mal, e Elizabeth não quis de modo algum deixá-la, até tarde da noite, quando teve o consolo de vê-la adormecida e lhe pareceu mais correto do que agradável descer ela própria. Ao entrar na sala de visitas, encontrou todo o grupo jogando *loo* e foi imediatamente convidada a juntar-se a eles; mas, suspeitando que jogassem alto, recusou e, usando a irmã como desculpa, disse que se entreteria com um livro

durante o pouco tempo que pudesse ficar lá embaixo. O sr. Hurst olhou-a com espanto.

— A senhorita prefere a leitura às cartas? — disse ele. — Isso é um tanto singular.

— A srta. Eliza Bennet — disse a srta. Bingley — despreza as cartas. É uma grande leitora e não tem prazer em mais nada.

— Não mereço nem tal elogio nem tal censura — exclamou Elizabeth. — *Não* sou uma grande leitora, e tenho prazer em muitas coisas.

— Em cuidar de sua irmã, tenho certeza de que a senhorita tem prazer — disse Bingley —, e espero que ele logo aumente ao vê-la inteiramente restabelecida.

Elizabeth agradeceu-lhe de coração e depois caminhou até uma mesa onde havia alguns livros. Ele imediatamente se ofereceu para buscar-lhe outros; todos os que sua biblioteca pudesse oferecer.

— E gostaria que minha coleção fosse maior, para seu proveito e para meu próprio crédito; mas sou um sujeito preguiçoso; e, embora não tenha muitos, tenho mais do que jamais abri.

Elizabeth garantiu-lhe que os da sala lhe bastavam perfeitamente.

— Espanta-me — disse a srta. Bingley — que meu pai tenha deixado uma coleção de livros tão pequena. Que biblioteca encantadora o senhor tem em Pemberley, sr. Darcy!

— Deve ser boa — respondeu ele. — É obra de muitas gerações.

— E depois o senhor acrescentou tanto a ela por conta própria... está sempre comprando livros.

— Não consigo compreender que se negligencie uma biblioteca de família em dias como os nossos.

— Negligenciar! Tenho certeza de que o senhor não negligencia nada que possa acrescentar às belezas daquele nobre lugar. Charles, quando construir a *sua* casa, quero que seja ao menos metade tão encantadora quanto Pemberley.

— Também quero.

— Mas eu o aconselharia mesmo a fazer sua compra naquela vizinhança e tomar Pemberley como uma espécie de modelo. Não há condado mais belo na Inglaterra do que Derbyshire.

— De todo o coração: comprarei a própria Pemberley, se Darcy quiser vendê-la.

— Estou falando de possibilidades, Charles.

— Palavra de honra, Caroline, eu julgaria mais possível obter Pemberley por compra do que por imitação.

Elizabeth ficou tão presa ao que se passava que lhe restou bem pouca atenção para o livro; e, logo deixando-o inteiramente de lado, aproximou-se da mesa de jogo e postou-se entre o sr. Bingley e a irmã mais velha dele, para observar a partida.

— A srta. Darcy cresceu muito desde a primavera? — disse a srta. Bingley. — Será tão alta quanto eu?

— Creio que sim. Agora está mais ou menos da altura da srta. Elizabeth Bennet, ou até um pouco mais alta.

— Como anseio por revê-la! Nunca conheci ninguém que me encantasse tanto. Que semblante, que maneiras, e tão extremamente prendada para a idade! Sua execução ao pianoforte é primorosa.

— Para mim é espantoso — disse Bingley — como as moças conseguem ter paciência para serem tão prendadas quanto todas são.

— Todas as moças prendadas! Meu caro Charles, o que quer dizer com isso?

— Sim, todas elas, creio. Todas pintam mesas, forram biombos e tecem bolsinhas de malha. Mal conheço alguma que não saiba fazer tudo isso; e tenho certeza de que nunca ouvi falar de uma moça pela primeira vez sem que me informassem que era muito prendada.

— Sua lista da extensão comum das prendas — disse Darcy — tem muito de verdade. A palavra é aplicada a muitas mulheres que não a merecem senão por tecerem uma bolsinha ou forrarem um biombo; mas estou muito longe de concordar com você em sua avaliação das moças em geral. Não posso me gabar de conhecer mais de meia dúzia, em todo o círculo de minhas relações, que sejam realmente prendadas.

— Nem eu, com certeza — disse a srta. Bingley.

— Então — observou Elizabeth — o senhor deve incluir muita coisa em sua ideia de uma mulher prendada.

— Sim; incluo muita coisa nela.

— Oh, certamente — exclamou sua fiel assistente —, ninguém pode ser realmente considerada prendada se não superar em muito o que se costuma encontrar. Uma mulher precisa ter um conhecimento profundo de música, canto, desenho, dança e línguas modernas para merecer a palavra; e, além de tudo isso, precisa possuir um certo quê no ar e no modo de andar, no tom de voz,

no trato e nas expressões, ou a palavra será merecida apenas pela metade.

— Tudo isso ela precisa possuir — acrescentou Darcy —, e a tudo isso ainda deve juntar algo mais substancial: o aperfeiçoamento da mente por meio de vastas leituras.

— Já não me surpreende que o senhor conheça *apenas* seis mulheres prendadas. Agora me admira que conheça *alguma*.

— A senhorita é tão severa com o próprio sexo a ponto de duvidar da possibilidade de tudo isso?

— *Eu* nunca vi mulher assim. *Eu* nunca vi reunidas tanta capacidade, tanto gosto, tanta aplicação e tanta elegância quanto o senhor descreve.

A sra. Hurst e a srta. Bingley protestaram ambas contra a injustiça da dúvida implícita e estavam ambas afirmando conhecer muitas mulheres que correspondiam a essa descrição, quando o sr. Hurst as chamou à ordem, com amargas queixas de sua desatenção ao que se passava no jogo. Como toda conversa ficou assim encerrada, Elizabeth deixou a sala pouco depois.

— Eliza Bennet — disse a srta. Bingley, quando a porta se fechou atrás dela — é uma dessas moças que procuram recomendar-se ao outro sexo desvalorizando o próprio; e com muitos homens, imagino, isso funciona; mas, na minha opinião, é um artifício mesquinho, uma arte bem baixa.

— Sem dúvida — replicou Darcy, a quem a observação era principalmente dirigida —, há mesquinharia em *todas* as artes que as mulheres às vezes condescendem

em empregar para cativar. Tudo o que tem afinidade com a astúcia é desprezível.

A srta. Bingley não ficou tão inteiramente satisfeita com essa resposta a ponto de prosseguir no assunto.

Elizabeth voltou a juntar-se a eles apenas para dizer que a irmã estava pior e que não podia deixá-la. Bingley insistiu em que se mandasse chamar o sr. Jones imediatamente; enquanto suas irmãs, convencidas de que nenhum conselho da província poderia ser de alguma valia, recomendaram enviar um mensageiro a Londres para buscar um dos médicos mais eminentes. Disso ela não quis nem ouvir falar; mas não se mostrou tão avessa a aceitar a proposta do irmão delas; e ficou combinado que se mandaria chamar o sr. Jones bem cedo pela manhã, se a srta. Bennet não estivesse decididamente melhor. Bingley ficou bastante aflito; suas irmãs declararam-se desoladas. Consolaram sua desolação, porém, com duetos depois da ceia; enquanto ele não encontrou alívio melhor para seus sentimentos do que dar instruções à governanta para que toda atenção possível fosse dispensada à doente e à irmã.

IX



Elizabeth passou a maior parte da noite no quarto da irmã e, pela manhã, teve o prazer de poder mandar uma resposta razoável às perguntas que recebeu muito cedo do sr. Bingley, por meio de uma criada, e, algum tempo depois, das duas elegantes senhoras que serviam às irmãs dele. Apesar dessa melhora, porém, pediu que se enviasse um bilhete a Longbourn, solicitando à mãe que viesse ver Jane e formasse seu próprio juízo sobre o estado dela. O bilhete foi despachado imediatamente, e

seu conteúdo atendido com igual rapidez. A sra. Bennet, acompanhada das duas filhas mais novas, chegou a Netherfield pouco depois do café da manhã da família.

Se tivesse encontrado Jane em algum perigo aparente, a sra. Bennet teria ficado muito aflita; mas, convencida ao vê-la de que a doença não era alarmante, não tinha nenhum desejo de que se recuperasse de imediato, pois o restabelecimento de sua saúde provavelmente a afastaria de Netherfield. Não quis ouvir, portanto, a proposta da filha de ser levada para casa; nem o boticário, que chegou mais ou menos na mesma hora, julgou isso nada aconselhável. Depois de ficarem um pouco com Jane, ao aparecer a srta. Bingley com um convite, a mãe e as três filhas acompanharam-na à sala de café. Bingley recebeu-as expressando a esperança de que a sra. Bennet não tivesse encontrado a srta. Bennet pior do que esperava.

— Encontrei, sim, senhor — foi a resposta. — Está doente demais para ser removida. O sr. Jones diz que nem devemos pensar em removê-la. Teremos de abusar um pouco mais de sua bondade.

— Removida! — exclamou Bingley. — Nem se deve pensar nisso. Minha irmã, tenho certeza, não quererá ouvir falar em sua remoção.

— Pode estar certa, senhora — disse a srta. Bingley, com fria cortesia —, de que a srta. Bennet receberá toda a atenção possível enquanto permanecer conosco.

A sra. Bennet foi pródiga em agradecimentos.

— Tenho certeza — acrescentou — de que, se não fosse por amigos tão bons, não sei o que seria dela, pois está muito doente mesmo e sofre imensamente, embora

com a maior paciência do mundo, o que é sempre o seu jeito, pois ela tem, sem exceção, o temperamento mais doce que já conheci. Digo muitas vezes às minhas outras filhas que não são nada perto *dela*. O senhor tem uma sala encantadora aqui, sr. Bingley, e uma vista deliciosa para aquele caminho de cascalho. Não conheço lugar na região que se iguale a Netherfield. Espero que não pense em deixá-la tão cedo, embora tenha um contrato tão curto.

— Tudo o que faço, faço com pressa — respondeu ele —, e por isso, se resolvesse deixar Netherfield, provavelmente partiria em cinco minutos. No momento, porém, considero-me perfeitamente fixado aqui.

— É exatamente o que eu teria suposto do senhor — disse Elizabeth.

— Começa a me compreender, não é? — exclamou ele, voltando-se para ela.

— Oh, sim... compreendo-o perfeitamente.

— Gostaria de poder tomar isso como um elogio; mas ser tão facilmente decifrado, receio, é lastimável.

— Depende. Não se segue necessariamente que um caráter profundo e intrincado seja mais ou menos estimável do que um como o seu.

— Lizzy — exclamou a mãe —, lembre-se de onde está e não se ponha a falar desse jeito desabrido que lhe permitem em casa.

— Eu não sabia — continuou Bingley, imediatamente — que a senhorita era uma estudiosa de caracteres. Deve ser um estudo divertido.

— Sim; mas os caracteres intrincados são os *mais* divertidos. Têm ao menos essa vantagem.

— O campo — disse Darcy — em geral pode oferecer poucos objetos para tal estudo. Numa vizinhança de província, a senhorita se move numa sociedade muito restrita e invariável.

— Mas as próprias pessoas mudam tanto que sempre há algo de novo a observar nelas.

— Sim, de fato — exclamou a sra. Bennet, ofendida com o modo como ele se referira a uma vizinhança de província. — Garanto-lhe que *isso* acontece tanto no campo quanto em Londres.

Todos ficaram surpresos; e Darcy, depois de olhá-la por um instante, virou-se em silêncio. A sra. Bennet, que imaginava ter obtido uma vitória completa sobre ele, prosseguiu em seu triunfo:

— De minha parte, não vejo que Londres tenha grande vantagem sobre o campo, a não ser as lojas e os lugares públicos. O campo é imensamente mais agradável, não é, sr. Bingley?

— Quando estou no campo — respondeu ele —, nunca desejo deixá-lo; e quando estou em Londres, é mais ou menos a mesma coisa. Cada um tem suas vantagens, e posso ser igualmente feliz em qualquer dos dois.

— Ah, isso é porque o senhor tem a índole certa. Mas aquele cavalheiro — olhando para Darcy — parecia achar que o campo não era nada.

— De fato, mamãe, a senhora está enganada — disse Elizabeth, corando pela mãe. — A senhora entendeu mal o sr. Darcy. Ele quis dizer apenas que no campo não se encontra tanta variedade de pessoas quanto em Londres, o que a senhora há de reconhecer que é verdade.

— Certamente, minha querida, ninguém disse que havia; mas, quanto a não se encontrar muita gente nesta vizinhança, creio que há poucas vizinhanças maiores. Sei que jantamos com vinte e quatro famílias.

Nada senão a consideração por Elizabeth permitiu a Bingley manter a compostura. Sua irmã foi menos delicada e dirigiu o olhar ao sr. Darcy com um sorriso muito expressivo. Elizabeth, para dizer algo que pudesse desviar os pensamentos da mãe, perguntou-lhe então se Charlotte Lucas estivera em Longbourn desde que *ela* saíra de lá.

— Sim, ela fez uma visita ontem com o pai. Que homem agradável é sir William, sr. Bingley... não acha? Tão homem do mundo! Tão distinto e tão desembaraçado! Sempre tem algo a dizer a todo mundo. *Isso* é o que eu entendo por boa educação; e essas pessoas que se julgam muito importantes e nunca abrem a boca estão redondamente enganadas.

— Charlotte jantou com vocês?

— Não, ela quis voltar para casa. Imagino que precisassem dela por causa das tortinhas de carne. De minha parte, sr. Bingley, *eu* sempre tenho criados que sabem fazer o próprio trabalho; *minhas* filhas são criadas de outro modo. Mas cada um que julgue por si, e as Lucas são moças muito boas, garanto-lhe. É uma pena que não sejam bonitas! Não que *eu* ache Charlotte *tão* sem graça assim; mas, afinal, ela é nossa amiga particular.

— Parece uma jovem muito agradável — disse Bingley.

— Oh, sim, com certeza; mas o senhor há de convir que ela é muito sem graça. A própria lady Lucas já disse isso muitas vezes e me invejou a beleza de Jane. Não gosto de me gabar de minha própria filha; mas, para dizer a verdade, Jane... não se vê com frequência alguém de melhor aparência. É o que todo mundo diz. Não confio na minha própria parcialidade. Quando ela tinha apenas quinze anos, havia um cavalheiro na casa de meu irmão Gardiner, em Londres, tão apaixonado por ela que minha cunhada tinha certeza de que ele a pediria em casamento antes de voltarmos. Mas, enfim, não pediu. Talvez a achasse jovem demais. Contudo, escreveu alguns versos para ela, e muito bonitos.

— E assim terminou sua afeição — disse Elizabeth, impaciente. — Imagino que muitos tenham sido vencidos da mesma maneira. Gostaria de saber quem foi o primeiro a descobrir a eficácia da poesia para afugentar o amor!

— Costumo considerar a poesia como o *alimento* do amor — disse Darcy.

— De um amor belo, robusto e saudável, talvez. Tudo nutre o que já é forte. Mas, se for apenas uma inclinação leve e franzina, estou convencida de que um bom soneto a fará definhar por completo.

Darcy apenas sorriu; e a pausa geral que se seguiu fez Elizabeth tremer de medo de que a mãe voltasse a expor-se. Ansiava por falar, mas não lhe ocorria nada que dizer; e, depois de um breve silêncio, a sra. Bennet recomeçou a agradecer ao sr. Bingley por sua bondade para com Jane, desculpando-se por incomodá-lo também com Lizzy. O sr. Bingley foi cortês sem afetação

em sua resposta e obrigou a irmã mais nova a ser cortês também e a dizer o que a ocasião exigia. Ela desempenhou seu papel, na verdade, sem muita graciosidade, mas a sra. Bennet ficou satisfeita e, pouco depois, pediu a carruagem. A esse sinal, a mais nova de suas filhas adiantou-se. As duas meninas tinham cochichado entre si durante toda a visita; e o resultado foi que a mais nova deveria cobrar do sr. Bingley a promessa, feita quando chegara à região, de dar um baile em Netherfield.

Lydia era uma moça robusta e bem desenvolvida de quinze anos, de bela tez e fisionomia bem-humorada; a favorita da mãe, cuja afeição a fizera frequentar a sociedade desde muito cedo. Tinha uma vitalidade exuberante e uma espécie de importância natural, que as atenções dos oficiais, a quem os bons jantares do tio e suas próprias maneiras desembaraçadas a recomendavam, haviam transformado em desenvoltura. Estava, portanto, perfeitamente à altura de abordar o sr. Bingley sobre o assunto do baile, e lembrou-o abruptamente de sua promessa, acrescentando que seria a coisa mais vergonhosa do mundo se não a cumprisse. A resposta dele a esse ataque repentino foi deliciosa aos ouvidos da mãe.

— Estou perfeitamente disposto, garanto-lhe, a cumprir meu compromisso; e, quando sua irmã estiver recuperada, a senhorita marcará, se quiser, o próprio dia do baile. Mas não gostaria de estar dançando enquanto ela está doente, não é?

Lydia declarou-se satisfeita. — Oh, sim... seria muito melhor esperar que Jane ficasse boa; e, a essa altura,

muito provavelmente, o capitão Carter já estará de volta a Meryton. E quando o senhor tiver dado o *seu* baile — acrescentou —, vou insistir para que eles também deem um. Direi ao coronel Forster que será uma verdadeira vergonha se ele não o fizer.

A sra. Bennet e as filhas partiram então, e Elizabeth voltou imediatamente para junto de Jane, deixando o próprio comportamento e o de suas parentes aos comentários das duas senhoras e do sr. Darcy; este último, porém, não se deixou convencer a juntar-se à censura contra *ela*, apesar de todos os gracejos da srta. Bingley sobre os *belos olhos*.

X



O dia transcorreu mais ou menos como o anterior. A sra. Hurst e a srta. Bingley haviam passado algumas horas da manhã com a doente, que continuava, embora devagar, a melhorar; e, à noite, Elizabeth juntou-se ao grupo na sala de visitas. A mesa de *loo*, porém, não apareceu. O sr. Darcy escrevia, e a srta. Bingley, sentada perto dele, acompanhava o progresso de sua carta e desviava-lhe repetidamente a atenção com recados

para a irmã dele. O sr. Hurst e o sr. Bingley jogavam *piquet*, e a sra. Hurst observava a partida.

Elizabeth pegou um trabalho de agulha e divertiu-se bastante prestando atenção ao que se passava entre Darcy e sua companheira. Os perpétuos elogios da dama, ora à letra dele, ora à regularidade das linhas, ora à extensão da carta, com a perfeita indiferença com que eram recebidos, formavam um curioso diálogo, e estavam em exata sintonia com a opinião que ela tinha de cada um dos dois.

— Como a srta. Darcy ficará encantada ao receber uma carta dessas!

Ele não respondeu.

— O senhor escreve extraordinariamente depressa.

— Está enganada. Escrevo bastante devagar.

— Quantas cartas o senhor deve ter ocasião de escrever ao longo de um ano! Cartas de negócios, também! Como eu as acharia odiosas!

— É uma sorte, então, que caibam a mim, e não à senhorita.

— Por favor, diga a sua irmã que anseio por vê-la.

— Já lhe disse isso uma vez, a seu pedido.

— Receio que o senhor não esteja gostando de sua pena. Deixe-me aparar-lha. Aparo penas extraordinariamente bem.

— Obrigado... mas sempre aparo as minhas.

— Como consegue escrever com tanta regularidade?

Ele ficou em silêncio.

— Diga a sua irmã que fico encantada em saber de seus progressos na harpa, e, por favor, faça-a saber que estou em êxtase com seu lindo desenhinho para uma

mesa, e que o acho infinitamente superior ao da srta. Grantley.

— Permite-me adiar seu êxtase até que eu escreva de novo? No momento não tenho espaço para lhe fazer justiça.

— Oh, não tem importância. Vou vê-la em janeiro. Mas o senhor sempre lhe escreve cartas tão longas e encantadoras, sr. Darcy?

— Costumam ser longas; mas se são sempre encantadoras, não cabe a mim julgar.

— Para mim é regra que quem consegue escrever uma carta longa com facilidade não pode escrever mal.

— Isso não serve como elogio a Darcy, Caroline — exclamou o irmão —, porque ele *não* escreve com facilidade. Esmera-se demais em busca de palavras de quatro sílabas. Não é, Darcy?

— Meu estilo de escrever é muito diferente do seu.

— Oh — exclamou a srta. Bingley —, Charles escreve da maneira mais descuidada que se possa imaginar. Deixa de fora metade das palavras e borra o resto.

— Minhas ideias fluem tão depressa que não tenho tempo de expressá-las; e por isso minhas cartas às vezes não transmitem ideia alguma a meus correspondentes.

— Sua humildade, sr. Bingley — disse Elizabeth —, há de desarmar qualquer reprovação.

— Nada é mais enganoso — disse Darcy — do que a aparência de humildade. Muitas vezes é apenas descaso pela opinião alheia, e às vezes uma vanglória indireta.

— E qual das duas você chama a *minha* pequena e recente demonstração de modéstia?

— A vanglória indireta; pois você tem, de fato, orgulho de seus defeitos de escrita, porque os considera fruto de uma rapidez de pensamento e de um descuido de execução que, se não são estimáveis, você julga ao menos altamente interessantes. A capacidade de fazer qualquer coisa com rapidez é sempre muito prezada por quem a possui, e muitas vezes sem nenhuma atenção à imperfeição do resultado. Quando você disse à sra. Bennet hoje de manhã que, se algum dia resolvesse deixar Netherfield, partiria em cinco minutos, pretendia que fosse uma espécie de panegírico, de elogio a si mesmo; e, no entanto, o que há de tão louvável numa precipitação que forçosamente deixaria por fazer negócios muito necessários e não traria nenhuma vantagem real a você ou a quem quer que seja?

— Ora — exclamou Bingley —, isso é demais: lembrar à noite todas as tolices que se disseram de manhã. E, no entanto, palavra de honra, eu acreditava ser verdade o que disse de mim mesmo, e acredito neste momento. Ao menos, portanto, não assumi o caráter de uma precipitação desnecessária apenas para me exibir diante das senhoras.

— Creio que você acreditava; mas de modo algum estou convencido de que partiria com tal celeridade. Sua conduta dependeria tanto do acaso quanto a de qualquer homem que eu conheça; e se, ao montar em seu cavalo, um amigo lhe dissesse: “Bingley, é melhor você ficar até a semana que vem”, você provavelmente ficaria... provavelmente não partiria... e, a mais uma palavra, poderia ficar um mês.

— Com isso o senhor só provou — exclamou Elizabeth — que o sr. Bingley não fez justiça à própria índole. O senhor o exibiu agora muito melhor do que ele próprio.

— Fico extremamente grato — disse Bingley — por a senhorita converter o que meu amigo diz num elogio à doçura de meu temperamento. Mas receio que lhe esteja dando um sentido que aquele cavalheiro de modo algum pretendia; pois ele certamente me teria em melhor conta se, em tal circunstância, eu desse uma recusa categórica e partisse a galope o mais depressa possível.

— O sr. Darcy consideraria então a imprudência de sua intenção original redimida pela obstinação em mantê-la?

— Palavra de honra, não sei explicar exatamente a questão... Darcy que fale por si.

— Você espera que eu responda por opiniões que resolve chamar de minhas, mas que nunca reconheci. Admitindo, porém, que o caso seja como você o apresenta, deve lembrar-se, srta. Bennet, de que o amigo que supostamente deseja o retorno dele à casa e o adiamento de seu plano apenas o desejou, pediu-o sem oferecer um único argumento a favor de sua conveniência.

— Ceder prontamente... com facilidade... à *persuasão* de um amigo não tem mérito para o senhor.

— Ceder sem convicção não é elogio à inteligência de nenhum dos dois.

— Parece-me, sr. Darcy, que o senhor não concede nada à influência da amizade e da afeição. A

consideração por quem pede muitas vezes faz que se ceda de bom grado a um pedido, sem esperar argumentos que nos convençam. Não estou falando especificamente de um caso como o que o senhor supôs a respeito do sr. Bingley. Talvez seja melhor esperar que a circunstância ocorra antes de discutirmos a sensatez de sua conduta nessa ocasião. Mas em casos gerais e comuns, entre amigos, em que um deles é solicitado pelo outro a mudar uma resolução de pouca importância, o senhor pensaria mal dessa pessoa por atender ao pedido sem esperar que a convencessem com argumentos?

— Não seria aconselhável, antes de prosseguirmos nesse assunto, estabelecer com um pouco mais de precisão o grau de importância que se deve atribuir a esse pedido, bem como o grau de intimidade existente entre as partes?

— Sem dúvida — exclamou Bingley —, ouçamos todos os pormenores, sem esquecer a altura e o tamanho comparativos de cada um, pois isso terá mais peso na discussão, srta. Bennet, do que a senhorita talvez imagine. Garanto-lhe que, se Darcy não fosse um sujeito tão grande e alto em comparação comigo, eu não lhe teria nem metade da deferência. Declaro que não conheço objeto mais temível do que Darcy em certas ocasiões e em certos lugares; sobretudo em sua própria casa, num domingo à noite, quando não tem nada para fazer.

O sr. Darcy sorriu; mas Elizabeth julgou perceber que ele ficara um tanto ofendido e, por isso, conteve o riso. A srta. Bingley ressentiu-se calorosamente da

indignidade que ele sofrera, repreendendo o irmão por dizer tais disparates.

— Percebo sua intenção, Bingley — disse o amigo. — Você não gosta de discussões e quer pôr fim a esta.

— Talvez. Discussões parecem demais com brigas. Se você e a srta. Bennet adiarem a sua até que eu saia da sala, ficarei muito agradecido; e então poderão dizer de mim o que quiserem.

— O que o senhor pede — disse Elizabeth — não é sacrifício algum de minha parte; e o sr. Darcy fará muito melhor em terminar sua carta.

O sr. Darcy seguiu-lhe o conselho e terminou de fato a carta.

Concluído esse assunto, pediu à srta. Bingley e a Elizabeth o favor de um pouco de música. A srta. Bingley dirigiu-se com presteza ao pianoforte e, depois de um pedido cortês para que Elizabeth começasse, que a outra recusou com igual cortesia e maior firmeza, sentou-se ao instrumento.

A sra. Hurst cantou com a irmã; e, enquanto elas assim se ocupavam, Elizabeth não pôde deixar de notar, ao folhear alguns cadernos de música que estavam sobre o instrumento, com que frequência os olhos do sr. Darcy se fixavam nela. Mal sabia como supor que pudesse ser objeto de admiração para um homem tão importante, e no entanto que ele a olhasse por antipatia era ainda mais estranho. Só pôde imaginar, afinal, que atraía sua atenção porque havia nela algo mais errado e repreensível, segundo as ideias dele sobre o que é correto, do que em qualquer outra pessoa presente. A

suposição não a magoou. Gostava dele pouco demais para se importar com sua aprovação.

Depois de tocar algumas canções italianas, a srta. Bingley variou o encanto com uma animada ária escocesa; e, logo em seguida, o sr. Darcy, aproximando-se de Elizabeth, disse-lhe:

— Não sente uma grande inclinação, srta. Bennet, a aproveitar uma oportunidade dessas para dançar um *reel*?

Ela sorriu, mas não respondeu. Ele repetiu a pergunta, um tanto surpreso com o silêncio dela.

— Oh — disse ela —, eu o ouvi da primeira vez; mas não consegui decidir de imediato o que responder. O senhor queria, eu sei, que eu dissesse "sim", para ter o prazer de desprezar meu gosto; mas sempre me deleito em derrubar esse tipo de plano e privar alguém de seu desprezo premeditado. Resolvi, portanto, dizer-lhe que não quero de modo algum dançar um *reel*; e agora despreze-me, se tiver coragem.

— De fato, não tenho coragem.



Elizabeth, que esperava antes ofendê-lo, ficou espantada com sua galanteria; mas havia em seu modo uma mistura de doçura e malícia que lhe tornava difícil ofender quem quer que fosse, e Darcy nunca fora tão enfeitiçado por mulher alguma como o era por ela. Acreditava realmente que, não fosse a inferioridade de suas relações, correria algum perigo.

A srta. Bingley viu, ou suspeitou, o bastante para ter ciúmes; e sua grande ansiedade pelo restabelecimento de sua querida amiga Jane recebeu certo auxílio de seu desejo de livrar-se de Elizabeth.

Tentava com frequência provocar em Darcy antipatia por sua hóspede, falando do suposto casamento dos dois e planejando a felicidade dele em tal aliança.

— Espero — disse ela, enquanto passeavam juntos pelo bosquete no dia seguinte — que o senhor dê algumas indicações a sua sogra, quando esse desejável acontecimento se der, sobre a vantagem de ficar de boca fechada; e que, se conseguir, cure as meninas mais novas de correr atrás dos oficiais. E, se me permite mencionar um assunto tão delicado, procure refrear aquele pequeno quê, beirando a presunção e a impertinência, que sua dama possui.

— Tem mais alguma coisa a propor para minha felicidade doméstica?

— Oh, sim. Mande colocar os retratos de seu tio e de sua tia Philips na galeria de Pemberley. Ponha-os ao lado de seu tio-avô, o juiz. São da mesma profissão, o senhor sabe, apenas em ramos diferentes. Quanto ao retrato de sua Elizabeth, não deve tentar mandar fazê-lo, pois que pintor poderia fazer justiça àqueles belos olhos?

— Não seria fácil, de fato, captar-lhes a expressão; mas a cor e o formato, e os cílios, tão notavelmente finos, poderiam ser copiados.

Naquele momento, foram encontrados, vindas de outro caminho, pela sra. Hurst e pela própria Elizabeth.

— Não sabia que pretendiam passear — disse a srta. Bingley, um tanto confusa, temendo ter sido ouvida.

— Vocês nos trataram abominavelmente mal — respondeu a sra. Hurst —, fugindo sem nos dizer que iam sair.

Então, tomando o braço livre do sr. Darcy, deixou Elizabeth caminhar sozinha. O caminho só comportava três. O sr. Darcy sentiu a grosseria delas e disse imediatamente:

— Este caminho não é largo o bastante para nosso grupo. É melhor irmos para a alameda.

Mas Elizabeth, que não tinha a menor vontade de ficar com eles, respondeu rindo:

— Não, não; fiquem onde estão. Formam um grupo encantador e aparecem em vantagem incomum. O pitoresco se estragaria com a admissão de um quarto. Adeus.

E saiu correndo alegremente, regozijando-se, enquanto vagava por ali, com a esperança de estar de volta em casa dentro de um ou dois dias. Jane já estava tão recuperada que pretendia deixar o quarto por algumas horas naquela noite.

XI



Quando as senhoras se retiraram depois do jantar, Elizabeth subiu correndo para junto da irmã e, vendo-a bem protegida do frio, acompanhou-a à sala de visitas, onde foi recebida pelas duas amigas com muitas demonstrações de prazer; e Elizabeth nunca as vira tão agradáveis como durante a hora que se passou antes de os cavalheiros aparecerem. Seus dotes de conversação eram consideráveis. Sabiam descrever uma festa com

exatidão, contar uma anedota com humor e rir dos conhecidos com espírito.

Mas, quando os cavalheiros entraram, Jane deixou de ser o primeiro objeto de atenção; os olhos da srta. Bingley voltaram-se no mesmo instante para Darcy, e ela já tinha algo a lhe dizer antes que ele desse muitos passos. Ele dirigiu-se diretamente à srta. Bennet com uma cortês felicitação; o sr. Hurst também lhe fez uma leve reverência e disse que estava "muito contente"; mas a efusão e o calor ficaram reservados para a saudação de Bingley. Ele estava cheio de alegria e de atenções. A primeira meia hora foi gasta em avivar o fogo, para que ela não sofresse com a mudança de cômodo; e ela passou, a pedido dele, para o outro lado da lareira, a fim de ficar mais longe da porta. Ele então sentou-se ao lado dela e mal falou com mais alguém. Elizabeth, ocupada com seu trabalho no canto oposto, viu tudo com grande deleite.

Terminado o chá, o sr. Hurst lembrou à cunhada a mesa de jogo... mas em vão. Ela obtivera informação particular de que o sr. Darcy não queria cartas, e o sr. Hurst logo viu recusado até seu pedido explícito. Ela lhe garantiu que ninguém pretendia jogar, e o silêncio de todo o grupo sobre o assunto pareceu dar-lhe razão. O sr. Hurst, portanto, nada tinha a fazer senão estender-se num dos sofás e dormir. Darcy pegou um livro. A srta. Bingley fez o mesmo; e a sra. Hurst, ocupada principalmente em brincar com suas pulseiras e anéis, intervinha de vez em quando na conversa do irmão com a srta. Bennet.

A atenção da srta. Bingley estava tão ocupada em acompanhar o progresso do sr. Darcy pelo livro *dele* quanto em ler o seu próprio; e ela vivia ou fazendo alguma pergunta, ou olhando para a página dele. Não conseguiu, porém, atraí-lo para nenhuma conversa; ele apenas respondia à pergunta e continuava a ler. Por fim, inteiramente exausta da tentativa de divertir-se com o próprio livro, que só escolhera por ser o segundo volume do dele, deu um grande bocejo e disse: — Como é agradável passar uma noite assim! Declaro que, afinal de contas, não há prazer como a leitura! Como se cansa muito mais depressa de qualquer coisa do que de um livro! Quando eu tiver casa própria, serei infeliz se não tiver uma excelente biblioteca.

Ninguém respondeu. Ela então bocejou de novo, jogou o livro de lado e correu os olhos pela sala em busca de alguma distração; quando, ouvindo o irmão mencionar um baile à srta. Bennet, voltou-se de repente para ele e disse:

— A propósito, Charles, você está mesmo falando sério em pensar num baile em Netherfield? Eu o aconselharia, antes de se decidir, a consultar os desejos dos presentes; muito me engano se não há entre nós alguns para quem um baile seria antes um castigo do que um prazer.

— Se está se referindo a Darcy — exclamou o irmão —, ele pode ir para a cama, se quiser, antes que comece; mas, quanto ao baile, é coisa decidida, e assim que Nicholls tiver feito sopa branca suficiente, mandarei os convites.

— Eu gostaria infinitamente mais de bailes — replicou ela — se fossem conduzidos de outra maneira; mas há algo de insuportavelmente tedioso no andamento habitual de uma reunião dessas. Seria com certeza muito mais racional se a conversa, em vez da dança, fosse a ordem do dia.

— Muito mais racional, minha cara Caroline, é bem possível; mas não se pareceria nem de longe com um baile.

A srta. Bingley não respondeu e, pouco depois, levantou-se e pôs-se a andar pela sala. Seu porte era elegante, e ela andava bem; mas Darcy, a quem tudo aquilo se destinava, continuava inflexivelmente absorto. No desespero de seus sentimentos, resolveu fazer mais um esforço e, voltando-se para Elizabeth, disse:

— Srta. Eliza Bennet, deixe-me convencê-la a seguir meu exemplo e dar uma volta pela sala. Garanto-lhe que é muito revigorante depois de tanto tempo sentada na mesma posição.

Elizabeth ficou surpresa, mas concordou imediatamente. A srta. Bingley não teve menos êxito no verdadeiro objetivo de sua cortesia: o sr. Darcy ergueu os olhos. Estava tão desperto para a novidade de uma atenção vinda daquele lado quanto a própria Elizabeth poderia estar, e fechou o livro sem se dar conta. Foi logo convidado a juntar-se a elas, mas recusou, observando que só podia imaginar dois motivos para que escolhessem andar juntas de um lado para o outro da sala, e que, com qualquer dos dois, sua presença atrapalharia. O que queria dizer? Ela estava morrendo

de vontade de saber o que ele podia querer dizer... e perguntou a Elizabeth se conseguia entendê-lo.

— De modo algum — foi a resposta —; mas, pode estar certa, ele pretende ser severo conosco, e nosso modo mais seguro de decepcioná-lo será não perguntar nada a respeito.

A srta. Bingley, porém, era incapaz de decepcionar o sr. Darcy no que quer que fosse, e insistiu, portanto, em exigir uma explicação de seus dois motivos.

— Não tenho a menor objeção a explicá-los — disse ele, assim que ela lhe permitiu falar. — Ou as senhoritas escolhem esse modo de passar a noite porque são confidentes uma da outra e têm assuntos secretos a discutir, ou porque estão conscientes de que seus vultos aparecem em maior vantagem quando caminham: se for o primeiro caso, eu estaria inteiramente atrapalhando; e, se for o segundo, posso admirá-las muito melhor sentado junto ao fogo.

— Oh, que horror! — exclamou a srta. Bingley. — Nunca ouvi nada tão abominável. Como vamos puni-lo por semelhante discurso?

— Nada mais fácil, se a senhorita tiver vontade — disse Elizabeth. — Todos podemos atormentar e punir uns aos outros. Provoque-o... ria dele. Íntima como é, deve saber como se faz.

— Mas, palavra de honra, *não* sei. Garanto-lhe que minha intimidade ainda não me ensinou *isso*. Provocar a calma de temperamento e a presença de espírito! Não, não; sinto que aí ele pode nos desafiar. E, quanto a rir, não vamos nos expor, por favor, tentando rir sem motivo. O sr. Darcy pode se congratular.

— Do sr. Darcy não se pode rir! — exclamou Elizabeth. — É uma vantagem incomum, e espero que continue incomum, pois seria uma grande perda para *mim* ter muitos conhecidos assim. Adoro rir.

— A srta. Bingley — disse ele — me atribuiu mais do que é possível. O mais sábio e o melhor dos homens... ou melhor, as mais sábias e as melhores de suas ações... podem ser tornados ridículos por uma pessoa cujo primeiro objetivo na vida é uma pilhéria.

— Certamente — replicou Elizabeth — há pessoas assim, mas espero não ser uma *delas*. Espero nunca ridicularizar o que é sábio ou bom. Tolices e disparates, caprichos e incoerências, esses *sim* me divertem, confesso, e rio deles sempre que posso. Mas esses, suponho, são precisamente o que o senhor não tem.

— Talvez isso não seja possível a ninguém. Mas tem sido o estudo de minha vida evitar aquelas fraquezas que muitas vezes expõem ao ridículo uma inteligência forte.

— Como a vaidade e o orgulho.

— Sim, a vaidade é uma fraqueza, de fato. Mas o orgulho... onde há uma real superioridade de espírito... o orgulho estará sempre sob bom governo.

Elizabeth virou-se para esconder um sorriso.

— Seu exame do sr. Darcy terminou, presumo — disse a srta. Bingley —; e, diga-me, qual é o resultado?

— Estou perfeitamente convencida de que o sr. Darcy não tem defeito algum. Ele próprio o reconhece sem disfarce.

— Não — disse Darcy —, não tive tal pretensão. Tenho defeitos bastantes, mas não são, espero, de inteligência. Por meu temperamento não ouso responder. É, creio,

pouco maleável; certamente pouco demais para a conveniência do mundo. Não consigo esquecer as tolices e os vícios dos outros tão depressa quanto deveria, nem as ofensas que me fazem. Meus sentimentos não se deixam agitar por qualquer tentativa de comovê-los. Meu temperamento talvez pudesse ser chamado de rancoroso. Minha boa opinião, uma vez perdida, está perdida para sempre.

— *Isso* é um defeito, de fato! — exclamou Elizabeth. — O rancor implacável *é* uma sombra num caráter. Mas o senhor escolheu bem seu defeito. Realmente não consigo *rir* dele. Está a salvo de mim.

— Há, creio, em toda índole uma tendência para algum mal particular, um defeito natural, que nem a melhor educação consegue vencer.

— E o *seu* defeito é a propensão a odiar todo mundo.

— E o seu — replicou ele, com um sorriso — é o de compreendê-los mal por vontade própria.

— Vamos ter um pouco de música — exclamou a srta. Bingley, cansada de uma conversa da qual não participava. — Louisa, você não se importará que eu acorde o sr. Hurst.

A irmã não fez a menor objeção, e o pianoforte foi aberto; e Darcy, depois de alguns instantes de reflexão, não lamentou. Começava a sentir o perigo de dar atenção demais a Elizabeth.

XII



Em consequência de um acordo entre as irmãs, Elizabeth escreveu na manhã seguinte à mãe, pedindo que a carruagem fosse enviada para buscá-las no decorrer do dia. Mas a sra. Bennet, que contava com a permanência das filhas em Netherfield até a terça-feira seguinte, o que completaria exatamente a semana de Jane, não conseguia conformar-se em recebê-las com prazer antes disso. Sua resposta, portanto, não foi propícia, ao menos aos desejos de Elizabeth, que estava

impaciente por voltar para casa. A sra. Bennet mandou dizer que não poderiam de modo algum ter a carruagem antes de terça-feira; e, no pós-escrito, acrescentava que, se o sr. Bingley e a irmã insistissem para que ficassem mais tempo, ela podia perfeitamente dispensá-las. Contra ficar mais tempo, porém, Elizabeth estava decididamente resolvida… nem esperava muito que lhes pedissem isso; e, temendo, ao contrário, que fossem consideradas intrusas por demorarem sem necessidade, instou com Jane para que pedisse emprestada imediatamente a carruagem do sr. Bingley, e por fim ficou combinado que se mencionaria a intenção original de deixar Netherfield naquela manhã e se faria o pedido.

A comunicação provocou muitas manifestações de pesar; e disse-se o bastante sobre o desejo de que ficassem ao menos até o dia seguinte para convencer Jane; e a partida foi adiada para o dia seguinte. A srta. Bingley arrependeu-se então de ter proposto o adiamento; pois seu ciúme e sua antipatia por uma das irmãs excediam em muito sua afeição pela outra.

O dono da casa ouviu com verdadeiro pesar que partiriam tão cedo e tentou repetidamente convencer a srta. Bennet de que não seria seguro para ela… de que não estava suficientemente recuperada; mas Jane era firme quando se sentia com razão.

Para o sr. Darcy foi uma notícia bem-vinda: Elizabeth já estivera em Netherfield tempo suficiente. Ela o atraía mais do que ele gostaria; e a srta. Bingley era descortês com *ela* e mais provocadora do que de costume com ele próprio. Resolveu sensatamente ter cuidado especial

para que nenhum sinal de admiração lhe escapasse *agora*... nada que pudesse animá-la com a esperança de influir em sua felicidade; consciente de que, se tal ideia tivesse sido sugerida, seu comportamento durante o último dia teria peso decisivo para confirmá-la ou destruí-la. Firme em seu propósito, mal lhe dirigiu dez palavras durante todo o sábado; e, embora a certa altura tenham ficado a sós por meia hora, ele agarrou-se muito conscienciosamente ao livro e nem sequer olhou para ela.

No domingo, depois do serviço religioso da manhã, deu-se a separação, tão agradável a quase todos. A cortesia da srta. Bingley para com Elizabeth aumentou, por fim, muito rapidamente, assim como sua afeição por Jane; e, ao se despedirem, depois de assegurar a esta última o prazer que sempre lhe daria vê-la, fosse em Longbourn ou em Netherfield, e de abraçá-la com a maior ternura, chegou até a apertar a mão da primeira. Elizabeth despediu-se de todo o grupo com o ânimo mais alegre.

Não foram recebidas em casa muito cordialmente pela mãe. A sra. Bennet admirou-se com a chegada delas, achou que tinham feito muito mal em dar tanto trabalho e tinha certeza de que Jane se resfriaria de novo. Mas o pai, embora muito lacônico em suas expressões de contentamento, ficou realmente feliz em vê-las; sentira a importância que tinham no círculo familiar. A conversa da noite, quando todos se reuniam, perdera muito de sua animação, e quase todo o seu juízo, com a ausência de Jane e Elizabeth.

Encontraram Mary, como de costume, mergulhada no estudo do baixo contínuo e da natureza humana; e tiveram alguns novos excertos para admirar e algumas novas observações de moral surrada para ouvir. Catherine e Lydia tinham para elas informações de outra espécie. Muito se fizera e muito se dissera no regimento desde a quarta-feira anterior; vários oficiais haviam jantado recentemente com o tio delas; um soldado raso fora açoitado; e até se insinuara que o coronel Forster ia se casar.

XIII



— Espero, minha cara — disse o sr. Bennet à esposa, enquanto tomavam o café da manhã no dia seguinte —, que a senhora tenha encomendado um bom jantar para hoje, porque tenho razões para esperar um acréscimo à nossa reunião de família.

— A quem se refere, meu caro? Não sei de ninguém que venha, tenho certeza, a não ser que Charlotte Lucas

resolva aparecer; e espero que os *meus* jantares sejam bons o bastante para ela. Não creio que ela veja coisa parecida em casa com frequência.

— A pessoa de quem falo é um cavalheiro e um desconhecido.

Os olhos da sra. Bennet faiscaram.

— Um cavalheiro e um desconhecido! É o sr. Bingley, tenho certeza. Ora, Jane... você nunca deixou escapar uma palavra sobre isso... sua dissimulada! Bem, ficarei certamente muito feliz em ver o sr. Bingley. Mas... santo Deus! Que azar! Não há um pedaço de peixe que se possa comprar hoje. Lydia, meu amor, toque a sineta. Preciso falar com Hill agora mesmo.

— *Não* é o sr. Bingley — disse o marido. — É uma pessoa que nunca vi em toda a minha vida.

Isso provocou um espanto geral; e ele teve o prazer de ser avidamente interrogado pela esposa e pelas cinco filhas ao mesmo tempo.

Depois de se divertir por algum tempo com a curiosidade delas, explicou-se assim:

— Há cerca de um mês recebi esta carta, e há cerca de quinze dias respondi a ela; pois me pareceu um caso de alguma delicadeza, que exigia pronta atenção. É do meu primo, o sr. Collins, que, quando eu morrer, poderá pôr todas vocês para fora desta casa assim que lhe aprouver.

— Oh, meu caro — exclamou a esposa —, não suporto ouvir falar nisso. Por favor, não fale desse homem odioso. Acho de fato a coisa mais dura do mundo que a sua propriedade esteja vinculada a alguém que não são

os seus próprios filhos; e estou certa de que, se eu fosse o senhor, há muito tempo teria tentado fazer alguma coisa a respeito.

Jane e Elizabeth tentaram explicar-lhe a natureza de um vínculo. Já haviam tentado muitas vezes antes; mas era um assunto em que a sra. Bennet estava fora do alcance da razão; e ela continuou a protestar amargamente contra a crueldade de se destinar uma propriedade a alguém fora de uma família de cinco filhas, em favor de um homem com quem ninguém se importava.

— É certamente um negócio dos mais iníquos — disse o sr. Bennet —, e nada pode absolver o sr. Collins da culpa de herdar Longbourn. Mas, se a senhora quiser ouvir a carta dele, talvez se abrande um pouco com o seu modo de se expressar.

— Não, isso com certeza não acontecerá; e acho que foi uma grande impertinência da parte dele escrever ao senhor, e uma grande hipocrisia. Detesto esses falsos amigos. Por que não continuou brigando com o senhor, como fazia o pai dele?

— Ora, de fato ele parece ter tido alguns escrúpulos filiais quanto a isso, como a senhora vai ouvir.

> Prezado senhor,
>
> O desacordo que subsistia entre o senhor e meu falecido e honrado pai sempre me causou grande inquietação; e, desde que tive a infelicidade de perdê-lo, muitas vezes desejei sanar a ruptura; mas, por algum tempo, fui detido por minhas próprias dúvidas, temendo que pudesse parecer desrespeitoso à sua

memória que eu mantivesse boas relações com alguém com quem sempre lhe aprouvera estar em desavença. — "Aí está, sra. Bennet." — Minha decisão, contudo, está agora tomada a esse respeito; pois, tendo recebido a ordenação na Páscoa, tive a boa fortuna de ser distinguido com a proteção da Muito Honorável lady Catherine de Bourgh, viúva de sir Lewis de Bourgh, cuja generosidade e beneficência me elevaram à valiosa paróquia desta localidade, onde será meu mais sincero empenho conduzir-me com grato respeito para com Sua Senhoria, e estar sempre pronto a celebrar os ritos e cerimônias instituídos pela Igreja da Inglaterra. Como clérigo, além disso, sinto ser meu dever promover e estabelecer a bênção da paz em todas as famílias ao alcance de minha influência; e, com base nisso, lisonjeio-me de que minhas presentes demonstrações de boa vontade sejam altamente louváveis, e de que a circunstância de eu ser o próximo na linha do vínculo da propriedade de Longbourn seja benevolamente relevada da parte do senhor, e não o leve a rejeitar o ramo de oliveira que lhe ofereço. Não posso deixar de me afligir por ser o instrumento de prejuízo para suas amáveis filhas, e peço licença para me desculpar por isso, assim como para lhe assegurar de minha disposição de lhes oferecer toda reparação possível; mas disso trataremos adiante. Se o senhor não tiver objeção a me receber em sua casa, proponho-me a satisfação de visitá-lo, bem como à sua família, na segunda-feira, 18 de novembro, por volta das quatro horas, e provavelmente abusarei de sua hospitalidade até o sábado da semana seguinte, o que posso fazer sem inconveniente algum, pois lady Catherine está longe de se opor à minha ausência ocasional num domingo,

contanto que algum outro clérigo seja contratado para cumprir o ofício do dia. Subscrevo-me, prezado senhor, com respeitosos cumprimentos à sua esposa e filhas, seu amigo e admirador,

WILLIAM COLLINS.

— Às quatro horas, portanto, podemos esperar esse cavalheiro pacificador — disse o sr. Bennet, dobrando a carta. — Parece um jovem dos mais conscienciosos e polidos, palavra de honra; e, não duvido, há de se revelar uma relação valiosa, sobretudo se lady Catherine for indulgente a ponto de deixá-lo vir nos visitar outra vez.

— Há algum juízo no que ele diz sobre as meninas, entretanto; e, se ele estiver disposto a lhes oferecer alguma reparação, não serei eu a pessoa que o desanimará.

— Embora seja difícil — disse Jane — adivinhar de que modo ele pretende nos oferecer a compensação que julga nos ser devida, o desejo certamente fala a seu favor.

Elizabeth ficou impressionada sobretudo com a extraordinária deferência dele por lady Catherine e com sua bondosa intenção de batizar, casar e enterrar os paroquianos sempre que fosse necessário.

— Deve ser um sujeito esquisito, acho eu — disse ela. — Não consigo entendê-lo. Há algo muito pomposo no seu estilo. E o que ele pode querer dizer ao se desculpar por ser o próximo no vínculo? Não podemos supor que ele o evitaria, se pudesse. Será um homem sensato, papai?

— Não, minha cara; acho que não. Tenho grandes esperanças de encontrá-lo exatamente o contrário. Há na carta dele uma mistura de servilismo e presunção que promete muito. Estou impaciente para vê-lo.

— Do ponto de vista da composição — disse Mary —, a carta não parece defeituosa. A ideia do ramo de oliveira talvez não seja inteiramente nova, mas acho que está bem expressa.

Para Catherine e Lydia, nem a carta nem o seu autor tinham o menor interesse. Era quase impossível que o primo aparecesse de casaca escarlate, e já fazia algumas semanas que elas não sentiam prazer na companhia de um homem vestido de qualquer outra cor. Quanto à mãe, a carta do sr. Collins dissipara boa parte de sua má vontade, e ela se preparava para recebê-lo com um grau de serenidade que espantou o marido e as filhas.

O sr. Collins foi pontual, e foi recebido com grande polidez por toda a família. O sr. Bennet, na verdade, disse pouco; mas as senhoras estavam bem dispostas a conversar, e o sr. Collins não parecia precisar de encorajamento, nem inclinado a ficar calado. Era um jovem alto e de aspecto pesado, de vinte e cinco anos. Tinha um ar grave e solene, e suas maneiras eram muito formais. Não fazia muito que se sentara quando cumprimentou a sra. Bennet por ter uma família de filhas tão belas; disse que ouvira falar muito da beleza delas, mas que, neste caso, a fama ficara aquém da verdade; e acrescentou que não duvidava de que ela as veria todas, no devido tempo, bem casadas. Essa galanteria não agradou muito a alguns dos ouvintes; mas

a sra. Bennet, que não brigava com elogio nenhum, respondeu com toda a prontidão:

— O senhor é muito gentil, de fato; e desejo de todo o coração que assim seja; pois, do contrário, elas ficarão bem desamparadas. As coisas foram arranjadas de um modo tão estranho...

— A senhora se refere, talvez, ao vínculo desta propriedade.

— Ah, senhor, refiro-me sim. É um caso penoso para minhas pobres meninas, o senhor há de convir. Não que eu pretenda culpar o *senhor*, pois sei que essas coisas são todas obra do acaso neste mundo. Não há como saber para onde vão as propriedades depois que ficam vinculadas.

— Estou muito ciente, minha senhora, da dificuldade de minhas belas primas, e poderia dizer muito a esse respeito, não fosse o meu receio de parecer atrevido e precipitado. Mas posso assegurar às jovens que venho preparado para admirá-las. Por ora não direi mais, mas, talvez, quando nos conhecermos melhor...

Foi interrompido pelo chamado para o jantar; e as meninas sorriram umas para as outras. Não eram elas os únicos objetos da admiração do sr. Collins. O vestíbulo, a sala de jantar e toda a sua mobília foram examinados e elogiados; e seus louvores a tudo teriam tocado o coração da sra. Bennet, não fosse a mortificante suposição de que ele encarava tudo aquilo como sua futura propriedade. O jantar, por sua vez, também foi muito admirado; e ele pediu que lhe dissessem a qual de suas belas primas se devia a excelência daquela cozinha.

Mas aqui foi corrigido pela sra. Bennet, que lhe garantiu, com certa aspereza, que eles estavam perfeitamente em condições de manter uma boa cozinheira, e que suas filhas não tinham nada que fazer na cozinha. Ele pediu perdão por tê-la desagradado. Em tom mais brando, ela declarou que não se ofendera de modo algum; mas ele continuou a se desculpar por cerca de um quarto de hora.

XIV



Durante o jantar, o sr. Bennet mal abriu a boca; mas, quando os criados se retiraram, achou que era hora de conversar um pouco com o hóspede, e por isso lançou um assunto em que esperava vê-lo brilhar, observando que ele parecia muito afortunado com sua protetora. A atenção de lady Catherine de Bourgh aos seus desejos, e a consideração pelo seu conforto, pareciam muito notáveis. O sr. Bennet não poderia ter escolhido melhor. O sr. Collins foi eloquente em seu louvor. O assunto

elevou-o a uma solenidade de maneiras acima do habitual; e, com o ar mais importante, afirmou que nunca na vida testemunhara tal comportamento numa pessoa de posição — tanta afabilidade e condescendência quanto ele próprio recebera de lady Catherine. Ela se dignara graciosamente a aprovar ambos os sermões que ele já tivera a honra de pregar diante dela. Também o convidara duas vezes para jantar em Rosings, e mandara chamá-lo ainda no sábado anterior, para completar sua mesa de *quadrille* à noite. Lady Catherine era tida por orgulhosa por muita gente, ele sabia, mas *ele* nunca vira nela senão afabilidade. Ela sempre lhe falara como falaria a qualquer outro cavalheiro; não fazia a menor objeção a que ele frequentasse a sociedade da vizinhança, nem a que deixasse a paróquia de vez em quando, por uma ou duas semanas, para visitar os parentes. Chegara mesmo a condescender em aconselhá-lo a casar-se assim que pudesse, contanto que escolhesse com discernimento; e uma vez lhe fizera uma visita em seu humilde presbitério, onde aprovara inteiramente todas as modificações que ele vinha fazendo, e até se dignara a sugerir algumas ela própria — umas prateleiras nos armários do andar de cima.

— Isso tudo é muito correto e cortês, sem dúvida — disse a sra. Bennet —, e imagino que ela seja uma mulher muito agradável. É uma pena que as grandes damas, em geral, não se pareçam mais com ela. Ela mora perto do senhor?

— O jardim em que se ergue a minha humilde morada é separado apenas por um caminho de Rosings Park, a residência de Sua Senhoria.

— Creio que o senhor disse que ela é viúva? Tem família?

— Tem uma única filha, herdeira de Rosings e de uma propriedade muito extensa.

— Ah — exclamou a sra. Bennet, balançando a cabeça —, então ela está em melhor situação que muitas moças. E que tipo de jovem é ela? É bonita?

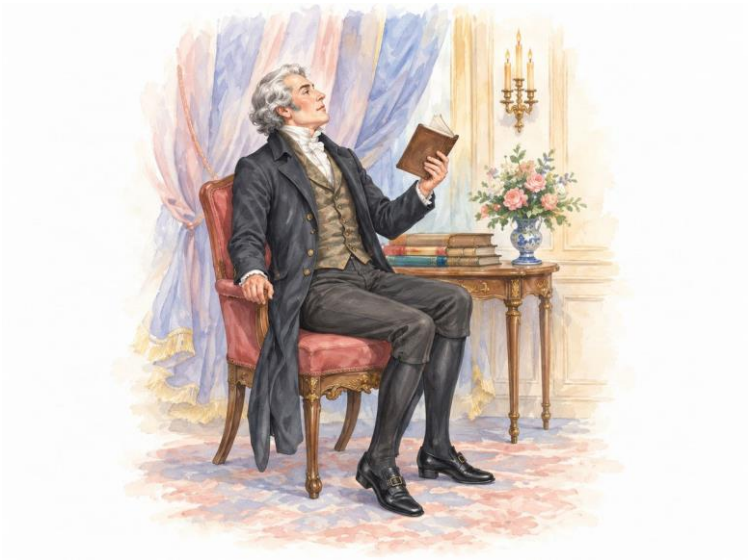
— É uma jovem encantadora, de fato. A própria lady Catherine diz que, em matéria de verdadeira beleza, a srta. de Bourgh é muito superior às mais belas de seu sexo; porque há em suas feições algo que distingue a jovem de nascimento ilustre. Infelizmente, é de constituição enfermiça, o que a impediu de fazer, em muitas prendas, os progressos que de outro modo não teria deixado de alcançar, segundo me informa a senhora que superintendeu sua educação e que ainda reside com elas. Mas é perfeitamente amável, e muitas vezes condescende em passar diante da minha humilde morada em seu pequeno faetonte puxado por pôneis.

— Ela já foi apresentada na corte? Não me lembro do nome dela entre as damas apresentadas.

— Seu precário estado de saúde infelizmente a impede de ir a Londres; e, por esse motivo, como eu mesmo disse um dia a lady Catherine, privou a corte britânica de seu mais brilhante ornamento. Sua Senhoria pareceu satisfeita com a ideia; e a senhora pode imaginar que me sinto feliz, em toda ocasião, em oferecer esses pequenos cumprimentos delicados que

são sempre bem recebidos pelas damas. Mais de uma vez observei a lady Catherine que sua encantadora filha parecia nascida para ser duquesa; e que a posição mais elevada, em vez de lhe dar importância, seria por ela adornada. São essas as pequenas coisas que agradam a Sua Senhoria, e é uma espécie de atenção que me julgo particularmente obrigado a prestar.

— O senhor julga muito bem — disse o sr. Bennet —, e é uma felicidade que possua o talento de lisonjear com delicadeza. Posso perguntar se essas atenções agradáveis procedem do impulso do momento ou são resultado de estudo prévio?



— Nascem sobretudo do que se passa na ocasião; e, embora às vezes eu me divirta em imaginar e arranjar pequenos cumprimentos elegantes que possam

adaptar-se às ocasiões comuns, sempre procuro dar-lhes um ar tão espontâneo quanto possível.

As expectativas do sr. Bennet foram plenamente satisfeitas. O primo era tão absurdo quanto ele esperara; e ouviu-o com o mais vivo deleite, mantendo ao mesmo tempo a mais resoluta compostura no semblante e, a não ser por um olhar ocasional a Elizabeth, sem precisar de companhia em seu prazer.

À hora do chá, porém, a dose já fora suficiente, e o sr. Bennet ficou contente em levar o hóspede de volta à sala de visitas e, terminado o chá, contente em convidá-lo a ler em voz alta para as senhoras. O sr. Collins aceitou de bom grado, e um livro foi trazido; mas, ao vê-lo (pois tudo anunciava que vinha de uma biblioteca circulante), recuou e, pedindo perdão, declarou que nunca lia romances. Kitty ficou olhando para ele, e Lydia soltou uma exclamação. Outros livros foram trazidos, e, depois de alguma deliberação, ele escolheu os *Sermões* de Fordyce. Lydia bocejou quando ele abriu o volume; e, antes que ele tivesse lido três páginas, com solenidade muito monótona, ela o interrompeu:

— Sabe, mamãe, que o tio Philips fala em despedir o Richard? E, se ele o fizer, o coronel Forster vai contratá-lo. A titia mesma me disse isso no sábado. Amanhã vou a pé até Meryton para saber mais a respeito, e para perguntar quando o sr. Denny volta de Londres.

Lydia foi mandada calar-se pelas duas irmãs mais velhas; mas o sr. Collins, muito ofendido, pôs o livro de lado e disse:

— Tenho observado com frequência como as jovens se interessam pouco por livros de cunho sério, embora

escritos unicamente para o seu benefício. Isso me espanta, confesso; pois certamente nada pode ser tão vantajoso para elas quanto a instrução. Mas não importunarei mais a minha jovem prima.

Então, voltando-se para o sr. Bennet, ofereceu-se como seu adversário no gamão. O sr. Bennet aceitou o desafio, observando que ele agia com muita sabedoria ao deixar as meninas com suas frívolas diversões. A sra. Bennet e as filhas desculparam-se com toda a cortesia pela interrupção de Lydia, e prometeram que não voltaria a acontecer, se ele retomasse o livro; mas o sr. Collins, depois de lhes assegurar que não guardava rancor da jovem prima e que jamais tomaria seu comportamento como uma afronta, sentou-se a outra mesa com o sr. Bennet e preparou-se para o gamão.

XV



O sr. Collins não era um homem sensato, e a deficiência da natureza fora muito pouco remediada pela educação ou pelo convívio social; a maior parte de sua vida transcorrera sob a orientação de um pai ignorante e avarento; e, embora tivesse frequentado uma das universidades, limitara-se a cumprir os períodos obrigatórios, sem formar ali nenhuma relação útil. A sujeição em que o pai o criara dera-lhe, originalmente, grande humildade de maneiras; mas ela

era agora em boa medida contrabalançada pela presunção de uma cabeça fraca, vivendo em retiro, e pelo sentimento de importância de uma prosperidade precoce e inesperada. Um acaso feliz o recomendara a lady Catherine de Bourgh quando o benefício de Hunsford estava vago; e o respeito que sentia pela alta posição dela, e sua veneração por ela como protetora, misturando-se a uma excelente opinião de si mesmo, de sua autoridade como clérigo e de seus direitos como pároco, faziam dele, no conjunto, uma mistura de orgulho e servilismo, de presunção e humildade.

Tendo agora uma boa casa e uma renda muito suficiente, pretendia casar-se; e, ao buscar a reconciliação com a família de Longbourn, tinha uma esposa em vista, pois pretendia escolher uma das filhas, se as achasse tão bonitas e amáveis quanto a voz corrente as descrevia. Era esse o seu plano de reparação — de compensação — por herdar a propriedade do pai delas; e ele o julgava excelente, cheio de conveniência e adequação, e extremamente generoso e desinteressado de sua parte.

O plano não se alterou quando as viu. O belo rosto da srta. Bennet confirmou suas intenções e firmou todas as suas mais estritas noções sobre o que se devia à primogenitura; e, na primeira noite, *ela* foi a sua escolha definitiva. A manhã seguinte, contudo, trouxe uma modificação; pois, num *tête-à-tête* de um quarto de hora com a sra. Bennet antes do café da manhã, uma conversa que começou pela casa paroquial e conduziu naturalmente à confissão de suas esperanças de que se pudesse encontrar em Longbourn uma dona para ela,

arrancou da senhora, em meio a sorrisos muito complacentes e encorajamento geral, uma advertência justamente contra a Jane em quem ele se fixara. "Quanto às filhas *mais novas*, ela não podia se arriscar a dizer... não podia responder com certeza... mas não *sabia* de nenhuma inclinação; a filha *mais velha*, isso ela precisava mencionar... sentia-se na obrigação de insinuar, provavelmente ficaria noiva muito em breve."

O sr. Collins só teve de trocar Jane por Elizabeth — e logo o fez — enquanto a sra. Bennet atiçava o fogo. Elizabeth, que vinha logo depois de Jane tanto em idade quanto em beleza, sucedeu-a naturalmente.

A sra. Bennet guardou a insinuação como um tesouro, e confiou em que logo poderia ter duas filhas casadas; e o homem de quem, na véspera, ela não suportava falar, gozava agora de suas melhores graças.

A intenção de Lydia de ir a pé até Meryton não fora esquecida: todas as irmãs, exceto Mary, concordaram em acompanhá-la; e o sr. Collins deveria escoltá-las, a pedido do sr. Bennet, que estava ansiosíssimo por livrar-se dele e ter a biblioteca só para si; pois até lá o sr. Collins o seguira depois do café da manhã, e lá permaneceria, nominalmente ocupado com um dos maiores in-fólios da coleção, mas na verdade falando ao sr. Bennet, quase sem parar, de sua casa e de seu jardim em Hunsford. Tais procedimentos perturbavam extraordinariamente o sr. Bennet. Em sua biblioteca, ele sempre tivera a certeza de encontrar sossego e tranquilidade; e, embora estivesse preparado, como disse a Elizabeth, para deparar com tolice e presunção em qualquer outro cômodo da casa, estava acostumado

a ficar livre delas ali; sua cortesia, portanto, foi das mais prontas ao convidar o sr. Collins a juntar-se às filhas no passeio; e o sr. Collins, sendo de fato muito mais talhado para caminhante do que para leitor, ficou extremamente satisfeito em fechar o seu grande livro e ir.

Entre pomposas banalidades da parte dele e corteses assentimentos da parte das primas, o tempo passou até que entraram em Meryton. A atenção das mais novas, então, já não podia ser conquistada por *ele*. Seus olhos vaguearam imediatamente rua acima em busca dos oficiais, e nada menos que uma touca muito elegante, de fato, ou uma musselina realmente nova na vitrine de uma loja, seria capaz de reconquistá-los.

Mas a atenção de todas as moças foi logo atraída por um jovem que nunca haviam visto antes, de aparência das mais distintas, caminhando com um oficial do outro lado da rua. O oficial era justamente o sr. Denny, sobre cujo regresso de Londres Lydia vinha indagar, e ele as cumprimentou ao passar. Todas ficaram impressionadas com o ar do desconhecido, todas se perguntaram quem poderia ser; e Kitty e Lydia, decididas a descobrir, se possível, tomaram a dianteira para atravessar a rua, sob o pretexto de precisarem de alguma coisa numa loja em frente, e por sorte acabavam de alcançar a calçada quando os dois cavalheiros, voltando sobre seus passos, chegaram ao mesmo ponto. O sr. Denny dirigiu-se a elas diretamente, e pediu permissão para apresentar seu amigo, o sr. Wickham, que voltara com ele de Londres na véspera e, tinha o prazer de dizer, aceitara uma patente em seu

regimento. Era exatamente como devia ser; pois ao jovem só faltava a farda para torná-lo completamente encantador. Sua aparência falava muito a seu favor: tinha todas as melhores partes da beleza, um belo semblante, um bom porte e um trato muito agradável. À apresentação seguiu-se, da parte dele, uma feliz desenvoltura na conversa — uma desenvoltura ao mesmo tempo perfeitamente correta e despretensiosa; e todo o grupo ainda estava parado, conversando muito agradavelmente, quando o som de cavalos lhes chamou a atenção, e Darcy e Bingley foram vistos descendo a rua a cavalo. Ao distinguirem as senhoras do grupo, os dois cavalheiros vieram diretamente na direção delas e começaram as cortesias de praxe. Bingley era o principal porta-voz, e a srta. Bennet o principal objeto. Estava naquele momento, disse ele, a caminho de Longbourn com o propósito de saber notícias dela. O sr. Darcy corroborou-o com uma reverência, e começava a decidir-se a não fixar os olhos em Elizabeth, quando eles foram subitamente detidos pela visão do desconhecido; e Elizabeth, que por acaso viu o semblante de ambos enquanto se olhavam, ficou tomada de espanto com o efeito daquele encontro. Os dois mudaram de cor; um ficou pálido, o outro vermelho. O sr. Wickham, depois de alguns instantes, tocou o chapéu — saudação que o sr. Darcy mal se dignou a retribuir. O que poderia significar aquilo? Era impossível imaginar; era impossível não ansiar por saber.

Um minuto depois, o sr. Bingley, mas sem parecer ter notado o que se passara, despediu-se e seguiu a cavalo com o amigo.

O sr. Denny e o sr. Wickham acompanharam as jovens até a porta da casa do sr. Philips, e então fizeram suas reverências de despedida, a despeito das insistentes súplicas da srta. Lydia para que entrassem, e a despeito até de a sra. Philips escancarar a janela da saleta e secundar em voz alta o convite.

A sra. Philips ficava sempre contente em ver as sobrinhas; e as duas mais velhas, por causa da recente ausência, foram particularmente bem-vindas; e ela expressava avidamente sua surpresa com o súbito regresso delas a casa, do qual, como a carruagem da família não fora buscá-las, nada teria sabido se por acaso não tivesse visto na rua o caixeiro do sr. Jones, que lhe dissera que não deviam mais mandar remédios para Netherfield porque as srtas. Bennet tinham ido embora — quando sua cortesia foi requisitada em favor do sr. Collins pela apresentação que Jane fez dele. Ela o recebeu com a sua melhor polidez, que ele retribuiu com outra ainda maior, desculpando-se pela intrusão, sem nenhuma relação prévia com ela, que, entretanto, ele não podia deixar de se lisonjear que fosse justificada pelo seu parentesco com as jovens que o apresentavam à sua atenção. A sra. Philips ficou bastante intimidada por tamanho excesso de boa educação; mas sua contemplação de um desconhecido logo foi interrompida por exclamações e perguntas sobre o outro, a respeito do qual, contudo, só pôde dizer às sobrinhas o que elas já sabiam: que o sr. Denny o trouxera de Londres e que ele receberia uma patente de tenente no ----shire. Ela estivera a observá-lo na última hora, disse, enquanto ele andava pela rua para cima e

para baixo — e, se o sr. Wickham tivesse aparecido, Kitty e Lydia certamente teriam continuado a mesma ocupação; mas, infelizmente, ninguém passava agora diante das janelas a não ser alguns oficiais, que, em comparação com o desconhecido, se haviam tornado "sujeitos estúpidos e desagradáveis". Alguns deles iam jantar com os Philips no dia seguinte, e a tia prometeu fazer o marido visitar o sr. Wickham e convidá-lo também, se a família de Longbourn viesse à noite. Assim ficou combinado; e a sra. Philips garantiu que teriam um bom e animado jogo de loteria, bem ruidoso, e um pouco de ceia quente depois. A perspectiva de tais delícias foi muito animadora, e separaram-se com mútuo bom ânimo. O sr. Collins repetiu suas desculpas ao deixar a sala, e recebeu a garantia, com incansável cortesia, de que eram perfeitamente desnecessárias.

No caminho de volta, Elizabeth contou a Jane o que vira passar-se entre os dois cavalheiros; mas, embora Jane fosse capaz de defender um deles ou ambos, caso parecessem estar errados, não conseguia explicar tal comportamento mais do que a irmã.

O sr. Collins, ao regressar, agradou muito à sra. Bennet admirando as maneiras e a polidez da sra. Philips. Afirmou que, exceto lady Catherine e a filha, nunca vira mulher mais elegante; pois ela não apenas o recebera com a máxima cortesia, como até o incluíra expressamente no convite para a noite seguinte, embora antes lhe fosse inteiramente desconhecido. Algo, ele supunha, talvez se devesse ao seu parentesco com a família; mas, ainda assim, nunca encontrara tanta atenção em toda a sua vida.

XVI



Como não se fez objeção alguma ao compromisso dos jovens com a tia, e todos os escrúpulos do sr. Collins em deixar o sr. e a sra. Bennet por uma única noite durante sua visita foram firmemente rechaçados, a carruagem conduziu-o, com as cinco primas, em hora conveniente, a Meryton; e as meninas tiveram o prazer de ouvir, ao entrar na sala de visitas, que o sr. Wickham aceitara o convite do tio e já se encontrava na casa.

Dada essa informação, e tendo todos tomado seus lugares, o sr. Collins pôde à vontade olhar em redor e admirar, e ficou tão impressionado com o tamanho e a mobília do aposento que declarou quase poder supor-se na pequena sala de café de verão de Rosings; comparação que a princípio não causou grande satisfação; mas, quando a sra. Philips compreendeu por ele o que era Rosings e quem era sua proprietária, quando ouviu a descrição de apenas uma das salas de visitas de lady Catherine e soube que só a lareira custara oitocentas libras, sentiu toda a força do cumprimento, e mal se ressentiria de uma comparação com o quarto da governanta.

Descrevendo-lhe toda a grandeza de lady Catherine e de sua mansão, com digressões ocasionais em louvor de sua própria humilde morada e das melhorias que ela vinha recebendo, ele se manteve felizmente ocupado até que os cavalheiros se juntassem a eles; e encontrou na sra. Philips uma ouvinte muito atenta, cuja opinião sobre a importância dele crescia com o que ouvia, e que já resolvia repetir tudo aos vizinhos assim que pudesse. Para as meninas, que não conseguiam ouvir o primo e nada tinham a fazer senão desejar um instrumento e examinar suas próprias medíocres imitações de porcelana sobre a lareira, o intervalo de espera pareceu muito longo. Acabou por fim, contudo. Os cavalheiros aproximaram-se; e, quando o sr. Wickham entrou na sala, Elizabeth sentiu que não o vira antes, nem pensara nele desde então, com o menor grau de admiração descabida. Os oficiais do ----shire eram, em geral, um grupo muito respeitável e de maneiras de cavalheiro, e

os melhores deles estavam na reunião daquela noite; mas o sr. Wickham estava tão acima de todos em figura, semblante, ar e andar quanto *eles* eram superiores ao tio Philips, de rosto largo e ar abafado, exalando vinho do Porto, que os seguiu para dentro da sala.

O sr. Wickham era o homem feliz para quem quase todos os olhos femininos se voltavam, e Elizabeth era a mulher feliz junto de quem ele por fim se sentou; e o modo agradável com que imediatamente puxou conversa, ainda que apenas sobre a noite úmida e a probabilidade de uma estação chuvosa, fez com que ela sentisse que o assunto mais comum, mais enfadonho e mais batido podia tornar-se interessante pela habilidade de quem fala.

Com rivais como o sr. Wickham e os oficiais disputando a atenção do belo sexo, o sr. Collins pareceu afundar na insignificância; para as jovens, ele certamente não era nada; mas ainda tinha, a intervalos, uma ouvinte bondosa na sra. Philips, e era, graças à vigilância dela, abundantemente suprido de café e bolinhos.

Quando as mesas de jogo foram armadas, ele teve a oportunidade de retribuir a gentileza, sentando-se para jogar *whist*.

— Sei pouco do jogo por enquanto — disse ele —, mas ficarei contente em me aperfeiçoar; pois, na minha situação de vida...

A sra. Philips ficou muito grata pela sua boa vontade, mas não pôde esperar pela explicação.

O sr. Wickham não jogava *whist*, e foi recebido com pronta alegria na outra mesa, entre Elizabeth e Lydia. A

princípio, parecia haver o perigo de Lydia o monopolizar por completo, pois era uma conversadora das mais determinadas; mas, sendo também extremamente afeiçoada à loteria, logo se interessou demais pelo jogo, ávida demais em fazer apostas e exclamar a cada prêmio, para ter atenção para alguém em particular. Descontadas as exigências comuns do jogo, o sr. Wickham ficou, portanto, à vontade para conversar com Elizabeth, e ela estava muito disposta a ouvi-lo, embora não pudesse esperar que lhe contassem o que mais desejava ouvir: a história de sua relação com o sr. Darcy. Não ousou sequer mencionar aquele cavalheiro. Sua curiosidade, contudo, foi inesperadamente satisfeita. O próprio sr. Wickham iniciou o assunto. Perguntou a que distância Netherfield ficava de Meryton; e, depois de receber a resposta, indagou, com certa hesitação, há quanto tempo o sr. Darcy estava hospedado ali.

— Há cerca de um mês — disse Elizabeth; e então, não querendo deixar cair o assunto, acrescentou: — É um homem de propriedades muito vastas em Derbyshire, pelo que entendo.



— Sim — respondeu Wickham —, a propriedade dele lá é magnífica. Dez mil libras por ano, líquidas. A senhorita não poderia ter encontrado pessoa mais capaz de lhe dar informações seguras a esse respeito do que eu, pois estive ligado à família dele, de modo particular, desde a infância.

Elizabeth não pôde deixar de mostrar surpresa.

— A senhorita bem pode se surpreender, srta. Bennet, com tal afirmação, depois de ter visto, como provavelmente viu, a frieza do nosso encontro de ontem. Conhece bem o sr. Darcy?

— Tanto quanto jamais desejarei conhecê-lo — exclamou Elizabeth com calor. — Passei quatro dias na mesma casa que ele, e acho-o muito desagradável.

— Não tenho o direito de dar a *minha* opinião — disse Wickham — sobre ele ser agradável ou não. Não estou

qualificado para formar uma. Conheço-o há tempo demais, e bem demais, para ser um juiz imparcial. É impossível para *mim* ser imparcial. Mas creio que a opinião da senhorita sobre ele, em geral, causaria espanto... e talvez a senhorita não a expressasse com tanta força em qualquer outro lugar. Aqui está entre sua própria família.

— Palavra de honra que não digo *aqui* mais do que diria em qualquer casa da vizinhança, exceto Netherfield. Ele não é nada estimado em Hertfordshire. Todos estão enojados com o seu orgulho. O senhor não o encontrará descrito de forma mais favorável por ninguém.

— Não posso fingir que lamento — disse Wickham, após uma breve interrupção — que ele, ou qualquer homem, não seja estimado além do que merece; mas, com *ele*, creio que isso não acontece com frequência. O mundo é cegado pela sua fortuna e posição, ou intimidado pelas suas maneiras altivas e imponentes, e o vê apenas como ele escolhe ser visto.

— Eu o tomaria, mesmo com o *meu* pouco conhecimento, por um homem de mau gênio.

Wickham apenas balançou a cabeça.

— Pergunto-me — disse ele, na primeira oportunidade de falar — se é provável que ele fique nesta região por muito mais tempo.

— Não sei absolutamente; mas nada *ouvi* sobre a partida dele quando estive em Netherfield. Espero que os planos do senhor em favor do ----shire não sejam afetados pela presença dele na vizinhança.

— Oh, não... não cabe a *mim* ser afastado pelo sr. Darcy. Se *ele* quiser evitar ver-*me*, que se vá. Não estamos em termos amistosos, e sempre me causa dor encontrá-lo, mas não tenho razão para evitá-lo senão a que eu poderia proclamar ao mundo inteiro: o sentimento de ter sido muito maltratado, e o mais doloroso pesar por ele ser o que é. O pai dele, srta. Bennet, o falecido sr. Darcy, foi um dos melhores homens que já respiraram, e o amigo mais verdadeiro que já tive; e nunca posso estar na companhia deste sr. Darcy sem me sentir afligido até a alma por mil ternas recordações. O comportamento dele para comigo foi escandaloso; mas creio sinceramente que eu poderia perdoar-lhe tudo e qualquer coisa, menos ter frustrado as esperanças e desonrado a memória do pai.

Elizabeth sentiu crescer o interesse do assunto, e ouvia com toda a alma; mas a delicadeza da matéria impedia mais perguntas.

O sr. Wickham passou a falar de temas mais gerais — Meryton, a vizinhança, a sociedade —, parecendo altamente satisfeito com tudo o que vira até então, e falando desta última, em especial, com uma galanteria suave, mas muito compreensível.

— Foi a perspectiva de sociedade constante, e de boa sociedade — acrescentou —, o meu principal incentivo para entrar no ----shire. Sei que é um regimento dos mais respeitáveis e agradáveis; e meu amigo Denny tentou-me ainda mais com o relato de seus atuais quartéis, e das grandes atenções e excelentes relações que Meryton lhes proporcionara. A sociedade, confesso, me é necessária. Tenho sido um homem desiludido, e

meu ânimo não suporta a solidão. *Preciso* de ocupação e de companhia. A vida militar não é aquela a que eu me destinava, mas as circunstâncias agora a tornaram conveniente. A Igreja *deveria* ter sido a minha profissão; fui criado para a Igreja; e a esta altura estaria de posse de um benefício dos mais valiosos, se assim tivesse aprazido ao cavalheiro de quem falávamos há pouco.

— Não me diga!

— Sim... o falecido sr. Darcy legou-me a próxima apresentação ao melhor benefício de que dispunha. Era meu padrinho, e extremamente afeiçoado a mim. Não consigo fazer justiça à sua bondade. Pretendia prover-me amplamente, e julgava tê-lo feito; mas, quando o benefício vagou, foi dado a outro.

— Céus! — exclamou Elizabeth. — Mas como pôde *isso* acontecer? Como puderam desrespeitar o testamento dele? Por que o senhor não buscou reparação na justiça?

— Havia justamente uma tal informalidade nos termos do legado que não me dava esperança alguma na lei. Um homem de honra não poderia ter duvidado da intenção, mas o sr. Darcy preferiu duvidar dela — ou tratá-la como mera recomendação condicional, e afirmar que eu perdera todo o direito a ela por extravagância, imprudência, em suma, por qualquer coisa ou por coisa nenhuma. O certo é que o benefício vagou há dois anos, exatamente quando eu atingia a idade de ocupá-lo, e que foi dado a outro homem; e não menos certo é que não posso me acusar de ter feito realmente algo que merecesse perdê-lo. Tenho um temperamento ardente e pouco cauteloso, e talvez às

vezes tenha expressado minha opinião *sobre* ele, e *a* ele, com liberdade demais. Não consigo me lembrar de nada pior. Mas o fato é que somos homens de tipos muito diferentes, e que ele me odeia.

— Isso é chocante! Ele merece ser desonrado publicamente.

— Um dia ou outro *será*... mas não por *mim*. Enquanto não puder esquecer o pai dele, jamais poderei desafiá-lo ou expô-lo.

Elizabeth honrou-o por tais sentimentos, e achou-o mais bonito do que nunca enquanto os expressava.

— Mas qual — disse ela, após uma pausa — pode ter sido o motivo dele? O que pode tê-lo induzido a se comportar com tanta crueldade?

— Uma aversão completa e decidida a mim... uma aversão que não posso deixar de atribuir, em certa medida, ao ciúme. Se o falecido sr. Darcy gostasse menos de mim, o filho talvez me tolerasse melhor; mas a afeição incomum do pai por mim irritou-o, creio, desde muito cedo na vida. Ele não tinha temperamento para suportar o tipo de competição em que nos encontrávamos — o tipo de preferência que muitas vezes me era dada.

— Eu não imaginava o sr. Darcy tão mau assim... embora nunca tenha gostado dele, não pensava tão mal dele... Supunha que desprezasse os semelhantes em geral, mas não suspeitava que descesse a uma vingança tão maliciosa, a tal injustiça, a tal desumanidade!

Depois de alguns minutos de reflexão, contudo, ela continuou:

— *Lembro-me*, sim, de ele se gabar um dia, em Netherfield, da implacabilidade de seus ressentimentos, de ter um temperamento que não perdoa. A índole dele deve ser terrível.

— Não confio em mim mesmo nesse assunto — respondeu Wickham. — *Eu* dificilmente consigo ser justo com ele.

Elizabeth mergulhou outra vez em profunda reflexão, e depois de algum tempo exclamou:

— Tratar de tal modo o afilhado, o amigo, o favorito do próprio pai!

Poderia ter acrescentado: "E, ainda por cima, um jovem como o *senhor*, cujo próprio semblante atesta que é amável". Mas contentou-se com:

— E alguém que, ainda por cima, provavelmente fora seu companheiro desde a infância, ligado a ele, como creio que o senhor disse, da maneira mais estreita.

— Nascemos na mesma paróquia, dentro do mesmo parque; a maior parte de nossa juventude foi passada juntos: moradores da mesma casa, partilhando os mesmos divertimentos, objetos do mesmo cuidado paternal. *Meu* pai começou a vida na profissão que o tio da senhorita, o sr. Philips, parece honrar tanto; mas abandonou tudo para ser útil ao falecido sr. Darcy, e dedicou todo o seu tempo à administração da propriedade de Pemberley. Era altamente estimado pelo sr. Darcy, um amigo dos mais íntimos e de confiança. O sr. Darcy muitas vezes reconheceu dever as maiores obrigações à diligente superintendência de meu pai; e, quando, imediatamente antes da morte de meu pai, o sr. Darcy lhe fez a promessa espontânea de prover ao meu

futuro, estou convencido de que ele sentia isso tanto como uma dívida de gratidão para com *ele* quanto de afeição por mim.

— Que estranho! — exclamou Elizabeth. — Que abominável! Admira-me que o próprio orgulho desse sr. Darcy não o tenha tornado justo com o senhor. Se não por motivo melhor, ao menos por não ser orgulhoso demais para ser desonesto... pois de desonestidade devo chamar isso.

— É de admirar — respondeu Wickham —, pois quase todas as ações dele podem ser atribuídas ao orgulho; e o orgulho tem sido muitas vezes o seu melhor amigo. Aproximou-o mais da virtude do que qualquer outro sentimento. Mas nenhum de nós é coerente; e, no comportamento dele para comigo, houve impulsos ainda mais fortes do que o orgulho.

— Pode um orgulho tão abominável como o dele ter-lhe feito algum bem?

— Sim; muitas vezes o levou a ser liberal e generoso; a dar seu dinheiro com largueza, a exercer a hospitalidade, a auxiliar os arrendatários e socorrer os pobres. O orgulho de família, e o orgulho *filial*, pois ele tem muito orgulho do que foi o pai, fizeram isso. Não parecer desonrar a família, não degenerar das qualidades apreciadas, não perder a influência da casa de Pemberley: eis um motivo poderoso. Ele tem também o orgulho *fraternal*, que, com *alguma* afeição fraternal, faz dele um tutor muito bondoso e cuidadoso da irmã; e a senhorita o ouvirá geralmente louvado como o mais atencioso e o melhor dos irmãos.

— Que tipo de moça é a srta. Darcy?

Ele balançou a cabeça.

— Gostaria de poder chamá-la de amável. Causa-me dor falar mal de um Darcy; mas ela se parece demais com o irmão... é muito, muito orgulhosa. Em criança, era afetuosa e agradável, e extremamente afeiçoada a mim; e dediquei horas e horas ao seu divertimento. Mas hoje ela não é nada para mim. É uma moça bonita, de uns quinze ou dezesseis anos, e, pelo que sei, muito prendada. Desde a morte do pai, mora em Londres, onde uma senhora vive com ela e superintende sua educação.

Depois de muitas pausas e muitas tentativas de outros assuntos, Elizabeth não pôde deixar de voltar mais uma vez ao primeiro, e disse:

— Espanta-me a intimidade dele com o sr. Bingley. Como pode o sr. Bingley, que parece o próprio bom humor e é, creio de verdade, genuinamente amável, ter amizade com um homem desses? Como podem combinar um com o outro? O senhor conhece o sr. Bingley?

— De modo algum.

— É um homem de gênio doce, amável, encantador. Não pode saber o que é o sr. Darcy.

— Provavelmente não; mas o sr. Darcy sabe agradar quando quer. Não lhe faltam capacidades. Pode ser um companheiro conversador, se julgar que vale a pena. Entre os que são, de algum modo, seus iguais em posição, é um homem muito diferente do que é para os menos prósperos. O orgulho nunca o abandona; mas com os ricos ele é liberal, justo, sincero, racional,

honrado e, talvez, agradável... descontando-se alguma coisa por conta da fortuna e da figura.

Pouco depois, desfazendo-se a mesa de *whist*, os jogadores reuniram-se em torno da outra mesa, e o sr. Collins tomou posição entre a prima Elizabeth e a sra. Philips. Esta lhe fez as perguntas de praxe sobre o seu sucesso. Não fora muito grande; ele perdera todas as rodadas; mas, quando a sra. Philips começou a expressar sua preocupação a respeito, ele lhe garantiu, com muita e séria gravidade, que não tinha a menor importância; que considerava aquele dinheiro uma mera bagatela, e pedia que ela não se inquietasse.

— Sei muito bem, minha senhora — disse ele —, que, quando as pessoas se sentam a uma mesa de jogo, devem correr o risco dessas coisas... e felizmente não estou em circunstâncias que façam de cinco xelins uma questão. Há, sem dúvida, muitos que não poderiam dizer o mesmo; mas, graças a lady Catherine de Bourgh, estou muito acima da necessidade de me preocupar com ninharias.

A atenção do sr. Wickham foi despertada; e, depois de observar o sr. Collins por alguns instantes, perguntou a Elizabeth em voz baixa se os parentes dela tinham relações muito íntimas com a família de Bourgh.

— Lady Catherine de Bourgh — respondeu ela — deu-lhe há muito pouco tempo um benefício. Mal sei como o sr. Collins foi apresentado a ela pela primeira vez, mas certamente não a conhece há muito.

— A senhorita sabe, naturalmente, que lady Catherine de Bourgh e lady Anne Darcy eram irmãs; e que, por conseguinte, ela é tia do atual sr. Darcy.

— Não, de fato, não sabia. Nada sabia das relações de parentesco de lady Catherine. Nunca ouvira falar da existência dela até anteontem.

— A filha dela, a srta. de Bourgh, terá uma fortuna enorme, e acredita-se que ela e o primo unirão as duas propriedades.

Essa informação fez Elizabeth sorrir, ao pensar na pobre srta. Bingley. Vãs, de fato, deviam ser todas as suas atenções, vã e inútil a sua afeição pela irmã dele e os seus louvores a ele próprio, se ele já estava destinado a outra.

— O sr. Collins — disse ela — fala com grande admiração tanto de lady Catherine quanto da filha; mas, por alguns detalhes que ele relatou sobre Sua Senhoria, desconfio que a gratidão o engana, e que, apesar de ser a protetora dele, ela é uma mulher arrogante e presunçosa.

— Creio que ela é ambas as coisas em alto grau — respondeu Wickham. — Não a vejo há muitos anos; mas lembro-me muito bem de que nunca gostei dela, e de que suas maneiras eram ditatoriais e insolentes. Ela tem a reputação de ser notavelmente sensata e inteligente; mas eu antes acredito que tira parte de suas capacidades da posição e da fortuna, parte de suas maneiras autoritárias, e o resto do orgulho do sobrinho, que faz questão de que todos os que lhe são ligados tenham uma inteligência de primeira ordem.

Elizabeth admitiu que ele dera uma explicação muito racional do caso, e continuaram a conversar com mútua satisfação até que a ceia pôs fim às cartas e deu às outras senhoras a sua parte nas atenções do sr. Wickham. Não

podia haver conversa no barulho da ceia da sra. Philips, mas as maneiras dele o recomendavam a todos. O que quer que dissesse, era bem dito; o que quer que fizesse, era feito com graça. Elizabeth foi embora com a cabeça cheia dele. Não conseguiu pensar em nada senão no sr. Wickham, e no que ele lhe contara, durante todo o caminho de volta; mas não teve tempo sequer de mencionar o nome dele enquanto seguiam, pois nem Lydia nem o sr. Collins ficaram calados um só instante. Lydia falava sem parar da loteria, das fichas que perdera e das fichas que ganhara; e o sr. Collins, descrevendo a cortesia do sr. e da sra. Philips, garantindo que não se importava nem um pouco com o que perdera no *whist*, enumerando todos os pratos da ceia, e temendo repetidamente estar apertando as primas, tinha mais a dizer do que era capaz de dar conta antes que a carruagem parasse diante da casa de Longbourn.

XVII



Elizabeth contou a Jane, no dia seguinte, o que se passara entre o sr. Wickham e ela. Jane ouviu com espanto e preocupação: não sabia como acreditar que o sr. Darcy pudesse ser tão indigno da estima do sr. Bingley; e, no entanto, não estava em sua natureza pôr em dúvida a veracidade de um jovem de aparência tão amável quanto Wickham. A possibilidade de ele ter realmente sofrido tal crueldade bastava para despertar todos os seus ternos sentimentos; e nada restava a

fazer, portanto, senão pensar bem de ambos, defender a conduta de cada um e lançar na conta do acaso ou do engano tudo o que não pudesse ser explicado de outro modo.

— Os dois — disse ela — foram enganados, imagino, de um modo ou de outro, sobre o qual não podemos fazer ideia. Pessoas interesseiras talvez tenham deturpado um aos olhos do outro. É, em suma, impossível para nós conjecturar as causas ou circunstâncias que possam tê-los afastado, sem culpa real de nenhum dos lados.

— É bem verdade; e agora, minha cara Jane, o que você tem a dizer em favor das pessoas interesseiras que provavelmente estiveram envolvidas no caso? Absolva-*as* também, ou seremos obrigadas a pensar mal de alguém.

— Ria o quanto quiser, mas não vai me fazer desistir da minha opinião com risos. Minha querida Lizzy, considere apenas em que luz vergonhosa isso coloca o sr. Darcy: tratar de tal maneira o favorito do pai, alguém a quem o pai prometera prover. É impossível. Nenhum homem de humanidade comum, nenhum homem que desse algum valor ao próprio caráter, seria capaz disso. Poderiam os amigos mais íntimos dele estar tão excessivamente enganados a seu respeito? Oh, não.

— É muito mais fácil para mim acreditar que o sr. Bingley foi iludido do que o sr. Wickham ter inventado uma história sobre si mesmo como a que me contou ontem à noite; nomes, fatos, tudo mencionado sem cerimônia. Se não for assim, que o sr. Darcy a desminta. Além disso, havia verdade no olhar dele.

— É difícil, de fato... é aflitivo. Não se sabe o que pensar.

— Perdão... sabe-se exatamente o que pensar.

Mas Jane só conseguia pensar com certeza em um ponto: que o sr. Bingley, se *tivesse sido* iludido, teria muito que sofrer quando o caso viesse a público.

As duas jovens foram chamadas do bosquete, onde se passava essa conversa, pela chegada de algumas das próprias pessoas de quem falavam: o sr. Bingley e as irmãs vinham fazer pessoalmente o convite para o tão esperado baile de Netherfield, marcado para a terça-feira seguinte. As duas senhoras ficaram encantadas em rever a querida amiga, disseram que fazia uma eternidade que não se viam, e perguntaram repetidamente o que ela andara fazendo desde que se separaram. Ao resto da família, deram pouca atenção; evitando a sra. Bennet o mais possível, dizendo pouco a Elizabeth, e nada a todos os outros. Logo se foram de novo, levantando-se dos assentos com uma agilidade que surpreendeu o irmão, e saindo às pressas, como se ansiosas por escapar às cortesias da sra. Bennet.

A perspectiva do baile de Netherfield era extremamente agradável a todas as mulheres da família. A sra. Bennet preferiu considerá-lo uma homenagem à filha mais velha, e ficou particularmente lisonjeada por receber o convite do próprio sr. Bingley, em vez de um cartão cerimonioso. Jane imaginou para si uma noite feliz na companhia das duas amigas e com as atenções do irmão delas; e Elizabeth pensou com prazer em dançar muito com o sr. Wickham, e em ver a confirmação de tudo no olhar e no comportamento do

sr. Darcy. A felicidade antecipada por Catherine e Lydia dependia menos de um acontecimento único ou de uma pessoa em particular; pois, embora cada uma, como Elizabeth, pretendesse dançar metade da noite com o sr. Wickham, ele não era de modo algum o único par que poderia satisfazê-las, e um baile era, de qualquer forma, um baile. E até Mary pôde garantir à família que não tinha nenhuma má vontade em relação a ele.

— Contanto que eu possa ter as manhãs para mim — disse ela —, é o bastante. Não considero um sacrifício participar ocasionalmente de compromissos noturnos. A sociedade tem direitos sobre todos nós; e confesso-me uma daquelas que consideram os intervalos de recreação e diversão desejáveis para todo mundo.

O ânimo de Elizabeth estava tão elevado com a ocasião que, embora ela não costumasse falar desnecessariamente com o sr. Collins, não pôde deixar de lhe perguntar se ele pretendia aceitar o convite do sr. Bingley e, em caso afirmativo, se julgaria apropriado participar da diversão da noite; e ficou bastante surpresa ao descobrir que ele não nutria escrúpulo algum a esse respeito, e estava muito longe de temer uma reprimenda, fosse do arcebispo, fosse de lady Catherine de Bourgh, por se aventurar a dançar.

— De modo algum sou de opinião, asseguro-lhe — disse ele —, que um baile desse tipo, oferecido por um jovem de caráter a pessoas respeitáveis, possa ter qualquer tendência maligna; e estou tão longe de me opor a dançar que espero ser honrado com as mãos de todas as minhas belas primas no decorrer da noite; e aproveito esta oportunidade para solicitar a sua, srta.

Elizabeth, especialmente para as duas primeiras danças; uma preferência que confio que minha prima Jane atribuirá à causa certa, e não a qualquer desrespeito para com ela.

Elizabeth sentiu-se completamente apanhada. Tinha plenamente a intenção de ser comprometida por Wickham justamente para aquelas danças; e ter o sr. Collins em vez dele! Sua vivacidade nunca fora tão inoportuna. Não havia remédio, contudo. A felicidade do sr. Wickham, e a sua própria, foi forçosamente adiada por mais um pouco, e a proposta do sr. Collins aceita com a melhor graça de que ela foi capaz. Ela não ficou mais satisfeita com a galanteria dele pela ideia que sugeria de algo mais. Pela primeira vez, ocorreu-lhe então que *ela* fora escolhida entre as irmãs como digna de ser a dona do presbitério de Hunsford, e de ajudar a compor uma mesa de *quadrille* em Rosings, na ausência de visitas mais adequadas. A ideia logo se converteu em convicção, à medida que ela observava as crescentes atenções dele para consigo e ouvia suas frequentes tentativas de cumprimento ao seu espírito e à sua vivacidade; e, embora ela própria estivesse mais espantada do que satisfeita com esse efeito de seus encantos, não tardou para que a mãe lhe desse a entender que a probabilidade do casamento entre os dois era extremamente agradável para *ela*. Elizabeth, porém, preferiu não captar a insinuação, bem ciente de que qualquer resposta teria como consequência uma séria discussão. O sr. Collins talvez nunca fizesse o pedido, e, até que o fizesse, era inútil brigar por causa dele.

Se não houvesse um baile em Netherfield para preparar e comentar, as srtas. Bennet mais novas teriam estado, nessa época, num estado lastimável; pois, do dia do convite ao dia do baile, houve uma tal sucessão de chuvas que as impediu de ir uma única vez a pé até Meryton. Nem tia, nem oficiais, nem notícias podiam ser procurados; até as rosetas dos sapatos para Netherfield tiveram de ser obtidas por intermédio de outros. Mesmo Elizabeth talvez tivesse encontrado alguma prova para a sua paciência num tempo que suspendia totalmente o progresso de sua relação com o sr. Wickham; e nada menos que um baile na terça-feira poderia ter tornado suportáveis, para Kitty e Lydia, aquela sexta-feira, aquele sábado, aquele domingo e aquela segunda-feira.

XVIII



Até Elizabeth entrar na sala de visitas de Netherfield e procurar em vão o sr. Wickham entre o grupo de casacas vermelhas ali reunido, jamais lhe ocorrera duvidar de sua presença. A certeza de encontrá-lo não fora abalada por nenhuma daquelas lembranças que, não sem razão, poderiam tê-la alarmado. Vestira-se com mais esmero do que de costume e preparara-se, no melhor dos ânimos, para a conquista de tudo o que ainda restava por subjugar no coração dele, confiante de

que não era mais do que se pudesse ganhar no decorrer da noite. Mas num instante surgiu a terrível suspeita de que ele fora omitido de propósito, para agradar ao sr. Darcy, do convite dos Bingley aos oficiais; e, embora não fosse exatamente esse o caso, o fato inequívoco de sua ausência foi confirmado por seu amigo, o sr. Denny, a quem Lydia recorreu com avidez, e que lhes contou que Wickham se vira obrigado a ir a Londres a negócios na véspera e ainda não voltara; acrescentando, com um sorriso significativo:

— Não imagino que os negócios o tivessem chamado justamente agora, se ele não quisesse evitar certo cavalheiro aqui presente.

Essa parte da informação, embora não ouvida por Lydia, foi captada por Elizabeth; e, como lhe garantia que Darcy não era menos responsável pela ausência de Wickham do que se a sua primeira suposição fosse verdadeira, todo o sentimento de desagrado contra o primeiro ficou tão aguçado pela decepção imediata, que ela mal conseguiu responder com tolerável cortesia às perguntas educadas que ele, logo em seguida, se aproximou para fazer. Atenção, tolerância, paciência com Darcy eram uma ofensa a Wickham. Estava decidida a não manter com ele conversa de espécie alguma, e afastou-se com um grau de mau humor que não conseguiu superar de todo nem mesmo ao falar com o sr. Bingley, cuja parcialidade cega a irritava.

Mas Elizabeth não fora feita para o mau humor; e, embora todas as suas próprias perspectivas para a noite estivessem destruídas, ele não podia pesar-lhe muito tempo no ânimo; e, depois de contar todas as suas

mágoas a Charlotte Lucas, que não via havia uma semana, logo foi capaz de passar espontaneamente às excentricidades do primo e de apontá-lo à atenção particular da amiga. As duas primeiras danças, porém, trouxeram de volta a aflição: foram danças de mortificação. O sr. Collins, desajeitado e solene, pedindo desculpas em vez de prestar atenção, e muitas vezes errando o passo sem se dar conta, causou-lhe toda a vergonha e a miséria que um par desagradável pode causar ao longo de duas danças. O momento em que se viu livre dele foi um êxtase.

Dançou em seguida com um oficial, e teve o alívio de falar de Wickham e de ouvir que ele era estimado por todos. Terminadas essas danças, voltou para junto de Charlotte Lucas e estava conversando com ela quando se viu de repente abordada pelo sr. Darcy, que a tomou tão de surpresa ao pedir-lhe a mão para a dança, que, sem saber o que fazia, ela aceitou. Ele afastou-se de novo imediatamente, e ela ficou a remoer sua própria falta de presença de espírito. Charlotte tentou consolá-la.

— Imagino que o achará muito agradável.

— Deus me livre! *Isso* seria a maior desgraça de todas! Achar agradável um homem que se está decidida a odiar! Não me deseje um mal desses.

Quando a dança recomeçou, porém, e Darcy se aproximou para reclamar sua mão, Charlotte não pôde deixar de adverti-la, num sussurro, que não fosse tola e não permitisse que sua inclinação por Wickham a fizesse parecer antipática aos olhos de um homem de importância dez vezes maior. Elizabeth não respondeu

nada e tomou seu lugar na fila, espantada com a dignidade a que chegara ao ser admitida a ficar em frente ao sr. Darcy, e lendo nos olhares dos vizinhos igual espanto ao presenciá-lo. Ficaram algum tempo sem dizer uma palavra; e ela começou a imaginar que aquele silêncio duraria as duas danças inteiras, e, de início, resolveu não quebrá-lo; até que, subitamente imaginando que seria castigo maior para o seu par obrigá-lo a falar, fez uma ligeira observação sobre a dança. Ele respondeu e voltou a calar-se. Depois de uma pausa de alguns minutos, ela dirigiu-se a ele pela segunda vez:

— Agora é a *sua* vez de dizer alguma coisa, sr. Darcy. *Eu* falei da dança, e o *senhor* deveria fazer algum comentário sobre o tamanho da sala ou o número de pares.

Ele sorriu e garantiu-lhe que diria tudo o que ela desejasse que dissesse.

— Muito bem; por ora essa resposta serve. Talvez, daqui a pouco, eu observe que os bailes particulares são muito mais agradáveis do que os públicos; mas *agora* podemos ficar calados.

— A senhorita conversa por regras, então, enquanto dança?

— Às vezes. É preciso falar um pouco, o senhor sabe. Pareceria estranho ficar completamente calado durante meia hora seguida; e, no entanto, para o proveito de *alguns*, a conversa deveria ser organizada de modo que tivessem o trabalho de dizer o mínimo possível.

— Está consultando os seus próprios sentimentos no caso presente, ou imagina estar satisfazendo os meus?

— Ambos — respondeu Elizabeth, maliciosa —, pois sempre vi grande semelhança na feição dos nossos espíritos. Somos ambos de índole insociável e taciturna, pouco dispostos a falar, a não ser que esperemos dizer algo que espante a sala inteira e passe à posteridade com todo o *éclat* de um provérbio.

— Isso não é um retrato muito fiel do seu próprio caráter, tenho certeza — disse ele. — Quanto ele se aproxima do *meu*, não posso pretender dizer. A *senhorita*, sem dúvida, o considera um retrato exato.

— Não me cabe julgar o meu próprio desempenho.

Ele não respondeu; e ficaram de novo em silêncio até descerem a fila da dança, quando ele lhe perguntou se ela e as irmãs não iam a Meryton com muita frequência. Ela respondeu que sim; e, incapaz de resistir à tentação, acrescentou:

— Quando o senhor nos encontrou lá no outro dia, tínhamos acabado de fazer uma nova amizade.

O efeito foi imediato. Uma sombra mais profunda de *hauteur* espalhou-se por suas feições, mas ele não disse uma palavra; e Elizabeth, embora se censurasse pela própria fraqueza, não conseguiu continuar. Por fim Darcy falou, e disse, de modo constrangido:

— O sr. Wickham é abençoado com maneiras tão felizes que lhe garantem *fazer* amigos; se é igualmente capaz de *conservá-los*, é menos certo.



— Ele teve a infelicidade de perder a amizade do senhor — replicou Elizabeth, com ênfase —, e de um modo que provavelmente o fará sofrer a vida inteira.

Darcy não respondeu, e parecia desejoso de mudar de assunto. Nesse momento sir William Lucas apareceu perto deles, com a intenção de atravessar a fila para o outro lado da sala; mas, ao perceber o sr. Darcy, deteve-se, com uma reverência de superior cortesia, para cumprimentá-lo por sua dança e por seu par.

— Fiquei realmente muito satisfeito, meu caro senhor; não é sempre que se vê dançar com tanta superioridade. É evidente que o senhor pertence aos primeiros círculos. Permita-me dizer, contudo, que sua bela parceira não o desmerece, e que espero ver este prazer repetido muitas vezes, sobretudo quando certo acontecimento desejável, minha cara srta. Eliza — e

lançou um olhar para a irmã dela e para Bingley —, vier a realizar-se. Que chuva de felicitações haverá então! Apelo ao sr. Darcy... mas não quero interrompê-lo, senhor. O senhor não me agradeceria por privá-lo da conversa encantadora desta jovem, cujos olhos brilhantes também me censuram.

A última parte desse discurso mal foi ouvida por Darcy; mas a alusão de sir William ao amigo pareceu impressioná-lo com força, e seus olhos voltaram-se, com expressão muito séria, para Bingley e Jane, que dançavam juntos. Recobrando-se, porém, em pouco tempo, ele virou-se para seu par e disse:

— A interrupção de sir William fez-me esquecer de que estávamos falando.

— Não creio que estivéssemos falando de coisa alguma. Sir William não poderia ter interrompido, em toda a sala, duas pessoas que tivessem menos a dizer uma à outra. Já tentamos dois ou três assuntos sem sucesso, e do que havemos de falar em seguida, não consigo imaginar.

— O que pensa de livros? — disse ele, sorrindo.

— Livros... oh, não! Tenho certeza de que nunca lemos os mesmos, ou não com os mesmos sentimentos.

— Lamento que pense assim; mas, se for esse o caso, ao menos não faltará assunto. Podemos comparar nossas opiniões divergentes.

— Não... não consigo falar de livros num salão de baile; minha cabeça está sempre cheia de outra coisa.

— O *presente* sempre a ocupa em cenas como esta, não é? — disse ele, com um olhar de dúvida.

— Sim, sempre — respondeu ela, sem saber o que dizia; pois seus pensamentos haviam vagado para longe do assunto, como logo se viu quando ela exclamou de repente: — Lembro-me de ouvi-lo dizer uma vez, sr. Darcy, que o senhor quase nunca perdoava; que o seu ressentimento, uma vez criado, era inaplacável. O senhor é muito cauteloso, suponho, quanto a *deixá-lo criar-se*?

— Sou — disse ele, com voz firme.

— E nunca se permite ser cegado pelo preconceito?

— Espero que não.

— Cabe particularmente àqueles que nunca mudam de opinião ter a certeza de julgar bem desde o início.

— Posso perguntar aonde levam essas perguntas?

— Apenas à ilustração do *seu* caráter — disse ela, procurando sacudir a própria gravidade. — Estou tentando decifrá-lo.

— E qual é o seu sucesso?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não avanço nada. Ouço a seu respeito relatos tão diferentes que me deixam extremamente confusa.

— Posso bem acreditar — respondeu ele, gravemente — que os relatos a meu respeito variem muito; e desejaria, srta. Bennet, que a senhorita não esboçasse o meu caráter neste momento, pois há razão para temer que o retrato não faria honra a nenhum de nós dois.

— Mas, se não tirar o seu retrato agora, talvez nunca mais tenha outra oportunidade.

— De modo algum quereria suspender um prazer seu — replicou ele, friamente. Ela não disse mais nada, e desceram a outra dança e separaram-se em silêncio;

insatisfeitos de ambos os lados, embora não em igual grau; pois no peito de Darcy havia um sentimento bastante poderoso em favor dela, que logo lhe obteve o perdão e dirigiu toda a sua cólera contra outra pessoa.

Não fazia muito que se haviam separado quando a srta. Bingley veio ao encontro dela e, com uma expressão de cortês desdém, abordou-a assim:

— Então, srta. Eliza, ouço dizer que está encantada com George Wickham? Sua irmã esteve me falando dele e fazendo-me mil perguntas; e descubro que o jovem se esqueceu de lhe contar, entre suas outras confidências, que era filho do velho Wickham, o administrador do falecido sr. Darcy. Permita-me recomendar-lhe, contudo, como amiga, que não dê confiança cega a todas as afirmações dele; pois, quanto a ter o sr. Darcy o tratado mal, é inteiramente falso: ao contrário, ele sempre foi extraordinariamente bondoso com ele, embora George Wickham tenha tratado o sr. Darcy da maneira mais infame. Não conheço os pormenores, mas sei muito bem que o sr. Darcy não tem culpa nenhuma; que ele não suporta ouvir falar de George Wickham; e que, embora meu irmão achasse que não podia deixar de incluí-lo no convite aos oficiais, ficou extremamente contente ao descobrir que ele se pusera fora do caminho. Só o fato de ter vindo para esta região já é uma insolência, e admira-me que ele tenha tido a ousadia de fazê-lo. Lamento por você, srta. Eliza, por essa descoberta da culpa do seu favorito; mas, francamente, considerando a origem dele, não se podia esperar muito melhor.

— A culpa e a origem dele parecem, pelo seu relato, ser a mesma coisa — disse Elizabeth, irritada —, pois não a ouvi acusá-lo de nada pior do que ser filho do administrador do sr. Darcy, e *disso*, posso lhe garantir, ele mesmo me informou.

— Peço-lhe perdão — replicou a srta. Bingley, afastando-se com um sorriso de escárnio. — Desculpe a minha intromissão; foi de boa intenção.

"Moça insolente!", disse Elizabeth consigo mesma. "Está muito enganada se espera influenciar-me com um ataque tão mesquinho como este. Não vejo nele senão a sua ignorância obstinada e a malícia do sr. Darcy." Procurou então a irmã mais velha, que se encarregara de fazer indagações sobre o mesmo assunto a Bingley. Jane recebeu-a com um sorriso de tão doce satisfação, com um brilho de expressão tão feliz, que marcava suficientemente quão contente estava com os acontecimentos da noite. Elizabeth leu-lhe os sentimentos no mesmo instante; e, naquele momento, a solicitude por Wickham, o ressentimento contra os inimigos dele, e tudo o mais cederam lugar à esperança de que Jane estivesse no melhor dos caminhos para a felicidade.

— Quero saber — disse ela, com o semblante não menos sorridente que o da irmã — o que você descobriu sobre o sr. Wickham. Mas talvez tenha estado ocupada de modo agradável demais para pensar em terceiros, e nesse caso pode contar com o meu perdão.

— Não — respondeu Jane —, não me esqueci dele; mas não tenho nada de satisfatório para lhe contar. O sr. Bingley não conhece toda a história dele e ignora

completamente as circunstâncias que mais ofenderam o sr. Darcy; mas responde pela boa conduta, pela probidade e pela honra do amigo, e está perfeitamente convencido de que o sr. Wickham mereceu muito menos atenção do sr. Darcy do que a que recebeu; e lamento dizer que, pelo relato dele, assim como pelo da irmã, o sr. Wickham não é de modo algum um jovem respeitável. Receio que tenha sido muito imprudente e que tenha merecido perder a estima do sr. Darcy.

— O sr. Bingley não conhece pessoalmente o sr. Wickham.

— Não; nunca o vira até a outra manhã, em Meryton.

— Esse relato, então, é o que ele recebeu do sr. Darcy. Estou perfeitamente satisfeita. Mas o que diz ele do benefício?

— Ele não se lembra exatamente das circunstâncias, embora as tenha ouvido do sr. Darcy mais de uma vez, mas acredita que foi deixado a ele apenas *condicionalmente*.

— Não tenho a menor dúvida da sinceridade do sr. Bingley — disse Elizabeth com calor —, mas você há de me desculpar por não me convencer com meras garantias. A defesa que o sr. Bingley fez do amigo foi muito hábil, imagino; mas, como ele desconhece várias partes da história e aprendeu o resto com o próprio amigo, arrisco-me a continuar pensando dos dois cavalheiros o mesmo que pensava antes.

Mudou então a conversa para outra, mais grata a ambas e sobre a qual não podia haver divergência de sentimentos. Elizabeth ouviu com deleite as esperanças felizes, embora modestas, que Jane alimentava quanto à

afeição de Bingley, e disse tudo o que estava ao seu alcance para aumentar-lhe a confiança. Quando o próprio sr. Bingley se juntou a elas, Elizabeth retirou-se para junto da srta. Lucas; e mal respondera à pergunta desta sobre a amabilidade de seu último par, quando o sr. Collins aproximou-se delas e contou-lhe, com grande exultação, que acabara de ter a boa fortuna de fazer uma descoberta importantíssima.

— Descobri — disse ele —, por um acaso singular, que há agora na sala um parente próximo da minha protetora. Aconteceu-me ouvir o próprio cavalheiro mencionar, à jovem que faz as honras desta casa, os nomes de sua prima, a srta. de Bourgh, e da mãe dela, lady Catherine. Como acontecem maravilhosamente essas coisas! Quem diria que eu iria encontrar... talvez... um sobrinho de lady Catherine de Bourgh nesta reunião! Sou muito grato por a descoberta ter sido feita a tempo de eu lhe apresentar os meus respeitos, o que vou fazer agora, e confio em que ele me desculpe por não o ter feito antes. Minha total ignorância do parentesco há de servir-me de desculpa.

— O senhor não vai apresentar-se ao sr. Darcy!

— Vou, sim. Pedir-lhe-ei perdão por não o ter feito mais cedo. Creio que ele é *sobrinho* de lady Catherine. Estará em meu poder assegurar-lhe que Sua Senhoria passava muito bem há oito dias.

Elizabeth esforçou-se para dissuadi-lo de tal plano; garantindo-lhe que o sr. Darcy consideraria o fato de ele lhe dirigir a palavra sem apresentação uma liberdade impertinente, e não um cumprimento à tia; que não era nem um pouco necessário que houvesse qualquer

atenção de parte a parte, e que, se fosse, caberia ao sr. Darcy, o superior em posição, iniciar o conhecimento. O sr. Collins ouviu-a com o ar decidido de quem vai seguir a própria inclinação, e, quando ela parou de falar, respondeu assim:

— Minha cara srta. Elizabeth, tenho a mais alta opinião do mundo sobre o seu excelente juízo em todas as matérias ao alcance do seu entendimento, mas permita-me dizer que deve haver grande diferença entre as formas de cerimônia estabelecidas entre os leigos e aquelas que regulam o clero; pois, dê-me licença para observar, considero o ofício clerical igual em dignidade à mais alta posição do reino, desde que se mantenha ao mesmo tempo a devida humildade de conduta. A senhorita há de permitir-me, portanto, que siga nesta ocasião os ditames da minha consciência, que me levam a cumprir o que considero um ponto de dever. Perdoe-me por não aproveitar o seu conselho, que em qualquer outro assunto será o meu guia constante, embora no caso presente eu me considere mais apto, pela educação e pelo estudo habitual, para decidir o que é certo do que uma jovem como a senhorita. — E, com uma reverência profunda, deixou-a para atacar o sr. Darcy, cuja recepção a esses avanços ela observou com avidez, e cujo espanto ao ser assim abordado foi bem evidente. O primo iniciou seu discurso com uma reverência solene, e, embora ela não conseguisse ouvir uma palavra, sentia como se ouvisse tudo, e via, no movimento dos lábios dele, as palavras “desculpas”, “Hunsford” e “lady Catherine de Bourgh”. Aborrecia-a vê-lo expor-se diante de um homem daqueles. O sr.

Darcy o contemplava com assombro sem disfarce; e, quando por fim o sr. Collins lhe permitiu falar, respondeu com um ar de cortesia distante. O sr. Collins, porém, não se deixou desanimar de falar de novo, e o desprezo do sr. Darcy parecia aumentar em abundância com a extensão do segundo discurso; e, ao fim dele, apenas lhe fez uma ligeira reverência e afastou-se para outro lado. O sr. Collins voltou então para junto de Elizabeth.

— Não tenho motivo, garanto-lhe — disse ele —, para estar insatisfeito com a minha recepção. O sr. Darcy pareceu muito satisfeito com a atenção. Respondeu-me com a máxima cortesia e até me fez o cumprimento de dizer que estava tão convencido do discernimento de lady Catherine que tinha certeza de que ela jamais concederia um favor a quem não o merecesse. Foi realmente um pensamento muito nobre. No conjunto, estou muito satisfeito com ele.

Como Elizabeth não tinha mais nenhum interesse próprio a perseguir, voltou a atenção quase inteiramente para a irmã e o sr. Bingley; e a sequência de reflexões agradáveis a que suas observações deram origem tornou-a talvez quase tão feliz quanto Jane. Via-a, em imaginação, instalada naquela mesma casa, em toda a felicidade que um casamento de verdadeira afeição pode conceder; e sentia-se capaz, em tais circunstâncias, de esforçar-se até para gostar das duas irmãs de Bingley. Os pensamentos da mãe, via claramente, tomavam o mesmo rumo, e ela decidiu não se arriscar a chegar perto dela, para não ouvir demais. Quando se sentaram para a ceia, portanto, considerou

uma perversidade das mais infelizes do acaso o fato de terem sido colocadas a uma pessoa de distância uma da outra; e ficou profundamente contrariada ao descobrir que a mãe conversava com aquela única pessoa (lady Lucas) livre e abertamente, e de nada mais que de sua expectativa de que Jane logo se casasse com o sr. Bingley. Era um assunto animador, e a sra. Bennet parecia incapaz de cansar-se ao enumerar as vantagens do casamento. Ser ele um jovem tão encantador, e tão rico, e morar a apenas três milhas deles, eram os primeiros pontos de autocongratulação; e depois era um tal consolo pensar em como as duas irmãs gostavam de Jane, e ter certeza de que elas deviam desejar a união tanto quanto ela própria. Era, além disso, uma coisa tão promissora para as filhas mais novas, pois o casamento tão grandioso de Jane haveria de pô-las no caminho de outros homens ricos; e, por fim, era tão agradável, na idade em que estava, poder confiar as filhas solteiras aos cuidados da irmã, para não ser obrigada a frequentar a sociedade mais do que lhe aprouvesse. Era necessário fazer dessa circunstância motivo de prazer, porque em tais ocasiões é o que manda a etiqueta; mas ninguém era menos capaz do que a sra. Bennet de encontrar consolo em ficar em casa, em qualquer período da vida. Concluiu com muitos votos de que lady Lucas fosse em breve igualmente afortunada, embora evidente e triunfalmente acreditasse que não havia a menor chance disso.

Em vão Elizabeth se esforçou para conter a rapidez das palavras da mãe, ou para persuadi-la a descrever sua felicidade num sussurro menos audível; pois, para sua

indizível contrariedade, percebia que a maior parte era ouvida pelo sr. Darcy, que estava sentado em frente a elas. A mãe limitou-se a repreendê-la por dizer tolices.

— O que é o sr. Darcy para mim, diga-me, para que eu tenha medo dele? Tenho certeza de que não lhe devemos nenhuma cortesia tão especial que nos obrigue a não dizer nada que *ele* não goste de ouvir.

— Pelo amor de Deus, minha senhora, fale mais baixo. Que vantagem pode ter em ofender o sr. Darcy? Nunca se recomendará ao amigo dele agindo assim.

Nada do que ela pudesse dizer, contudo, teve qualquer influência. A mãe continuou a falar de suas expectativas no mesmo tom inteligível. Elizabeth corou e tornou a corar, de vergonha e contrariedade. Não podia evitar lançar frequentes olhares ao sr. Darcy, embora cada olhar a convencesse do que temia; pois, ainda que ele nem sempre estivesse olhando para a mãe dela, estava convencida de que a atenção dele estava invariavelmente presa a ela. A expressão do rosto dele mudou aos poucos, do desprezo indignado para uma gravidade serena e constante.

Por fim, porém, a sra. Bennet não teve mais o que dizer; e lady Lucas, que havia muito bocejava diante da repetição de delícias que não via probabilidade de partilhar, foi deixada aos consolos do presunto e do frango frios. Elizabeth começou então a reanimar-se. Mas não durou muito o intervalo de tranquilidade; pois, terminada a ceia, falou-se em cantar, e ela teve a mortificação de ver Mary, depois de pouquíssima insistência, preparar-se para atender à companhia. Com muitos olhares significativos e súplicas silenciosas,

tentou impedir tal prova de complacência, mas em vão; Mary não quis entendê-los; uma oportunidade como aquela de exibir-se era-lhe deliciosa, e começou sua canção. Elizabeth mantinha os olhos fixos nela, com as sensações mais penosas; e acompanhou-lhe o progresso pelas várias estrofes com uma impaciência muito mal recompensada ao fim delas; pois Mary, ao receber, entre os agradecimentos da mesa, a insinuação de uma esperança de que se deixasse convencer a favorecê-los de novo, depois de uma pausa de meio minuto começou outra. Os dotes de Mary não eram de modo algum apropriados para tal exibição; a voz era fraca, e o modo, afetado. Elizabeth estava em agonia. Olhou para Jane para ver como ela suportava aquilo; mas Jane conversava com Bingley com toda a serenidade. Olhou para as duas irmãs dele, e viu-as trocando sinais de zombaria entre si e com Darcy, que continuava, porém, impenetravelmente grave. Olhou para o pai, para implorar-lhe que interviesse, para que Mary não ficasse cantando a noite inteira. Ele entendeu a insinuação e, quando Mary terminou a segunda canção, disse em voz alta:

— Está muito bem assim, menina. Você já nos encantou por tempo suficiente. Deixe que as outras moças tenham tempo de se exibir.

Mary, embora fingisse não ouvir, ficou um tanto desconcertada; e Elizabeth, com pena dela e com pena da fala do pai, receou que sua ansiedade não tivesse feito bem algum. Outros da companhia foram então solicitados.

— Se eu — disse o sr. Collins — tivesse a boa fortuna de saber cantar, teria grande prazer, tenho certeza, em atender à companhia com uma ária; pois considero a música uma diversão muito inocente e perfeitamente compatível com a profissão de clérigo. Não pretendo, contudo, afirmar que se possa justificar dedicar tempo demais à música, pois há certamente outras coisas de que cuidar. O pároco de uma paróquia tem muito o que fazer. Em primeiro lugar, deve fazer um acordo sobre os dízimos que lhe seja proveitoso sem ofender o seu patrono. Deve escrever os próprios sermões; e o tempo que sobra não será demais para os deveres paroquiais e para o cuidado e a melhoria de sua residência, que não pode ser dispensado de tornar o mais confortável possível. E não julgo de pouca importância que ele tenha maneiras atenciosas e conciliadoras para com todos, especialmente para com aqueles a quem deve a sua nomeação. Não posso isentá-lo desse dever; nem poderia pensar bem do homem que deixasse escapar uma ocasião de testemunhar o seu respeito a qualquer pessoa ligada à família. — E, com uma reverência ao sr. Darcy, concluiu o discurso, que fora pronunciado tão alto que metade da sala o ouviu. Muitos ficaram olhando espantados, muitos sorriram; mas ninguém parecia mais divertido do que o próprio sr. Bennet, enquanto sua esposa elogiava seriamente o sr. Collins por ter falado com tanto juízo, e observava, num meio sussurro, a lady Lucas, que ele era um jovem notavelmente inteligente e de boa índole.

Pareceu a Elizabeth que, se a sua família tivesse combinado expor-se ao ridículo o mais que pudesse

durante a noite, ter-lhe-ia sido impossível desempenhar seus papéis com mais entusiasmo ou melhor sucesso; e julgou uma felicidade para Bingley e para a irmã que parte da exibição tivesse escapado à atenção dele, e que os sentimentos dele não fossem do tipo que se deixa perturbar muito pelas tolices que devia ter testemunhado. Que suas duas irmãs e o sr. Darcy, porém, tivessem tal oportunidade de ridicularizar os parentes dela já era bastante ruim; e ela não conseguia decidir se era mais intolerável o desprezo silencioso do cavalheiro ou os sorrisos insolentes das damas.

O resto da noite trouxe-lhe pouca diversão. Foi importunada pelo sr. Collins, que continuou com a maior perseverança ao seu lado; e, embora não conseguisse convencê-la a dançar de novo com ele, tirou-lhe a possibilidade de dançar com outros. Em vão ela lhe implorou que dançasse com outra pessoa e ofereceu-se para apresentá-lo a qualquer moça da sala. Ele garantiu-lhe que, quanto a dançar, era-lhe perfeitamente indiferente; que seu principal objetivo era, por meio de delicadas atenções, recomendar-se a ela; e que, portanto, faria questão de permanecer junto dela a noite inteira. Não havia como discutir um projeto desses. Deveu seu maior alívio à amiga srta. Lucas, que frequentemente se juntava a eles e, com boa vontade, tomava para si a conversa do sr. Collins.

Estava ao menos livre da ofensa de mais atenções por parte do sr. Darcy: embora muitas vezes estivesse a pouquíssima distância dela, inteiramente desocupado, ele nunca chegou perto o bastante para falar. Ela sentiu

que era a consequência provável de suas alusões ao sr. Wickham, e alegrou-se com isso.

O grupo de Longbourn foi o último de toda a companhia a partir; e, por uma manobra da sra. Bennet, tiveram de esperar a carruagem um quarto de hora depois que todos os outros já se haviam ido, o que lhes deu tempo de ver com que sinceridade alguns membros da família desejavam vê-los pelas costas. A sra. Hurst e a irmã mal abriram a boca, a não ser para queixar-se de cansaço, e estavam evidentemente impacientes por ter a casa só para si. Repeliram todas as tentativas de conversa da sra. Bennet e, com isso, lançaram um torpor sobre o grupo inteiro, muito pouco aliviado pelos longos discursos do sr. Collins, que cumprimentava o sr. Bingley e as irmãs pela elegância da festa, e pela hospitalidade e polidez que haviam marcado sua conduta para com os convidados. Darcy não disse absolutamente nada. O sr. Bennet, em igual silêncio, apreciava a cena. O sr. Bingley e Jane estavam juntos, um pouco afastados dos demais, e só falavam um com o outro. Elizabeth manteve um silêncio tão constante quanto o da sra. Hurst ou o da srta. Bingley; e até Lydia estava cansada demais para proferir mais do que a exclamação ocasional de "Nossa, como estou cansada!", acompanhada de um bocejo violento.

Quando por fim se levantaram para despedir-se, a sra. Bennet foi da mais insistente cortesia na esperança de ver logo toda a família em Longbourn; e dirigiu-se em particular ao sr. Bingley, para assegurar-lhe quão felizes os faria se fosse jantar em família com eles a qualquer momento, sem a cerimônia de um convite formal.

Bingley foi todo prazer e gratidão; e comprometeu-se prontamente a aproveitar a primeira oportunidade de visitá-la depois que voltasse de Londres, para onde era obrigado a ir no dia seguinte, por pouco tempo.

A sra. Bennet ficou perfeitamente satisfeita; e deixou a casa na deliciosa convicção de que, descontados os preparativos necessários de contratos, carruagens novas e enxoval, veria sem dúvida a filha instalada em Netherfield no prazo de três ou quatro meses. Em ter outra filha casada com o sr. Collins pensava com igual certeza e com considerável prazer, embora não igual. Elizabeth era, de todos os filhos, a menos querida por ela; e, embora o homem e o casamento fossem perfeitamente bons para *ela*, o valor de ambos era eclipsado pelo sr. Bingley e por Netherfield.

XIX



O dia seguinte abriu uma nova cena em Longbourn. O sr. Collins fez sua declaração em forma. Tendo resolvido fazê-la sem perda de tempo, pois sua licença se estendia apenas até o sábado seguinte, e não tendo nenhum sentimento de timidez que lhe tornasse a coisa penosa, nem mesmo naquele momento, pôs mãos à obra de maneira muito ordenada, com todas as observâncias que supunha fazerem parte regular do assunto. Ao encontrar a sra. Bennet, Elizabeth e uma das meninas

mais novas juntas, pouco depois do café da manhã, dirigiu-se à mãe com estas palavras:

— Posso esperar, minha senhora, contar com sua interferência junto à sua bela filha Elizabeth, ao solicitar a honra de uma audiência particular com ela no decorrer desta manhã?

Antes que Elizabeth tivesse tempo para qualquer coisa além de um rubor de surpresa, a sra. Bennet respondeu no mesmo instante:

— Oh, céus! Sim, certamente. Tenho certeza de que Lizzy ficará muito feliz... tenho certeza de que ela não pode ter objeção alguma. Venha, Kitty, preciso de você lá em cima. — E, juntando a costura, ia apressando-se a sair, quando Elizabeth exclamou:

— Minha cara senhora, não vá. Peço-lhe que não vá. O sr. Collins há de me desculpar. Ele não pode ter nada a me dizer que alguém não possa ouvir. Eu mesma vou sair.

— Não, não, que tolice, Lizzy. Desejo que você fique onde está. — E, como Elizabeth parecesse realmente prestes a escapar, com ar contrariado e embaraçado, acrescentou: — Lizzy, *insisto* em que fique e ouça o sr. Collins.

Elizabeth não quis opor-se a tal ordem; e, como um momento de reflexão a fizesse também perceber que o mais sensato seria acabar com aquilo o mais depressa e o mais discretamente possível, sentou-se de novo e tentou esconder, ocupando-se sem parar, os sentimentos que se dividiam entre a aflição e o divertimento. A sra. Bennet e Kitty retiraram-se, e, assim que saíram, o sr. Collins começou:

— Creia-me, minha cara srta. Elizabeth, que a sua modéstia, longe de lhe fazer qualquer desserviço, antes se soma às suas outras perfeições. A senhorita teria sido menos amável aos meus olhos se *não* houvesse essa pequena relutância; mas permita-me assegurar-lhe que tenho a permissão de sua respeitada mãe para esta declaração. Dificilmente pode duvidar do propósito do meu discurso, por mais que sua delicadeza natural a leve a dissimular; minhas atenções têm sido marcadas demais para serem mal interpretadas. Quase assim que entrei nesta casa, escolhi a senhorita como companheira da minha vida futura. Mas, antes que me deixe arrebatar pelos meus sentimentos a esse respeito, talvez seja aconselhável expor as minhas razões para casar-me, e, além disso, para ter vindo a Hertfordshire com o desígnio de escolher uma esposa, como de fato vim.

A ideia de o sr. Collins, com toda a sua solene compostura, deixar-se arrebatar pelos sentimentos levou Elizabeth tão perto do riso que ela não conseguiu aproveitar a breve pausa que ele concedeu para tentar detê-lo, e ele prosseguiu:

— Minhas razões para casar-me são, em primeiro lugar, que considero correto que todo clérigo em situação folgada (como eu) dê o exemplo do matrimônio em sua paróquia; em segundo lugar, que estou convencido de que isso contribuirá enormemente para a minha felicidade; e, em terceiro, o que talvez eu devesse ter mencionado antes, que é o conselho e a recomendação particular da nobilíssima dama a quem tenho a honra de chamar de protetora. Por duas vezes

ela condescendeu em dar-me sua opinião (sem que eu pedisse!) sobre esse assunto; e foi justamente no sábado à noite, antes de eu deixar Hunsford — entre as nossas partidas de *quadrille*, enquanto a sra. Jenkinson arrumava o banquinho da srta. de Bourgh —, que ela me disse: "Sr. Collins, o senhor precisa casar-se. Um clérigo como o senhor precisa casar-se. Escolha bem, escolha uma senhora de boa família, por *minha* causa e pela *sua*; que seja uma pessoa ativa e útil, não criada em grandezas, mas capaz de fazer render bem uma renda pequena. Este é o meu conselho. Encontre uma mulher assim o mais depressa que puder, traga-a para Hunsford, e eu irei visitá-la." Permita-me, a propósito, observar, minha bela prima, que não conto a atenção e a bondade de lady Catherine de Bourgh entre as menores vantagens que está em meu poder oferecer. Achará as maneiras dela acima de tudo o que eu possa descrever; e o seu espírito e a sua vivacidade, creio, hão de ser-lhe aceitáveis, sobretudo quando temperados com o silêncio e o respeito que a posição dela inevitavelmente inspira. Isso quanto à minha intenção geral em favor do matrimônio; resta dizer por que minhas vistas se dirigiram a Longbourn, e não à minha própria vizinhança, onde, garanto-lhe, há muitas jovens amáveis. Mas o fato é que, estando eu, como estou, destinado a herdar esta propriedade após a morte do seu honrado pai (que, contudo, pode viver ainda muitos anos), não poderia dar-me por satisfeito sem resolver escolher uma esposa entre as filhas dele, para que a perda delas fosse a menor possível quando o melancólico acontecimento se der, o que, porém, como

já disse, pode não ocorrer por vários anos. Foi esse o meu motivo, minha bela prima, e lisonjeio-me de que ele não me rebaixará na sua estima. E agora nada me resta senão assegurar-lhe, na linguagem mais animada, a violência da minha afeição. Quanto a fortuna, sou perfeitamente indiferente, e não farei exigência alguma dessa natureza ao seu pai, pois sei bem que ela não poderia ser atendida; e que mil libras a quatro por cento, que só serão suas depois do falecimento de sua mãe, é tudo a que poderá algum dia ter direito. Sobre esse ponto, portanto, guardarei silêncio invariável; e pode ter certeza de que nenhuma censura mesquinha jamais sairá dos meus lábios depois que nos casarmos.

Era absolutamente necessário interrompê-lo agora.

— O senhor está sendo apressado demais — exclamou ela. — Esquece que ainda não dei resposta. Permita-me dá-la sem mais perda de tempo. Aceite meus agradecimentos pelo cumprimento que me faz. Sinto muito bem a honra da sua proposta, mas é-me impossível fazer outra coisa senão recusá-la.

— Não é agora que vou aprender — replicou o sr. Collins, com um gesto formal da mão — que é costume das moças rejeitar as propostas do homem que secretamente pretendem aceitar, quando ele solicita o seu favor pela primeira vez; e que às vezes a recusa se repete uma segunda e até uma terceira vez. Não estou, portanto, de modo algum desanimado com o que a senhorita acaba de dizer, e espero conduzi-la ao altar dentro em breve.

— Palavra de honra, senhor — exclamou Elizabeth —, a sua esperança é bem extraordinária depois da minha

declaração. Garanto-lhe que não sou uma dessas moças (se é que existem moças assim) tão audaciosas a ponto de arriscar a própria felicidade na chance de ser pedida uma segunda vez. Minha recusa é perfeitamente séria. O senhor não poderia fazer-*me* feliz, e estou convencida de que sou a última mulher do mundo capaz de fazer feliz o *senhor*. Mais ainda: se a sua amiga lady Catherine me conhecesse, estou persuadida de que me acharia, sob todos os aspectos, mal qualificada para a situação.

— Se fosse certo que lady Catherine pensaria assim... — disse o sr. Collins, muito gravemente. — Mas não posso imaginar que Sua Senhoria a desaprovasse de modo algum. E pode ter certeza de que, quando eu tiver a honra de revê-la, falarei nos mais altos termos da sua modéstia, da sua economia e das suas outras amáveis qualidades.

— Na verdade, sr. Collins, todo elogio a meu respeito será desnecessário. O senhor deve permitir-me julgar por mim mesma e fazer-me o favor de acreditar no que digo. Desejo-lhe muita felicidade e muita riqueza, e, ao recusar a sua mão, faço tudo o que está ao meu alcance para impedir que seja de outro modo. Ao fazer-me a proposta, o senhor deve ter satisfeito a delicadeza dos seus sentimentos com relação à minha família, e poderá tomar posse da propriedade de Longbourn, quando ela lhe couber, sem nenhuma censura de consciência. Este assunto pode ser considerado, portanto, definitivamente encerrado. — E, levantando-se enquanto assim falava, teria deixado a sala se o sr. Collins não lhe tivesse dirigido estas palavras:

— Quando eu me der a honra de falar-lhe de novo sobre o assunto, espero receber uma resposta mais favorável do que a que me deu agora; embora eu esteja longe de acusá-la de crueldade neste momento, pois sei que é costume estabelecido do seu sexo rejeitar um homem no primeiro pedido, e talvez a senhorita tenha, mesmo agora, dito tanto para encorajar a minha pretensão quanto seria compatível com a verdadeira delicadeza do caráter feminino.

— Francamente, sr. Collins — exclamou Elizabeth, com algum calor —, o senhor me deixa extremamente perplexa. Se o que eu disse até aqui pode parecer-lhe uma forma de encorajamento, não sei como expressar a minha recusa de um modo que o convença de que se trata de uma recusa.

— Deve permitir-me a lisonja de acreditar, minha cara prima, que a sua rejeição às minhas propostas são meras palavras de praxe. As minhas razões para acreditar nisso são, em resumo, estas: não me parece que a minha mão seja indigna de ser aceita, nem que o estabelecimento que posso oferecer seja outra coisa senão altamente desejável. Minha situação na vida, minhas relações com a família de Bourgh e meu parentesco com a sua são circunstâncias muito a meu favor; e a senhorita deveria levar ainda em consideração que, apesar dos seus múltiplos atrativos, não é de modo algum certo que outra proposta de casamento lhe seja algum dia feita. Seu dote é infelizmente tão pequeno que, com toda a probabilidade, anulará os efeitos da sua beleza e das suas amáveis qualidades. Como devo, portanto, concluir que a senhorita não fala a sério ao

rejeitar-me, prefiro atribuir isso ao seu desejo de aumentar o meu amor pelo suspense, segundo a prática habitual das damas elegantes.

— Garanto-lhe, senhor, que não tenho pretensão alguma a esse tipo de elegância que consiste em atormentar um homem respeitável. Preferiria que me fizessem o favor de me julgar sincera. Agradeço-lhe uma e outra vez pela honra que me fez com a sua proposta, mas aceitá-la é absolutamente impossível. Meus sentimentos, sob todos os aspectos, o proíbem. Posso falar mais claro? Não me considere agora uma dama elegante com a intenção de atormentá-lo, mas uma criatura racional que fala a verdade do fundo do coração.

— A senhorita é invariavelmente encantadora! — exclamou ele, com um ar de galanteria desajeitada. — E estou persuadido de que, quando sancionadas pela autoridade expressa dos seus dois excelentes pais, as minhas propostas não deixarão de ser aceitas.

A tal perseverança em deliberada ilusão Elizabeth não quis dar resposta, e retirou-se imediatamente e em silêncio; decidida, caso ele persistisse em considerar suas repetidas recusas como um encorajamento lisonjeiro, a recorrer ao pai, cuja negativa poderia ser pronunciada de um modo que fosse decisivo, e cuja conduta, ao menos, não poderia ser confundida com a afetação e o coquetismo de uma dama elegante.

XX



O sr. Collins não foi deixado por muito tempo à contemplação silenciosa de seu amor bem-sucedido; pois a sra. Bennet, que ficara rondando o vestíbulo à espera do fim da conferência, mal viu Elizabeth abrir a porta e passar por ela com passo rápido em direção à escada, entrou na sala de café e felicitou-o, e a si mesma, em termos calorosos, pela feliz perspectiva de um parentesco mais próximo entre eles. O sr. Collins recebeu e retribuiu essas felicitações com igual prazer,

e passou então a relatar os pormenores da entrevista, com cujo resultado confiava ter todos os motivos para estar satisfeito, uma vez que a recusa que a prima lhe dera com tanta firmeza decorria naturalmente de sua modéstia acanhada e da genuína delicadeza de seu caráter.

Essa informação, contudo, sobressaltou a sra. Bennet: ela teria gostado de estar igualmente convencida de que a filha pretendera encorajá-lo ao protestar contra a proposta, mas não ousava acreditar nisso, e não pôde deixar de dizê-lo.

— Mas pode contar, sr. Collins — acrescentou —, que Lizzy será chamada à razão. Eu mesma vou falar com ela sobre isso agora mesmo. É uma moça muito teimosa e tola, e não conhece o seu próprio interesse; mas eu a *farei* conhecê-lo.

— Perdoe-me por interrompê-la, minha senhora — exclamou o sr. Collins —, mas, se ela é realmente teimosa e tola, não sei se seria de todo uma esposa muito desejável para um homem na minha situação, que naturalmente procura a felicidade no estado matrimonial. Se, portanto, ela persistir de fato em rejeitar a minha pretensão, talvez fosse melhor não forçá-la a aceitar-me, porque, se estiver sujeita a tais defeitos de gênio, não poderia contribuir muito para a minha felicidade.

— O senhor me entende muito mal — disse a sra. Bennet, alarmada. — Lizzy só é teimosa em assuntos como este. Em tudo o mais, é a moça de melhor índole que já existiu. Vou imediatamente falar com o sr. Bennet,

e tenho certeza de que muito em breve resolveremos isso com ela.

Não lhe deu tempo de responder; correndo no mesmo instante para o marido, exclamou, ao entrar na biblioteca:

— Oh, sr. Bennet, o senhor é necessário imediatamente; estamos todos em polvorosa. Precisa vir e fazer Lizzy casar-se com o sr. Collins, pois ela jura que não o aceita; e, se o senhor não se apressar, ele vai mudar de ideia e não aceitará *ela*.

O sr. Bennet ergueu os olhos do livro quando ela entrou e fixou-os no rosto dela com uma calma indiferença, que não foi nem um pouco alterada pela comunicação.

— Não tenho o prazer de entendê-la — disse ele, quando ela terminou o discurso. — De que está falando?

— Do sr. Collins e de Lizzy. Lizzy declara que não aceita o sr. Collins, e o sr. Collins começa a dizer que não aceita Lizzy.

— E o que devo fazer nessa ocasião? Parece-me um caso sem esperança.

— Fale o senhor mesmo com Lizzy a respeito. Diga-lhe que insiste em que ela se case com ele.

— Mande chamá-la. Ela ouvirá a minha opinião.

A sra. Bennet tocou a sineta, e a srta. Elizabeth foi chamada à biblioteca.

— Venha cá, menina — exclamou o pai quando ela apareceu. — Mandei chamá-la para um assunto de importância. Consta-me que o sr. Collins lhe fez uma proposta de casamento. É verdade?

Elizabeth respondeu que sim.

— Muito bem; e essa proposta de casamento você recusou?

— Recusei, senhor.

— Muito bem. Chegamos agora ao ponto. Sua mãe insiste em que você a aceite. Não é assim, sra. Bennet?

— Sim, ou nunca mais quero vê-la.

— Uma alternativa infeliz se apresenta a você, Elizabeth. De hoje em diante terá de ser uma estranha para um dos seus pais. Sua mãe nunca mais a verá se você *não* se casar com o sr. Collins, e eu nunca mais a verei se você *se casar*.



Elizabeth não pôde deixar de sorrir diante de tal conclusão para tal começo; mas a sra. Bennet, que se persuadira de que o marido via o assunto como ela desejava, ficou extremamente decepcionada.

— O que quer dizer, sr. Bennet, falando desse modo? O senhor me prometeu que *insistiria* em que ela se casasse com ele.

— Minha cara — replicou o marido —, tenho dois pequenos favores a pedir. Primeiro, que me permita o livre uso do meu entendimento na presente ocasião; e, segundo, do meu aposento. Ficarei contente em ter a biblioteca só para mim o mais depressa possível.

Nem mesmo assim, porém, apesar da decepção com o marido, a sra. Bennet desistiu da questão. Falou com Elizabeth uma e outra vez; adulou-a e ameaçou-a alternadamente. Tentou ganhar Jane para o seu lado, mas Jane, com toda a brandura possível, recusou-se a interferir; e Elizabeth, às vezes com verdadeira seriedade, às vezes com alegria brincalhona, respondia aos ataques. Embora o modo variasse, porém, a determinação jamais variou.

O sr. Collins, entretanto, meditava em solidão sobre o que se passara. Tinha opinião boa demais de si mesmo para compreender por que motivo a prima poderia recusá-lo; e, embora seu orgulho estivesse ferido, não sofria de nenhum outro modo. Sua afeição por ela era inteiramente imaginária; e a possibilidade de que ela merecesse a censura da mãe impedia-o de sentir qualquer pesar.

Enquanto a família estava nessa confusão, Charlotte Lucas veio passar o dia com eles. Foi recebida no vestíbulo por Lydia, que, correndo ao seu encontro, exclamou num meio sussurro:

— Que bom que você veio, porque está tão divertido aqui! O que você acha que aconteceu hoje de manhã? O sr. Collins fez uma proposta a Lizzy, e ela não o quer.

Charlotte mal teve tempo de responder antes que Kitty se juntasse a elas, vindo contar a mesma novidade; e assim que entraram na sala de café, onde a sra. Bennet estava sozinha, esta começou igualmente a falar do assunto, apelando à compaixão da srta. Lucas e suplicando-lhe que persuadisse a amiga Lizzy a atender aos desejos da família.

— Faça isso, por favor, minha cara srta. Lucas — acrescentou, em tom melancólico —, pois ninguém está do meu lado, ninguém toma o meu partido; sou tratada com crueldade, ninguém se compadece dos meus pobres nervos.

Charlotte foi poupada de responder pela entrada de Jane e Elizabeth.

— Ai, lá vem ela — continuou a sra. Bennet —, com o ar mais despreocupado possível, e importando-se conosco tanto quanto se estivéssemos em York, contanto que possa fazer o que quer. Mas eu lhe digo uma coisa, srta. Lizzy: se você meter na cabeça continuar recusando todas as propostas de casamento desse jeito, nunca vai conseguir marido nenhum; e eu, francamente, não sei quem vai sustentá-la quando o seu pai morrer. *Eu* não poderei mantê-la; fica avisada. De hoje em diante, acabou-se para mim. Eu lhe disse na biblioteca, você sabe, que nunca mais falaria com você, e vai ver que sou de palavra. Não tenho prazer nenhum em falar com filhas desobedientes. Não que eu tenha muito prazer, na verdade, em falar com quem quer que

seja. Quem sofre como eu de males dos nervos não pode ter grande inclinação para conversar. Ninguém sabe o que eu sofro! Mas é sempre assim. De quem não se queixa, ninguém tem pena.

As filhas ouviram em silêncio essa efusão, cientes de que qualquer tentativa de argumentar com ela ou de acalmá-la só aumentaria a irritação. Ela continuou falando, portanto, sem interrupção de nenhuma delas, até que o sr. Collins se juntou a elas, entrando com um ar mais majestoso do que de costume, e, ao percebê-lo, ela disse às moças:

— Agora, insisto em que vocês, todas vocês, fiquem de boca calada e deixem o sr. Collins e eu ter uma conversinha.

Elizabeth saiu discretamente da sala, Jane e Kitty seguiram-na, mas Lydia manteve-se firme, decidida a ouvir tudo o que pudesse; e Charlotte, detida primeiro pela cortesia do sr. Collins, cujas perguntas sobre ela e toda a sua família foram muito minuciosas, e depois por um pouco de curiosidade, contentou-se em ir até a janela e fingir que não ouvia. Com voz lastimosa, a sra. Bennet começou assim a conversa projetada:

— Oh, sr. Collins!

— Minha cara senhora — replicou ele —, guardemos silêncio para sempre sobre esse ponto. Longe de mim — continuou logo em seguida, numa voz que marcava seu desagrado — ressentir-me da conduta de sua filha. A resignação diante dos males inevitáveis é dever de todos nós: dever particular de um jovem que teve a boa fortuna que eu tive, de uma nomeação tão precoce; e confio em que estou resignado. Talvez não menos por

sentir alguma dúvida quanto à minha felicidade positiva, se a minha bela prima me tivesse honrado com sua mão; pois observei muitas vezes que a resignação nunca é tão perfeita como quando a bênção negada começa a perder um pouco do seu valor em nossa estima. A senhora não me considerará, espero, como faltando com o respeito à sua família, minha cara senhora, por retirar assim as minhas pretensões ao favor de sua filha sem ter feito à senhora e ao sr. Bennet a deferência de pedir-lhes que interpusessem sua autoridade em meu favor. Minha conduta pode, receio, ser censurável por ter aceitado a minha dispensa dos lábios de sua filha, e não dos seus; mas estamos todos sujeitos a errar. Certamente tive boas intenções durante todo este caso. Meu objetivo foi garantir para mim uma companheira amável, com a devida consideração pela vantagem de toda a sua família; e, se o meu *modo* foi de alguma forma repreensível, peço aqui licença para desculpar-me.

XXI



A discussão sobre a proposta do sr. Collins estava agora quase encerrada, e Elizabeth só tinha de suportar os sentimentos desagradáveis que necessariamente a acompanhavam e, de vez em quando, alguma alusão rabugenta de sua mãe. Quanto ao cavalheiro, *seus* sentimentos se expressavam sobretudo não por embaraço ou desânimo, nem por tentativas de evitá-la, mas pela rigidez das maneiras e por um silêncio ressentido. Mal lhe dirigia a palavra; e as atenções

assíduas de que ele próprio tanto se dera conta foram transferidas, pelo resto do dia, para a srta. Lucas, cuja cortesia em escutá-lo foi um alívio oportuno para todos, e em especial para a amiga.

O dia seguinte não trouxe nenhuma melhora no mau humor nem na má saúde da sra. Bennet. O sr. Collins também permanecia no mesmo estado de orgulho irritado. Elizabeth esperara que o ressentimento abreviasse a visita dele, mas seu plano não pareceu nem um pouco afetado por isso. Sempre fora sua intenção partir no sábado, e até sábado ainda pretendia ficar.

Depois do café da manhã, as moças caminharam até Meryton, para saber se o sr. Wickham já havia voltado e para lamentar sua ausência no baile de Netherfield. Ele se juntou a elas quando entravam na cidade e as acompanhou até a casa da tia, onde seu pesar e sua contrariedade, e a preocupação de todos, foram longamente comentados. A Elizabeth, porém, ele reconheceu espontaneamente que a necessidade de sua ausência *fora* imposta por ele mesmo.

— Percebi — disse ele —, à medida que a data se aproximava, que era melhor não me encontrar com o sr. Darcy; que estar na mesma sala, na mesma reunião com ele por tantas horas seguidas, talvez fosse mais do que eu poderia suportar, e que poderiam surgir cenas desagradáveis para outros além de mim.

Ela aprovou vivamente sua moderação; e tiveram tempo de sobra para discuti-la a fundo, e para todos os elogios que cortesmente trocaram entre si, pois Wickham e outro oficial voltaram a pé com elas até Longbourn, e durante a caminhada ele dedicou a ela

uma atenção particular. O fato de acompanhá-las tinha uma dupla vantagem: ela sentia todo o cumprimento que aquilo lhe oferecia; e era muito bem-vindo como ocasião de apresentá-lo a seu pai e sua mãe.

Pouco depois de voltarem, uma carta foi entregue à srta. Bennet; vinha de Netherfield e foi aberta imediatamente. O envelope continha uma folha de papel elegante, pequena, satinada, bem coberta pela letra bonita e fluente de uma dama; e Elizabeth viu o semblante da irmã mudar enquanto lia, e a viu deter-se atentamente em certas passagens. Jane logo se recompôs; e, guardando a carta, tentou participar, com a alegria de costume, da conversa geral; mas Elizabeth sentiu a respeito uma ansiedade que lhe desviou a atenção até mesmo de Wickham; e mal ele e o companheiro se despediram, um olhar de Jane a convidou a segui-la ao andar de cima. Quando chegaram ao próprio quarto, Jane, tirando a carta, disse:

— É de Caroline Bingley; o que ela contém me surpreendeu bastante. A esta altura, todos já deixaram Netherfield e estão a caminho de Londres, sem nenhuma intenção de voltar. Você vai ouvir o que ela diz.



Leu então em voz alta a primeira frase, que trazia a informação de que haviam acabado de resolver seguir imediatamente o irmão a Londres, e de que pretendiam jantar naquele dia na Grosvenor Street, onde o sr. Hurst tinha uma casa. A frase seguinte era nestes termos: “Não pretendo lamentar nada do que deixo em Hertfordshire, exceto a sua companhia, minha queridíssima amiga; mas esperemos, em algum momento futuro, desfrutar muitas vezes daquele delicioso convívio que conhecemos e, enquanto isso, poderemos aliviar a dor da separação com uma correspondência muito frequente e da mais absoluta franqueza. Conto com você para isso.” A essas expressões grandiloquentes Elizabeth ouviu com toda a insensibilidade da desconfiança; e, embora a rapidez da mudança a surpreendesse, não via nela nada que realmente

merecesse lamento: não era de supor que a ausência das irmãs de Netherfield impedisse o sr. Bingley de estar lá; e, quanto à perda da companhia delas, estava convencida de que Jane logo deixaria de sentir falta disso ao desfrutar da dele.

— É uma pena — disse ela, após breve pausa — que você não possa ver suas amigas antes de elas deixarem a região. Mas não podemos esperar que o período de felicidade futura, que a srta. Bingley aguarda, chegue mais cedo do que ela imagina, e que o delicioso convívio que vocês conheceram como amigas seja renovado com satisfação ainda maior como cunhadas? O sr. Bingley não será retido em Londres por elas.

— Caroline diz claramente que ninguém do grupo voltará a Hertfordshire neste inverno. Vou ler para você.

— Fica evidente por aí — acrescentou Jane — que ele não volta mais neste inverno.

— Só fica evidente que a srta. Bingley não quer que ele *volte*.

— Por que você pensa assim? Deve ser decisão dele mesmo; ele é dono de si. Mas você não sabe de *tudo*. Vou ler para você o trecho que mais me magoa. Não quero ter segredos com *você*. "O sr. Darcy está impaciente para ver a irmã; e, para confessar a verdade, *nós* mal estamos menos ansiosas para revê-la. Realmente não creio que Georgiana Darcy tenha igual em beleza, elegância e prendas; e a afeição que ela inspira em Louisa e em mim se eleva a algo ainda mais interessante pela esperança que ousamos alimentar de que ela venha a ser um dia nossa irmã. Não sei se alguma vez lhe

mencionei meus sentimentos a esse respeito, mas não deixarei a região sem confiá-los a você, e espero que não os considere despropositados. Meu irmão já a admira muito; terá agora frequentes oportunidades de vê-la na mais estreita intimidade; todos os parentes dela desejam a união tanto quanto os dele; e não creio que a parcialidade de irmã me engane quando digo que Charles é perfeitamente capaz de conquistar o coração de qualquer mulher. Com todas essas circunstâncias favorecendo uma ligação, e nada para impedi-la, estarei errada, minha queridíssima Jane, em acalentar a esperança de um acontecimento que garantirá a felicidade de tantos?" O que você acha *desta* frase, minha querida Lizzy? — disse Jane ao terminá-la. — Não é bastante clara? Não declara expressamente que Caroline não espera nem deseja que eu seja sua cunhada; que está perfeitamente convencida da indiferença do irmão; e que, se ela suspeita da natureza dos meus sentimentos por ele, pretende (com toda a bondade!) me pôr de sobreaviso? Pode haver outra opinião sobre o assunto?

— Sim, pode; pois a minha é totalmente diferente. Quer ouvi-la?

— De muito boa vontade.

— Você a terá em poucas palavras. A srta. Bingley vê que o irmão está apaixonado por você e quer que ele se case com a srta. Darcy. Ela o segue a Londres na esperança de mantê-lo lá, e tenta persuadi-la de que ele não se importa com você.

Jane balançou a cabeça.

— De fato, Jane, você deveria acreditar em mim. Ninguém que os tenha visto juntos pode duvidar da afeição dele; a srta. Bingley, tenho certeza, não pode: ela não é tão tola assim. Se tivesse visto no sr. Darcy metade desse amor por ela mesma, já teria encomendado o enxoval. Mas o caso é este: não somos ricas nem importantes o bastante para eles; e ela está tanto mais ansiosa por conseguir a srta. Darcy para o irmão pela ideia de que, havendo *um* casamento entre as famílias, terá menos trabalho para obter um segundo; no que há certamente alguma engenhosidade, e creio que daria certo se a srta. de Bourgh não estivesse no caminho. Mas, minha queridíssima Jane, você não pode imaginar seriamente que, só porque a srta. Bingley lhe diz que o irmão admira muito a srta. Darcy, ele esteja no menor grau menos consciente do *seu* mérito do que quando se despediu de você na terça-feira; ou que esteja no poder dela persuadi-lo de que, em vez de estar apaixonado por você, está muito apaixonado pela amiga dela.

— Se pensássemos igual sobre a srta. Bingley — respondeu Jane —, sua interpretação de tudo isso poderia me deixar bem tranquila. Mas sei que a base é injusta. Caroline é incapaz de enganar alguém de propósito; e tudo o que posso esperar, neste caso, é que ela mesma esteja enganada.

— Isso mesmo. Você não poderia ter tido ideia mais feliz, já que não quer se consolar com a minha: acredite que ela está enganada, sem dúvida nenhuma. Agora você já cumpriu seu dever para com ela e não precisa mais se afligir.

— Mas, minha querida irmã, posso ser feliz, mesmo supondo o melhor, aceitando um homem cujas irmãs e amigos desejam todos que ele se case com outra?

— Você é quem deve decidir — disse Elizabeth —; e se, após madura reflexão, achar que a infelicidade de desagradar às duas irmãs dele pesa mais do que a felicidade de ser sua esposa, aconselho-a, sem dúvida nenhuma, a recusá-lo.

— Como você pode falar assim? — disse Jane, com um leve sorriso. — Você deve saber que, embora eu ficasse extremamente magoada com a desaprovação delas, não poderia hesitar.

— Eu não achava que você hesitaria; e, sendo assim, não posso considerar sua situação com muita compaixão.

— Mas, se ele não voltar mais neste inverno, minha escolha nunca será necessária. Mil coisas podem acontecer em seis meses.

A ideia de que ele não voltasse mais, Elizabeth a tratou com o maior desprezo. Parecia-lhe apenas a sugestão dos desejos interesseiros de Caroline; e ela não podia supor por um instante que esses desejos, por mais aberta ou habilmente expressos, pudessem influenciar um rapaz tão completamente independente de todos.

Expôs à irmã, com toda a força possível, o que sentia sobre o assunto, e logo teve o prazer de ver o feliz efeito de suas palavras. O temperamento de Jane não era dado ao desalento; e ela foi aos poucos levada a esperar, embora a timidez do afeto às vezes vencesse a esperança, que Bingley voltaria a Netherfield e corresponderia a todos os desejos de seu coração.

Combinaram que a sra. Bennet só ficaria sabendo da partida da família, sem ser alarmada quanto à conduta do cavalheiro; mas mesmo essa comunicação parcial lhe causou grande preocupação, e ela lamentou como extremamente infeliz que as damas tivessem de partir justamente quando todos estavam ficando tão íntimos. Depois de lamentá-lo, porém, por algum tempo, teve o consolo de pensar que o sr. Bingley logo estaria de volta, e logo jantaria em Longbourn; e a conclusão de tudo foi a reconfortante declaração de que, embora ele tivesse sido convidado apenas para um jantar em família, ela cuidaria de que houvesse dois serviços completos.

XXII



Os Bennet estavam comprometidos a jantar com os Lucas; e de novo, durante a maior parte do dia, a srta. Lucas teve a bondade de escutar o sr. Collins. Elizabeth aproveitou uma oportunidade para agradecer-lhe.

— Isso o mantém de bom humor — disse ela —, e sou-lhe mais grata do que consigo expressar.

Charlotte garantiu à amiga que tinha satisfação em ser útil, e que isso a recompensava amplamente pelo pequeno sacrifício de seu tempo. Era muito amável; mas

a bondade de Charlotte ia mais longe do que Elizabeth podia conceber: seu objetivo não era nada menos do que livrá-la de qualquer retorno das investidas do sr. Collins, atraindo-as para si mesma. Tal era o plano da srta. Lucas; e as aparências eram tão favoráveis que, quando se despediram à noite, ela teria se sentido quase certa do êxito, se ele não estivesse para deixar Hertfordshire tão em breve. Mas nisso ela fazia injustiça ao ardor e à independência do caráter dele; pois foram estes que o levaram a escapar de Longbourn House na manhã seguinte com admirável astúcia, e a apressar-se rumo a Lucas Lodge para lançar-se aos pés dela. Estava ansioso por evitar a atenção das primas, convencido de que, se o vissem sair, não deixariam de adivinhar seu propósito, e não queria que a tentativa fosse conhecida antes que o sucesso também pudesse sê-lo; pois, embora se sentisse quase seguro, e com razão, já que Charlotte fora razoavelmente encorajadora, estava comparativamente tímido desde a aventura de quarta-feira. Sua recepção, porém, foi da mais lisonjeira espécie. A srta. Lucas o avistou de uma janela do andar de cima enquanto ele caminhava em direção à casa, e saiu imediatamente para encontrá-lo por acaso na alameda. Mas pouco ousara ela esperar que tanto amor e tanta eloquência a aguardassem ali.

No menor tempo que os longos discursos do sr. Collins permitiram, tudo ficou acertado entre os dois, para satisfação de ambos; e, ao entrarem na casa, ele lhe suplicou com fervor que marcasse o dia que o faria o mais feliz dos homens; e, embora tal solicitação tivesse de ser adiada por ora, a dama não sentia nenhuma

inclinação para brincar com a felicidade dele. A estupidez com que a natureza o favorecera devia preservar seu cortejo de qualquer encanto que pudesse fazer uma mulher desejar prolongá-lo; e a srta. Lucas, que o aceitava unicamente pelo desejo puro e desinteressado de uma posição estável, não se importava com a rapidez com que essa posição fosse obtida.

Sir William e lady Lucas foram prontamente consultados sobre seu consentimento, que foi concedido com a mais jubilosa presteza. As circunstâncias atuais do sr. Collins faziam dele um partido muito conveniente para a filha, a quem pouco dote podiam dar; e suas perspectivas de riqueza futura eram extremamente boas. Lady Lucas começou logo a calcular, com mais interesse do que o assunto jamais despertara antes, quantos anos mais o sr. Bennet provavelmente viveria; e sir William deu como sua opinião firme que, quando o sr. Collins estivesse de posse da propriedade de Longbourn, seria altamente conveniente que tanto ele quanto a esposa fizessem sua aparição em St. James. Toda a família, em suma, ficou devidamente exultante com a ocasião. As moças mais novas alimentaram esperanças de *serem apresentadas à sociedade* um ou dois anos antes do que de outro modo teriam sido; e os rapazes se viram aliviados do temor de que Charlotte morresse solteirona. A própria Charlotte estava razoavelmente serena. Alcançara seu objetivo e tinha tempo para refletir a respeito. Suas reflexões eram, em geral, satisfatórias. O sr. Collins, sem dúvida, não era sensato nem agradável: sua companhia era

enfadonha, e sua afeição por ela devia ser imaginária. Mas, ainda assim, seria seu marido. Sem pensar muito bem nem dos homens nem do matrimônio, o casamento sempre fora seu objetivo: era a única provisão honrosa para moças bem-educadas de pouca fortuna e, por mais incerto que fosse em dar felicidade, devia ser a mais agradável proteção contra a necessidade. Essa proteção ela agora obtivera; e, aos vinte e sete anos, sem nunca ter sido bonita, sentia toda a boa sorte que isso representava. A circunstância menos agradável de todo o negócio era a surpresa que devia causar a Elizabeth Bennet, cuja amizade ela prezava acima da de qualquer outra pessoa. Elizabeth ficaria admirada e provavelmente a censuraria; e, embora sua resolução não fosse abalada, seus sentimentos haviam de ser feridos por tal desaprovação. Resolveu dar-lhe a notícia pessoalmente; e por isso encarregou o sr. Collins, quando ele voltou a Longbourn para o jantar, de não deixar escapar nenhuma insinuação do que se passara diante de ninguém da família. Uma promessa de segredo foi, naturalmente, feita com toda a obediência, mas não pôde ser mantida sem dificuldade; pois a curiosidade despertada por sua longa ausência irrompeu, quando ele voltou, em perguntas tão diretas que exigiram alguma engenhosidade para serem evitadas, e ele estava ao mesmo tempo exercendo grande abnegação, pois ansiava por proclamar seu amor bem-sucedido.

Como ele devia começar a viagem cedo demais na manhã seguinte para ver alguém da família, a cerimônia das despedidas foi realizada quando as damas se retiraram para a noite; e a sra. Bennet, com grande

polidez e cordialidade, disse quanto ficariam felizes em revê-lo em Longbourn, sempre que seus outros compromissos lhe permitissem visitá-los.



— Minha cara senhora — respondeu ele —, este convite me é particularmente grato, porque é o que eu esperava receber; e pode estar bem certa de que dele me valerei o mais cedo possível.

Ficaram todos espantados; e o sr. Bennet, que de modo algum podia desejar um retorno tão rápido, disse imediatamente:

— Mas não há perigo, aqui, da desaprovação de lady Catherine, meu bom senhor? É melhor negligenciar seus parentes do que correr o risco de ofender sua protetora.

— Meu caro senhor — respondeu o sr. Collins —, sou-lhe particularmente grato por esta advertência amigável, e pode contar com que não darei um passo tão importante sem a anuência de Sua Senhoria.

— Todo cuidado é pouco. Arrisque qualquer coisa, menos o desagrado dela; e, se achar provável que ele seja provocado por uma nova visita sua a nós, o que me parece extremamente provável, fique tranquilamente em casa, e esteja certo de que *nós* não nos ofenderemos.

— Creia-me, meu caro senhor, minha gratidão é vivamente despertada por tão afetuosa atenção; e, pode estar certo, receberá em breve de mim uma carta de agradecimento por isso, bem como por todas as outras provas de sua consideração durante minha estada em Hertfordshire. Quanto às minhas belas primas, embora minha ausência talvez não seja longa o bastante para tornar isso necessário, tomarei agora a liberdade de desejar-lhes saúde e felicidade, sem excetuar minha prima Elizabeth.

Com as devidas cortesias, as damas então se retiraram; todas igualmente surpresas ao descobrir que ele meditava um rápido retorno. A sra. Bennet quis entender que ele pensava em cortejar uma de suas filhas mais novas, e Mary talvez se deixasse convencer a aceitá-lo. Ela avaliava as capacidades dele muito mais alto do que qualquer uma das outras: havia uma solidez em suas reflexões que muitas vezes a impressionava; e, embora ele não fosse nem de longe tão inteligente quanto ela, achava que, se estimulado a ler e a aperfeiçoar-se por um exemplo como o dela, poderia tornar-se um companheiro muito agradável. Mas, na

manhã seguinte, toda esperança dessa espécie foi desfeita. A srta. Lucas apareceu pouco depois do café da manhã e, numa conversa particular com Elizabeth, relatou o acontecimento do dia anterior.

A possibilidade de que o sr. Collins se imaginasse apaixonado pela amiga ocorrera uma vez a Elizabeth nos últimos dois dias; mas que Charlotte pudesse encorajá-lo parecia quase tão distante da possibilidade quanto ela mesma encorajá-lo; e seu espanto, por conseguinte, foi tão grande que a princípio ultrapassou os limites do decoro, e ela não pôde deixar de exclamar:

— Noiva do sr. Collins! Minha querida Charlotte, impossível!

O semblante firme que a srta. Lucas mantivera ao contar sua história cedeu aqui a uma confusão momentânea, ao receber uma censura tão direta; embora, como não era mais do que esperava, logo recobrasse a compostura e respondesse com calma:

— Por que você haveria de se surpreender, minha querida Eliza? Acha incrível que o sr. Collins seja capaz de conquistar a boa opinião de alguma mulher, só porque não teve a felicidade de conseguir a sua?

Mas Elizabeth já se recompusera; e, fazendo um grande esforço para isso, conseguiu garantir-lhe, com razoável firmeza, que a perspectiva daquele parentesco lhe era muito grata e que lhe desejava toda a felicidade imaginável.

— Vejo o que você está sentindo — respondeu Charlotte —; você deve estar surpresa, muito surpresa, pois faz tão pouco tempo que o sr. Collins queria se casar com você. Mas, quando tiver tido tempo de pensar

em tudo isso, espero que fique satisfeita com o que fiz. Não sou romântica, você sabe. Nunca fui. Peço apenas um lar confortável; e, considerando o caráter, as relações e a situação de vida do sr. Collins, estou convencida de que minha chance de felicidade com ele é tão boa quanto a de que a maioria das pessoas pode se gabar ao entrar no estado matrimonial.

Elizabeth respondeu baixinho "sem dúvida"; e, após uma pausa constrangida, voltaram para junto do resto da família. Charlotte não se demorou muito mais; e Elizabeth ficou então a refletir sobre o que ouvira. Levou muito tempo até se reconciliar minimamente com a ideia de uma união tão inadequada. A estranheza de o sr. Collins fazer duas propostas de casamento em três dias não era nada em comparação com o fato de ser agora aceito. Ela sempre sentira que a opinião de Charlotte sobre o matrimônio não era exatamente igual à sua; mas não poderia ter suposto possível que, na hora de agir, ela sacrificasse todo sentimento mais nobre a uma vantagem mundana. Charlotte, esposa do sr. Collins, era um quadro dos mais humilhantes! E à dor de ver uma amiga rebaixar-se, e cair em sua estima, somava-se a aflitiva convicção de que era impossível para essa amiga ser razoavelmente feliz na sorte que escolhera.

XXIII



Elizabeth estava sentada com a mãe e as irmãs, refletindo sobre o que ouvira e em dúvida se estava autorizada a mencioná-lo, quando o próprio sir William Lucas apareceu, enviado pela filha para anunciar o noivado à família. Com muitos cumprimentos a todos, e muita autocongratulação pela perspectiva de uma ligação entre as duas casas, ele expôs o assunto — a um auditório não apenas admirado, mas incrédulo; pois a sra. Bennet, com mais perseverança do que polidez,

protestou que ele devia estar inteiramente enganado; e Lydia, sempre imprudente e muitas vezes descortês, exclamou com estardalhaço:

— Meu Deus! Sir William, como pode contar uma história dessas? Não sabe que o sr. Collins quer se casar com Lizzy?

Nada menos que a complacência de um cortesão poderia ter suportado sem raiva semelhante tratamento; mas a boa educação de sir William o levou através de tudo aquilo; e, embora pedisse licença para afirmar com segurança a verdade de sua informação, ouviu todas as impertinências com a mais paciente cortesia.

Elizabeth, sentindo que lhe cabia livrá-lo de situação tão desagradável, adiantou-se então para confirmar o relato, mencionando que já o sabia de antemão pela própria Charlotte; e procurou pôr fim às exclamações da mãe e das irmãs com a sinceridade de suas felicitações a sir William, às quais Jane prontamente se juntou, e fazendo uma série de observações sobre a felicidade que se podia esperar daquela união, o excelente caráter do sr. Collins e a conveniente distância entre Hunsford e Londres.

A sra. Bennet estava, de fato, abalada demais para dizer grande coisa enquanto sir William permaneceu ali; mas, mal ele os deixou, seus sentimentos encontraram rápido desafogo. Em primeiro lugar, persistia em não acreditar em nada daquilo; em segundo, tinha plena certeza de que o sr. Collins fora ludibriado; em terceiro, confiava em que os dois jamais seriam felizes juntos; e, em quarto, em que o compromisso poderia ser desfeito.

Duas conclusões, porém, se deduziam claramente de tudo: uma, que Elizabeth era a verdadeira causa de todo o mal; e a outra, que ela própria fora tratada com barbaridade por todos; e sobre esses dois pontos ela se deteve principalmente durante o resto do dia. Nada podia consolá-la e nada a apaziguava. Nem aquele dia esgotou seu ressentimento. Passou-se uma semana antes que pudesse ver Elizabeth sem ralhar com ela; passou-se um mês antes que pudesse falar com sir William ou lady Lucas sem ser grosseira; e muitos meses se foram antes que pudesse perdoar minimamente a filha deles.

As emoções do sr. Bennet foram bem mais tranquilas na ocasião, e as que de fato experimentou ele declarou serem da espécie mais agradável; pois o satisfazia, disse ele, descobrir que Charlotte Lucas, que ele costumava considerar razoavelmente sensata, era tão tola quanto sua esposa, e mais tola do que sua filha!

Jane confessou-se um pouco surpresa com a união; mas falou menos de seu espanto do que de seu sincero desejo pela felicidade dos dois; nem Elizabeth conseguiu persuadi-la a considerá-la improvável. Kitty e Lydia estavam longe de invejar a srta. Lucas, pois o sr. Collins era apenas um clérigo; e o fato não as afetou de nenhum outro modo senão como uma novidade para espalhar em Meryton.

Lady Lucas não podia ficar insensível ao triunfo de poder devolver à sra. Bennet o consolo de ter uma filha bem casada; e visitava Longbourn com um pouco mais de frequência do que de costume para dizer quanto estava feliz, embora os olhares azedos e as observações

maldosas da sra. Bennet pudessem ter bastado para afugentar qualquer felicidade.

Entre Elizabeth e Charlotte havia uma reserva que as mantinha mutuamente caladas sobre o assunto; e Elizabeth estava convencida de que nenhuma confiança verdadeira poderia jamais voltar a existir entre elas. Sua decepção com Charlotte a fez voltar-se com afeto ainda maior para a irmã, de cuja retidão e delicadeza tinha certeza de que sua opinião jamais poderia ser abalada, e por cuja felicidade ficava a cada dia mais ansiosa, pois Bingley já partira havia uma semana, e nada se ouvia sobre seu regresso.

Jane enviara a Caroline uma pronta resposta à sua carta, e contava os dias até poder razoavelmente esperar receber notícias de novo. A prometida carta de agradecimento do sr. Collins chegou na terça-feira, endereçada ao pai delas e escrita com toda a solenidade de gratidão que uma estada de doze meses na família poderia ter inspirado. Depois de desencarregar a consciência nesse ponto, ele passava a informá-los, com muitas expressões de arrebatamento, de sua felicidade por ter obtido a afeição da amável vizinha deles, a srta. Lucas, e explicava em seguida que fora apenas com o intuito de desfrutar da companhia dela que aceitara tão prontamente o gentil desejo que tinham de revê-lo em Longbourn, para onde esperava poder voltar dali a duas semanas, na segunda-feira; pois lady Catherine, acrescentava, aprovava tão calorosamente seu casamento que desejava que ele se realizasse o mais cedo possível, o que, confiava ele, seria um argumento

irrefutável para que sua amável Charlotte marcasse logo o dia de fazê-lo o mais feliz dos homens.

O retorno do sr. Collins a Hertfordshire já não era motivo de prazer para a sra. Bennet. Pelo contrário, estava tão disposta a queixar-se dele quanto o marido. Era muito estranho que ele viesse a Longbourn em vez de ir a Lucas Lodge; era também muito inconveniente e extremamente incômodo. Ela detestava ter visitas em casa enquanto sua saúde andava tão fraca, e os apaixonados eram, de todas as pessoas, as mais desagradáveis. Tais eram os brandos murmúrios da sra. Bennet, e eles só cediam lugar à aflição maior da contínua ausência do sr. Bingley.

Nem Jane nem Elizabeth se sentiam tranquilas quanto a esse assunto. Dia após dia se passava sem trazer nenhuma outra notícia dele além do boato que logo se espalhou em Meryton de que ele não voltaria mais a Netherfield durante todo o inverno; boato que indignava profundamente a sra. Bennet, e que ela nunca deixava de contestar como a mais escandalosa das mentiras.

Até Elizabeth começou a temer — não que Bingley fosse indiferente — mas que as irmãs conseguissem mantê-lo afastado. Por mais que relutasse em admitir uma ideia tão destrutiva para a felicidade de Jane, e tão desonrosa para a constância do seu apaixonado, não conseguia impedir que ela voltasse com frequência. Os esforços conjugados das duas irmãs insensíveis e do amigo dominador, auxiliados pelos atrativos da srta. Darcy e pelas diversões de Londres, talvez fossem demais, temia ela, para a força da afeição dele.

Quanto a Jane, a ansiedade *dela* nessa incerteza era, naturalmente, mais dolorosa do que a de Elizabeth; mas, o que quer que sentisse, desejava ocultá-lo; e entre ela e Elizabeth, portanto, o assunto nunca era mencionado. Mas, como nenhuma delicadeza dessa espécie refreava a mãe, raramente se passava uma hora sem que ela falasse de Bingley, expressasse sua impaciência pela chegada dele, ou até exigisse que Jane confessasse que, se ele não voltasse, ela se consideraria muito maltratada. Foi preciso toda a firme brandura de Jane para suportar esses ataques com razoável tranquilidade.

O sr. Collins voltou com a maior pontualidade na segunda-feira, duas semanas depois, mas sua recepção em Longbourn não foi tão graciosa quanto fora na primeira apresentação. Estava, porém, feliz demais para precisar de muita atenção; e, por sorte dos outros, os afazeres do cortejo os livraram de boa parte de sua companhia. Passava a maior parte de cada dia em Lucas Lodge e às vezes voltava a Longbourn apenas a tempo de pedir desculpas pela ausência antes que a família fosse se deitar.

A sra. Bennet estava realmente num estado dos mais lamentáveis. A simples menção de qualquer coisa relativa ao casamento a lançava numa agonia de mau humor, e aonde quer que fosse tinha certeza de ouvir falar dele. A visão da srta. Lucas lhe era odiosa. Como sua sucessora naquela casa, encarava-a com ciumenta aversão. Sempre que Charlotte vinha visitá-las, concluía que ela estava antecipando a hora da posse; e sempre que ela falava em voz baixa com o sr. Collins, ficava convencida de que estavam falando da propriedade de

Longbourn e resolvendo pôr para fora de casa a ela e às filhas assim que o sr. Bennet morresse. Queixava-se amargamente de tudo isso ao marido.

— Realmente, sr. Bennet — dizia ela —, é muito duro pensar que Charlotte Lucas um dia será a dona desta casa, que *eu* serei obrigada a ceder lugar a *ela*, e viverei para vê-la tomar o meu lugar aqui!

— Minha cara, não se entregue a pensamentos tão sombrios. Esperemos coisas melhores. Lisonjeemo-nos com a ideia de que talvez *eu* seja o sobrevivente.



Isso não foi muito consolador para a sra. Bennet; e, portanto, em vez de dar qualquer resposta, ela continuou como antes.

— Não suporto pensar que eles vão ficar com toda esta propriedade. Se não fosse pelo vínculo, eu não me importaria.

— Não se importaria com o quê?

— Não me importaria com coisa nenhuma.

— Demos graças por a senhora estar preservada de um estado de tamanha insensibilidade.

— Nunca poderei dar graças, sr. Bennet, por nada que diga respeito ao vínculo. Como alguém pôde ter a consciência de vincular uma propriedade tirando-a das próprias filhas, não consigo entender; e tudo por causa do sr. Collins, ainda por cima! Por que *ele* haveria de ficar com ela mais do que qualquer outro?

— Deixo isso para a senhora mesma decidir — disse o sr. Bennet.

VOLUME

II

XXIV



A carta da srta. Bingley chegou e pôs fim à dúvida. Logo a primeira frase trazia a garantia de que todos estavam instalados em Londres para o inverno, e concluía com o pesar do irmão por não ter tido tempo de apresentar seus respeitos aos amigos de Hertfordshire antes de deixar a região.

A esperança acabara, acabara por completo; e, quando Jane conseguiu prestar atenção ao resto da

carta, encontrou pouco, além da afeição professada pela remetente, que pudesse lhe dar algum conforto. Os elogios à srta. Darcy ocupavam a maior parte dela. Seus muitos atrativos eram novamente enaltecidos; e Caroline gabava-se alegremente da crescente intimidade entre elas, e ousava prever a realização dos desejos que revelara na carta anterior. Escrevia também, com grande prazer, que o irmão estava hospedado na casa do sr. Darcy, e mencionava com arrebatamento alguns planos deste último a respeito de mobília nova.

Elizabeth, a quem Jane muito em breve comunicou o essencial de tudo isso, ouviu-o com silenciosa indignação. Seu coração estava dividido entre a preocupação com a irmã e o ressentimento contra todos os outros. À afirmação de Caroline de que o irmão tinha uma inclinação pela srta. Darcy, ela não deu nenhum crédito. Que ele gostava realmente de Jane, não duvidava mais do que jamais duvidara; e, por mais que sempre estivesse disposta a simpatizar com ele, não conseguia pensar sem raiva, quase sem desprezo, naquela docilidade de temperamento, naquela falta de resolução própria, que agora o tornava escravo dos amigos intrigantes e o levava a sacrificar a própria felicidade ao capricho das inclinações deles. Se a própria felicidade, contudo, fosse o único sacrifício, poder-se-ia permitir que ele brincasse com ela da maneira que julgasse melhor; mas a de sua irmã estava envolvida nisso, como ele mesmo devia perceber. Era um assunto, em suma, sobre o qual a reflexão se

demoraria longamente, e haveria de ser inútil. Ela não conseguia pensar em outra coisa; e, no entanto, quer a afeição de Bingley tivesse realmente morrido, quer fosse sufocada pela interferência dos amigos; quer ele tivesse percebido o apego de Jane, quer isso lhe tivesse escapado à observação; fosse qual fosse o caso, embora sua opinião sobre ele devesse ser substancialmente afetada pela diferença, a situação da irmã permanecia a mesma, e sua paz igualmente ferida.

Um ou dois dias se passaram antes que Jane tivesse coragem de falar de seus sentimentos a Elizabeth; mas por fim, quando a sra. Bennet as deixou a sós, depois de uma irritação mais longa que de costume a respeito de Netherfield e de seu dono, ela não pôde deixar de dizer:

— Ah, se minha querida mãe tivesse mais domínio sobre si mesma! Ela não pode fazer ideia da dor que me causa com suas contínuas observações sobre ele. Mas não vou me queixar. Isso não pode durar muito. Ele será esquecido, e todos nós voltaremos a ser como éramos antes.

Elizabeth olhou para a irmã com incrédula solicitude, mas nada disse.

— Você duvida de mim — exclamou Jane, corando ligeiramente —; realmente, não tem motivo. Ele pode viver na minha memória como o homem mais amável que conheci, mas é só isso. Não tenho nada a esperar nem a temer, e nada de que censurá-lo. Graças a Deus não tenho *essa* dor. Um pouco de tempo, portanto... certamente tentarei superar...

Com voz mais firme, logo acrescentou:

— Tenho desde já este consolo: que não foi mais do que um erro de imaginação de minha parte, e que não fez mal a ninguém além de mim.

— Minha querida Jane — exclamou Elizabeth —, você é boa demais. Sua doçura e seu desprendimento são realmente angelicais; não sei o que lhe dizer. Sinto como se nunca lhe tivesse feito justiça, nem a tivesse amado como você merece.

A srta. Bennet negou vivamente qualquer mérito extraordinário e devolveu o elogio à calorosa afeição da irmã.

— Não — disse Elizabeth —, isso não é justo. *Você* quer pensar que o mundo inteiro é respeitável, e fica magoada se falo mal de alguém. *Eu* só quero pensar que *você* é perfeita, e você se opõe a isso. Não tenha medo de que eu caia em algum excesso, de que eu invada o seu privilégio de boa vontade universal. Não precisa. Há poucas pessoas de quem eu realmente goste, e menos ainda de quem eu pense bem. Quanto mais vejo do mundo, mais insatisfeita fico com ele; e cada dia confirma minha convicção da inconstância de todos os caracteres humanos, e de quão pouco se pode confiar nas aparências de mérito ou de bom senso. Deparei com dois exemplos ultimamente: um não vou mencionar; o outro é o casamento de Charlotte. É inexplicável! Sob todos os aspectos, é inexplicável!

— Minha querida Lizzy, não se entregue a sentimentos como esses. Eles vão arruinar sua felicidade. Você não leva suficientemente em conta as diferenças de situação e de temperamento. Considere a

respeitabilidade do sr. Collins e o caráter prudente e firme de Charlotte. Lembre-se de que ela é de uma família numerosa; de que, quanto à fortuna, é um partido muito conveniente; e esteja pronta a acreditar, pelo bem de todos, que ela talvez sinta algo como consideração e estima pelo nosso primo.

— Para lhe agradar, eu tentaria acreditar em quase qualquer coisa, mas ninguém mais poderia se beneficiar de uma crença como essa; pois, se me convencesse de que Charlotte tem alguma consideração por ele, eu apenas pensaria pior do entendimento dela do que penso agora de seu coração. Minha querida Jane, o sr. Collins é um homem presunçoso, pomposo, tacanho e tolo; você sabe disso tão bem quanto eu; e deve sentir, tão bem quanto eu, que a mulher que se casa com ele não pode ter um modo correto de pensar. Você não vai defendê-la, ainda que seja Charlotte Lucas. Você não vai, por causa de uma única pessoa, mudar o significado de princípio e integridade, nem tentar convencer a si mesma ou a mim de que egoísmo é prudência, e que a insensibilidade ao perigo é garantia de felicidade.

— Devo achar sua linguagem forte demais ao falar dos dois — respondeu Jane —; e espero que você se convença disso ao vê-los felizes juntos. Mas chega disso. Você aludiu a outra coisa. Mencionou *dois* exemplos. Não posso entendê-la mal, mas lhe suplico, querida Lizzy, que não me magoe pensando que *aquela pessoa* é culpada, e dizendo que sua opinião sobre ele decaiu. Não devemos estar tão prontas a nos imaginar deliberadamente ofendidas. Não devemos esperar que

um rapaz vivaz seja sempre tão cauteloso e circunspecto. Muitas vezes não é nada além da nossa própria vaidade que nos engana. As mulheres imaginam que a admiração significa mais do que de fato significa.

— E os homens cuidam para que assim seja.

— Se é feito de propósito, não têm justificativa; mas não acredito que haja no mundo tanta premeditação quanto algumas pessoas imaginam.

— Estou longe de atribuir qualquer parte da conduta do sr. Bingley a premeditação — disse Elizabeth —; mas, sem tramar fazer o mal, ou tornar os outros infelizes, pode haver erro e pode haver sofrimento. Irreflexão, falta de atenção aos sentimentos alheios e falta de resolução bastam para isso.

— E você atribui a alguma dessas coisas?

— Sim; à última. Mas, se eu continuar, vou desagradá-la dizendo o que penso de pessoas que você estima. Detenha-me, enquanto pode.

— Você insiste, então, em supor que as irmãs o influenciam?

— Sim, junto com o amigo dele.

— Não posso acreditar. Por que tentariam influenciá-lo? Elas só podem desejar a felicidade dele; e, se ele gosta de mim, nenhuma outra mulher pode garanti-la.

— Sua primeira premissa é falsa. Elas podem desejar muitas coisas além da felicidade dele: podem desejar o aumento de sua riqueza e de sua posição; podem desejar que ele se case com uma moça que tenha toda a importância do dinheiro, das grandes relações e do orgulho.

— Sem dúvida nenhuma, elas desejam que ele escolha a srta. Darcy — respondeu Jane —; mas isso pode vir de sentimentos melhores do que você supõe. Elas a conhecem há muito mais tempo do que a mim; não é de admirar que gostem mais dela. Mas, sejam quais forem os desejos delas, é muito improvável que se tenham oposto aos do irmão. Que irmã se julgaria com liberdade para fazê-lo, a menos que houvesse algo muito condenável? Se acreditassem que ele gosta de mim, não tentariam nos separar; se ele gostasse, não conseguiriam. Ao supor tal afeição, você faz com que todos ajam de modo antinatural e errado, e a mim, muito infeliz. Não me aflija com essa ideia. Não tenho vergonha de ter me enganado... ou, pelo menos, é pouca, não é nada em comparação com o que eu sentiria pensando mal dele ou das irmãs. Deixe-me encarar isso sob a melhor luz, sob a luz em que pode ser compreendido.

Elizabeth não pôde opor-se a tal desejo; e, desde então, o nome do sr. Bingley quase nunca mais foi mencionado entre elas.

A sra. Bennet continuava a admirar-se e a lamentar que ele não voltasse mais; e, embora raramente se passasse um dia sem que Elizabeth lhe explicasse claramente o motivo, parecia haver pouca chance de que ela algum dia o considerasse com menos perplexidade. A filha esforçava-se por convencê-la daquilo em que ela mesma não acreditava: que as atenções dele a Jane não tinham sido mais do que o efeito de uma simpatia comum e passageira, que cessou quando ele deixou de vê-la; mas, embora a

probabilidade da afirmação fosse admitida na hora, ela tinha a mesma história para repetir todos os dias. O melhor consolo da sra. Bennet era que o sr. Bingley haveria de voltar no verão.

O sr. Bennet tratava o assunto de outro modo.

— Então, Lizzy — disse ele um dia —, sua irmã sofre de um amor contrariado, pelo que vejo. Dou-lhe os parabéns. Depois de casar-se, o que uma moça mais gosta é de ter um amor contrariado de vez em quando. É algo em que pensar, e lhe dá uma espécie de distinção entre as companheiras. Quando chega a sua vez? Você dificilmente suportará ficar muito tempo atrás de Jane. Agora é a hora. Há oficiais suficientes em Meryton para desapontar todas as moças da região. Que Wickham seja o seu escolhido. É um sujeito agradável, e a abandonaria com toda a honra.

— Obrigada, senhor, mas um homem menos agradável me bastaria. Nem todas podemos esperar a boa sorte de Jane.

— É verdade — disse o sr. Bennet —; mas é um consolo pensar que, aconteça o que acontecer desse gênero, você tem uma mãe afetuosa que sempre saberá tirar o máximo proveito da situação.

A companhia do sr. Wickham foi de grande utilidade para dissipar a melancolia que os últimos acontecimentos adversos haviam lançado sobre boa parte da família de Longbourn. Viam-no com frequência, e às suas outras qualidades somava-se agora a de uma franqueza geral. Tudo o que Elizabeth já ouvira, suas pretensões em relação ao sr. Darcy e tudo

o que sofrera por causa dele, era agora abertamente reconhecido e publicamente discutido; e todos se comprazeram em pensar quanto sempre haviam detestado o sr. Darcy antes de saber qualquer coisa a respeito.

A srta. Bennet era a única criatura capaz de supor que talvez houvesse no caso circunstâncias atenuantes desconhecidas da sociedade de Hertfordshire: sua candura branda e constante sempre pedia indulgência e insistia na possibilidade de enganos; mas, por todos os demais, o sr. Darcy foi condenado como o pior dos homens.

XXV



Depois de uma semana passada em declarações de amor e planos de felicidade, o sr. Collins foi afastado de sua amável Charlotte pela chegada do sábado. A dor da separação, contudo, podia ser aliviada, do lado dele, pelos preparativos para a recepção da noiva, pois tinha motivos para esperar que, pouco depois de seu próximo retorno a Hertfordshire, seria marcado o dia que o faria o mais feliz dos homens. Despediu-se dos parentes de Longbourn com tanta solenidade quanto antes; desejou

novamente saúde e felicidade às belas primas, e prometeu ao pai delas outra carta de agradecimento.

Na segunda-feira seguinte, a sra. Bennet teve o prazer de receber o irmão e a esposa, que vinham, como de costume, passar o Natal em Longbourn. O sr. Gardiner era um homem sensato, de maneiras de cavalheiro, muito superior à irmã, tanto por natureza quanto por educação. As damas de Netherfield teriam tido dificuldade em acreditar que um homem que vivia do comércio, e à vista dos próprios armazéns, pudesse ser tão bem-educado e agradável. A sra. Gardiner, que era vários anos mais nova que a sra. Bennet e a sra. Philips, era uma mulher amável, inteligente e elegante, e muito querida pelas sobrinhas de Longbourn. Entre as duas mais velhas e ela, especialmente, existia uma consideração muito particular. Elas haviam se hospedado com frequência em sua casa, em Londres.

A primeira parte das ocupações da sra. Gardiner, ao chegar, foi distribuir os presentes e descrever as últimas modas. Feito isso, coube-lhe um papel menos ativo. Chegou sua vez de escutar. A sra. Bennet tinha muitas mágoas para relatar e muito de que se queixar. Todos haviam sido muito maltratados desde a última vez em que vira a cunhada. Duas de suas filhas tinham estado a ponto de se casar e, no fim das contas, não dera em nada.

— Não culpo Jane — continuou ela —, pois Jane teria ficado com o sr. Bingley se pudesse. Mas Lizzy! Ah, minha cunhada! É muito duro pensar que ela poderia ser a esta altura a esposa do sr. Collins, não fosse sua própria teimosia. Ele lhe fez a proposta nesta mesma

sala, e ela o recusou. A consequência disso é que lady Lucas terá uma filha casada antes de mim, e a propriedade de Longbourn continua tão vinculada quanto sempre esteve. Os Lucas são gente muito astuta, de fato, cunhada. Só pensam no que podem conseguir. Sinto muito dizer isso deles, mas é assim. Deixa-me muito nervosa e adoentada ser contrariada desse modo na minha própria família, e ter vizinhos que pensam em si mesmos antes de qualquer outra pessoa. No entanto, a sua vinda justamente agora é o maior dos consolos, e fico muito contente em ouvir o que você nos conta sobre as mangas compridas.

A sra. Gardiner, a quem o essencial dessas notícias já fora comunicado antes, no curso da correspondência de Jane e Elizabeth com ela, deu à cunhada uma resposta breve e, por compaixão pelas sobrinhas, mudou de assunto.

Quando ficou a sós com Elizabeth, mais tarde, falou mais sobre a questão.

— Parece que teria sido uma união desejável para Jane — disse ela. — Lamento que tenha se desfeito. Mas essas coisas acontecem com tanta frequência! Um rapaz como o que você descreve no sr. Bingley se apaixona com tanta facilidade por uma moça bonita durante algumas semanas e, quando o acaso os separa, a esquece com tanta facilidade, que esse tipo de inconstância é muito comum.



— Um excelente consolo, a seu modo — disse Elizabeth —; mas não serve para *nós*. Não sofremos por acaso. Não acontece com frequência que a interferência de amigos persuada um rapaz de fortuna independente a não pensar mais numa moça por quem estava violentamente apaixonado apenas alguns dias antes.

— Mas essa expressão, "violentamente apaixonado", é tão batida, tão duvidosa, tão vaga, que me dá muito pouca ideia. Aplica-se tanto a sentimentos que nascem de meia hora de convivência quanto a uma afeição verdadeira e forte. Diga-me, quão *violento era* o amor do sr. Bingley?

— Nunca vi inclinação mais promissora; ele estava ficando totalmente desatento às outras pessoas e inteiramente absorvido por ela. A cada vez que se encontravam, isso ficava mais decidido e mais notável.

No próprio baile que ofereceu, ofendeu duas ou três moças por não convidá-las para dançar; e eu mesma falei com ele duas vezes sem receber resposta. Poderia haver sintomas melhores? Não é a descortesia geral a própria essência do amor?

— Ah, sim! Desse tipo de amor que suponho que ele tenha sentido. Pobre Jane! Tenho pena dela, porque, com a índole que tem, talvez não se recupere logo. Teria sido melhor que acontecesse com *você*, Lizzy; você riria disso e o esqueceria mais depressa. Mas você acha que ela se deixaria convencer a voltar conosco? Uma mudança de ares poderia ser útil... e talvez um pouco de descanso de casa seja tão proveitoso quanto qualquer outra coisa.

Elizabeth ficou extremamente satisfeita com essa proposta e sentiu-se certa da pronta aquiescência da irmã.

— Espero — acrescentou a sra. Gardiner — que nenhuma consideração a respeito desse rapaz a influencie. Moramos numa parte tão diferente da cidade, todas as nossas relações são tão diferentes e, como você bem sabe, saímos tão pouco, que é muito improvável que eles se encontrem, a menos que ele realmente vá visitá-la.

— E *isso* é completamente impossível; pois ele agora está sob a custódia do amigo, e o sr. Darcy jamais toleraria que ele visitasse Jane numa parte de Londres como aquela! Minha querida tia, como pôde pensar nisso? O sr. Darcy talvez tenha *ouvido falar* de um lugar chamado Gracechurch Street, mas dificilmente julgaria um mês de abluções suficiente para limpá-lo de suas

impurezas, se um dia lá entrasse; e, pode estar certa, o sr. Bingley nunca se mexe sem ele.

— Tanto melhor. Espero que não se encontrem de modo algum. Mas Jane não se corresponde com a irmã dele? *Ela* não poderá deixar de fazer uma visita.

— Ela vai romper a relação por completo.

Mas, apesar da certeza com que Elizabeth fingia colocar esse ponto, assim como o outro, ainda mais interessante, de que Bingley seria impedido de ver Jane, sentia a respeito uma inquietação que a convenceu, ao examiná-la, de que não considerava o caso inteiramente perdido. Era possível, e às vezes ela achava provável, que a afeição dele se reanimasse, e que a influência dos amigos fosse vencida com êxito pela influência mais natural dos atrativos de Jane.

A srta. Bennet aceitou com prazer o convite da tia; e os Bingley não ocupavam nesse momento seus pensamentos senão pela esperança de que, como Caroline não morava na mesma casa que o irmão, ela pudesse ocasionalmente passar uma manhã com a amiga, sem nenhum perigo de vê-lo.

Os Gardiner passaram uma semana em Longbourn; e, entre os Philips, os Lucas e os oficiais, não houve um dia sem compromisso. A sra. Bennet providenciara com tanto cuidado o entretenimento do irmão e da cunhada que nem uma vez se sentaram para um jantar em família. Quando o compromisso era em casa, alguns dos oficiais sempre faziam parte dele, e entre esses oficiais o sr. Wickham certamente estava; e nessas ocasiões a sra. Gardiner, tornada desconfiada pelos calorosos elogios que Elizabeth lhe fazia, observou atentamente os dois.

Sem supor, pelo que via, que estivessem muito seriamente apaixonados, a preferência de um pelo outro era evidente o bastante para deixá-la um pouco inquieta; e ela resolveu falar com Elizabeth sobre o assunto antes de deixar Hertfordshire, e mostrar-lhe a imprudência de encorajar tal afeição.

Para a sra. Gardiner, Wickham tinha um meio de proporcionar prazer que não se ligava a seus dotes em geral. Cerca de dez ou doze anos antes, ainda solteira, ela passara um tempo considerável naquela mesma parte de Derbyshire de onde ele vinha. Tinham, portanto, muitos conhecidos em comum; e, embora Wickham pouco tivesse estado lá desde a morte do pai de Darcy, cinco anos antes, ainda estava em seu poder dar-lhe notícias mais frescas de seus antigos amigos do que ela teria tido meios de obter.

A sra. Gardiner vira Pemberley e conhecia perfeitamente bem a reputação do falecido sr. Darcy. Havia aí, por conseguinte, um assunto inesgotável de conversa. Ao comparar suas lembranças de Pemberley com a descrição minuciosa que Wickham podia fazer, e ao render seu tributo de louvor ao caráter do antigo proprietário, ela deleitava tanto a ele quanto a si mesma. Ao ser informada do tratamento que o atual sr. Darcy lhe dispensava, tentou lembrar-se de algo da índole que se atribuía a esse cavalheiro quando ainda menino, que pudesse concordar com aquilo; e ficou convencida, por fim, de que se recordava de ter ouvido falar do sr. Fitzwilliam Darcy, antigamente, como um garoto muito orgulhoso e de mau gênio.

XXVI



A advertência da sra. Gardiner a Elizabeth foi feita pontualmente e com bondade na primeira oportunidade favorável de falar-lhe a sós: depois de dizer-lhe com franqueza o que pensava, prosseguiu assim:

— Você é uma moça sensata demais, Lizzy, para se apaixonar só porque a advertem contra isso; e, portanto, não tenho receio de falar abertamente. Falando sério, gostaria que ficasse de sobreaviso. Não se envolva, nem procure envolvê-lo, numa afeição que a falta de fortuna

tornaria tão imprudente. Nada tenho a dizer contra *ele*: é um rapaz muito interessante; e, se tivesse a fortuna que deveria ter, eu acharia que você não poderia fazer melhor escolha. Mas, como as coisas estão... você não deve deixar que a imaginação a arraste. Você tem juízo, e todos nós esperamos que o use. Seu pai confiaria na *sua* firmeza e na sua boa conduta, tenho certeza. Você não deve decepcionar seu pai.

— Minha cara tia, isso é falar sério de verdade.

— Sim, e espero convencê-la a ser igualmente séria.

— Pois bem, então não precisa alarmar-se. Cuidarei de mim, e do sr. Wickham também. Ele não se apaixonará por mim, se eu puder evitá-lo.

— Elizabeth, agora você não está falando sério.

— Peço-lhe perdão. Vou tentar de novo. No momento, não estou apaixonada pelo sr. Wickham; não, certamente não estou. Mas ele é, sem comparação possível, o homem mais agradável que já vi... e, se ele vier a afeiçoar-se realmente a mim... creio que será melhor que não o faça. Vejo a imprudência disso. Ah, *aquele* abominável sr. Darcy! A opinião que meu pai tem de mim me honra ao máximo, e eu me sentiria infeliz se a perdesse. Meu pai, contudo, tem simpatia pelo sr. Wickham. Em suma, minha cara tia, eu lamentaria muito ser a causa da infelicidade de qualquer um de vocês; mas, já que vemos todos os dias que, onde há afeição, raramente a falta imediata de fortuna impede os jovens de assumir compromissos entre si, como posso prometer ser mais sábia do que tantos dos meus semelhantes, se for tentada, ou como posso sequer saber que seria mais sábio resistir? Tudo o que posso

prometer-lhe, portanto, é não ter pressa. Não terei pressa em acreditar que sou o seu primeiro objeto. Quando estiver em sua companhia, não ficarei desejando. Em suma, farei o melhor que puder.

— Talvez seja conveniente que você desestimule essas visitas tão frequentes dele aqui. Ao menos, não deveria *lembrar* à sua mãe de convidá-lo.

— Como fiz no outro dia — disse Elizabeth, com um sorriso de quem se sabe culpada. — É bem verdade, será sensato da minha parte abster-me *disso*. Mas não imagine que ele venha sempre com tanta frequência. Foi por causa de vocês que ele foi convidado tantas vezes esta semana. A senhora conhece as ideias de minha mãe quanto à necessidade de companhia constante para os seus hóspedes. Mas, de fato, e palavra de honra, tentarei fazer o que julgar mais sábio; e agora espero que a senhora esteja satisfeita.

A tia garantiu-lhe que estava; e Elizabeth, depois de agradecer-lhe a bondade dos conselhos, despediram-se — um admirável exemplo de conselho dado sobre tal assunto sem provocar ressentimento.

O sr. Collins voltou a Hertfordshire pouco depois de os Gardiner e Jane terem partido; mas, como se hospedou na casa dos Lucas, sua chegada não foi grande incômodo para a sra. Bennet. Seu casamento agora se aproximava depressa; e ela por fim se resignara a ponto de considerá-lo inevitável, e até de dizer repetidas vezes, em tom mal-humorado, que "*desejava* que fossem felizes". A quinta-feira seria o dia do casamento, e na quarta-feira a srta. Lucas fez sua visita de despedida; e, quando se levantou para partir, Elizabeth,

envergonhada dos votos pouco graciosos e relutantes da mãe, e sinceramente comovida ela própria, acompanhou-a até fora da sala. Enquanto desciam juntas a escada, Charlotte disse:

— Contarei com notícias suas com muita frequência, Eliza.

— *Isso* você certamente terá.

— E tenho outro favor a pedir. Você virá me ver?

— Nós nos encontraremos muitas vezes, espero, em Hertfordshire.

— Não é provável que eu deixe Kent por algum tempo. Prometa-me, portanto, que virá a Hunsford.

Elizabeth não pôde recusar, embora previsse pouco prazer na visita.

— Meu pai e Maria virão me visitar em março — acrescentou Charlotte —, e espero que você concorde em fazer parte do grupo. De fato, Eliza, você será tão bem-vinda para mim quanto qualquer um deles.

O casamento realizou-se: os noivos partiram para Kent da porta da igreja, e todos tiveram tanto a dizer ou a ouvir sobre o assunto quanto de costume. Elizabeth logo recebeu notícias da amiga, e a correspondência entre elas foi tão regular e frequente como sempre fora: que fosse igualmente franca era impossível. Elizabeth nunca conseguia escrever-lhe sem sentir que todo o conforto da intimidade havia acabado; e, embora decidida a não afrouxar como correspondente, fazia-o em nome do que fora, e não do que era. As primeiras cartas de Charlotte foram recebidas com bastante avidez: não podia deixar de haver curiosidade em saber como ela falaria de seu novo lar, se gostaria de lady

Catherine e quão feliz ousaria declarar-se; embora, lidas as cartas, Elizabeth sentisse que Charlotte se exprimia sobre cada ponto exatamente como ela poderia ter previsto. Escrevia com alegria, parecia cercada de confortos e não mencionava nada que não pudesse elogiar. A casa, os móveis, a vizinhança e as estradas eram todos do seu gosto, e a conduta de lady Catherine era das mais amistosas e obsequiosas. Era o retrato que o sr. Collins fazia de Hunsford e de Rosings, razoavelmente suavizado; e Elizabeth percebeu que teria de esperar por sua própria visita para conhecer o resto.

Jane já escrevera algumas linhas à irmã para anunciar a chegada em segurança a Londres; e, quando escrevesse de novo, Elizabeth esperava que lhe fosse possível dizer alguma coisa sobre os Bingley.

Sua impaciência por essa segunda carta foi tão bem recompensada quanto a impaciência costuma ser. Jane estava havia uma semana em Londres sem ver Caroline nem ter notícias dela. Explicava o fato, contudo, supondo que sua última carta à amiga, enviada de Longbourn, se tivesse perdido por algum acidente.

"Minha tia", continuava ela, "vai amanhã àquela parte da cidade, e aproveitarei a oportunidade para fazer uma visita à Grosvenor Street."

Escreveu de novo quando a visita fora feita e ela vira a srta. Bingley. "Não achei Caroline muito animada", eram suas palavras, "mas ficou muito contente em me ver e me repreendeu por não a ter avisado de minha vinda a Londres. Eu tinha razão, portanto: minha última carta nunca chegou a ela. Perguntei pelo irmão, é claro.

Ele estava bem, mas tão ocupado com o sr. Darcy que elas quase nunca o viam. Soube que a srta. Darcy era esperada para o jantar; gostaria de poder vê-la. Minha visita não foi longa, pois Caroline e a sra. Hurst iam sair. Creio que em breve as verei aqui."

Elizabeth balançou a cabeça diante dessa carta. Ela a convenceu de que só por acidente o sr. Bingley descobriria que a irmã estava em Londres.

Passaram-se quatro semanas, e Jane nada viu dele. Esforçou-se por persuadir-se de que não o lamentava; mas já não podia continuar cega à desatenção da srta. Bingley. Depois de esperar em casa todas as manhãs durante quinze dias, e de inventar todas as noites uma nova desculpa para ela, a visitante enfim apareceu; mas a brevidade de sua permanência e, mais ainda, a mudança de suas maneiras não permitiram que Jane continuasse a iludir-se. A carta que escreveu nessa ocasião à irmã mostrará o que sentiu:

Sua, etc.

Essa carta causou a Elizabeth alguma dor; mas seu ânimo voltou ao considerar que Jane não seria mais enganada, ao menos pela irmã. Toda expectativa quanto ao irmão estava agora absolutamente encerrada. Ela nem sequer desejava que ele renovasse suas atenções. O caráter dele descia a cada nova reflexão; e, como castigo para ele, e também como possível vantagem para Jane, ela esperava seriamente que ele de fato se casasse em breve com a irmã do sr. Darcy, pois, pelo

relato de Wickham, ela o faria lamentar amargamente aquilo que desprezara.

Por essa época, a sra. Gardiner lembrou a Elizabeth sua promessa a respeito daquele cavalheiro e pediu informações; e Elizabeth tinha notícias a enviar que dariam mais contentamento à tia do que a ela própria. A aparente inclinação dele havia esmorecido, suas atenções tinham cessado, ele era agora o admirador de outra pessoa. Elizabeth era observadora o bastante para ver tudo isso, mas podia vê-lo e escrever a respeito sem dor real. Seu coração fora apenas levemente tocado, e sua vaidade se satisfazia em acreditar que *ela* teria sido a única escolha dele, se a fortuna o permitisse. A súbita aquisição de dez mil libras era o encanto mais notável da jovem a quem ele agora procurava tornar-se agradável; mas Elizabeth, talvez menos lúcida neste caso do que no de Charlotte, não o censurou por seu desejo de independência. Nada, pelo contrário, poderia ser mais natural; e, embora pudesse supor que lhe custara algum esforço renunciar a ela, estava pronta a admitir que era uma medida sábia e desejável para ambos, e podia desejar-lhe felicidade com toda a sinceridade.

Tudo isso foi confessado à sra. Gardiner; e, depois de relatar as circunstâncias, ela prosseguiu assim: "Estou agora convencida, minha cara tia, de que nunca estive muito apaixonada; pois, se tivesse de fato experimentado essa paixão pura e elevada, detestaria no momento o próprio nome dele e lhe desejaria todo tipo de mal. Mas meus sentimentos não são apenas cordiais para com *ele*; são até imparciais para com a srta. King.

Não consigo descobrir que a odeie em absoluto, nem que tenha a menor relutância em considerá-la uma moça muito boa. Não pode haver amor em tudo isso. Minha vigilância foi eficaz; e, embora eu fosse certamente um objeto mais interessante para todos os meus conhecidos se estivesse perdidamente apaixonada por ele, não posso dizer que lamente minha relativa insignificância. A importância às vezes se compra caro demais. Kitty e Lydia levam a deserção dele muito mais a sério do que eu. São jovens nos caminhos do mundo, e ainda não estão abertas à mortificante convicção de que os rapazes bonitos precisam ter de que viver, tanto quanto os feios."

XXVII



Sem acontecimentos maiores do que esses na família de Longbourn, e sem outra variedade além dos passeios a Meryton, ora enlameados, ora frios, passaram-se janeiro e fevereiro. Março levaria Elizabeth a Hunsford. A princípio ela não pensara muito seriamente em ir até lá; mas Charlotte, logo descobriu, contava com o plano, e aos poucos ela própria aprendeu a considerá-lo com maior prazer e também com maior certeza. A ausência aumentara seu desejo de rever Charlotte e enfraquecera

sua aversão ao sr. Collins. Havia novidade no projeto; e, como, com uma mãe daquelas e irmãs tão pouco companheiras, o lar não podia ser perfeito, uma pequena mudança não era desagradável por si mesma. A viagem, além disso, lhe daria um vislumbre de Jane; e, em suma, à medida que se aproximava a data, ela teria lamentado muito qualquer adiamento. Tudo, porém, correu sem tropeços, e ficou por fim acertado segundo o primeiro esboço de Charlotte. Ela acompanharia sir William e sua segunda filha. A melhoria de passar uma noite em Londres foi acrescentada a tempo, e o plano tornou-se tão perfeito quanto um plano pode ser.

A única dor era deixar o pai, que certamente sentiria sua falta, e que, na hora da partida, gostou tão pouco de vê-la ir que lhe pediu que lhe escrevesse, e quase prometeu responder à carta.

A despedida entre ela e o sr. Wickham foi perfeitamente amistosa; da parte dele, mais ainda. Sua atual pretensão não podia fazê-lo esquecer que Elizabeth fora a primeira a despertar e a merecer sua atenção, a primeira a escutá-lo e a compadecer-se, a primeira a ser admirada; e, na maneira como lhe disse adeus, desejando-lhe todos os prazeres, lembrando-lhe o que deveria esperar de lady Catherine de Bourgh e confiando em que a opinião de ambos sobre ela — a opinião de ambos sobre todo mundo — sempre coincidiria, havia uma solicitude, um interesse, que ela sentiu que a ligariam sempre a ele com a mais sincera estima; e separou-se dele convencida de que, casado ou solteiro, ele seria sempre o seu modelo do amável e do agradável.

Seus companheiros de viagem no dia seguinte não eram do tipo que a fizesse achá-lo menos agradável. Sir William Lucas e sua filha Maria, moça de bom humor, mas de cabeça tão vazia quanto a dele, nada tinham a dizer que valesse a pena ouvir, e foram escutados com mais ou menos o mesmo deleite que o chocalhar da sege. Elizabeth adorava absurdos, mas conhecia havia tempo demais os de sir William. Ele nada podia contar-lhe de novo sobre as maravilhas de sua apresentação na corte e de seu título de cavaleiro; e suas cortesias estavam gastas, como suas informações.

Era uma viagem de apenas vinte e quatro milhas, e começaram-na tão cedo que chegaram à Gracechurch Street ao meio-dia. Quando se aproximaram da porta do sr. Gardiner, Jane estava a uma janela da sala de visitas observando a chegada deles; quando entraram no corredor, ela ali estava para recebê-los, e Elizabeth, examinando-lhe atentamente o rosto, teve o prazer de vê-lo saudável e encantador como sempre. Na escada havia uma tropa de meninos e meninas, cuja ansiedade pela aparição da prima não lhes permitia esperar na sala de visitas, e cuja timidez, já que não a viam havia um ano, os impedia de descer mais. Tudo era alegria e bondade. O dia passou da forma mais agradável; a manhã, em agitação e compras, e a noite, num dos teatros.

Elizabeth arranjou-se então para sentar-se ao lado da tia. O primeiro assunto foi a irmã; e ela ficou mais aflita do que surpresa ao ouvir, em resposta a suas perguntas minuciosas, que, embora Jane sempre lutasse para manter o ânimo, havia períodos de abatimento. Era razoável, contudo, esperar que não durassem muito. A

sra. Gardiner deu-lhe também os pormenores da visita da srta. Bingley à Gracechurch Street, e repetiu conversas havidas em diferentes ocasiões entre ela e Jane, que provavam que esta última desistira, de coração, daquela amizade.

A sra. Gardiner então gracejou com a sobrinha a respeito da deserção de Wickham, e cumprimentou-a por suportá-la tão bem.

— Mas, minha cara Elizabeth — acrescentou —, que tipo de moça é a srta. King? Eu lamentaria pensar que nosso amigo é interesseiro.

— Diga-me, minha cara tia, qual é a diferença, em questões matrimoniais, entre o motivo interesseiro e o motivo prudente? Onde termina a discrição e começa a avareza? No Natal passado a senhora tinha medo de que ele se casasse comigo, porque seria imprudente; e agora, porque ele está tentando conquistar uma moça com apenas dez mil libras, a senhora quer descobrir que ele é interesseiro.

— Se você me disser apenas que tipo de moça é a srta. King, saberei o que pensar.

— É uma moça muito boa, creio. Não sei de nada que a desabone.

— Mas ele não lhe dedicou a menor atenção até que a morte do avô a tornasse dona dessa fortuna?

— Não... e por que o faria? Se não lhe era permitido conquistar a *minha* afeição, porque eu não tinha dinheiro, que razão haveria para cortejar uma moça de quem ele não gostava e que era igualmente pobre?

— Mas parece haver indelicadeza em dirigir-lhe as atenções tão pouco tempo depois desse acontecimento.

— Um homem em circunstâncias apertadas não tem tempo para todos esses decoros elegantes que outras pessoas podem observar. Se *ela* não faz objeção, por que *nós* faríamos?

— O fato de *ela* não objetar não justifica a *ele*. Apenas mostra que a ela própria falta alguma coisa: juízo ou sentimento.

— Pois bem — exclamou Elizabeth —, seja como a senhora quiser. *Ele* será interesseiro, e *ela* será tola.

— Não, Lizzy, é isso que eu *não* quero. Eu lamentaria, como sabe, pensar mal de um rapaz que viveu tanto tempo em Derbyshire.

— Ah, se é só isso, tenho uma opinião muito pobre dos rapazes que vivem em Derbyshire; e seus amigos íntimos que vivem em Hertfordshire não são muito melhores. Estou farta de todos eles. Graças a Deus, vou amanhã para um lugar onde encontrarei um homem que não tem uma única qualidade agradável, que não tem nem maneiras nem juízo que o recomendem. Os homens estúpidos são os únicos que vale a pena conhecer, afinal.

— Cuidado, Lizzy; esse discurso tem um forte sabor de desapontamento.

Antes que fossem separadas pelo fim da peça, ela teve a inesperada felicidade de um convite para acompanhar os tios numa viagem de recreio que eles se propunham fazer no verão.

— Ainda não decidimos bem até onde ela nos levará — disse a sra. Gardiner —, mas talvez até os Lagos.

Nenhum plano poderia ser mais agradável a Elizabeth, e sua aceitação do convite foi das mais prontas e gratas.

— Minha querida, querida tia — exclamou ela, arrebatada —, que delícia! Que felicidade! A senhora me dá vida e vigor novos. Adeus ao desapontamento e à melancolia. O que são os homens diante de rochedos e montanhas? Ah, que horas de enlevo passaremos! E, quando *voltarmos*, não será como os outros viajantes, sem sermos capazes de dar uma ideia exata de coisa alguma. Nós *saberemos* aonde fomos; nós *nos lembraremos* do que vimos. Lagos, montanhas e rios não se confundirão em nossa imaginação; nem, quando tentarmos descrever alguma cena em particular, começaremos a brigar sobre sua posição relativa. Que as *nossas* primeiras efusões sejam menos insuportáveis que as da maioria dos viajantes.

XXVIII



Cada objeto da viagem do dia seguinte era novo e interessante para Elizabeth; e seu ânimo estava num estado de puro contentamento, pois vira a irmã com tão boa aparência que afastara todo receio por sua saúde, e a perspectiva da excursão ao norte era uma fonte constante de prazer.

Quando deixaram a estrada principal pela alameda que levava a Hunsford, todos os olhos procuravam o presbitério, e a cada curva esperava-se avistá-lo. A

cerca do parque de Rosings era o limite de um dos lados. Elizabeth sorriu ao lembrar-se de tudo o que ouvira sobre seus habitantes.

Por fim o presbitério tornou-se visível. O jardim descendo em declive até a estrada, a casa erguida no meio dele, a cerca verde e a sebe de louros, tudo anunciava que estavam chegando. O sr. Collins e Charlotte apareceram à porta, e a carruagem parou junto ao pequeno portão, que levava à casa por um curto caminho de cascalho, em meio aos acenos e sorrisos de todo o grupo. Num instante estavam todos fora da sege, regozijando-se por se verem. A sra. Collins recebeu a amiga com o mais vivo prazer, e Elizabeth ficou cada vez mais satisfeita por ter vindo, ao ver-se acolhida com tanto afeto. Percebeu de imediato que as maneiras do primo não haviam mudado com o casamento: sua cortesia formal era exatamente a mesma de antes; e ele a reteve alguns minutos junto ao portão para ouvir e satisfazer suas perguntas sobre toda a família dela. Foram então levados para dentro da casa, sem outra demora além de ele apontar o asseio da entrada; e, mal chegaram à saleta, ele lhes deu boas-vindas pela segunda vez, com formalidade ostensiva, à sua humilde morada, e repetiu pontualmente todos os oferecimentos de refresco feitos pela esposa.

Elizabeth estava preparada para vê-lo em sua glória; e não pôde deixar de imaginar que, ao exibir as boas proporções da sala, sua orientação e seus móveis, ele se dirigia particularmente a ela, como se quisesse fazê-la sentir o que perdera ao recusá-lo. Mas, embora tudo parecesse asseado e confortável, ela não foi capaz de

gratificá-lo com um único suspiro de arrependimento; antes olhava com espanto para a amiga, admirada de que pudesse ter um ar tão alegre com semelhante companheiro. Quando o sr. Collins dizia algo de que a esposa pudesse razoavelmente envergonhar-se, o que certamente não era raro, ela involuntariamente voltava os olhos para Charlotte. Uma ou duas vezes pôde discernir um leve rubor; mas, em geral, Charlotte sabiamente não ouvia. Depois de ficarem sentados o tempo suficiente para admirar cada peça do mobiliário da sala, do aparador ao guarda-fogo, e para dar conta da viagem e de tudo o que acontecera em Londres, o sr. Collins convidou-os a dar um passeio pelo jardim, que era grande e bem traçado, e de cujo cultivo ele próprio cuidava. Trabalhar no jardim era um de seus prazeres mais respeitáveis; e Elizabeth admirou o domínio da fisionomia com que Charlotte falou de quão saudável era o exercício, e confessou que o incentivava o mais possível. Ali, abrindo caminho por cada alameda e cada atalho, e mal lhes concedendo um intervalo para pronunciar os elogios que pedia, cada vista foi apontada com uma minúcia que deixava a beleza inteiramente para trás. Ele era capaz de contar os campos em todas as direções, e sabia dizer quantas árvores havia no bosque mais distante. Mas, de todas as vistas de que seu jardim, ou o condado, ou o reino podia gabar-se, nenhuma se comparava à perspectiva de Rosings, oferecida por uma abertura entre as árvores que margeavam o parque, quase em frente à fachada de sua casa. Era um belo edifício moderno, bem situado num terreno elevado.

Do jardim, o sr. Collins os teria levado a percorrer seus dois prados; mas as senhoras, não tendo calçados para enfrentar os restos de uma geada branca, voltaram; e, enquanto sir William o acompanhava, Charlotte levou a irmã e a amiga a conhecer a casa, extremamente satisfeita, provavelmente, por ter a oportunidade de mostrá-la sem a ajuda do marido. Era bastante pequena, mas bem construída e cômoda; e tudo estava disposto e arranjado com um asseio e uma harmonia cujo mérito Elizabeth atribuiu inteiramente a Charlotte. Quando se conseguia esquecer o sr. Collins, havia de fato um grande ar de conforto por toda parte; e, pelo evidente prazer que Charlotte ali sentia, Elizabeth supôs que ele devia ser esquecido com frequência.

Ela já ficara sabendo que lady Catherine ainda estava no campo. Falou-se disso de novo durante o jantar, quando o sr. Collins, entrando na conversa, observou:

— Sim, srta. Elizabeth, a senhorita terá a honra de ver lady Catherine de Bourgh no próximo domingo, na igreja, e não preciso dizer que ficará encantada com ela. É toda afabilidade e condescendência, e não duvido de que a senhorita será honrada com alguma parcela de sua atenção quando o serviço religioso terminar. Quase não hesito em dizer que ela incluirá a senhorita e minha irmã Maria em todos os convites com que nos honrar durante sua estada aqui. O comportamento dela para com minha querida Charlotte é encantador. Jantamos em Rosings duas vezes por semana, e nunca nos permitem voltar a pé. A carruagem de Sua Senhoria é regularmente posta à nossa disposição. Eu *deveria* dizer uma das carruagens de Sua Senhoria, pois ela tem várias.

— Lady Catherine é, de fato, uma mulher muito respeitável e sensata — acrescentou Charlotte —, e uma vizinha das mais atenciosas.

— É bem verdade, minha cara, é exatamente o que eu digo. É o tipo de mulher a quem nunca se pode tratar com deferência demais.

A noite passou-se principalmente em conversar sobre as novidades de Hertfordshire e em contar de novo o que já fora escrito; e, quando terminou, Elizabeth, na solidão de seu quarto, teve de meditar sobre o grau de contentamento de Charlotte, de compreender sua habilidade em conduzir o marido e sua serenidade em suportá-lo, e de reconhecer que tudo era feito muito bem. Teve também de antecipar como se passaria sua visita: o curso tranquilo das ocupações habituais, as interrupções irritantes do sr. Collins e as alegrias do convívio com Rosings. Uma imaginação viva logo resolveu tudo isso.

Por volta do meio do dia seguinte, quando estava em seu quarto preparando-se para um passeio, um ruído súbito lá embaixo pareceu anunciar a casa inteira em confusão; e, depois de escutar um momento, ouviu alguém subir a escada correndo, com violenta pressa, e chamá-la em voz alta. Abriu a porta e encontrou Maria no patamar, que, sem fôlego de agitação, exclamou:

— Ah, minha querida Eliza! Por favor, apresse-se e venha à sala de jantar, pois há uma coisa para se ver! Não vou lhe dizer o que é. Apresse-se e desça neste instante.

Elizabeth fez perguntas em vão; Maria não quis dizer-lhe mais nada; e desceram correndo até a sala de jantar, que dava para a alameda, em busca daquela

maravilha: eram duas senhoras, paradas num faetonte baixo junto ao portão do jardim.



— E é só isso? — exclamou Elizabeth. — Eu esperava, no mínimo, que os porcos tivessem entrado no jardim, e não há nada senão lady Catherine e a filha!

— Nossa, minha querida! — disse Maria, muito chocada com o engano. — Não é lady Catherine. A senhora idosa é a sra. Jenkinson, que mora com elas. A outra é a srta. de Bourgh. Olhe só para ela. É uma criaturinha tão pequena. Quem diria que fosse tão magra e miúda!

— É abominavelmente grosseira em deixar Charlotte do lado de fora com todo este vento. Por que ela não entra?

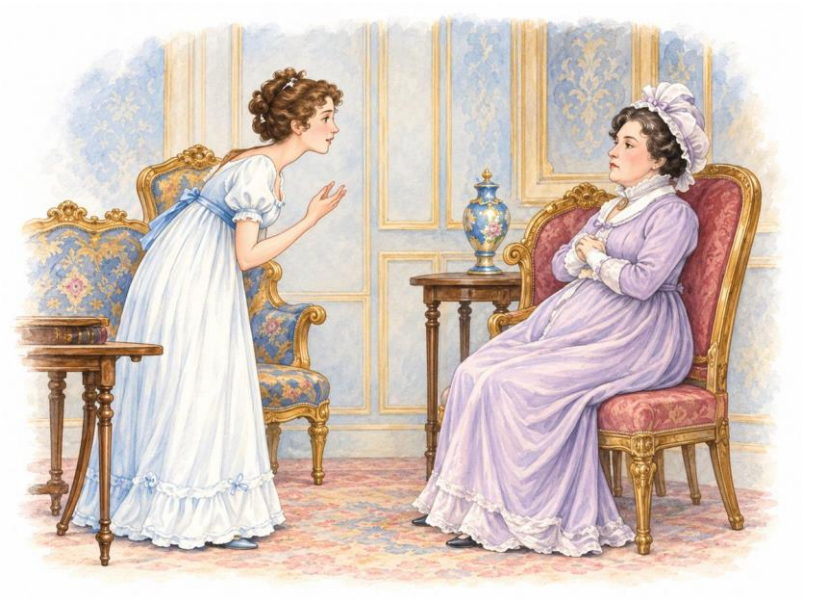
— Ah, Charlotte diz que ela quase nunca entra. É o maior dos favores quando a srta. de Bourgh entra.

— Gosto da aparência dela — disse Elizabeth, tomada por outras ideias. — Parece doentia e rabugenta. Sim, servirá muito bem para ele. Será uma esposa muito apropriada.

O sr. Collins e Charlotte estavam ambos de pé junto ao portão, conversando com as senhoras; e sir William, para grande divertimento de Elizabeth, postara-se à porta, em séria contemplação da grandeza diante de si, e fazia reverências constantes sempre que a srta. de Bourgh olhava naquela direção.

Por fim não houve mais nada a dizer; as senhoras seguiram viagem, e os outros voltaram para dentro da casa. Mal viu as duas moças, o sr. Collins começou a cumprimentá-las por sua boa sorte, que Charlotte explicou informando-lhes que todo o grupo fora convidado para jantar em Rosings no dia seguinte.

XXIX



O triunfo do sr. Collins, em consequência desse convite, foi completo. O poder de exibir a grandeza de sua protetora aos visitantes maravilhados, e de deixá-los ver a cortesia dela para com ele e a esposa, era exatamente o que ele desejara; e que uma oportunidade de fazê-lo lhe fosse dada tão cedo era um tal exemplo da condescendência de lady Catherine que ele não sabia como admirá-lo o bastante.

— Confesso — disse ele — que não me teria surpreendido nem um pouco se Sua Senhoria nos convidasse no domingo para tomar chá e passar a noite em Rosings. Eu até esperava, pelo que conheço de sua afabilidade, que isso acontecesse. Mas quem poderia ter previsto uma atenção como esta? Quem poderia ter imaginado que receberíamos um convite para jantar lá (um convite que, além disso, inclui todo o grupo) tão imediatamente depois da chegada de vocês?

— Estou menos surpreso com o que aconteceu — replicou sir William — por conhecer o que são realmente as maneiras dos grandes, conhecimento que minha posição na vida me permitiu adquirir. Na corte, tais exemplos de boa educação elegante não são incomuns.

Quase não se falou de outra coisa durante o dia inteiro e a manhã seguinte senão da visita a Rosings. O sr. Collins instruía-os cuidadosamente sobre o que deveriam esperar, para que a visão de tais salas, de tantos criados e de um jantar tão esplêndido não os subjugasse por completo.

Quando as senhoras se separavam para a toalete, ele disse a Elizabeth:

— Não se inquiete, minha cara prima, com seu vestuário. Lady Catherine está longe de exigir de nós aquela elegância no vestir que convém a ela e à filha. Eu a aconselharia apenas a pôr a melhor de suas roupas; não há motivo para nada mais. Lady Catherine não a julgará pior por estar vestida com simplicidade. Ela gosta que a distinção de posições seja preservada.

Enquanto elas se vestiam, ele veio duas ou três vezes às portas de cada uma para recomendar-lhes que

fossem rápidas, pois lady Catherine fazia grande objeção a esperar pelo jantar. Relatos tão formidáveis de Sua Senhoria e de seu modo de viver assustaram deveras Maria Lucas, que estava pouco habituada a companhia; e ela aguardava sua apresentação em Rosings com tanta apreensão quanto o pai tivera diante de sua apresentação em St. James.

Como o tempo estava bom, tiveram um agradável passeio de cerca de meia milha através do parque. Todo parque tem sua beleza e suas perspectivas; e Elizabeth viu muito com que se agradar, embora não pudesse cair nos arroubos que o sr. Collins esperava que a cena inspirasse, e fosse apenas levemente tocada por sua enumeração das janelas da fachada da casa e por seu relato de quanto todo o envidraçamento custara originalmente a sir Lewis de Bourgh.

Quando subiram os degraus até o vestíbulo, o alarme de Maria crescia a cada instante, e nem mesmo sir William parecia perfeitamente calmo. A coragem de Elizabeth não lhe faltou. Ela nada ouvira de lady Catherine que a tornasse temível por talentos extraordinários ou virtude miraculosa, e a mera imponência do dinheiro e da posição ela julgava poder testemunhar sem tremor.

Do vestíbulo de entrada, cujas belas proporções e ornamentos acabados o sr. Collins apontou com ar arrebatado, seguiram os criados por uma antecâmara até a sala onde lady Catherine, a filha e a sra. Jenkinson estavam sentadas. Sua Senhoria, com grande condescendência, levantou-se para recebê-los; e, como a sra. Collins havia combinado com o marido que o ofício

das apresentações seria dela, ele foi cumprido de maneira apropriada, sem nenhuma daquelas desculpas e agradecimentos que ele teria julgado necessários.

Apesar de ter estado em St. James, sir William ficou tão completamente intimidado pela grandeza que o cercava, que teve coragem apenas para fazer uma reverência muito profunda e sentar-se sem dizer palavra; e a filha, assustada quase a ponto de perder os sentidos, sentou-se na beira da cadeira, sem saber para onde olhar. Elizabeth sentiu-se perfeitamente à altura da cena, e pôde observar com serenidade as três senhoras diante de si. Lady Catherine era uma mulher alta e corpulenta, de traços fortemente marcados, que talvez tivessem sido belos um dia. Seu ar não era conciliador, nem sua maneira de recebê-los era de molde a fazer os visitantes esquecerem sua posição inferior. Não era o silêncio que a tornava formidável; mas tudo o que dizia era pronunciado num tom tão autoritário que marcava sua presunção, e trouxe de imediato o sr. Wickham à mente de Elizabeth; e, pela observação do dia inteiro, ela acreditou que lady Catherine era exatamente o que ele descrevera.

Quando, depois de examinar a mãe, em cujo semblante e porte logo encontrou alguma semelhança com o sr. Darcy, voltou os olhos para a filha, quase pôde compartilhar do espanto de Maria por ela ser tão magra e tão pequena. Não havia nem na figura nem no rosto qualquer parecença entre as duas senhoras. A srta. de Bourgh era pálida e doentia: seus traços, embora não fossem feios, eram insignificantes; e ela falava muito pouco, exceto em voz baixa, com a sra. Jenkinson, em

cuja aparência nada havia de notável, e que estava inteiramente ocupada em escutar o que ela dizia e em colocar um biombo na direção certa diante de seus olhos.

Depois de alguns minutos sentados, foram todos enviados a uma das janelas para admirar a vista, com o sr. Collins a acompanhá-los para apontar-lhe as belezas, e lady Catherine a informá-los bondosamente de que valia muito mais a pena olhá-la no verão.

O jantar foi excessivamente belo, e lá estavam todos os criados e todas as peças de prata que o sr. Collins prometera; e, como ele também previra, tomou seu lugar na extremidade inferior da mesa, por desejo de Sua Senhoria, e parecia sentir que a vida nada poderia oferecer de maior. Trinchava, comia e elogiava com deliciada presteza; e cada prato era louvado primeiro por ele, e depois por sir William, que já estava suficientemente recobrado para ecoar tudo o que o genro dizia, de um modo que Elizabeth se admirava de que lady Catherine pudesse suportar. Mas lady Catherine parecia gratificada com a admiração excessiva dos dois, e distribuía os sorrisos mais graciosos, sobretudo quando algum prato da mesa se revelava novidade para eles. O grupo não fornecia muita conversa. Elizabeth estava pronta a falar sempre que houvesse uma brecha, mas estava sentada entre Charlotte e a srta. de Bourgh — a primeira ocupada em escutar lady Catherine, e a segunda sem lhe dirigir uma palavra durante todo o jantar. A sra. Jenkinson ocupava-se principalmente em observar quão pouco a srta. de Bourgh comia, insistindo com ela para que

experimentasse algum outro prato e temendo que estivesse indisposta. Maria julgava fora de questão falar, e os cavalheiros não faziam senão comer e admirar.

Quando as senhoras voltaram à sala de visitas, pouco havia a fazer senão ouvir lady Catherine falar, o que ela fez sem nenhuma interrupção até que o café chegasse, emitindo sua opinião sobre todos os assuntos de maneira tão decisiva que provava não estar acostumada a ver seu juízo contestado. Indagou dos assuntos domésticos de Charlotte com familiaridade e minúcia, e deu-lhe grande quantidade de conselhos sobre a administração de todos eles; disse-lhe como tudo deveria ser regulado numa família tão pequena como a sua, e instruiu-a quanto ao cuidado com as vacas e as aves. Elizabeth descobriu que nada estava abaixo da atenção dessa grande dama que pudesse fornecer-lhe uma ocasião de ditar regras aos outros. Nos intervalos de sua conversa com a sra. Collins, dirigiu uma variedade de perguntas a Maria e a Elizabeth, mas sobretudo a esta última, de cujas relações ela menos sabia, e que, como observou à sra. Collins, era uma moça muito distinta e graciosa. Perguntou-lhe, em diferentes momentos, quantas irmãs tinha, se eram mais velhas ou mais novas do que ela, se alguma delas tinha probabilidade de se casar, se eram bonitas, onde haviam sido educadas, que carruagem o pai mantinha e qual fora o nome de solteira da mãe. Elizabeth sentiu toda a impertinência dessas perguntas, mas respondeu-as com muita serenidade. Lady Catherine observou então:

— A propriedade de seu pai está vinculada por herança ao sr. Collins, creio? Por sua causa — voltando-

se para Charlotte — fico contente com isso; mas, de resto, não vejo motivo para tirar as propriedades da linha feminina por vínculo. Não se julgou isso necessário na família de sir Lewis de Bourgh. A senhorita toca e canta, srta. Bennet?

— Um pouco.

— Ah, então... um dia desses teremos o prazer de ouvi-la. Nosso instrumento é excelente, provavelmente superior ao... a senhorita há de experimentá-lo um dia. Suas irmãs tocam e cantam?

— Uma delas, sim.

— Por que não aprenderam todas? Todas deveriam ter aprendido. As srtas. Webb tocam todas, e o pai delas não tem uma renda tão boa quanto a do seu. A senhorita desenha?

— Não, de modo algum.

— Como, nenhuma de vocês?

— Nenhuma.

— Isso é muito estranho. Mas suponho que não tiveram oportunidade. Sua mãe deveria tê-las levado a Londres toda primavera para se beneficiarem dos mestres.

— Minha mãe não faria objeção, mas meu pai detesta Londres.

— A governanta de vocês já as deixou?

— Nunca tivemos governanta.

— Nenhuma governanta! Como foi isso possível? Cinco filhas criadas em casa sem uma governanta! Nunca ouvi falar de tal coisa. Sua mãe deve ter sido uma verdadeira escrava da educação de vocês.

Elizabeth mal pôde conter um sorriso ao garantir-lhe que não fora esse o caso.

— Então quem as ensinou? Quem cuidou de vocês? Sem uma governanta, devem ter sido negligenciadas.

— Em comparação com algumas famílias, creio que fomos; mas aquelas de nós que desejavam aprender nunca careceram dos meios. Fomos sempre incentivadas a ler, e tivemos todos os mestres necessários. As que preferiram ficar ociosas certamente puderam fazê-lo.

— Sim, sem dúvida; mas é isso que uma governanta evita; e, se eu tivesse conhecido sua mãe, a teria aconselhado com a maior insistência a contratar uma. Sempre digo que nada se consegue em educação sem instrução firme e regular, e ninguém senão uma governanta pode dá-la. É admirável quantas famílias já ajudei a suprir nesse sentido. Fico sempre contente em ver uma jovem bem colocada. Quatro sobrinhas da sra. Jenkinson estão muitíssimo bem situadas por meu intermédio; e ainda outro dia recomendei outra jovem, que me fora mencionada por mero acaso, e a família está encantada com ela. Sra. Collins, eu lhe contei que lady Metcalfe veio ontem me agradecer? Ela acha a srta. Pope um tesouro. "Lady Catherine", disse-me ela, "a senhora me deu um tesouro." Alguma de suas irmãs mais novas já foi apresentada à sociedade, srta. Bennet?

— Sim, senhora, todas.

— Todas! Como, todas as cinco ao mesmo tempo? Muito estranho! E a senhorita é apenas a segunda. As mais novas na sociedade antes de as mais velhas se

casarem! Suas irmãs mais novas devem ser muito jovens?

— Sim, a mais nova ainda não fez dezesseis anos. Talvez *ela* seja jovem demais para frequentar muito a sociedade. Mas, realmente, senhora, acho que seria muito duro para as irmãs mais novas não terem sua parte de convívio e divertimento porque as mais velhas talvez não tenham os meios ou a inclinação de se casar cedo. A última a nascer tem tanto direito aos prazeres da juventude quanto a primeira. E ser mantida à parte por *tal* motivo! Acho que isso não seria muito propício a promover a afeição entre irmãs, nem a delicadeza de espírito.

— Palavra de honra — disse Sua Senhoria —, a senhorita dá sua opinião com muita decisão para uma pessoa tão jovem. Diga-me, que idade tem?

— Com três irmãs mais novas já crescidas — replicou Elizabeth, sorrindo —, Vossa Senhoria dificilmente pode esperar que eu a confesse.

Lady Catherine pareceu muito espantada por não receber uma resposta direta; e Elizabeth suspeitou ser a primeira criatura que jamais ousara brincar com tão digna impertinência.

— A senhorita não pode ter mais de vinte anos, tenho certeza; portanto, não precisa esconder a idade.

— Ainda não fiz vinte e um.

Quando os cavalheiros se juntaram a elas e o chá terminou, armaram-se as mesas de jogo. Lady Catherine, sir William e o sr. e a sra. Collins sentaram-se para o *quadrille*; e, como a srta. de Bourgh preferiu jogar *casino*, as duas moças tiveram a honra de ajudar a

sra. Jenkinson a completar sua mesa. A mesa delas era superlativamente estúpida. Mal se pronunciava uma sílaba que não dissesse respeito ao jogo, exceto quando a sra. Jenkinson exprimia seus receios de que a srta. de Bourgh estivesse com calor ou frio demais, ou com luz demais ou de menos. Muito mais se passava na outra mesa. Lady Catherine estava geralmente falando: apontando os erros dos outros três ou relatando alguma anedota a seu próprio respeito. O sr. Collins ocupava-se em concordar com tudo o que Sua Senhoria dizia, agradecendo-lhe cada ficha que ganhava e desculpando-se se julgava ter ganhado demais. Sir William não dizia muito. Estava armazenando na memória anedotas e nomes ilustres.

Quando lady Catherine e a filha jogaram tanto quanto quiseram, as mesas foram desfeitas, a carruagem foi oferecida à sra. Collins, aceita com gratidão e imediatamente mandada preparar. O grupo reuniu-se então em torno do fogo para ouvir lady Catherine determinar que tempo fariam no dia seguinte. Dessas instruções foram chamados pela chegada da carruagem; e, com muitos discursos de agradecimento da parte do sr. Collins, e outras tantas reverências da parte de sir William, partiram. Mal se afastaram da porta, Elizabeth foi solicitada pelo primo a dar sua opinião sobre tudo o que vira em Rosings, opinião que, por consideração a Charlotte, ela tornou mais favorável do que realmente era. Mas seu elogio, embora lhe custasse algum esforço, não podia de modo algum satisfazer o sr. Collins, e ele logo se viu obrigado a tomar em suas próprias mãos o louvor de Sua Senhoria.

XXX



Sir William ficou apenas uma semana em Hunsford; mas sua visita foi longa o bastante para convencê-lo de que a filha estava estabelecida da forma mais confortável, e de que possuía um marido e uma vizinha como não se encontravam com frequência. Enquanto sir William esteve com eles, o sr. Collins dedicou as manhãs a levá-lo a passear em seu cabriolé e a mostrar-lhe a região; mas, quando ele partiu, toda a família voltou às ocupações habituais, e Elizabeth ficou grata ao

descobrir que, com a mudança, não viam mais o primo do que antes; pois a maior parte do tempo entre o café da manhã e o jantar ele agora passava trabalhando no jardim, ou lendo e escrevendo, e olhando pela janela em seu próprio gabinete, que dava para a estrada. A sala em que as senhoras ficavam dava para os fundos. Elizabeth a princípio se admirara um tanto de que Charlotte não preferisse a sala de jantar para o uso comum; era um aposento de melhor tamanho e de orientação mais agradável; mas logo percebeu que a amiga tinha uma excelente razão para o que fazia, pois o sr. Collins sem dúvida teria passado muito menos tempo em seu próprio aposento se elas ficassem numa sala igualmente animada; e reconheceu o mérito de Charlotte por aquele arranjo.

Da sala de visitas nada podiam distinguir na alameda, e deviam ao sr. Collins o conhecimento de que carruagens passavam, e sobretudo de quantas vezes a srta. de Bourgh passava em seu faetonte, o que ele nunca deixava de vir informar-lhes, embora acontecesse quase todos os dias. Ela parava não raro no presbitério e conversava alguns minutos com Charlotte, mas quase nunca se deixava convencer a descer.

Passavam-se muito poucos dias em que o sr. Collins não fosse a pé até Rosings, e não muitos em que a esposa não julgasse necessário ir também; e, até que Elizabeth se lembrasse de que poderia haver outros benefícios eclesiásticos da família a serem distribuídos, não conseguiu compreender o sacrifício de tantas horas. De vez em quando eram honrados com uma visita de Sua Senhoria, e nada do que se passava na sala escapava à

sua observação durante essas visitas. Ela examinava suas ocupações, olhava seus trabalhos e aconselhava-as a fazê-los de outro modo; achava defeito na disposição dos móveis, ou surpreendia a criada em negligência; e, se aceitava algum refresco, parecia fazê-lo apenas para descobrir que as peças de carne da sra. Collins eram grandes demais para sua família.

Elizabeth logo percebeu que, embora essa grande dama não fizesse parte da comissão de paz do condado, era uma magistrada muito ativa em sua própria paróquia, cujas mínimas questões lhe eram levadas pelo sr. Collins; e, sempre que algum dos moradores das casinhas se mostrava disposto a brigar, a descontentar-se ou a ser pobre demais, ela saía em expedição ao vilarejo para resolver suas desavenças, silenciar suas queixas e, à força de repreensões, restabelecer-lhes a harmonia e a fartura.



O divertimento de jantar em Rosings repetiu-se cerca de duas vezes por semana; e, descontada a perda de sir William, e o fato de haver apenas uma mesa de jogo à noite, cada um desses divertimentos foi a réplica do primeiro. Seus outros compromissos eram poucos, pois o estilo de vida da vizinhança em geral estava além do alcance dos Collins. Isso, contudo, não era nenhum mal para Elizabeth, e, no conjunto, ela passou o tempo de modo bastante agradável: havia meias horas de conversa aprazível com Charlotte, e o tempo estava tão bom para a época do ano que ela muitas vezes tinha grande prazer ao ar livre. Seu passeio favorito, e aonde ia com frequência enquanto os outros visitavam lady Catherine, era ao longo do bosque aberto que margeava aquele lado do parque, onde havia um belo caminho abrigado, que ninguém parecia apreciar senão ela, e

onde se sentia fora do alcance da curiosidade de lady Catherine.

Dessa maneira tranquila, os primeiros quinze dias de sua visita logo se passaram. A Páscoa aproximava-se, e a semana que a precedia traria um acréscimo à família de Rosings, o que, num círculo tão pequeno, havia de ser importante. Elizabeth ouvira, pouco depois de chegar, que o sr. Darcy era esperado ali dentro de algumas semanas; e, embora não houvesse muitos entre seus conhecidos a quem ela não preferisse, a vinda dele forneceria uma figura relativamente nova para se olhar nas reuniões de Rosings, e ela poderia divertir-se em ver quão desesperados eram os desígnios da srta. Bingley a respeito dele, pelo seu comportamento para com a prima, a quem ele estava evidentemente destinado por lady Catherine, que falava de sua vinda com a maior satisfação, referia-se a ele nos termos da mais alta admiração e parecia quase zangada ao descobrir que ele já fora visto com frequência pela srta. Lucas e por ela própria.

Sua chegada logo foi conhecida no presbitério, pois o sr. Collins passou a manhã inteira a passear à vista das casas de guarda que se abriam para a alameda de Hunsford, a fim de ter a mais pronta certeza dela; e, depois de fazer sua reverência quando a carruagem entrou no parque, correu para casa com a grande notícia. Na manhã seguinte apressou-se em ir a Rosings apresentar seus respeitos. Havia dois sobrinhos de lady Catherine a recebê-los, pois o sr. Darcy trouxera consigo um coronel Fitzwilliam, filho mais novo de seu tio, lord ----; e, para grande surpresa de todo o grupo,

quando o sr. Collins voltou, os cavalheiros o acompanhavam. Charlotte os vira do quarto do marido, atravessando a estrada, e, correndo imediatamente para a outra sala, contou às moças que honra podiam esperar, acrescentando:

— Posso agradecer a você, Eliza, por esta cortesia. O sr. Darcy nunca teria vindo tão cedo apresentar-me seus cumprimentos.



Elizabeth mal teve tempo de recusar qualquer direito ao elogio antes que a aproximação deles fosse anunciada pela campainha da porta, e pouco depois os três cavalheiros entraram na sala. O coronel Fitzwilliam, que vinha à frente, tinha cerca de trinta anos, não era bonito, mas na figura e no trato era o mais verdadeiro cavalheiro. O sr. Darcy tinha exatamente a aparência

que costumava ter em Hertfordshire; apresentou seus cumprimentos, com a reserva habitual, à sra. Collins; e, quaisquer que fossem seus sentimentos para com a amiga dela, recebeu-a com todas as aparências de serenidade. Elizabeth limitou-se a fazer-lhe uma reverência, sem dizer uma palavra.

O coronel Fitzwilliam entrou diretamente na conversa, com a prontidão e a desenvoltura de um homem bem-educado, e falou de modo muito agradável; mas o primo, depois de dirigir à sra. Collins uma ligeira observação sobre a casa e o jardim, ficou algum tempo sentado sem falar com ninguém. Por fim, contudo, sua cortesia despertou o bastante para perguntar a Elizabeth pela saúde de sua família. Ela lhe respondeu da maneira habitual; e, depois de uma pausa de um instante, acrescentou:

— Minha irmã mais velha está em Londres há três meses. O senhor nunca teve ocasião de vê-la por lá?

Ela sabia perfeitamente que ele nunca a vira; mas queria ver se ele trairia alguma consciência do que se passara entre os Bingley e Jane; e pareceu-lhe que ele ficou um pouco confuso ao responder que nunca tivera a felicidade de encontrar a srta. Bennet. O assunto não foi levado adiante, e os cavalheiros logo depois se retiraram.

XXXI



As maneiras do coronel Fitzwilliam foram muito admiradas no presbitério, e todas as senhoras sentiram que ele haveria de acrescentar consideravelmente ao prazer de seus compromissos em Rosings. Passaram-se alguns dias, porém, antes que recebessem qualquer convite para lá, pois, enquanto houvesse visitas na casa, elas não podiam ser necessárias; e foi só no domingo de Páscoa, quase uma semana depois da chegada dos cavalheiros, que foram honradas com tal atenção, e

ainda assim apenas se lhes pediu, à saída da igreja, que fossem até lá à noite. Na última semana, tinham visto muito pouco tanto de lady Catherine quanto de sua filha. O coronel Fitzwilliam passara pelo presbitério mais de uma vez nesse período, mas o sr. Darcy elas só tinham visto na igreja.

O convite foi aceito, naturalmente, e à hora devida juntaram-se ao grupo na sala de visitas de lady Catherine. Sua Senhoria recebeu-as com cortesia, mas era evidente que sua companhia estava longe de ser tão bem-vinda como quando ela não podia conseguir mais ninguém; e estava, de fato, quase inteiramente absorvida pelos sobrinhos, falando com eles, sobretudo com Darcy, muito mais do que com qualquer outra pessoa na sala.

O coronel Fitzwilliam parecia sinceramente contente em vê-las: qualquer coisa era um alívio bem-vindo para ele em Rosings; e a bonita amiga da sra. Collins, além disso, havia-lhe despertado muito o interesse. Sentou-se agora ao lado dela, e conversou tão agradavelmente sobre Kent e Hertfordshire, sobre viajar e ficar em casa, sobre livros novos e música, que Elizabeth nunca se divertira nem metade tão bem naquela sala; e conversavam com tanto espírito e desembaraço que atraíram a atenção da própria lady Catherine, bem como a do sr. Darcy. Os olhos *dele* logo se voltaram, e repetidamente, para os dois, com um olhar de curiosidade; e que Sua Senhoria, depois de algum tempo, partilhasse do mesmo sentimento foi reconhecido mais abertamente, pois ela não hesitou em bradar:

— O que é isso que está dizendo, Fitzwilliam? Do que está falando? O que está contando à srta. Bennet? Deixe-me ouvir o que é.

— Estávamos falando de música, senhora — disse ele, quando já não podia evitar uma resposta.

— De música! Então, por favor, fale em voz alta. É, de todos os assuntos, o meu deleite. Preciso ter minha parte na conversa, se estão falando de música. Há poucas pessoas na Inglaterra, suponho, que tenham mais verdadeiro prazer na música do que eu, ou melhor gosto natural. Se eu tivesse aprendido, teria sido uma grande virtuose. E Anne também, se a saúde lhe tivesse permitido dedicar-se. Estou certa de que ela teria tocado deliciosamente. Como vai Georgiana, Darcy?

O sr. Darcy falou com elogios afetuosos da habilidade da irmã.

— Fico muito contente em ouvir tão boas notícias dela — disse lady Catherine —, e, por favor, diga-lhe da minha parte que ela não pode esperar sobressair se não praticar muito.

— Asseguro-lhe, senhora — respondeu ele —, que ela não precisa de tal conselho. Pratica com muita constância.

— Tanto melhor. Nunca é demais; e, quando eu lhe escrever da próxima vez, hei de recomendar-lhe que não o negligencie por motivo algum. Costumo dizer às jovens que nenhuma excelência em música se adquire sem prática constante. Já disse à srta. Bennet várias vezes que ela nunca tocará realmente bem se não praticar mais; e, embora a sra. Collins não tenha instrumento, ela é muito bem-vinda, como já lhe disse

muitas vezes, a vir a Rosings todos os dias e tocar o piano no quarto da sra. Jenkinson. Não estaria atrapalhando ninguém, como sabem, naquela parte da casa.

O sr. Darcy pareceu um pouco envergonhado da má educação da tia, e nada respondeu.

Terminado o café, o coronel Fitzwilliam lembrou a Elizabeth que ela prometera tocar para ele; e ela sentou-se imediatamente ao instrumento. Ele puxou uma cadeira para perto dela. Lady Catherine ouviu metade de uma canção, e depois conversou, como antes, com o outro sobrinho; até que este se afastou dela e, dirigindo-se com sua habitual deliberação ao piano, postou-se de modo a ter uma vista completa do semblante da bela executante. Elizabeth percebeu o que ele fazia e, na primeira pausa conveniente, voltou-se para ele com um sorriso malicioso e disse:

— O senhor pretende me assustar, sr. Darcy, vindo com toda essa pompa ouvir-me tocar. Mas não vou me alarmar, ainda que sua irmã toque *tão* bem. Há em mim uma teimosia que jamais suporta ser intimidada pela vontade dos outros. Minha coragem sempre cresce a cada tentativa de me intimidar.

— Não direi que a senhorita está enganada — respondeu ele —, porque não poderia realmente acreditar que eu tivesse qualquer intenção de alarmá-la; e tenho o prazer de conhecê-la há tempo suficiente para saber que encontra grande divertimento em professar, de vez em quando, opiniões que, na verdade, não são suas.

Elizabeth riu com gosto desse retrato de si mesma, e disse ao coronel Fitzwilliam: — Seu primo vai lhe dar uma ideia muito bonita de mim, e ensiná-lo a não acreditar em uma palavra do que eu digo. Sou particularmente infeliz por encontrar uma pessoa tão capaz de expor meu verdadeiro caráter numa parte do mundo onde eu esperava passar com algum grau de crédito. Na verdade, sr. Darcy, é muito pouco generoso de sua parte mencionar tudo o que soube em meu desfavor em Hertfordshire — e, permita-me dizer, muito pouco político também —, pois isso me provoca a retaliar, e podem vir a público coisas que chocarão seus parentes.

— Não tenho medo da senhorita — disse ele, sorrindo.

— Por favor, deixe-me ouvir do que a senhorita tem a acusá-lo — exclamou o coronel Fitzwilliam. — Gostaria de saber como ele se comporta entre estranhos.

— Vai ouvir, então — mas prepare-se para algo terrível. A primeira vez que o vi em Hertfordshire, fique sabendo, foi num baile — e nesse baile, o que o senhor acha que ele fez? Dançou apenas quatro danças! Lamento causar-lhe dor, mas foi assim. Dançou apenas quatro danças, embora os cavalheiros fossem escassos; e, tenho certeza disso, mais de uma jovem ficou sentada por falta de par. Sr. Darcy, o senhor não pode negar o fato.

— Eu não tinha, naquela ocasião, a honra de conhecer nenhuma dama no baile além das do meu próprio grupo.

— É verdade; e ninguém jamais pode ser apresentado num salão de baile. Bem, coronel Fitzwilliam, o que toco em seguida? Meus dedos aguardam suas ordens.

— Talvez — disse Darcy — eu tivesse agido melhor se houvesse procurado ser apresentado, mas sou pouco qualificado para me recomendar a estranhos.

— Perguntaremos ao seu primo a razão disso? — disse Elizabeth, ainda se dirigindo ao coronel Fitzwilliam. — Perguntaremos a ele por que um homem de juízo e instrução, e que viveu no mundo, é pouco qualificado para se recomendar a estranhos?

— Posso responder à sua pergunta — disse Fitzwilliam — sem recorrer a ele. É porque ele não quer se dar ao trabalho.

— Certamente não tenho o talento que algumas pessoas possuem — disse Darcy — de conversar com facilidade com quem nunca vi antes. Não consigo apanhar o tom de sua conversa, nem parecer interessado em seus assuntos, como vejo tantos fazerem.

— Meus dedos — disse Elizabeth — não se movem sobre este instrumento com a mestria que vejo nos de tantas mulheres. Não têm a mesma força nem a mesma rapidez, e não produzem a mesma expressão. Mas sempre supus que a culpa fosse minha — porque não quis me dar ao trabalho de praticar. Não é que eu não acredite que *meus* dedos sejam tão capazes quanto os de qualquer outra mulher de uma execução superior.

Darcy sorriu e disse: — A senhorita tem toda a razão. Empregou seu tempo muito melhor. Ninguém admitido

ao privilégio de ouvi-la pode achar que falte alguma coisa. Nenhum de nós dois se exibe para estranhos.

Nesse ponto foram interrompidos por lady Catherine, que bradou querendo saber do que estavam falando. Elizabeth recomeçou imediatamente a tocar. Lady Catherine aproximou-se e, depois de ouvir por alguns minutos, disse a Darcy:

— A srta. Bennet não tocaria nada mal se praticasse mais e pudesse ter a vantagem de um mestre de Londres. Tem uma noção muito boa de dedilhado, embora seu gosto não se iguale ao de Anne. Anne teria sido uma executante deliciosa, se a saúde lhe tivesse permitido aprender.

Elizabeth olhou para Darcy, a fim de ver com que cordialidade ele assentia ao elogio da prima: mas nem naquele momento nem em qualquer outro conseguiu discernir algum sintoma de amor; e de todo o seu comportamento para com a srta. de Bourgh ela extraiu este consolo para a srta. Bingley: que ele teria tido exatamente a mesma probabilidade de se casar com *ela*, se fosse sua parenta.

Lady Catherine continuou seus comentários sobre a execução de Elizabeth, misturando a eles muitas instruções sobre técnica e gosto. Elizabeth recebeu-as com toda a paciência da cortesia; e, a pedido dos cavalheiros, permaneceu ao instrumento até que a carruagem de Sua Senhoria estivesse pronta para levar todos para casa.

XXXII



Elizabeth estava sozinha na manhã seguinte, escrevendo a Jane, enquanto a sra. Collins e Maria haviam ido à aldeia tratar de assuntos, quando foi sobressaltada por um toque de campainha à porta, sinal certo de uma visita. Como não ouvira carruagem alguma, julgou não ser improvável que fosse lady Catherine; e, sob esse receio, estava guardando a carta pela metade, para escapar a todas as perguntas

impertinentes, quando a porta se abriu e, para sua enorme surpresa, o sr. Darcy, e apenas o sr. Darcy, entrou na sala.

Ele também pareceu espantado ao encontrá-la sozinha, e desculpou-se pela intromissão, dando-lhe a saber que entendera que todas as senhoras estavam em casa.

Sentaram-se então e, feitas as perguntas dela sobre Rosings, a conversa pareceu correr o risco de afundar em silêncio total. Era absolutamente necessário, portanto, pensar em alguma coisa; e, nessa emergência, lembrando-se de *quando* o vira pela última vez em Hertfordshire, e curiosa por saber o que ele diria a respeito da partida apressada de todos, ela observou:

— Com que rapidez os senhores todos deixaram Netherfield em novembro passado, sr. Darcy! Deve ter sido uma surpresa muito agradável para o sr. Bingley vê-los todos atrás dele tão cedo; pois, se bem me lembro, ele partira apenas no dia anterior. Ele e as irmãs estavam bem, espero, quando o senhor deixou Londres?

— Perfeitamente bem, agradeço-lhe.

Ela viu que não receberia outra resposta; e, depois de uma breve pausa, acrescentou:

— Creio ter entendido que o sr. Bingley não tem muita ideia de voltar algum dia a Netherfield?

— Nunca o ouvi dizer isso; mas é provável que passe muito pouco tempo lá no futuro. Ele tem muitos amigos, e está numa época da vida em que os amigos e os compromissos aumentam continuamente.

— Se ele pretende ficar pouco em Netherfield, seria melhor para a vizinhança que desistisse de vez da propriedade, pois então talvez pudéssemos ter ali uma família estabelecida. Mas talvez o sr. Bingley não tenha alugado a casa tanto pela conveniência da vizinhança quanto pela sua própria, e devemos esperar que ele a conserve ou a deixe pelo mesmo princípio.

— Não me surpreenderia — disse Darcy — se ele a deixasse assim que surgisse alguma compra conveniente.

Elizabeth nada respondeu. Tinha medo de falar mais tempo do amigo dele; e, não tendo mais nada a dizer, estava agora decidida a deixar a ele o trabalho de encontrar um assunto.

Ele compreendeu a insinuação e logo começou: — Esta parece uma casa muito confortável. Lady Catherine, creio, fez muitas melhorias nela quando o sr. Collins chegou a Hunsford.

— Creio que sim — e tenho certeza de que ela não poderia ter concedido sua bondade a um objeto mais grato.

— O sr. Collins parece muito afortunado na escolha da esposa.

— Sim, de fato; seus amigos bem podem se alegrar por ele ter encontrado uma das pouquíssimas mulheres sensatas que o teriam aceitado, ou que o teriam feito feliz se o aceitassem. Minha amiga tem uma inteligência excelente — embora eu não esteja certa de considerar seu casamento com o sr. Collins a coisa mais sábia que ela já fez. Parece perfeitamente feliz, contudo; e, do

ponto de vista da prudência, é certamente um ótimo casamento para ela.

— Deve ser muito agradável para ela estar estabelecida a uma distância tão cômoda da própria família e dos amigos.

— Distância cômoda, o senhor a chama? São quase cinquenta milhas.

— E o que são cinquenta milhas de boa estrada? Pouco mais de meio dia de viagem. Sim, eu a chamo uma distância muito cômoda.



— Eu jamais teria considerado a distância uma das *vantagens* do casamento — exclamou Elizabeth. — Jamais teria dito que a sra. Collins está estabelecida *perto* da família.

— É uma prova do seu próprio apego a Hertfordshire. Qualquer coisa além da vizinhança imediata de Longbourn, suponho, pareceria longe.

Enquanto falava, havia nele uma espécie de sorriso que Elizabeth imaginou compreender; ele devia supor que ela estava pensando em Jane e em Netherfield, e ela corou ao responder:

— Não quero dizer que uma mulher não possa estar estabelecida perto demais da família. O longe e o perto devem ser relativos, e depender de muitas circunstâncias variáveis. Onde há fortuna que torne insignificante a despesa de viajar, a distância deixa de ser um mal. Mas não é esse o caso *aqui*. O sr. e a sra. Collins têm uma renda confortável, mas não tal que permita viagens frequentes — e estou convencida de que minha amiga não se consideraria *perto* da família com menos da *metade* da distância atual.

O sr. Darcy puxou a cadeira um pouco na direção dela e disse: — A *senhorita* não pode ter direito a um apego tão forte assim ao lugar. A *senhorita* não pode ter estado sempre em Longbourn.

Elizabeth pareceu surpresa. O cavalheiro experimentou alguma mudança de sentimento; recuou a cadeira, pegou um jornal da mesa e, percorrendo-o com os olhos, disse, em voz mais fria:

— A senhorita está gostando de Kent?

Seguiu-se um breve diálogo sobre a região, calmo e conciso de ambos os lados — e logo interrompido pela entrada de Charlotte e da irmã, que acabavam de voltar da caminhada. O *tête-à-tête* surpreendeu-as. O sr.

Darcy relatou o engano que ocasionara sua intromissão junto à srta. Bennet e, depois de ficar sentado mais alguns minutos, sem dizer muita coisa a ninguém, foi embora.

— O que pode significar isso? — disse Charlotte, assim que ele saiu. — Minha cara Eliza, ele deve estar apaixonado por você, ou nunca teria nos visitado desse modo tão familiar.

Mas, quando Elizabeth contou do silêncio dele, não pareceu muito provável, mesmo para os desejos de Charlotte, que fosse esse o caso; e, depois de várias conjecturas, só puderam por fim supor que a visita procedia da dificuldade de encontrar alguma coisa para fazer, o que era tanto mais provável pela época do ano. Todos os esportes de campo tinham terminado. Dentro de casa havia lady Catherine, livros e uma mesa de bilhar, mas os cavalheiros não podem ficar sempre dentro de casa; e na proximidade do presbitério, ou no encanto da caminhada até lá, ou das pessoas que ali viviam, os dois primos encontraram, a partir de então, uma tentação para irem a pé até lá quase todos os dias. Apareciam em várias horas da manhã, às vezes separados, às vezes juntos, e de quando em quando acompanhados da tia. Era evidente para todas que o coronel Fitzwilliam vinha porque tinha prazer na companhia delas, convicção que naturalmente o recomendava ainda mais; e Elizabeth foi lembrada, pela própria satisfação em estar com ele, bem como pela evidente admiração dele, do seu antigo favorito, George Wickham; e, embora, ao compará-los, visse que havia

menos doçura cativante nas maneiras do coronel Fitzwilliam, acreditava que ele talvez tivesse o espírito mais bem informado.

Mas por que o sr. Darcy vinha tantas vezes ao presbitério era mais difícil de compreender. Não podia ser pela companhia, pois frequentemente ficava ali sentado dez minutos seguidos sem abrir a boca; e, quando falava, parecia efeito da necessidade mais do que da escolha — um sacrifício ao decoro, não um prazer para si mesmo. Raramente parecia realmente animado. A sra. Collins não sabia o que pensar dele. O fato de o coronel Fitzwilliam rir de vez em quando de seu ar apalermado provava que ele em geral era diferente, o que o conhecimento que ela própria tinha dele não poderia lhe dizer; e, como gostaria de acreditar que essa mudança fosse efeito do amor, e que o objeto desse amor fosse sua amiga Eliza, pôs-se seriamente a trabalhar para descobri-lo: observava-o sempre que estavam em Rosings, e sempre que ele vinha a Hunsford; mas sem muito sucesso. Ele certamente olhava muito para a amiga dela, mas a expressão desse olhar era discutível. Era um olhar sério e firme, mas ela muitas vezes duvidava que houvesse nele muita admiração, e às vezes parecia não passar de distração.

Ela sugerira uma ou duas vezes a Elizabeth a possibilidade de ele ter inclinação por ela, mas Elizabeth sempre ria da ideia; e a sra. Collins não julgou correto insistir no assunto, pelo perigo de criar expectativas que poderiam terminar apenas em desapontamento; pois, em sua opinião, não admitia dúvida que toda a antipatia

da amiga se desvaneceria se ela pudesse supô-lo em seu poder.

Em seus bondosos planos para Elizabeth, ela às vezes a imaginava casada com o coronel Fitzwilliam. Ele era, sem comparação, o homem mais agradável: certamente a admirava, e sua situação na vida era das mais desejáveis; mas, para contrabalançar essas vantagens, o sr. Darcy tinha considerável patronato na Igreja, e o primo não podia ter nenhum.

XXXIII



Mais de uma vez, em seus passeios pelo parque, Elizabeth encontrou inesperadamente o sr. Darcy. Sentia toda a perversidade do infortúnio que o trazia aonde ninguém mais era trazido; e, para impedir que isso voltasse a acontecer, teve o cuidado de informá-lo, logo da primeira vez, que aquele era um de seus recantos favoritos. Como podia, portanto, ocorrer uma segunda vez era muito estranho! No entanto ocorreu, e até uma terceira. Parecia maldade deliberada, ou uma

penitência voluntária; pois nessas ocasiões não se tratava apenas de algumas perguntas formais, uma pausa constrangida e a despedida, mas ele de fato julgava necessário voltar atrás e caminhar com ela. Nunca dizia grande coisa, nem ela se dava ao trabalho de falar ou de escutar muito; mas chamou-lhe a atenção, no decorrer do terceiro encontro, que ele estivesse fazendo algumas perguntas estranhas e desconexas — sobre o prazer dela em estar em Hunsford, seu gosto por passeios solitários, e sua opinião a respeito da felicidade do sr. e da sra. Collins; e que, ao falar de Rosings, e de ela não conhecer perfeitamente a casa, ele parecesse esperar que, sempre que ela voltasse a Kent, ficaria hospedada *lá* também. Suas palavras pareciam sugerir isso. Estaria ele pensando no coronel Fitzwilliam? Ela supôs que, se ele queria dizer alguma coisa, devia ser uma alusão ao que poderia surgir daquele lado. Isso a afligiu um pouco, e ela ficou bastante contente de se ver no portão da cerca em frente ao presbitério.

Estava ela um dia ocupada, enquanto caminhava, em reler a última carta de Jane, e detendo-se em algumas passagens que provavam que Jane não escrevera com bom ânimo, quando, em vez de ser novamente surpreendida pelo sr. Darcy, viu, ao erguer os olhos, que o coronel Fitzwilliam vinha ao seu encontro. Guardando imediatamente a carta e forçando um sorriso, disse:

— Eu não sabia que o senhor costumava passear por este lado.

— Estive fazendo a volta do parque — respondeu ele —, como em geral faço todos os anos, e pretendia

terminá-la com uma visita ao presbitério. A senhorita vai muito mais longe?

— Não, eu ia voltar daqui a um instante.

E, de fato, ela voltou, e caminharam juntos em direção ao presbitério.

— O senhor deixa Kent no sábado, com certeza? — disse ela.

— Sim — se Darcy não adiar de novo. Mas estou à disposição dele. Ele arranja as coisas como bem entende.

— E, se não consegue agradar a si mesmo no arranjo, tem ao menos grande prazer no poder de escolher. Não conheço ninguém que pareça gostar mais do poder de fazer o que quer do que o sr. Darcy.

— Ele gosta muito de fazer as coisas ao seu modo — respondeu o coronel Fitzwilliam. — Mas todos nós gostamos. É só que ele tem meios melhores de consegui-lo do que muitos outros, porque é rico, e muitos outros são pobres. Falo com conhecimento de causa. Um filho mais novo, como sabe, precisa habituar-se à renúncia e à dependência.

— Na minha opinião, o filho mais novo de um conde pode saber muito pouco de uma coisa e de outra. Agora, falando sério, o que o senhor jamais conheceu de renúncia e dependência? Quando foi impedido, por falta de dinheiro, de ir aonde quisesse ou de obter qualquer coisa que lhe apetecesse?

— Essas perguntas tocam no ponto — e talvez eu não possa dizer que tenha experimentado muitas privações dessa natureza. Mas, em assuntos de maior peso, posso

sofrer com a falta de dinheiro. Os filhos mais novos não podem se casar com quem gostam.

— A menos que gostem de mulheres de fortuna, o que, creio eu, acontece com muita frequência.

— Nossos hábitos de despesa nos tornam dependentes demais, e não há muitos, na minha posição, que possam se dar ao luxo de casar sem alguma atenção ao dinheiro.

"Será que isso", pensou Elizabeth, "é dirigido a mim?", e corou com a ideia; mas, recobrando-se, disse em tom animado: — E, por favor, qual é o preço habitual do filho mais novo de um conde? A menos que o irmão mais velho seja muito doente, suponho que o senhor não pediria mais de cinquenta mil libras.

Ele respondeu-lhe no mesmo estilo, e o assunto morreu. Para interromper um silêncio que poderia fazê-lo imaginar que ela ficara afetada pelo que se passara, ela disse pouco depois:

— Imagino que seu primo o trouxe consigo principalmente para ter alguém à sua disposição. Admira-me que ele não se case, para garantir uma conveniência duradoura desse tipo. Mas talvez a irmã sirva igualmente por enquanto; e, como ela está sob os cuidados exclusivos dele, ele pode fazer com ela o que quiser.

— Não — disse o coronel Fitzwilliam —, essa é uma vantagem que ele precisa dividir comigo. Partilho com ele a tutela da srta. Darcy.

— É mesmo? E, por favor, que espécie de tutor o senhor é? A sua pupila lhe dá muito trabalho? As jovens da idade dela são às vezes um pouco difíceis de

governar; e, se ela tem o verdadeiro espírito dos Darcy, pode gostar de fazer as coisas ao seu modo.

Enquanto falava, ela observou que ele a fitava com seriedade; e a maneira como ele imediatamente lhe perguntou por que supunha que a srta. Darcy pudesse lhes dar alguma inquietação convenceu-a de que, de um modo ou de outro, ela chegara bem perto da verdade. Respondeu de imediato:

— Não precisa se assustar. Nunca ouvi nada de mal a respeito dela; e creio que é uma das criaturas mais dóceis do mundo. É a grande favorita de algumas senhoras que conheço, a sra. Hurst e a srta. Bingley. Acho que já ouvi o senhor dizer que as conhece.

— Conheço-as um pouco. O irmão delas é um homem agradável, de maneiras de cavalheiro — é grande amigo de Darcy.

— Ah, sim — disse Elizabeth secamente —, o sr. Darcy é extraordinariamente bondoso com o sr. Bingley, e cuida dele com um zelo prodigioso.

— Cuida dele! Sim, acredito realmente que Darcy cuida *mesmo* dele naqueles pontos em que ele mais precisa de cuidado. Por algo que ele me contou em nossa viagem para cá, tenho razões para pensar que Bingley lhe deve muito. Mas devo pedir-lhe perdão, pois não tenho o direito de supor que Bingley fosse a pessoa em questão. Foi tudo conjectura.

— O que o senhor quer dizer?

— É uma circunstância que Darcy, naturalmente, não desejaria que fosse conhecida por todos, porque, se chegasse à família da dama, seria uma coisa desagradável.

— Pode contar que não a mencionarei.

— E lembre-se de que não tenho muitas razões para supor que se trate de Bingley. O que ele me contou foi apenas isto: que se congratulava por ter salvado recentemente um amigo dos inconvenientes de um casamento muito imprudente, mas sem mencionar nomes ou qualquer outro pormenor; e eu só suspeitei que fosse Bingley por acreditá-lo o tipo de rapaz capaz de se meter num embaraço desse gênero, e por saber que estiveram juntos durante todo o verão passado.

— O sr. Darcy lhe deu as razões dessa interferência?

— Entendi que havia objeções muito fortes contra a dama.

— E de que artifícios ele se valeu para separá-los?

— Ele não me falou de seus artifícios — disse Fitzwilliam, sorrindo. — Contou-me apenas o que eu acabo de lhe contar.

Elizabeth nada respondeu, e continuou a andar, o coração inchado de indignação. Depois de observá-la um pouco, Fitzwilliam perguntou-lhe por que estava tão pensativa.

— Estou pensando no que o senhor acabou de me contar — disse ela. — A conduta de seu primo não combina com os meus sentimentos. Por que havia ele de ser o juiz?

— A senhorita está inclinada a chamar sua interferência de intrometida?

— Não vejo que direito tinha o sr. Darcy de decidir sobre a conveniência da inclinação do amigo; nem por que, apenas com base no próprio julgamento, havia de determinar e dirigir de que maneira esse amigo deveria

ser feliz. Mas — continuou ela, recobrando-se —, como não conhecemos nenhum dos pormenores, não é justo condená-lo. Não se deve supor que houvesse muita afeição no caso.

— Não é uma suposição fora do natural — disse Fitzwilliam —, mas diminui muito tristemente a honra do triunfo de meu primo.

Isso foi dito em tom de gracejo, mas pareceu a ela um retrato tão exato do sr. Darcy que ela não se atreveu a responder; e, portanto, mudando bruscamente de conversa, falou de assuntos indiferentes até chegarem ao presbitério. Ali, fechada em seu quarto, assim que o visitante as deixou, pôde pensar sem interrupção em tudo o que ouvira. Não se podia supor que se tratasse de outras pessoas senão aquelas a quem ela estava ligada. Não podiam existir no mundo *dois* homens sobre os quais o sr. Darcy tivesse influência tão ilimitada. Que ele estivera envolvido nas medidas tomadas para separar o sr. Bingley e Jane, ela nunca duvidara; mas sempre atribuíra à srta. Bingley o principal plano e a execução dele. Se a própria vaidade dele, porém, não o enganava, *ele* era a causa — seu orgulho e seu capricho eram a causa — de tudo o que Jane sofrera, e ainda continuava a sofrer. Ele arruinara por algum tempo toda esperança de felicidade para o coração mais afetuoso e generoso do mundo; e ninguém podia dizer quão duradouro era o mal que ele infligira.

"Havia objeções muito fortes contra a dama", foram as palavras do coronel Fitzwilliam; e essas fortes objeções provavelmente eram ela ter um tio que era

advogado de província, e outro que estava no comércio em Londres.

"Contra a própria Jane", exclamou ela, "não podia haver possibilidade de objeção — toda ela encanto e bondade! Sua inteligência excelente, seu espírito cultivado, e suas maneiras cativantes. Tampouco se poderia alegar coisa alguma contra meu pai, que, embora com algumas peculiaridades, tem capacidades que o próprio sr. Darcy não precisaria desdenhar, e uma respeitabilidade que ele provavelmente jamais alcançará." Quando pensou na mãe, é verdade, sua confiança cedeu um pouco; mas não admitiria que quaisquer objeções *desse lado* tivessem peso material para o sr. Darcy, cujo orgulho, estava convencida, receberia ferida mais profunda da falta de importância das relações do amigo do que da sua falta de juízo; e ficou inteiramente decidida, por fim, que ele fora governado em parte por essa pior espécie de orgulho, e em parte pelo desejo de reservar o sr. Bingley para a própria irmã.

A agitação e as lágrimas que o assunto ocasionou provocaram-lhe uma dor de cabeça; e esta piorou tanto ao entardecer que, somada à sua relutância em ver o sr. Darcy, decidiu-a a não acompanhar os primos a Rosings, onde estavam comprometidos para o chá. A sra. Collins, vendo que ela estava realmente indisposta, não insistiu para que fosse, e tanto quanto possível impediu o marido de insistir; mas o sr. Collins não pôde esconder seu receio de que lady Catherine ficasse bastante descontente por ela ter ficado em casa.

XXXIV



Quando eles saíram, Elizabeth, como se pretendesse exasperar-se o mais possível contra o sr. Darcy, escolheu por ocupação o exame de todas as cartas que Jane lhe escrevera desde que ela estava em Kent. Não continham nenhuma queixa propriamente dita, nem havia qualquer retomada de acontecimentos passados, ou qualquer comunicação de sofrimento presente. Mas em todas, e em quase cada linha de cada uma, havia uma

falta daquela alegria que costumava caracterizar seu estilo, e que, procedendo da serenidade de um espírito em paz consigo mesmo e bem disposto para com todos, quase nunca se toldara. Elizabeth notou cada frase que transmitia a ideia de inquietação, com uma atenção que dificilmente lhe dera na primeira leitura. A vergonhosa vanglória do sr. Darcy pela desgraça que fora capaz de infligir deu-lhe um senso mais agudo dos sofrimentos da irmã. Era algum consolo pensar que a visita dele a Rosings terminaria dali a dois dias, e consolo ainda maior que em menos de quinze dias ela própria estaria de novo com Jane, e em condições de contribuir para a recuperação do ânimo dela com tudo o que a afeição pudesse fazer.

Não podia pensar na partida de Darcy de Kent sem lembrar que o primo dele iria junto; mas o coronel Fitzwilliam deixara claro que não tinha intenção alguma e, por mais agradável que fosse, ela não pretendia ficar infeliz por causa dele.

Enquanto resolvia esse ponto, foi de repente despertada pelo som da campainha; e seu ânimo agitou-se um pouco com a ideia de que fosse o próprio coronel Fitzwilliam, que já uma vez aparecera tarde da noite, e talvez viesse agora perguntar especialmente por ela. Mas essa ideia foi logo banida, e seu ânimo foi afetado de modo muito diferente quando, para seu completo assombro, viu o sr. Darcy entrar na sala. De maneira apressada, ele começou imediatamente a indagar da saúde dela, atribuindo a visita ao desejo de saber que ela estava melhor. Ela respondeu-lhe com fria cortesia. Ele

sentou-se por alguns instantes, e depois, levantando-se, pôs-se a andar pela sala. Elizabeth ficou surpresa, mas não disse palavra. Depois de um silêncio de vários minutos, ele veio na direção dela de modo agitado, e assim começou:

— Em vão tenho lutado. Não adianta. Meus sentimentos não se deixam reprimir. A senhorita precisa permitir que eu lhe diga com que ardor a admiro e a amo.

O espanto de Elizabeth foi indizível. Ela arregalou os olhos, corou, duvidou, e ficou em silêncio. Ele considerou isso encorajamento suficiente, e a confissão de tudo o que sentia, e havia muito sentia, por ela seguiu-se imediatamente. Ele falou bem; mas havia outros sentimentos além dos do coração a serem detalhados, e ele não foi mais eloquente no assunto da ternura do que no do orgulho. Sua consciência da inferioridade dela, de ser aquilo uma degradação, dos obstáculos de família que o julgamento sempre opusera à inclinação, foram expostos com um calor que parecia devido à importância que ele estava ferindo, mas que dificilmente recomendaria seu pedido.

Apesar de sua antipatia profundamente enraizada, ela não pôde ficar insensível à lisonja da afeição de tal homem e, embora suas intenções não variassem um só instante, a princípio teve pena da dor que ele iria receber; até que, despertada para o ressentimento pelas palavras que se seguiram, perdeu toda a compaixão na raiva. Tentou, contudo, recompor-se para responder-lhe com paciência quando ele tivesse terminado. Ele

concluiu representando-lhe a força daquele apego que, apesar de todos os seus esforços, achara impossível vencer; e exprimindo a esperança de que fosse agora recompensado pela aceitação, por parte dela, de sua mão. Ao dizer isso, ela pôde ver facilmente que ele não tinha dúvida de uma resposta favorável. *Falava* de apreensão e ansiedade, mas seu semblante exprimia verdadeira segurança. Tal circunstância só podia exasperá-la ainda mais; e, quando ele se calou, o rubor subiu-lhe às faces e ela disse:

— Em casos como este, é, creio, o modo estabelecido exprimir um sentimento de gratidão pelos sentimentos declarados, por mais desigualmente que sejam correspondidos. É natural que se sinta essa obrigação e, se eu pudesse *sentir* gratidão, agradeceria agora ao senhor. Mas não posso — nunca desejei sua boa opinião, e o senhor certamente a concedeu muito a contragosto. Lamento ter causado dor a alguém. Foi feito de modo inteiramente inconsciente, porém, e espero que seja de curta duração. Os sentimentos que, segundo o senhor me diz, por tanto tempo impediram o reconhecimento de sua estima terão pouca dificuldade em vencê-la depois desta explicação.

O sr. Darcy, que estava encostado à lareira com os olhos fixos no rosto dela, pareceu receber suas palavras com não menos ressentimento do que surpresa. Sua tez tornou-se pálida de raiva, e a perturbação de seu espírito era visível em cada traço. Lutava pela aparência de compostura, e não abriria os lábios enquanto não acreditasse tê-la alcançado. A pausa foi terrível para os

sentimentos de Elizabeth. Por fim, numa voz de calma forçada, ele disse:

— E é essa toda a resposta que terei a honra de esperar! Eu poderia, talvez, desejar ser informado por que, com tão pouco *esforço* de cortesia, sou assim rejeitado. Mas isso tem pouca importância.

— Eu também poderia perguntar — respondeu ela — por que, com tão evidente intenção de me ofender e insultar, o senhor escolheu dizer-me que gostava de mim contra a sua vontade, contra a sua razão, e até contra o seu caráter? Não seria isso alguma desculpa para a descortesia, se eu *fui* descortês? Mas tenho outras provocações. O senhor sabe que tenho. Se meus próprios sentimentos não tivessem decidido contra o senhor, se tivessem sido indiferentes, ou até favoráveis, acha que alguma consideração me tentaria a aceitar o homem que foi o meio de arruinar, talvez para sempre, a felicidade de uma irmã tão querida?

Ao pronunciar essas palavras, o sr. Darcy mudou de cor; mas a emoção foi breve, e ele escutou sem tentar interrompê-la enquanto ela continuava:

— Tenho todas as razões do mundo para pensar mal do senhor. Nenhum motivo pode desculpar o papel injusto e mesquinho que o senhor desempenhou *ali*. O senhor não ousa, não pode negar que foi o principal, se não o único meio de separá-los um do outro, de expor um à censura do mundo por capricho e inconstância, e a outra ao seu escárnio por esperanças frustradas, e de envolver ambos na mais aguda infelicidade.

Ela fez uma pausa, e viu com não pequena indignação que ele a escutava com um ar que o provava inteiramente insensível a qualquer sentimento de remorso. Ele até a olhava com um sorriso de afetada incredulidade.

— O senhor pode negar que o fez? — repetiu ela.

Com tranquilidade fingida, ele então respondeu: — Não tenho desejo algum de negar que fiz tudo o que estava em meu poder para separar meu amigo de sua irmã, nem que me alegro com meu sucesso. Para com *ele* fui mais bondoso do que para comigo mesmo.

Elizabeth desdenhou a aparência de notar essa cortês reflexão, mas o sentido dela não lhe escapou, nem era provável que a conciliasse.



— Mas não é apenas nesse caso — continuou ela — que se funda a minha antipatia. Muito antes de ele ocorrer, minha opinião a seu respeito estava decidida. Seu caráter foi desvendado no relato que recebi, há muitos meses, do sr. Wickham. Sobre esse assunto, o que o senhor pode ter a dizer? Em que ato imaginário de amizade pode aqui se defender? Ou sob que falsa versão pode aqui enganar os outros?

— A senhorita toma um vivo interesse pelos assuntos desse cavalheiro — disse Darcy, em tom menos tranquilo e com a cor mais acesa.

— Quem, sabendo quais foram seus infortúnios, pode deixar de sentir interesse por ele?

— Seus infortúnios! — repetiu Darcy, com desprezo. — Sim, seus infortúnios foram grandes, de fato.

— E infligidos pelo senhor — exclamou Elizabeth, com energia. — O senhor o reduziu ao atual estado de pobreza — pobreza relativa. Reteve as vantagens que deve saber terem sido destinadas a ele. Privou os melhores anos da vida dele daquela independência que não era menos seu direito do que seu merecimento. O senhor fez tudo isso! E ainda assim pode tratar a menção de seus infortúnios com desprezo e ridículo.

— E essa — exclamou Darcy, enquanto atravessava a sala a passos rápidos — é a sua opinião a meu respeito! É essa a estima em que a senhorita me tem! Agradeço-lhe por explicá-la tão plenamente. Minhas faltas, segundo esse cálculo, são pesadas, de fato! Mas talvez — acrescentou ele, detendo-se e voltando-se para ela — essas ofensas pudessem ter sido relevadas, se o seu

orgulho não tivesse sido ferido pela minha honesta confissão dos escrúpulos que por tanto tempo me impediram de formar qualquer intenção séria. Essas amargas acusações poderiam ter sido suprimidas se eu, com maior habilidade, tivesse ocultado minhas lutas e a tivesse lisonjeado com a crença de que eu era impelido por uma inclinação sem reservas, sem mescla; pela razão, pela reflexão, por tudo. Mas o disfarce de qualquer espécie me causa horror. Nem me envergonho dos sentimentos que relatei. Eram naturais e justos. Poderia a senhorita esperar que eu me alegrasse com a inferioridade de suas relações? Que me congratulasse pela esperança de parentes cuja condição na vida é tão decididamente inferior à minha?

Elizabeth sentia-se cada vez mais irritada a cada momento; ainda assim, esforçou-se ao máximo para falar com compostura quando disse:

— O senhor se engana, sr. Darcy, se supõe que o modo de sua declaração me afetou de qualquer outra maneira senão poupando-me a preocupação que eu poderia ter sentido em recusá-lo, se o senhor tivesse se comportado de maneira mais digna de um cavalheiro.

Ela o viu estremecer a isso; mas ele nada disse, e ela continuou:

— O senhor não poderia ter me feito a oferta de sua mão de nenhuma maneira possível que me tentasse a aceitá-la.

Novamente o espanto dele foi evidente; e ele a olhou com uma expressão em que se misturavam incredulidade e mortificação. Ela prosseguiu:

— Desde o princípio, desde o primeiro momento, quase posso dizer, em que o conheci, suas maneiras, imprimindo em mim a mais completa convicção de sua arrogância, de sua presunção e de seu desdém egoísta pelos sentimentos dos outros, foram tais que formaram aquela base de desaprovação sobre a qual os acontecimentos seguintes construíram uma antipatia tão inabalável; e eu não o conhecia havia um mês quando senti que o senhor era o último homem no mundo com quem eu jamais poderia ser persuadida a me casar.

— A senhorita já disse o bastante. Compreendo perfeitamente os seus sentimentos, e agora só me resta envergonhar-me do que foram os meus. Perdoe-me por ter tomado tanto do seu tempo, e aceite meus melhores votos de saúde e felicidade.

E, com essas palavras, ele deixou apressadamente a sala, e Elizabeth ouviu-o no instante seguinte abrir a porta da frente e sair da casa. O tumulto de seu espírito era agora dolorosamente grande. Não sabia como se sustentar e, por verdadeira fraqueza, sentou-se e chorou por meia hora. Seu espanto, ao refletir sobre o que se passara, aumentava a cada revisão. Que ela recebesse uma proposta de casamento do sr. Darcy! Que ele estivesse apaixonado por ela havia tantos meses! Tão apaixonado a ponto de querer se casar com ela apesar de todas as objeções que o haviam feito impedir o casamento do amigo com a irmã dela, e que deviam se apresentar, no seu próprio caso, com força pelo menos igual, era quase inacreditável! Era

gratificante ter inspirado, sem saber, uma afeição tão forte. Mas o orgulho dele, seu abominável orgulho, sua confissão desavergonhada do que fizera a respeito de Jane, sua imperdoável segurança ao reconhecê-lo, embora não pudesse justificá-lo, e a maneira insensível com que mencionara o sr. Wickham, cuja crueldade para com este ele não tentara negar, logo venceram a piedade que a consideração de seu afeto por um momento despertara.

Ela continuou em reflexões muito agitadas até que o som da carruagem de lady Catherine a fez sentir quão pouco preparada estava para enfrentar a observação de Charlotte, e a fez correr para o seu quarto.

XXXV



Elizabeth acordou na manhã seguinte com os mesmos pensamentos e meditações que, por fim, lhe haviam fechado os olhos. Ainda não conseguia se recuperar da surpresa do que acontecera: era impossível pensar em outra coisa; e, inteiramente indisposta para qualquer ocupação, resolveu, logo depois do café, entregar-se ao ar livre e ao exercício. Dirigia-se diretamente ao seu passeio favorito quando a lembrança de que o sr. Darcy às vezes ia até lá a deteve

e, em vez de entrar no parque, tomou a alameda que a levava para mais longe da estrada de pedágio. A cerca do parque continuava a ser o limite de um dos lados, e ela logo passou por um dos portões que davam para os terrenos.

Depois de percorrer duas ou três vezes aquele trecho da alameda, foi tentada, pela beleza da manhã, a parar junto aos portões e olhar para dentro do parque. As cinco semanas que ela já passara em Kent tinham feito grande diferença na paisagem, e cada dia acrescentava algo ao verdor das árvores mais precoces. Estava a ponto de continuar o passeio quando avistou de relance um cavalheiro dentro da espécie de bosque que orlava o parque: ele vinha naquela direção; e, temendo que fosse o sr. Darcy, ela recuou imediatamente. Mas a pessoa que avançava já estava perto o bastante para vê-la e, adiantando-se com vivacidade, pronunciou seu nome. Ela se voltara para ir embora; mas, ao ouvir-se chamada, embora por uma voz que provava ser a do sr. Darcy, dirigiu-se de novo ao portão. Ele também já o alcançara a essa altura; e, estendendo-lhe uma carta, que ela tomou instintivamente, disse, com um ar de altiva compostura: — Estive passeando pelo bosque há algum tempo, na esperança de encontrá-la. Quer me dar a honra de ler esta carta? — e então, com uma leve reverência, voltou a entrar no arvoredo, e logo desapareceu de vista.

Sem nenhuma expectativa de prazer, mas com a mais forte curiosidade, Elizabeth abriu a carta e, com espanto cada vez maior, viu um envelope contendo duas folhas de papel de carta, inteiramente escritas, numa letra

muito cerrada. O próprio envelope estava igualmente cheio. Seguindo seu caminho pela alameda, começou então a lê-la. Estava datada de Rosings, às oito horas da manhã, e dizia o seguinte:

> Duas ofensas de natureza muito diferente, e de modo algum de igual magnitude, a senhorita me imputou ontem à noite. A primeira mencionada foi que, sem consideração pelos sentimentos de um ou de outro, eu havia separado o sr. Bingley de sua irmã — e a outra, que eu havia, a despeito de vários direitos, a despeito da honra e da humanidade, arruinado a prosperidade imediata e destruído as perspectivas do sr. Wickham. Ter rejeitado, deliberada e gratuitamente, o companheiro de minha juventude, o reconhecido favorito de meu pai, um jovem que quase não tinha outro amparo além de nosso patrocínio, e que fora criado para esperar que ele se exercesse, seria uma depravação com a qual a separação de dois jovens, cuja afeição não podia ser o fruto senão de poucas semanas, não admitiria comparação. Mas da severidade daquela censura que ontem à noite me foi tão liberalmente dispensada, quanto a cada uma dessas circunstâncias, espero ficar no futuro a salvo, quando o relato que se segue de minhas ações e seus motivos tiver sido lido. Se, na explicação delas que devo a mim mesmo, me vejo na necessidade de relatar sentimentos que possam ser ofensivos aos seus, só posso dizer que lamento. A necessidade deve ser obedecida, e qualquer outra desculpa seria absurda. Não fazia muito que eu estava em Hertfordshire quando percebi, como os demais, que Bingley preferia sua irmã mais velha a qualquer outra jovem da região. Mas foi só na noite do baile em

Netherfield que tive alguma apreensão de que ele sentisse um apego sério. Eu já o vira apaixonado muitas vezes antes. Naquele baile, enquanto tinha a honra de dançar com a senhorita, fui informado pela primeira vez, pela revelação acidental de sir William Lucas, de que as atenções de Bingley para com sua irmã haviam dado origem a uma expectativa geral do casamento dos dois. Ele falou disso como de um acontecimento certo, do qual só a data podia estar indecisa. A partir daquele momento, observei atentamente o comportamento de meu amigo; e pude então perceber que sua inclinação pela srta. Bennet ia além de tudo o que eu jamais testemunhara nele. Observei também sua irmã. Seu olhar e suas maneiras eram francos, alegres e cativantes como sempre, mas sem qualquer sintoma de estima particular; e permaneci convencido, pelo exame daquela noite, de que, embora ela recebesse as atenções dele com prazer, não as encorajava com nenhuma participação de sentimento. Se a *senhorita* não se enganou nesse ponto, *eu* devo ter estado em erro. Seu conhecimento superior de sua irmã torna provável esta última hipótese. Se for assim, se fui levado por tal erro a infligir-lhe dor, seu ressentimento não foi sem razão. Mas não hesitarei em afirmar que a serenidade do semblante e do ar de sua irmã era tal que poderia ter dado ao mais agudo observador a convicção de que, por mais amável que fosse seu temperamento, seu coração não seria facilmente tocado. Que eu desejava acreditá-la indiferente é certo; mas ousarei dizer que minhas investigações e decisões não costumam ser influenciadas por minhas esperanças ou temores. Não a julguei indiferente porque assim o desejava; julguei-o por convicção imparcial, tão sinceramente quanto o

desejava pela razão. Minhas objeções ao casamento não eram apenas aquelas que ontem à noite reconheci terem exigido, em meu próprio caso, toda a força da paixão para serem postas de lado; a falta de relações não podia ser um mal tão grande para meu amigo quanto para mim. Mas havia outras causas de repugnância; causas que, embora ainda existentes, e existentes em igual grau em ambos os casos, eu próprio me esforçara por esquecer, porque não estavam imediatamente diante de mim. Essas causas devem ser expostas, ainda que brevemente. A situação da família de sua mãe, embora censurável, não era nada em comparação com aquela total falta de decoro tão frequentemente, tão quase uniformemente revelada por ela própria, por suas três irmãs mais novas, e ocasionalmente até por seu pai — perdoe-me — dói-me ofendê-la. Mas, em meio à sua preocupação com os defeitos de seus parentes mais próximos, e ao seu desagrado com esta descrição deles, sirva-lhe de consolo considerar que terem-se conduzido de modo a evitar qualquer parte em semelhante censura é um louvor não menos geralmente concedido à senhorita e à sua irmã mais velha do que honroso para o juízo e a índole de ambas. Direi apenas, ainda, que pelo que se passou naquela noite minha opinião sobre todas as partes foi confirmada, e reforçado cada motivo que já antes poderia ter me levado a preservar meu amigo do que eu considerava uma ligação das mais infelizes. Ele deixou Netherfield rumo a Londres no dia seguinte, como a senhorita, tenho certeza, se lembra, com a intenção de voltar em breve. O papel que desempenhei deve agora ser explicado. A inquietação das irmãs dele fora despertada tanto quanto a minha: nossa coincidência de

sentimentos logo foi descoberta; e, igualmente conscientes de que não havia tempo a perder para afastar o irmão delas, resolvemos em pouco tempo ir juntar-nos a ele diretamente em Londres. Assim fizemos — e ali me encarreguei de bom grado do ofício de apontar a meu amigo os males certos de semelhante escolha. Descrevi-os e insisti neles com seriedade. Mas, por mais que essa admoestação pudesse ter abalado ou retardado sua determinação, não creio que ela teria por fim impedido o casamento, se não fosse secundada pela garantia, que não hesitei em dar, da indiferença de sua irmã. Ele antes acreditara que ela correspondia à sua afeição com uma estima sincera, ainda que não igual. Mas Bingley tem grande modéstia natural, com uma dependência maior do meu julgamento do que do seu próprio. Convencê-lo, portanto, de que se enganara não foi coisa muito difícil. Persuadi-lo a não voltar a Hertfordshire, uma vez dada essa convicção, foi apenas obra de um momento. Não posso me censurar por ter feito tudo isso. Há uma única parte de minha conduta, em todo esse caso, sobre a qual não reflito com satisfação: é ter eu condescendido em adotar medidas de artifício a ponto de esconder dele que sua irmã estava em Londres. Eu mesmo o sabia, como o sabia a srta. Bingley; mas o irmão dela ainda hoje o ignora. Que pudessem ter se encontrado sem más consequências é, talvez, provável; mas a estima dele não me pareceu extinta o bastante para que ele a visse sem algum perigo. Talvez esse ocultamento, esse disfarce, tenha sido indigno de mim. Está feito, porém, e foi feito com a melhor das intenções. Sobre esse assunto nada mais tenho a dizer, nenhuma outra desculpa a oferecer. Se feri os sentimentos de sua irmã, foi sem saber; e,

embora os motivos que me governaram possam muito naturalmente parecer-lhe insuficientes, ainda não aprendi a condená-los. — Quanto à outra acusação, mais grave, de ter prejudicado o sr. Wickham, só posso refutá-la expondo-lhe toda a sua ligação com minha família. Do que ele me acusou *em particular*, eu ignoro; mas, para a verdade do que vou relatar, posso convocar mais de uma testemunha de veracidade indubitável. O sr. Wickham é filho de um homem muito respeitável, que teve durante muitos anos a administração de todas as propriedades de Pemberley, e cuja boa conduta no desempenho de seu encargo naturalmente inclinou meu pai a ser-lhe útil; e sobre George Wickham, que era seu afilhado, sua bondade foi portanto liberalmente derramada. Meu pai custeou-lhe os estudos na escola, e depois em Cambridge — auxílio da maior importância, pois o próprio pai dele, sempre pobre por causa da extravagância da esposa, não teria podido dar-lhe a educação de um cavalheiro. Meu pai não só apreciava a companhia desse jovem, cujas maneiras eram sempre cativantes, como tinha também a mais alta opinião a seu respeito e, esperando que a Igreja fosse sua profissão, pretendia amparar-lhe nela o futuro. Quanto a mim, há muitos, muitos anos que comecei a pensar nele de maneira muito diferente. As propensões viciosas, a falta de princípios, que ele tinha o cuidado de esconder do conhecimento de seu melhor amigo, não podiam escapar à observação de um jovem de quase a mesma idade que a sua, e que tinha oportunidades de vê-lo em momentos de descuido, que o sr. Darcy não podia ter. Aqui, mais uma vez, vou causar-lhe dor — em que grau, só a senhorita pode dizer. Mas, quaisquer que sejam os sentimentos que o sr. Wickham tenha despertado, a

suspeita de sua natureza não me impedirá de desvendar o seu verdadeiro caráter. Ela acrescenta até mais um motivo. Meu excelente pai morreu há cerca de cinco anos; e seu apego ao sr. Wickham foi até o fim tão constante que, em seu testamento, recomendou-me particularmente que promovesse seu progresso da melhor maneira que sua profissão permitisse e, se ele se ordenasse, desejava que um valioso benefício da família fosse seu assim que vagasse. Havia também um legado de mil libras. O pai dele não sobreviveu por muito tempo ao meu; e, dentro de meio ano desses acontecimentos, o sr. Wickham escreveu-me para informar que, tendo por fim decidido não se ordenar, esperava que eu não julgasse despropositado que ele aspirasse a alguma vantagem pecuniária mais imediata, em lugar do benefício de que não poderia aproveitar. Tinha alguma intenção, acrescentou, de estudar direito, e eu devia estar ciente de que os juros de mil libras seriam um sustento muito insuficiente para tanto. Eu antes desejava do que acreditava que ele fosse sincero; mas, de qualquer modo, estava perfeitamente disposto a aceder à sua proposta. Eu sabia que o sr. Wickham não devia ser clérigo. O negócio ficou, portanto, logo resolvido. Ele renunciou a qualquer direito a auxílio na Igreja, caso algum dia viesse a estar em situação de recebê-lo, e aceitou em troca três mil libras. Toda ligação entre nós parecia agora dissolvida. Eu o tinha em conta baixa demais para convidá-lo a Pemberley, ou admitir sua companhia em Londres. Em Londres, creio, foi onde ele principalmente viveu, mas seu estudo do direito era mero pretexto; e, estando agora livre de qualquer restrição, sua vida foi uma vida de ociosidade e dissipação. Por cerca de três anos pouco soube dele;

mas, com a morte do titular do benefício que lhe fora destinado, ele recorreu novamente a mim, por carta, pedindo a apresentação. Suas circunstâncias, garantia-me ele, e não tive dificuldade em acreditar, eram extremamente más. Achara o direito um estudo dos mais improdutivos, e estava agora absolutamente decidido a ordenar-se, se eu o apresentasse ao benefício em questão — do que ele confiava não poder haver muita dúvida, pois estava bem certo de que eu não tinha mais ninguém a quem amparar, e não poderia ter esquecido as intenções de meu venerado pai. A senhorita dificilmente me censurará por ter me recusado a atender a essa súplica, ou por ter resistido a cada repetição dela. Seu ressentimento foi proporcional à aflição de suas circunstâncias — e ele foi sem dúvida tão violento ao me injuriar diante de outros quanto em suas censuras a mim mesmo. Depois desse período, toda aparência de relação foi abandonada. Como ele vivia, não sei. Mas no verão passado ele se impôs de novo, da maneira mais dolorosa, à minha atenção. Devo agora mencionar uma circunstância que eu próprio desejaria esquecer, e que nenhuma obrigação menor do que a presente me induziria a revelar a qualquer ser humano. Tendo dito tanto, não tenho dúvida alguma de sua discrição. Minha irmã, que é mais de dez anos mais nova do que eu, ficou sob a tutela do sobrinho de minha mãe, o coronel Fitzwilliam, e a minha. Há cerca de um ano, foi retirada da escola, e organizou-se para ela uma casa em Londres; e no verão passado ela foi com a senhora que a dirigia para Ramsgate; e para lá foi também o sr. Wickham, sem dúvida de propósito; pois ficou provado que havia um conhecimento anterior entre ele e a sra. Younge, em cujo caráter fomos muito

infelizmente enganados; e, com a conivência e o auxílio dela, ele conseguiu recomendar-se a tal ponto a Georgiana, cujo coração afetuoso conservava uma forte impressão da bondade dele para com ela quando criança, que ela foi persuadida a acreditar-se apaixonada e a consentir numa fuga. Ela tinha então apenas quinze anos, o que deve ser sua desculpa; e, depois de expor sua imprudência, tenho a satisfação de acrescentar que devi a ela mesma o conhecimento do fato. Juntei-me a elas inesperadamente um ou dois dias antes da fuga planejada; e então Georgiana, incapaz de suportar a ideia de magoar e ofender um irmão a quem quase considerava um pai, confessou-me tudo. A senhorita pode imaginar o que senti e como agi. A consideração pela reputação e pelos sentimentos de minha irmã impediu qualquer exposição pública; mas escrevi ao sr. Wickham, que deixou o lugar imediatamente, e a sra. Younge foi, naturalmente, afastada de seu cargo. O principal objetivo do sr. Wickham era, sem dúvida alguma, a fortuna de minha irmã, que é de trinta mil libras; mas não posso deixar de supor que a esperança de se vingar de mim tenha sido um forte incentivo. Sua vingança teria sido, de fato, completa. Esta, senhorita, é uma narrativa fiel de todos os acontecimentos em que estivemos envolvidos juntos; e, se a senhorita não a rejeitar em absoluto como falsa, há de, espero, absolver-me de agora em diante da acusação de crueldade para com o sr. Wickham. Não sei de que maneira, sob que forma de falsidade, ele a enganou; mas seu sucesso talvez não seja de admirar, ignorante como a senhorita estava, até então, de tudo o que dizia respeito a qualquer um de nós. Descobri-lo não estava em seu poder, e suspeitar certamente não

estava em sua inclinação. A senhorita talvez se pergunte por que tudo isso não lhe foi dito ontem à noite. Mas eu não era então senhor de mim o bastante para saber o que podia ou devia ser revelado. Quanto à verdade de tudo o que aqui relatei, posso apelar mais particularmente ao testemunho do coronel Fitzwilliam, que, por nosso parentesco próximo e constante intimidade, e ainda mais como um dos executores do testamento de meu pai, tomou inevitavelmente conhecimento de cada pormenor dessas transações. Se a sua aversão por *mim* tornar sem valor as *minhas* afirmações, a mesma causa não a impedirá de confiar em meu primo; e, para que haja a possibilidade de consultá-lo, procurarei encontrar alguma oportunidade de pôr esta carta em suas mãos no decorrer da manhã. Acrescentarei apenas: Deus a abençoe.

FITZWILLIAM DARCY

XXXVI



Elizabeth, quando o sr. Darcy lhe entregou a carta, não esperava que ela contivesse uma renovação de suas propostas; na verdade, não formara expectativa alguma quanto ao seu conteúdo. Mas, fosse ele qual fosse, é fácil imaginar com que avidez ela o percorreu e que contrariedade de emoções ele lhe despertou. Os sentimentos que a acompanharam na leitura mal se podiam definir. Com espanto compreendeu, de início, que ele julgava ter em seu poder qualquer desculpa; e

estava firmemente convencida de que ele não poderia oferecer explicação alguma que um justo sentimento de vergonha não preferisse ocultar. Com forte prevenção contra tudo o que ele pudesse dizer, começou o relato do que se passara em Netherfield. Leu com uma sofreguidão que quase lhe tirava a capacidade de compreender; e, na impaciência de saber o que traria a frase seguinte, era incapaz de atentar para o sentido daquela que tinha diante dos olhos. A crença dele na indiferença de sua irmã, ela imediatamente decidiu que era falsa; e o relato das objeções reais, as piores, contra o casamento deixou-a irritada demais para ter qualquer desejo de lhe fazer justiça. Ele não exprimia, pelo que fizera, nenhum arrependimento que a satisfizesse; seu estilo não era o de um penitente, e sim altivo. Era tudo orgulho e insolência.

Mas, quando a esse assunto se seguiu o relato sobre o sr. Wickham — quando ela leu, com atenção um pouco mais clara, uma narrativa de fatos que, se verdadeira, derrubaria toda a opinião que tanto prezava sobre o valor dele, e que guardava uma afinidade tão alarmante com a história que ele próprio contara de si —, seus sentimentos tornaram-se ainda mais agudamente dolorosos e mais difíceis de definir. Espanto, apreensão e até horror a oprimiam. Quis desacreditar tudo por completo, exclamando repetidas vezes: "Isto deve ser falso! Não pode ser! Isto deve ser a mais grosseira das mentiras!" — e, quando terminou a carta inteira, embora mal soubesse alguma coisa da última página ou duas, guardou-a às pressas, protestando que não lhe daria atenção, que nunca mais tornaria a olhá-la.

Nesse estado de espírito perturbado, com pensamentos que não conseguiam pousar em nada, ela continuou a caminhar; mas não adiantava: em meio minuto a carta estava desdobrada outra vez; e, recompondo-se como pôde, recomeçou a mortificante leitura de tudo o que dizia respeito a Wickham, impondo-se examinar o sentido de cada frase. O relato da ligação dele com a família de Pemberley era exatamente o que ele próprio contara; e a bondade do falecido sr. Darcy, embora ela até então não lhe conhecesse a extensão, concordava igualmente bem com as palavras dele. Até aí, cada narrativa confirmava a outra; mas, quando chegou ao testamento, a diferença era grande. O que Wickham dissera sobre o benefício ainda estava fresco em sua memória; e, ao recordar suas próprias palavras, era impossível não sentir que havia grosseira duplicidade de um lado ou de outro; e, por alguns instantes, lisonjeou-se de que seus desejos não a enganavam. Mas, quando leu e releu, com a mais estreita atenção, os pormenores que se seguiam imediatamente — a renúncia de Wickham a toda pretensão sobre o benefício, o recebimento, em troca, de uma soma tão considerável quanto três mil libras —, de novo se viu forçada a hesitar. Pousou a carta, pesou cada circunstância com o que pretendia ser imparcialidade, deliberou sobre a probabilidade de cada afirmação, mas com pouco sucesso. De ambos os lados havia apenas afirmações. Voltou a ler. Mas cada linha provava com mais clareza que o caso — que ela julgara impossível qualquer artifício apresentar de modo a tornar a conduta do sr. Darcy menos que infame — comportava

uma interpretação que o deixava inteiramente sem culpa do princípio ao fim.

A extravagância e a devassidão geral que ele não hesitava em atribuir ao sr. Wickham chocaram-na extremamente; tanto mais que ela não podia apresentar nenhuma prova de sua injustiça. Nunca ouvira falar dele antes de seu ingresso na milícia de ----shire, à qual se juntara por persuasão do jovem que, encontrando-o por acaso em Londres, ali renovara um conhecimento superficial. De seu modo de vida anterior, nada se sabia em Hertfordshire além do que ele próprio contara. Quanto ao seu verdadeiro caráter, mesmo que a informação estivesse ao seu alcance, ela nunca sentira o desejo de indagar. O semblante, a voz e as maneiras dele o haviam estabelecido de imediato como possuidor de todas as virtudes. Tentou lembrar-se de algum exemplo de bondade, de algum traço marcante de integridade ou benevolência que pudesse salvá-lo dos ataques do sr. Darcy; ou, ao menos, que, pela predominância da virtude, compensasse aqueles erros casuais em que ela se esforçaria por classificar o que o sr. Darcy descrevera como ociosidade e vício de muitos anos de duração. Mas nenhuma recordação dessas veio em seu socorro. Podia vê-lo no mesmo instante diante de si, em todo o encanto de sua figura e de seu trato, mas não conseguia lembrar-se de nenhum bem mais substancial do que a aprovação geral da vizinhança e a estima que seus dotes sociais lhe haviam granjeado entre os oficiais. Depois de se deter nesse ponto por um bom tempo, tornou a prosseguir na leitura. Mas, ai!, a história que vinha em seguida, sobre os desígnios dele em relação à srta. Darcy, recebia

alguma confirmação do que se passara entre o coronel Fitzwilliam e ela própria na manhã anterior; e, por fim, para a veracidade de cada pormenor, ela era remetida ao próprio coronel Fitzwilliam — de quem já recebera antes a informação de que ele se ocupava de perto de todos os assuntos do primo, e cujo caráter não tinha motivo para pôr em dúvida. A certa altura quase se decidiu a recorrer a ele, mas a ideia foi contida pelo constrangimento do pedido e, por fim, inteiramente banida pela convicção de que o sr. Darcy jamais teria arriscado tal proposta se não estivesse bem seguro da corroboração do primo.

Ela se lembrava perfeitamente de tudo o que se passara na conversa entre Wickham e ela naquela primeira noite em casa do sr. Philips. Muitas das expressões dele ainda estavam frescas em sua memória. *Agora* ficava chocada com a impropriedade de tais confidências a uma estranha, e admirava-se de que isso lhe tivesse escapado antes. Via a indelicadeza de ele se pôr em evidência como fizera, e a incoerência entre suas declarações e sua conduta. Lembrava-se de que ele se gabara de não ter medo algum de encontrar o sr. Darcy — de que o sr. Darcy podia ir embora da região, mas *ele* não arredaria pé; no entanto, evitara o baile de Netherfield logo na semana seguinte. Lembrava-se também de que, até a família de Netherfield deixar a região, ele não contara sua história a ninguém além dela; mas que, depois da partida deles, o caso fora discutido em toda parte; que ele então não tivera reservas nem escrúpulos em arrastar o caráter do sr. Darcy pela lama,

embora lhe tivesse assegurado que o respeito pelo pai sempre o impediria de expor o filho.



Como tudo o que lhe dizia respeito parecia agora diferente! Suas atenções à srta. King eram agora consequência de intenções única e odiosamente mercenárias; e a mediocridade da fortuna dela já não provava a moderação de seus desejos, e sim a avidez de agarrar qualquer coisa. O comportamento dele para com ela própria já não podia ter tido nenhum motivo tolerável: ou ele se enganara quanto à fortuna dela, ou estivera satisfazendo a vanidade ao encorajar a preferência que ela acreditava ter demonstrado com tão pouca cautela. Todo resquício de luta em favor dele ia se tornando mais e mais fraco; e, para maior justificação do sr. Darcy, ela não podia deixar de admitir que o sr.

Bingley, quando interrogado por Jane, afirmara havia muito a inocência dele naquele caso; que, por mais orgulhosas e repulsivas que fossem suas maneiras, ela nunca, em todo o curso do convívio entre eles — um convívio que ultimamente os aproximara bastante e lhe dera uma espécie de intimidade com o modo de ser dele —, vira nada que o revelasse sem princípios ou injusto, nada que denunciasse hábitos irreligiosos ou imorais; que entre os próprios parentes ele era estimado e prezado; que até Wickham lhe reconhecera mérito como irmão, e que ela o ouvira muitas vezes falar da irmã com tanto afeto que isso provava ser ele capaz de algum sentimento amável; que, se as ações dele tivessem sido o que Wickham as representava, uma violação tão grosseira de tudo o que é justo dificilmente poderia ter sido escondida do mundo; e que a amizade entre uma pessoa capaz disso e um homem tão amável quanto o sr. Bingley era incompreensível.

Sentiu-se absolutamente envergonhada de si mesma. Nem em Darcy nem em Wickham conseguia pensar sem sentir que fora cega, parcial, preconceituosa, absurda.

— Como agi de modo desprezível! — exclamou. — Eu, que me orgulhava do meu discernimento! Eu, que me prezava por minhas capacidades! Que tantas vezes desdenhei a generosa candura de minha irmã e satisfiz a vanidade com uma desconfiança inútil ou censurável. Como é humilhante esta descoberta! E, no entanto, que humilhação tão justa! Se eu estivesse apaixonada, não poderia ter sido mais miseravelmente cega. Mas foi a vanidade, e não o amor, a minha tolice. Lisonjeada com

a preferência de um e ofendida com o desdém do outro, desde o próprio início de nosso conhecimento, cortejei a prevenção e a ignorância e afugentei a razão sempre que se tratava de qualquer dos dois. Até este momento, eu nunca me conheci.

De si mesma para Jane, de Jane para Bingley, seus pensamentos seguiam uma linha que logo lhe trouxe à lembrança que a explicação do sr. Darcy *naquele* ponto lhe parecera muito insuficiente; e ela a leu outra vez. Muito diferente foi o efeito da segunda leitura. Como poderia negar às afirmações dele, num caso, o crédito que se vira obrigada a dar no outro? Ele se declarava totalmente sem suspeita da afeição de sua irmã; e ela não podia deixar de lembrar qual sempre fora a opinião de Charlotte. Tampouco podia negar a justeza da descrição que ele fazia de Jane. Sentia que os sentimentos de Jane, embora fervorosos, pouco se mostravam, e que havia em seu ar e em suas maneiras uma serenidade constante, que não costuma andar unida a uma grande sensibilidade.

Quando chegou àquela parte da carta em que sua família era mencionada, em tom de censura tão mortificante quanto merecida, seu sentimento de vergonha foi severo. A justiça da acusação atingiu-a com força demais para que a negasse; e as circunstâncias a que ele aludia em particular, como ocorridas no baile de Netherfield e como confirmação de toda a sua primeira desaprovação, não poderiam ter deixado no espírito dele uma impressão mais forte do que no dela.

O elogio a ela e à irmã não passou despercebido. Acalmou-a, mas não pôde consolá-la do desprezo que o

resto da família atraíra assim sobre si; e, ao considerar que a decepção de Jane fora, na verdade, obra de seus parentes mais próximos, e ao refletir quanto a reputação de ambas devia sofrer com tamanha impropriedade de conduta, sentiu-se abatida como nunca antes em sua vida.

Depois de vagar pela alameda por duas horas, entregando-se a toda variedade de pensamentos, reconsiderando os fatos, avaliando probabilidades e reconciliando-se, como podia, com uma mudança tão súbita e tão importante, o cansaço e a lembrança de sua longa ausência fizeram-na por fim voltar para casa; e entrou com o desejo de parecer alegre como de costume e a resolução de reprimir as reflexões que a tornariam imprópria para a conversa.

Disseram-lhe imediatamente que os dois cavalheiros de Rosings haviam vindo, cada um, durante sua ausência; o sr. Darcy, apenas por alguns minutos, para se despedir; mas o coronel Fitzwilliam ficara sentado com eles pelo menos uma hora, na esperança de que ela voltasse, e quase se decidira a sair à sua procura até encontrá-la. Elizabeth mal conseguiu *fingir* pesar por não o ter visto; na verdade, alegrou-se com isso. O coronel Fitzwilliam já não lhe interessava. Só conseguia pensar em sua carta.

XXXVII



Os dois cavalheiros deixaram Rosings na manhã seguinte; e o sr. Collins, que ficara de vigia perto dos portões para lhes prestar a reverência de despedida, pôde trazer para casa a agradável notícia de que pareciam gozar de muito boa saúde e de um ânimo tão tolerável quanto se podia esperar depois da cena melancólica havia tão pouco vivida em Rosings. A Rosings ele então se apressou, para consolar lady Catherine e a filha; e, na volta, trouxe, com grande

satisfação, um recado de Sua Senhoria dando a entender que se sentia tão aborrecida que desejava muito tê-los todos para jantar consigo.

Elizabeth não conseguia olhar para lady Catherine sem lembrar que, se assim tivesse escolhido, poderia a esta altura ter-lhe sido apresentada como sua futura sobrinha; nem conseguia pensar, sem sorrir, no que teria sido a indignação de Sua Senhoria. "O que teria ela dito? Como se teria comportado?" eram as perguntas com que se divertia.

O primeiro assunto foi a redução do grupo de Rosings.

— Asseguro-lhes que sinto isso extremamente — disse lady Catherine. — Creio que ninguém sente tanto a perda dos amigos quanto eu. Mas sou particularmente apegada a esses rapazes; e sei que eles me são tão apegados! Ficaram excessivamente pesarosos por partir! Mas é sempre assim com eles. O querido coronel manteve o ânimo razoavelmente até quase o fim; mas Darcy parecia sentir com a maior agudeza... mais, creio, do que no ano passado. Seu apego a Rosings certamente aumenta.

O sr. Collins tinha um cumprimento e uma alusão para inserir nesse ponto, que foram bondosamente acolhidos com sorrisos pela mãe e pela filha.

Lady Catherine observou, depois do jantar, que a srta. Bennet parecia desanimada; e, explicando-o imediatamente por conta própria, ao supor que ela não gostava de voltar para casa tão cedo, acrescentou:

— Mas, se é esse o caso, deve escrever à sua mãe pedindo permissão para ficar um pouco mais. A sra.

Collins ficará muito contente com sua companhia, tenho certeza.



— Fico muito grata a Vossa Senhoria pelo gentil convite — respondeu Elizabeth —, mas não está em meu poder aceitá-lo. Preciso estar em Londres no próximo sábado.

— Ora, desse modo, terá ficado aqui apenas seis semanas. Eu esperava que ficasse dois meses. Foi o que disse à sra. Collins antes de a senhorita chegar. Não pode haver motivo para partir tão cedo. A sra. Bennet certamente poderia dispensá-la por mais uma quinzena.

— Mas meu pai não pode. Escreveu-me na semana passada apressando meu regresso.

— Oh, seu pai, naturalmente, pode dispensá-la, se sua mãe puder. As filhas nunca têm tanta importância

para um pai. E, se ficar mais um *mês* inteiro, estará em meu poder levar uma das senhoritas até Londres, pois vou para lá no começo de junho, por uma semana; e, como Dawson não faz objeção ao assento externo da *barouche*, haverá muito bom lugar para uma de vocês... e, na verdade, se por acaso o tempo estiver fresco, não me oporia a levar as duas, já que nenhuma das senhoritas é grande.

— É toda bondade, minha senhora; mas creio que devemos ater-nos ao nosso plano original.

Lady Catherine pareceu resignada.

— Sra. Collins, a senhora deve mandar um criado com elas. Sabe que sempre digo o que penso, e não posso suportar a ideia de duas moças viajando de posta sozinhas. É altamente impróprio. Deve dar um jeito de mandar alguém. Tenho a maior aversão do mundo a esse tipo de coisa. As moças devem estar sempre devidamente guardadas e acompanhadas, de acordo com sua posição na vida. Quando minha sobrinha Georgiana foi a Ramsgate no verão passado, fiz questão de que dois criados fossem com ela. A srta. Darcy, filha do sr. Darcy de Pemberley e de lady Anne, não poderia ter-se apresentado com propriedade de outra maneira. Sou excessivamente atenta a todas essas coisas. Deve mandar John com as moças, sra. Collins. Fico contente de me ter ocorrido mencionar isso; pois seria realmente desabonador para a *senhora* deixá-las partir sozinhas.

— Meu tio vai mandar um criado buscar-nos.

— Oh! Seu tio! Ele tem um criado, tem? Fico muito contente de que tenham alguém que pense nessas coisas. Onde vão trocar os cavalos? Oh, em Bromley,

naturalmente. Se mencionarem meu nome no Bell, serão bem atendidas.

Lady Catherine tinha muitas outras perguntas a fazer a respeito da viagem; e, como não respondia a todas ela mesma, era preciso atenção — o que Elizabeth julgou uma sorte para si; pois, com o espírito tão ocupado, poderia ter esquecido onde estava. A reflexão devia ficar reservada para as horas solitárias: sempre que estava sozinha, entregava-se a ela como ao maior dos alívios; e não se passava um dia sem um passeio solitário, em que pudesse saborear todo o deleite das recordações desagradáveis.

A carta do sr. Darcy, ela estava a caminho de logo sabê-la de cor. Estudava cada frase; e seus sentimentos para com o autor eram, por vezes, amplamente diversos. Quando se lembrava do estilo de sua declaração, ainda se enchia de indignação; mas, quando considerava com que injustiça o condenara e censurara, sua cólera se voltava contra si mesma, e os sentimentos frustrados dele tornavam-se objeto de compaixão. A afeição dele despertava gratidão; seu caráter em geral, respeito; mas ela não conseguia aprová-lo; nem podia por um momento arrepender-se de sua recusa, ou sentir a menor inclinação para tornar a vê-lo. Em seu próprio comportamento passado havia uma fonte constante de contrariedade e pesar; e nos infelizes defeitos de sua família, um motivo de desgosto ainda mais pesado. Não tinham remédio. Seu pai, contente em rir-se deles, nunca se esforçaria por refrear a desvairada leviandade das filhas mais novas; e sua mãe, de maneiras ela própria tão longe do correto, era inteiramente insensível ao mal.

Elizabeth se unira com frequência a Jane num esforço para conter a imprudência de Catherine e Lydia; mas, enquanto elas contassem com a indulgência da mãe, que possibilidade de melhora poderia haver? Catherine, de ânimo fraco, irritadiça e inteiramente sob a direção de Lydia, sempre se ofendera com os conselhos das irmãs; e Lydia, voluntariosa e descuidada, mal lhes dava ouvidos. Eram ignorantes, ociosas e vaidosas. Enquanto houvesse um oficial em Meryton, haveriam de flertar com ele; e, enquanto Meryton ficasse a uma caminhada de Longbourn, haveriam de ir lá para sempre.

A ansiedade por causa de Jane era outra preocupação dominante; e a explicação do sr. Darcy, ao restituir Bingley a toda a boa opinião que ela antes lhe dedicava, aguçava a noção do que Jane perdera. A afeição dele fora provada sincera, e sua conduta, isenta de toda culpa, a não ser a que se pudesse atribuir à confiança cega que depositava no amigo. Como era doloroso, então, o pensamento de que, de uma situação tão desejável sob todos os aspectos, tão repleta de vantagens, tão promissora de felicidade, Jane fora privada pela tolice e pela falta de decoro de sua própria família!

Quando a essas lembranças se acrescentava a revelação do caráter de Wickham, é fácil acreditar que o ânimo alegre, que raramente se deprimira antes, estava agora tão afetado que lhe era quase impossível parecer razoavelmente contente.

Os compromissos em Rosings foram tão frequentes na última semana de sua estada quanto haviam sido no início. A própria última noite foi passada lá; e Sua Senhoria tornou a indagar minuciosamente sobre os

pormenores da viagem, deu-lhes instruções quanto ao melhor método de arrumar as malas, e insistiu tanto na necessidade de acomodar os vestidos da única maneira correta que Maria se julgou obrigada, ao voltar, a desfazer todo o trabalho da manhã e arrumar o baú de novo.

Quando se despediram, lady Catherine, com grande condescendência, desejou-lhes boa viagem e convidou-as a voltar a Hunsford no ano seguinte; e a srta. de Bourgh esforçou-se a ponto de fazer uma reverência e estender a mão a ambas.

XXXVIII



Na manhã de sábado, Elizabeth e o sr. Collins encontraram-se para o café alguns minutos antes de os outros aparecerem; e ele aproveitou a oportunidade para prestar as cortesias de despedida que julgava indispensavelmente necessárias.

— Não sei, srta. Elizabeth — disse ele —, se a sra. Collins já lhe exprimiu quanto apreciou a bondade que teve em vir visitar-nos; mas estou muito certo de que não deixará esta casa sem receber os agradecimentos

dela por isso. O favor de sua companhia foi muito sentido, asseguro-lhe. Sabemos como há pouco que possa tentar alguém a vir à nossa humilde morada. Nosso modo simples de viver, nossos aposentos pequenos, nossos poucos criados e o pouco que vemos do mundo devem tornar Hunsford extremamente enfadonho para uma jovem como a senhorita; mas espero que acredite em nossa gratidão pela condescendência, e que fizemos tudo o que estava em nosso poder para impedir que passasse o tempo de modo desagradável.

Elizabeth foi pronta em seus agradecimentos e em suas garantias de felicidade. Passara seis semanas com grande prazer; e a alegria de estar com Charlotte e a atenção bondosa que recebera deviam fazer com que fosse *ela* a sentir-se em dívida. O sr. Collins ficou satisfeito e, com uma solenidade mais sorridente, respondeu:

— Dá-me o maior prazer ouvir que passou o tempo de modo não desagradável. Certamente fizemos o nosso melhor; e, tendo tido a grande fortuna de poder apresentá-la a uma sociedade muito superior e, graças à nossa ligação com Rosings, os meios frequentes de variar a humilde cena doméstica, creio que podemos lisonjear-nos de que sua visita a Hunsford não pode ter sido inteiramente maçante. Nossa situação em relação à família de lady Catherine é, de fato, o tipo de vantagem e bênção extraordinária de que poucos podem gabar-se. A senhorita vê em que pé estamos. Vê como somos continuamente convidados para lá. Na verdade, devo reconhecer que, com todas as desvantagens deste

humilde presbitério, eu não consideraria objeto de compaixão quem quer que nele residisse, enquanto partilhasse de nossa intimidade em Rosings.

As palavras eram insuficientes para a elevação de seus sentimentos; e ele se viu obrigado a andar pela sala, enquanto Elizabeth tentava unir cortesia e verdade em algumas frases curtas.

— A senhorita pode, na verdade, levar de nós um relato muito favorável a Hertfordshire, minha cara prima. Lisonjeio-me, ao menos, de que poderá fazê-lo. Das grandes atenções de lady Catherine para com a sra. Collins a senhorita foi testemunha diária; e, no conjunto, confio em que não pareça que sua amiga fez um infeliz… mas sobre esse ponto será melhor guardar silêncio. Deixe-me apenas assegurar-lhe, minha cara srta. Elizabeth, que posso, do fundo do coração, desejar-lhe muito cordialmente igual felicidade no casamento. Minha cara Charlotte e eu temos um só espírito e um só modo de pensar. Há em tudo uma semelhança muito notável de caráter e de ideias entre nós. Parecemos ter sido feitos um para o outro.

Elizabeth pôde dizer com segurança que era uma grande felicidade quando tal acontecia, e com igual sinceridade pôde acrescentar que acreditava firmemente em seus confortos domésticos e com eles se alegrava. Não lamentou, porém, ver a enumeração deles interrompida pela entrada da senhora de quem provinham. Pobre Charlotte! Era melancólico deixá-la em semelhante companhia! Mas ela a escolhera de olhos abertos; e, embora evidentemente lamentasse a partida das visitas, não parecia pedir compaixão. Sua casa e seu

governo doméstico, sua paróquia e suas galinhas, e todas as preocupações delas decorrentes, ainda não haviam perdido o encanto.

Por fim chegou a sege; os baús foram amarrados, os embrulhos acomodados dentro, e declarou-se que tudo estava pronto. Após uma despedida afetuosa entre as amigas, Elizabeth foi acompanhada até a carruagem pelo sr. Collins; e, enquanto desciam pelo jardim, ele a encarregava de seus melhores respeitos a toda a família dela, sem esquecer os agradecimentos pela bondade que recebera em Longbourn no inverno, e seus cumprimentos ao sr. e à sra. Gardiner, embora não os conhecesse. Em seguida ajudou-a a subir, Maria a seguiu, e a porta estava a ponto de ser fechada quando ele de repente lhes lembrou, com certa consternação, que até então se haviam esquecido de deixar qualquer recado para as senhoras de Rosings.

— Mas — acrescentou — naturalmente desejarão que lhes sejam transmitidos seus humildes respeitos, com seus agradecimentos pela bondade que tiveram com as senhoritas enquanto estiveram aqui.

Elizabeth não fez objeção; permitiu-se então que a porta se fechasse, e a carruagem partiu.



— Santo Deus! — exclamou Maria, após alguns minutos de silêncio. — Parece que foi há apenas um ou dois dias que chegamos! E, no entanto, quantas coisas aconteceram!

— Muitas, de fato — disse a companheira, com um suspiro.

— Jantamos nove vezes em Rosings, além de tomar chá lá duas vezes! Quanta coisa terei para contar!

Elizabeth acrescentou consigo mesma: "E quanta coisa terei para esconder!"

A viagem transcorreu sem muita conversa e sem nenhum sobressalto; e, em menos de quatro horas depois de deixarem Hunsford, chegaram à casa do sr. Gardiner, onde deviam permanecer alguns dias.

Jane parecia bem, e Elizabeth teve pouca oportunidade de estudar seu ânimo, em meio aos vários

compromissos que a bondade da tia lhes reservara. Mas Jane iria para casa com ela, e em Longbourn haveria tempo de sobra para observação.

Não foi sem esforço, entretanto, que ela conseguiu esperar sequer até Longbourn para contar à irmã as propostas do sr. Darcy. Saber que tinha o poder de revelar o que tanto surpreenderia Jane e que, ao mesmo tempo, tanto satisfaria o que restava de sua própria vanidade que ela ainda não conseguira dissipar pela razão era uma tentação à franqueza que nada teria vencido, a não ser o estado de indecisão em que permanecia quanto à extensão do que devia comunicar, e o receio de que, uma vez iniciado o assunto, fosse levada a repetir algo a respeito de Bingley que só serviria para afligir ainda mais a irmã.

XXXIX



Foi na segunda semana de maio que as três jovens partiram juntas de Gracechurch Street para a cidade de ----, em Hertfordshire; e, ao se aproximarem da estalagem combinada, onde a carruagem do sr. Bennet devia esperá-las, logo perceberam, em prova da pontualidade do cocheiro, Kitty e Lydia debruçadas à janela de uma sala de jantar no andar de cima. Aquelas duas moças já estavam havia mais de uma hora no lugar, alegremente ocupadas em visitar uma chapeleira do

outro lado da rua, observar a sentinela de guarda e temperar uma salada com pepino.

Depois de dar as boas-vindas às irmãs, exibiram triunfalmente uma mesa posta com as carnes frias que a despensa de uma estalagem costuma oferecer, exclamando:

— Não é lindo? Não é uma surpresa agradável?

— E pretendemos convidar todas vocês — acrescentou Lydia —, mas terão de nos emprestar o dinheiro, pois acabamos de gastar o nosso na loja ali em frente. — E então, mostrando suas compras: — Olhem aqui, comprei este chapéu. Não acho que seja muito bonito; mas achei que tanto fazia comprá-lo ou não. Vou desmanchá-lo assim que chegar em casa e ver se consigo arranjá-lo melhor.

E, quando as irmãs o criticaram como feio, ela acrescentou, com perfeita despreocupação:

— Oh, mas havia dois ou três muito mais feios na loja; e, quando eu tiver comprado um cetim de cor mais bonita para enfeitá-lo de novo, acho que ficará bem tolerável. Além disso, não vai fazer muita diferença o que a gente usa neste verão, depois que o ----shire deixar Meryton, e eles partem daqui a quinze dias.

— Partem mesmo? — exclamou Elizabeth, com a maior satisfação.

— Vão acampar perto de Brighton; e eu quero tanto que papai nos leve a todas para lá no verão! Seria um plano tão delicioso, e imagino que quase não custaria nada. Mamãe também gostaria de ir, mais do que tudo! Pensem só que verão miserável teremos, caso contrário!

"Sim", pensou Elizabeth, "*esse* seria de fato um plano encantador, e daria cabo de nós todas de uma vez. Santo Deus! Brighton e um acampamento inteiro de soldados, para nós, que já fomos viradas de cabeça para baixo por um pobre regimento de milícia e pelos bailes mensais de Meryton!"

— Agora tenho uma novidade para vocês — disse Lydia, quando se sentaram à mesa. — O que acham? É uma notícia excelente, uma notícia magnífica, e sobre uma certa pessoa de quem todas nós gostamos.

Jane e Elizabeth entreolharam-se, e disseram ao criado que ele não precisava ficar. Lydia riu e disse:

— Ah, isso é bem a formalidade e a discrição de vocês. Acharam que o criado não devia ouvir, como se ele se importasse! Imagino que ele ouça com frequência coisas piores do que o que vou dizer. Mas que sujeito feio! Ainda bem que foi embora. Nunca vi um queixo tão comprido na minha vida. Bem, mas agora a minha novidade: é sobre o querido Wickham; boa demais para o criado, não é? Não há perigo de Wickham se casar com Mary King... aí está para vocês! Ela foi para a casa do tio em Liverpool; foi para ficar. Wickham está a salvo.

— E Mary King está a salvo! — acrescentou Elizabeth. — A salvo de uma união imprudente quanto à fortuna.

— Ela é uma grande tola por ter ido embora, se gostava dele.

— Mas espero que não haja uma afeição forte de nenhum dos lados — disse Jane.

— Tenho certeza de que não há do lado *dele*. Respondo por isso: ele nunca se importou nem um

pouquinho com ela. Quem *poderia* se importar com uma coisinha sardenta e desagradável daquelas?

Elizabeth ficou chocada ao pensar que, por mais incapaz que ela própria fosse de tal grosseria de *expressão*, a grosseria do *sentimento* era pouco diferente daquela que seu próprio peito abrigara outrora, imaginando-a generosa!

Assim que todas comeram e as mais velhas pagaram, mandou-se preparar a carruagem; e, depois de algum arranjo, o grupo inteiro, com todas as caixas, sacolas de costura e embrulhos, e o acréscimo inoportuno das compras de Kitty e Lydia, acomodou-se nela.

— Como estamos bem apertadas! — exclamou Lydia. — Ainda bem que trouxe meu chapéu, nem que seja só pela graça de ter mais uma caixa! Bem, agora vamos ficar bem confortáveis e aconchegadas, e conversar e rir durante todo o caminho até em casa. E, em primeiro lugar, vamos ouvir o que aconteceu com vocês todas desde que partiram. Viram algum homem agradável? Flertaram com alguém? Eu tinha grandes esperanças de que uma de vocês arranjasse um marido antes de voltar. Jane logo vai ser uma solteirona, palavra. Está quase com vinte e três anos! Nossa! Como eu teria vergonha de não estar casada antes dos vinte e três! Minha tia Philips quer tanto que vocês arranjem maridos, nem imaginam. Ela diz que Lizzy teria feito melhor se aceitasse o sr. Collins; mas *eu* não acho que haveria graça nenhuma nisso. Nossa! Como eu gostaria de me casar antes de todas vocês! E então eu as acompanharia como *chaperon* a todos os bailes. Meu Deus! Divertimo-nos tanto outro dia na casa do coronel Forster! Kitty e

eu íamos passar o dia lá, e a sra. Forster prometeu fazer um bailezinho à noite (a propósito, a sra. Forster e eu somos *tão* amigas!); e então ela convidou as duas Harrington; mas Harriet estava doente, e assim Pen foi obrigada a vir sozinha; e então, o que vocês acham que fizemos? Vestimos Chamberlayne com roupas de mulher, de propósito, para passar por uma dama... pensem só que divertido! Ninguém sabia de nada, além do coronel e da sra. Forster, de Kitty e de mim, fora minha tia, porque fomos obrigadas a pedir emprestado um dos vestidos dela; e vocês não imaginam como ele ficou bem! Quando Denny, Wickham, Pratt e mais dois ou três dos homens entraram, não o reconheceram nem um pouco. Nossa! Como eu ri! E a sra. Forster também. Pensei que fosse morrer. E foi *isso* que fez os homens desconfiarem de alguma coisa, e então logo descobriram o que era.

Com esse tipo de histórias sobre suas reuniões e boas pilhérias, Lydia, auxiliada pelas sugestões e acréscimos de Kitty, procurou divertir as companheiras por todo o caminho até Longbourn. Elizabeth escutou o menos que pôde, mas não havia como escapar às frequentes menções ao nome de Wickham.

A recepção em casa foi das mais afetuosas. A sra. Bennet alegrou-se de ver Jane com a beleza intacta; e mais de uma vez durante o jantar o sr. Bennet disse espontaneamente a Elizabeth:

— Estou contente por você ter voltado, Lizzy.

O grupo na sala de jantar era grande, pois quase todos os Lucas vieram encontrar Maria e ouvir as novidades; e variados foram os assuntos que os

ocuparam: lady Lucas perguntava a Maria, de um lado a outro da mesa, pelo bem-estar e pelas galinhas da filha mais velha; a sra. Bennet estava duplamente ocupada, de um lado recolhendo de Jane, sentada um pouco abaixo dela, um relato das modas atuais, e de outro repassando-as todas às srtas. Lucas mais novas; e Lydia, numa voz um tanto mais alta que a de qualquer outra pessoa, enumerava os vários prazeres da manhã a quem quisesse ouvi-la.

— Oh, Mary — dizia ela —, queria que você tivesse ido conosco, porque nos divertimos tanto! No caminho, Kitty e eu fechamos todas as cortinas e fingimos que não havia ninguém na carruagem; e eu teria ido assim o caminho todo, se Kitty não tivesse passado mal; e, quando chegamos ao George, acho mesmo que nos portamos muito bem, porque oferecemos às outras três o mais delicioso almoço frio do mundo, e, se você tivesse ido, teríamos convidado você também. E depois, quando fomos embora, foi tão engraçado! Pensei que nunca íamos conseguir entrar na carruagem. Eu estava para morrer de rir. E depois ficamos tão alegres o caminho todo até em casa! Conversamos e rimos tão alto que qualquer um poderia nos ouvir a dez milhas de distância!

A isso, Mary respondeu com muita gravidade:

— Longe de mim, minha cara irmã, depreciar tais prazeres. Sem dúvida seriam adequados à generalidade dos espíritos femininos. Mas confesso que não teriam encanto algum para *mim*. Eu preferiria infinitamente um livro.

Mas dessa resposta Lydia não ouviu uma palavra. Raramente escutava alguém por mais de meio minuto, e a Mary não dava atenção alguma.

À tarde, Lydia insistiu com as outras moças para irem a pé até Meryton e ver como todos iam; mas Elizabeth opôs-se firmemente ao plano. Não se haveria de dizer que as srtas. Bennet não conseguiam ficar em casa meio dia sem sair no encalço dos oficiais. Havia ainda outro motivo para sua oposição. Ela temia rever Wickham, e estava decidida a evitá-lo o máximo possível. O alívio que a partida próxima do regimento representava para *ela* era, de fato, inexprimível. Em quinze dias eles deviam ir embora, e, uma vez partidos, ela esperava que nada mais pudesse atormentá-la por causa dele.

Não estava em casa havia muitas horas quando descobriu que o plano de Brighton, de que Lydia lhes dera uma ideia na estalagem, era assunto de frequente discussão entre os pais. Elizabeth viu de imediato que o pai não tinha a menor intenção de ceder; mas suas respostas eram ao mesmo tempo tão vagas e equívocas que a mãe, embora muitas vezes desanimada, ainda não perdera a esperança de por fim vencer.

XL



A impaciência de Elizabeth para pôr Jane a par do que acontecera não podia mais ser dominada; e, resolvendo por fim suprimir todo pormenor que dissesse respeito à irmã, e preparando-a para uma surpresa, contou-lhe na manhã seguinte o essencial da cena entre o sr. Darcy e ela.

O espanto da srta. Bennet logo foi atenuado pela forte parcialidade fraterna que fazia qualquer admiração por Elizabeth parecer perfeitamente natural;

e toda a surpresa em breve se perdeu em outros sentimentos. Lamentava que o sr. Darcy tivesse expressado seus sentimentos de um modo tão pouco adequado a recomendá-los; mas mais ainda a afligia a infelicidade que a recusa da irmã devia ter-lhe causado.

— Estar tão seguro de ser aceito foi um erro dele — disse ela —, e certamente não devia ter transparecido; mas considere quanto isso deve aumentar sua decepção.

— De fato — respondeu Elizabeth —, sinto sinceramente por ele; mas ele tem outros sentimentos que provavelmente logo afastarão sua estima por mim. Você não me censura, porém, por tê-lo recusado?

— Censurar você! Oh, não.

— Mas me censura por ter falado com tanto calor de Wickham?

— Não... não sei se você errou em dizer o que disse.

— Mas *vai* saber, quando eu lhe contar o que aconteceu logo no dia seguinte.

Falou então da carta, repetindo todo o seu conteúdo no que dizia respeito a George Wickham. Que golpe foi esse para a pobre Jane, que de bom grado atravessaria o mundo sem acreditar que existisse em toda a raça humana tanta maldade quanto a que ali se reunia num só indivíduo! Nem a justificação de Darcy, embora grata aos seus sentimentos, era capaz de consolá-la de semelhante descoberta. Com o maior empenho esforçou-se por provar a probabilidade de um erro, e procurou inocentar um sem comprometer o outro.

— Assim não dá — disse Elizabeth. — Você nunca conseguirá fazer com que os dois prestem para alguma

coisa. Faça sua escolha, mas terá de contentar-se com apenas um. Há entre eles apenas uma certa quantidade de mérito; o bastante para fazer um único homem de bem; e ultimamente ela tem mudado bastante de lado. De minha parte, inclino-me a acreditar que é toda do sr. Darcy, mas você fará como preferir.

Passou-se algum tempo, porém, antes que se pudesse arrancar um sorriso de Jane.

— Não sei quando fiquei mais chocada — disse ela. — Wickham tão mau! Quase não se pode acreditar. E o pobre sr. Darcy! Querida Lizzy, pense só no que ele deve ter sofrido. Uma decepção dessas! E sabendo da má opinião que você tinha dele, ainda por cima! E tendo de contar uma coisa dessas sobre a irmã! É realmente aflitivo demais; tenho certeza de que você também deve sentir assim.

— Oh, não; meu pesar e minha compaixão desaparecem por completo ao ver você tão cheia de ambos. Sei que você lhe fará justiça tão ampla que a cada momento me sinto mais despreocupada e indiferente. Sua profusão me torna econômica; e, se você continuar lamentando por ele por muito mais tempo, meu coração ficará leve como uma pluma.

— Pobre Wickham! Há uma tal expressão de bondade em seu semblante! Uma tal franqueza e doçura em suas maneiras.

— Certamente houve algum grande desacerto na educação daqueles dois rapazes. Um ficou com toda a bondade, e o outro, com toda a aparência dela.

— Eu nunca achei o sr. Darcy tão deficiente na *aparência* dela quanto você achava.

— E, no entanto, eu pretendia ser extraordinariamente esperta ao tomar por ele uma antipatia tão decidida, sem motivo algum. Uma antipatia dessas é um tal estímulo para o engenho, uma tal oportunidade para o espírito! Pode-se ser continuamente ofensiva sem dizer nada de justo; mas não se pode estar sempre rindo de um homem sem tropeçar, de vez em quando, em alguma coisa espirituosa.

— Lizzy, quando você leu aquela carta pela primeira vez, tenho certeza de que não pôde tratar o assunto como faz agora.

— De fato, não pude. Fiquei bastante incomodada, fiquei muito incomodada... posso dizer infeliz. E sem ninguém a quem falar do que sentia, sem uma Jane para me consolar e dizer que eu não tinha sido tão fraca, tão vaidosa e tão sem juízo quanto eu sabia que fora! Oh, como senti sua falta!

— Que pena que você tenha usado expressões tão fortes ao falar de Wickham ao sr. Darcy, pois agora elas *realmente* parecem inteiramente imerecidas.

— Certamente. Mas a infelicidade de falar com amargura é uma consequência muito natural dos preconceitos que eu vinha alimentando. Há um ponto sobre o qual quero seu conselho. Quero que me diga se devo, ou não, fazer com que nossos conhecidos em geral compreendam o caráter de Wickham.

A srta. Bennet fez uma pequena pausa e depois respondeu:

— Certamente não há motivo para expô-lo de modo tão terrível. Qual é a sua própria opinião?

— Que não se deve tentar. O sr. Darcy não me autorizou a tornar pública sua comunicação. Pelo contrário, todos os pormenores relativos à irmã deviam ser guardados, tanto quanto possível, só comigo; e, se eu me esforçar por desenganar as pessoas quanto ao resto da conduta dele, quem acreditará em mim? O preconceito geral contra o sr. Darcy é tão violento que seria a morte de metade das boas almas de Meryton tentar apresentá-lo sob uma luz amável. Não estou à altura disso. Wickham logo irá embora; e, portanto, não terá importância para ninguém aqui o que ele realmente é. Daqui a algum tempo tudo se descobrirá, e então poderemos rir da estupidez deles por não o terem sabido antes. Por ora, não direi nada a respeito.

— Você tem toda a razão. Tornar públicos os erros dele poderia arruiná-lo para sempre. Talvez ele agora esteja arrependido do que fez e ansioso por reconstruir sua reputação. Não devemos levá-lo ao desespero.

O tumulto do espírito de Elizabeth foi aplacado por essa conversa. Livrara-se de dois dos segredos que a haviam oprimido durante quinze dias, e tinha certeza de encontrar em Jane uma ouvinte disposta sempre que quisesse tornar a falar de qualquer dos dois. Mas ainda havia algo à espreita, cuja revelação a prudência proibia. Não ousava relatar a outra metade da carta do sr. Darcy, nem explicar à irmã com que sinceridade ela fora estimada pelo amigo dele. Era um conhecimento de que ninguém podia partilhar; e ela estava consciente de que nada menos do que um perfeito entendimento entre as partes poderia justificar que ela se livrasse desse último fardo de mistério. “E então”, dizia consigo, “se esse

acontecimento tão improvável algum dia se der, eu apenas poderei contar o que Bingley poderá contar ele próprio, de maneira muito mais agradável. A liberdade de falar não poderá ser minha enquanto não tiver perdido todo o seu valor!"



Estava agora, instalada em casa, com tempo para observar o verdadeiro estado de ânimo da irmã. Jane não era feliz. Ainda nutria por Bingley uma afeição muito terna. Como nunca antes sequer se imaginara apaixonada, sua estima tinha todo o calor de um primeiro amor e, por sua idade e sua índole, maior constância do que os primeiros amores costumam ostentar; e com tanto fervor ela prezava a lembrança dele, e o preferia a todos os outros homens, que todo o seu bom senso e toda a sua atenção aos sentimentos dos

que a cercavam eram necessários para refrear a indulgência com pesares que teriam sido prejudiciais à sua própria saúde e à tranquilidade deles.

— Bem, Lizzy — disse a sra. Bennet certo dia —, qual é *agora* a sua opinião sobre esse triste caso de Jane? De minha parte, estou decidida a nunca mais falar disso a ninguém. Foi o que disse à minha irmã Philips outro dia. Mas não consigo descobrir se Jane o viu alguma vez em Londres. Bem, ele é um rapaz que não merece nada... e não suponho que haja a menor chance no mundo de ela conseguir agarrá-lo agora. Não se fala em ele voltar a Netherfield no verão; e eu perguntei a todo mundo que poderia saber.

— Não acredito que ele volte a morar em Netherfield.

— Oh, bem! É como ele quiser. Ninguém quer que ele venha; embora eu sempre vá dizer que ele tratou muito mal a minha filha; e, se eu fosse ela, não teria suportado isso. Bem, meu consolo é que tenho certeza de que Jane vai morrer de coração partido, e então ele vai se arrepender do que fez.

Mas, como Elizabeth não podia encontrar consolo em semelhante expectativa, não respondeu.

— Bem, Lizzy — continuou a mãe pouco depois —, e então os Collins vivem muito confortavelmente, não é? Bem, bem, só espero que dure. E que tipo de mesa eles mantêm? Charlotte é uma excelente administradora, imagino. Se for metade tão esperta quanto a mãe, é econômica o bastante. Não há nada de extravagante no governo da casa *deles*, imagino.

— Não, nada mesmo.

— Muito boa administração, pode ter certeza. Sim, sim. *Eles* vão ter cuidado para não gastar mais do que ganham. *Eles* nunca terão aflições por dinheiro. Bem, que lhes faça bom proveito! E então, suponho, eles falam com frequência em ficar com Longbourn quando seu pai morrer. Já consideram a casa como sendo deles, imagino, quando quer que isso aconteça.

— Era um assunto que eles não poderiam mencionar na minha presença.

— Não; seria estranho se o fizessem. Mas não tenho dúvida de que falam disso com frequência entre si. Bem, se conseguem ficar tranquilos com uma propriedade que não é legitimamente deles, tanto melhor. *Eu* teria vergonha de possuir uma que me coubesse apenas por vínculo.

XLI



A primeira semana após o regresso logo se foi. Começou a segunda. Era a última da permanência do regimento em Meryton, e todas as jovens da vizinhança murchavam a olhos vistos. O desalento era quase universal. Somente as srtas. Bennet mais velhas ainda conseguiam comer, beber, dormir e seguir o curso habitual de suas ocupações. Com muita frequência eram censuradas por essa insensibilidade por Kitty e Lydia, cuja própria aflição era extrema, e que não podiam

compreender tamanha dureza de coração em ninguém da família.

— Santo Deus! O que vai ser de nós? O que vamos fazer? — exclamavam com frequência, na amargura de sua dor. — Como você pode ficar sorrindo assim, Lizzy?

A mãe afetuosa partilhava de toda a sua dor; lembrava-se do que ela própria sofrera em ocasião semelhante, vinte e cinco anos antes.

— Tenho certeza — disse ela — de que chorei dois dias seguidos quando o regimento do coronel Miller foi embora. Pensei que meu coração fosse partir-se.

— Tenho certeza de que o *meu* vai partir-se — disse Lydia.

— Se ao menos pudéssemos ir a Brighton! — observou a sra. Bennet.

— Oh, sim! Se ao menos pudéssemos ir a Brighton! Mas papai é tão desagradável.

— Uns banhos de mar me restabeleceriam para sempre.

— E minha tia Philips tem certeza de que *a mim* fariam muitíssimo bem — acrescentou Kitty.

Tais eram as lamentações que ressoavam perpetuamente pela casa de Longbourn. Elizabeth tentava divertir-se com elas; mas todo senso de prazer se perdia na vergonha. Sentia de novo a justiça das objeções do sr. Darcy; e nunca antes estivera tão disposta a perdoar sua interferência nos planos do amigo.

Mas a escuridão das perspectivas de Lydia logo se dissipou; pois ela recebeu um convite da sra. Forster, esposa do coronel do regimento, para acompanhá-la a

Brighton. Essa amiga inestimável era uma mulher muito jovem, e casada havia muito pouco tempo. Uma semelhança de bom humor e de alegria as recomendara uma à outra, e, dos *três* meses de conhecimento, haviam sido íntimas durante *dois*.

O arrebatamento de Lydia nessa ocasião, sua adoração pela sra. Forster, o encanto da sra. Bennet e a mortificação de Kitty mal se podem descrever. Inteiramente desatenta aos sentimentos da irmã, Lydia voava pela casa em êxtase inquieto, exigindo os parabéns de todos, rindo e falando com mais violência do que nunca; enquanto a infeliz Kitty permanecia na saleta, queixando-se do próprio destino em termos tão desarrazoados quanto rabugento era o seu tom.

— Não vejo por que a sra. Forster não haveria de me convidar *a mim* tanto quanto a Lydia — dizia ela —, embora eu *não* seja sua amiga particular. Tenho tanto direito de ser convidada quanto ela, e mais até, pois sou dois anos mais velha.

Em vão Elizabeth tentou fazê-la razoável, e Jane, resignada. Quanto à própria Elizabeth, esse convite estava tão longe de lhe despertar os mesmos sentimentos que à mãe e a Lydia, que ela o considerava a sentença de morte de toda possibilidade de bom senso para esta última; e, por mais detestável que semelhante passo a tornasse, caso fosse conhecido, não pôde deixar de aconselhar em segredo o pai a não a deixar ir. Expôs-lhe todas as impropriedades do comportamento geral de Lydia, o pouco proveito que ela poderia tirar da amizade de uma mulher como a sra. Forster, e a probabilidade de que se tornasse ainda mais

imprudente com tal companheira em Brighton, onde as tentações seriam necessariamente maiores do que em casa. Ele a ouviu com atenção e depois disse:

— Lydia nunca terá sossego enquanto não se expuser em algum lugar público ou outro, e nunca poderemos esperar que o faça com tão pouca despesa ou incômodo para a família quanto nas circunstâncias atuais.

— Se o senhor tivesse consciência — disse Elizabeth — da enorme desvantagem para todos nós que há de resultar da notoriedade pública do modo descuidado e imprudente de Lydia, ou melhor, que já resultou disso, tenho certeza de que julgaria o caso de outra maneira.

— Já resultou! — repetiu o sr. Bennet. — O quê! Ela espantou alguns de seus admiradores? Pobre Lizzy! Mas não desanime. Rapazes tão melindrosos que não suportam ligar-se a um pouco de absurdo não merecem um lamento. Vamos, deixe-me ver a lista dos pobres sujeitos que a tolice de Lydia manteve à distância.

— Na verdade, o senhor se engana. Não tenho ofensas dessas a ressentir. Não é de males particulares, mas de males gerais, que agora me queixo. Nossa importância, nossa respeitabilidade no mundo, hão de ser afetadas pela leviandade desenfreada, pela ousadia e pelo desdém a toda contenção que marcam o caráter de Lydia. Desculpe-me, mas preciso falar com franqueza. Se o senhor, meu caro pai, não se der ao trabalho de refrear seu ânimo exuberante e de ensinar-lhe que suas ocupações atuais não devem ser o negócio de sua vida, ela logo estará fora do alcance de qualquer emenda. Seu caráter estará fixado; e ela será, aos dezesseis anos, a namoradeira mais decidida que jamais tornou ridículas

a si mesma e à sua família; namoradeira, ainda por cima, no pior e mais baixo grau do flerte; sem nenhum atrativo além da juventude e de uma figura tolerável; e, pela ignorância e pelo vazio de seu espírito, inteiramente incapaz de repelir qualquer parcela do desprezo universal que sua sede de admiração há de provocar. Nesse perigo Kitty também está incluída. Ela seguirá aonde quer que Lydia a leve. Vaidosas, ignorantes, ociosas e absolutamente sem controle! Oh, meu caro pai, o senhor pode supor possível que elas não sejam censuradas e desprezadas onde quer que sejam conhecidas, e que suas irmãs não sejam muitas vezes envolvidas na desonra?

O sr. Bennet viu que ela pusera todo o coração no assunto; e, tomando-lhe afetuosamente a mão, disse em resposta:

— Não se aflija, meu amor. Onde quer que você e Jane sejam conhecidas, hão de ser respeitadas e estimadas; e não parecerão menos dignas por terem umas duas... ou, posso dizer, três... irmãs muito tolas. Não teremos paz em Longbourn se Lydia não for a Brighton. Que vá, então. O coronel Forster é um homem sensato, e há de mantê-la longe de qualquer travessura séria; e ela, por sorte, é pobre demais para ser presa de quem quer que seja. Em Brighton ela terá menos importância, mesmo como namoradeira vulgar, do que teve aqui. Os oficiais encontrarão mulheres mais dignas de sua atenção. Esperemos, portanto, que a estada lá lhe ensine sua própria insignificância. De qualquer modo, ela não pode piorar muitos graus sem nos autorizar a trancá-la pelo resto da vida.

Com essa resposta Elizabeth foi forçada a contentar-se; mas sua opinião continuou a mesma, e ela o deixou desapontada e pesarosa. Não estava em sua natureza, porém, aumentar as contrariedades remoendo-as. Tinha confiança de haver cumprido seu dever; e afligir-se com males inevitáveis, ou agravá-los com a ansiedade, não fazia parte de sua índole.

Se Lydia e a mãe tivessem sabido do teor da conversa dela com o pai, sua indignação dificilmente encontraria expressão, nem mesmo na volubilidade de ambas reunida. Na imaginação de Lydia, uma visita a Brighton abrangia todas as possibilidades de felicidade terrena. Via, com o olhar criador da fantasia, as ruas daquela alegre estação balneária cobertas de oficiais. Via-se objeto das atenções de dezenas e dezenas deles, ainda desconhecidos. Via todas as glórias do acampamento: as tendas estendidas em bela uniformidade de linhas, apinhadas de gente jovem e alegre, e deslumbrantes de escarlate; e, para completar o quadro, via-se sentada sob uma tenda, flertando ternamente com pelo menos seis oficiais ao mesmo tempo.

Se soubesse que a irmã procurava arrancá-la de tais perspectivas e de tais realidades, quais teriam sido suas sensações? Só poderiam ter sido compreendidas pela mãe, que talvez sentisse quase o mesmo. A ida de Lydia a Brighton era tudo o que a consolava da melancólica convicção de que o marido jamais pretendia ir lá pessoalmente.



Mas elas ignoravam inteiramente o que se passara; e seus arrebatamentos continuaram, com pouca interrupção, até o próprio dia da partida de Lydia.

Elizabeth ia agora ver o sr. Wickham pela última vez. Tendo estado com frequência em sua companhia desde o regresso, a agitação já quase passara; a agitação da antiga parcialidade, inteiramente. Ela até aprendera a detectar, na própria doçura que a princípio a encantara, uma afetação e uma monotonia capazes de causar desgosto e cansaço. No comportamento atual dele para com ela, além disso, encontrava uma nova fonte de desagrado; pois a inclinação que ele logo demonstrou de renovar aquelas atenções que haviam marcado o início de seu conhecimento só podia servir, depois de tudo o que se passara desde então, para provocá-la. Perdeu todo o interesse por ele ao ver-se assim escolhida como

objeto de uma galanteria tão vã e frívola; e, enquanto a reprimia com firmeza, não podia deixar de sentir a censura contida na crença dele de que, por mais tempo que tivesse durado e por qualquer motivo que fosse, a retirada de suas atenções, a vanidade dela ficaria satisfeita, e sua preferência assegurada, a qualquer momento, com a renovação delas.

No próprio último dia de permanência do regimento em Meryton, ele jantou, com outros oficiais, em Longbourn; e tão pouco estava Elizabeth disposta a despedir-se dele de bom humor que, quando ele lhe fez alguma pergunta sobre como passara o tempo em Hunsford, ela mencionou que o coronel Fitzwilliam e o sr. Darcy haviam passado ambos três semanas em Rosings, e perguntou-lhe se conhecia o primeiro.

Ele pareceu surpreso, contrariado, alarmado; mas, recompondo-se num instante e voltando a sorrir, respondeu que antigamente o vira muitas vezes; e, depois de observar que era um homem de maneiras muito de cavalheiro, perguntou-lhe se ela gostara dele. A resposta foi calorosamente favorável. Com ar de indiferença, ele acrescentou pouco depois:

— Quanto tempo disse que ele ficou em Rosings?

— Quase três semanas.

— E a senhorita o viu com frequência?

— Sim, quase todos os dias.

— As maneiras dele são muito diferentes das do primo.

— Sim, muito diferentes; mas acho que o sr. Darcy melhora à medida que se o conhece.

— Deveras! — exclamou Wickham, com um olhar que não lhe escapou. — E, se me permite perguntar... — mas, contendo-se, acrescentou em tom mais alegre: — É no trato que ele melhora? Dignou-se acrescentar alguma cortesia ao seu estilo habitual? Pois não ouso esperar — continuou, em tom mais baixo e mais sério — que tenha melhorado no essencial.

— Oh, não! — disse Elizabeth. — No essencial, creio que ele é muito o que sempre foi.

Enquanto ela falava, Wickham parecia mal saber se devia alegrar-se com suas palavras ou desconfiar do sentido delas. Havia um não sei quê em seu semblante que o fez escutar com atenção apreensiva e ansiosa, enquanto ela acrescentava:

— Quando eu disse que ele melhora à medida que se o conhece, não quis dizer que seu espírito ou suas maneiras estivessem em vias de melhorar; mas que, conhecendo-o melhor, sua índole é mais bem compreendida.

O alarme de Wickham manifestou-se então num rubor mais intenso e num olhar agitado; por alguns minutos ficou em silêncio; até que, sacudindo o embaraço, voltou-se de novo para ela e disse, no mais suave dos tons:

— A senhorita, que conhece tão bem meus sentimentos em relação ao sr. Darcy, compreenderá prontamente com que sinceridade devo alegrar-me de que ele seja sábio o bastante para assumir ao menos a *aparência* do que é correto. Seu orgulho, nessa direção, pode ser útil, se não a ele próprio, a muitos outros, pois há de dissuadi-lo de uma conduta tão vil quanto a que

me fez sofrer. Receio apenas que o tipo de cautela a que a senhorita, imagino, esteve aludindo seja adotado apenas nas visitas à tia, de cuja boa opinião e cujo juízo ele tem muito temor. O medo que sente dela sempre agiu, eu sei, quando estavam juntos; e muito se deve atribuir ao seu desejo de promover o casamento com a srta. de Bourgh, que, tenho certeza, ele traz muito a peito.

Elizabeth não pôde reprimir um sorriso a isso, mas respondeu apenas com uma leve inclinação de cabeça. Viu que ele queria arrastá-la para o velho assunto de suas queixas, e não estava disposta a satisfazê-lo. O resto da noite passou-se com a *aparência*, da parte dele, da alegria habitual, mas sem nenhuma nova tentativa de distinguir Elizabeth; e por fim separaram-se com mútua cortesia e, possivelmente, com o mútuo desejo de nunca mais se encontrarem.

Quando a reunião se desfez, Lydia voltou com a sra. Forster para Meryton, de onde deviam partir cedo na manhã seguinte. A separação entre ela e a família foi mais ruidosa do que comovente. Kitty foi a única a derramar lágrimas; mas chorava de despeito e inveja. A sra. Bennet foi prolixa em seus votos de felicidade para a filha e enfática em suas recomendações de que não perdesse a oportunidade de divertir-se o máximo possível — conselho que, havia todos os motivos para crer, seria seguido; e, na felicidade clamorosa da própria Lydia ao despedir-se, os adeuses mais brandos das irmãs foram pronunciados sem serem ouvidos.

XLII



Se a opinião de Elizabeth tivesse sido inteiramente formada a partir da própria família, ela não poderia ter feito uma imagem muito agradável da felicidade conjugal ou do conforto doméstico. Seu pai, cativado pela juventude e pela beleza, e por aquela aparência de bom humor que a juventude e a beleza geralmente conferem, casara-se com uma mulher cuja inteligência fraca e cujo espírito mesquinho haviam posto fim, muito cedo no casamento, a toda afeição verdadeira por ela.

Respeito, estima e confiança desapareceram para sempre; e todas as suas esperanças de felicidade doméstica foram derrubadas. Mas o sr. Bennet não era de índole a buscar consolo para a decepção que a própria imprudência lhe trouxera em nenhum daqueles prazeres que tantas vezes consolam os infelizes por sua tolice ou seu vício. Gostava do campo e dos livros; e desses gostos haviam nascido seus principais divertimentos. À esposa, pouco mais devia do que o quanto a ignorância e a tolice dela haviam contribuído para seu entretenimento. Não é esse o tipo de felicidade que um homem em geral desejaria dever à esposa; mas, onde faltam outras fontes de diversão, o verdadeiro filósofo tira proveito daquelas que lhe são dadas.

Elizabeth, contudo, nunca fora cega à impropriedade do comportamento do pai como marido. Sempre o vira com dor; mas, respeitando-lhe as capacidades e grata pelo tratamento afetuoso que dele recebia, esforçava-se por esquecer o que não podia deixar de notar, e por banir dos pensamentos aquela contínua violação do dever e do decoro conjugais que, ao expor a esposa ao desprezo dos próprios filhos, era tão altamente censurável. Mas nunca sentira com tanta força como agora as desvantagens que necessariamente recaem sobre os filhos de um casamento tão desigual, nem jamais estivera tão plenamente consciente dos males que resultam de uma direção tão mal ajuizada de talentos — talentos que, bem empregados, poderiam ao menos ter preservado a respeitabilidade das filhas, ainda que fossem incapazes de ampliar o espírito da esposa.

Depois de se alegrar com a partida de Wickham, Elizabeth encontrou pouco outro motivo de satisfação na perda do regimento. As reuniões fora de casa eram menos variadas do que antes; e em casa tinha uma mãe e uma irmã cujas queixas constantes contra a monotonia de tudo ao redor lançavam uma sombra real sobre o círculo doméstico; e, embora Kitty pudesse com o tempo recuperar seu grau natural de juízo, já que as perturbadoras de seu cérebro haviam sido removidas, a outra irmã, de cuja índole se podia temer mal maior, provavelmente se endureceria em toda a sua tolice e presunção, numa situação de duplo perigo como a de uma estação balneária e um acampamento militar. No conjunto, portanto, ela descobriu o que já se descobrira algumas vezes antes: que um acontecimento que esperara com impaciente desejo não trazia, ao se realizar, toda a satisfação que ela se prometera. Foi, por conseguinte, necessário marcar outro período para o começo da verdadeira felicidade; ter algum outro ponto em que fixar desejos e esperanças e, gozando novamente o prazer da expectativa, consolar-se do presente e preparar-se para outra decepção. Sua viagem aos Lagos era agora o objeto de seus pensamentos mais felizes: era o seu melhor consolo para todas as horas desagradáveis que o descontentamento da mãe e de Kitty tornava inevitáveis; e, se pudesse incluir Jane no plano, cada parte dele teria sido perfeita.

"Mas é uma sorte", pensava ela, "que eu tenha alguma coisa a desejar. Se o arranjo fosse completo, minha decepção seria certa. Mas assim, levando comigo uma

fonte incessante de pesar na ausência de minha irmã, posso razoavelmente esperar ver realizadas todas as minhas expectativas de prazer. Um plano em que cada parte promete deleite nunca pode dar certo; e a decepção geral só se evita com a defesa de alguma pequena contrariedade particular."

Quando Lydia partiu, prometeu escrever com muita frequência e muitos pormenores à mãe e a Kitty; mas suas cartas eram sempre longamente esperadas, e sempre muito curtas. As dirigidas à mãe pouco mais continham do que a notícia de que acabavam de voltar da biblioteca, aonde tais e tais oficiais as haviam acompanhado, e onde ela vira enfeites tão lindos que ficara quase louca; que tinha um vestido novo, ou uma sombrinha nova, que teria descrito com mais detalhes, mas era obrigada a parar numa pressa terrível, pois a sra. Forster a chamava e iam ao acampamento; e da correspondência com a irmã ainda menos se podia saber, pois suas cartas a Kitty, embora um pouco mais longas, eram cheias demais de palavras sublinhadas para que pudessem ser tornadas públicas.

Após a primeira quinzena ou três semanas de sua ausência, a saúde, o bom humor e a alegria começaram a reaparecer em Longbourn. Tudo tomou um aspecto mais feliz. As famílias que haviam passado o inverno em Londres voltaram, e surgiram os enfeites de verão e os compromissos de verão. A sra. Bennet recuperou sua habitual serenidade queixosa; e em meados de junho Kitty estava tão recuperada que já conseguia entrar em Meryton sem lágrimas — um acontecimento de promessa tão feliz que fez Elizabeth esperar que, no

Natal seguinte, ela pudesse estar razoável a ponto de não mencionar um oficial mais de uma vez por dia, a menos que, por algum arranjo cruel e malicioso do Ministério da Guerra, outro regimento viesse a se aquartelar em Meryton.

A data marcada para o início da viagem ao norte aproximava-se agora rapidamente; e faltava apenas uma quinzena quando chegou uma carta da sra. Gardiner que, de uma só vez, adiou o começo e encurtou a extensão do passeio. O sr. Gardiner seria impedido pelos negócios de partir antes de meados de julho, e precisava estar de volta a Londres dentro de um mês; e, como isso deixava um período curto demais para irem tão longe e verem tanto quanto haviam planejado, ou ao menos para verem tudo com o vagar e o conforto com que haviam contado, foram obrigados a desistir dos Lagos e substituí-los por um passeio mais restrito; e, segundo o plano atual, não iriam mais ao norte do que Derbyshire. Naquele condado havia o bastante a ver para ocupar a maior parte de suas três semanas; e para a sra. Gardiner ele tinha uma atração particularmente forte. A cidade onde passara alguns anos de sua vida, e onde iriam agora ficar por alguns dias, era provavelmente um objeto de curiosidade tão grande para ela quanto todas as célebres belezas de Matlock, Chatsworth, Dovedale ou do Peak.

Elizabeth ficou extremamente desapontada: pusera todo o coração em ver os Lagos; e ainda achava que poderia ter havido tempo suficiente. Mas cabia-lhe contentar-se — e certamente era do seu temperamento ser feliz; e logo tudo voltou a ficar bem.

À menção de Derbyshire ligavam-se muitas ideias. Era-lhe impossível ver a palavra sem pensar em Pemberley e em seu dono. "Mas certamente", disse ela consigo, "posso entrar no condado dele impunemente, e roubar-lhe alguns cristais petrificados, sem que ele me perceba."

O período de espera dobrara agora. Quatro semanas deveriam passar antes da chegada dos tios. Mas elas passaram, e o sr. e a sra. Gardiner, com seus quatro filhos, apareceram enfim em Longbourn. As crianças, duas meninas de seis e oito anos e dois meninos mais novos, ficariam sob os cuidados particulares da prima Jane, que era a favorita de todos, e cujo juízo firme e doçura de temperamento a tornavam perfeitamente adequada para cuidar deles em todos os sentidos — ensinando-lhes, brincando com eles e amando-os.

Os Gardiner ficaram apenas uma noite em Longbourn e partiram na manhã seguinte com Elizabeth em busca de novidade e diversão. Um prazer era certo — o de serem companheiros bem ajustados; um ajuste que compreendia saúde e temperamento para suportar os incômodos, alegria para realçar cada prazer, e afeição e inteligência que pudessem supri-lo entre si, caso houvesse decepções lá fora.

Não é objetivo desta obra descrever Derbyshire, nem nenhum dos lugares notáveis por onde passava o caminho até lá: Oxford, Blenheim, Warwick, Kenilworth, Birmingham etc. são suficientemente conhecidos. Uma pequena parte de Derbyshire é tudo o que agora nos interessa. Para a cidadezinha de Lambton, cenário da antiga residência da sra. Gardiner, e onde ela soubera

baixelivros.com.br

havia pouco que ainda restavam alguns conhecidos, dirigiram seus passos, depois de terem visto todas as principais maravilhas da região; e a menos de cinco milhas de Lambton, Elizabeth soube pela tia que ficava Pemberley. Não estava no caminho direto deles; mas não distava mais de uma ou duas milhas dele. Ao conversarem sobre o itinerário na véspera, a sra. Gardiner manifestou o desejo de rever o lugar. O sr. Gardiner declarou-se disposto, e pediu-se a Elizabeth a sua aprovação.

— Minha querida, não gostaria de ver um lugar de que tanto ouviu falar? — disse a tia. — Um lugar, além disso, ao qual tantos de seus conhecidos estão ligados. Wickham passou lá toda a juventude, como você sabe.

Elizabeth ficou aflita. Sentia que não tinha nada que fazer em Pemberley, e viu-se obrigada a fingir pouca vontade de vê-la. Devia confessar que estava cansada de casas grandes: depois de percorrer tantas, realmente não sentia mais prazer algum em belos tapetes ou cortinas de cetim.

A sra. Gardiner censurou-lhe a tolice. — Se fosse apenas uma bela casa ricamente mobiliada — disse ela —, eu mesma não me importaria; mas os jardins são encantadores. Têm alguns dos mais belos bosques da região.

Elizabeth nada mais disse; mas seu espírito não podia conformar-se. A possibilidade de encontrar o sr. Darcy enquanto visitava o lugar ocorreu-lhe de imediato. Seria terrível! Corou só de pensar; e achou que seria melhor falar abertamente com a tia do que correr semelhante risco. Mas contra isso havia objeções; e ela resolveu, por

fim, que esse seria o último recurso, caso suas investigações particulares sobre a ausência da família recebessem resposta desfavorável.

Assim, quando se recolheu à noite, perguntou à camareira se Pemberley não era um lugar muito bonito, qual era o nome do proprietário e, não sem certa inquietação, se a família estava lá para o verão. Uma negativa muito bem-vinda seguiu-se à última pergunta; e, removidos agora os seus temores, ela pôde sentir à vontade uma grande curiosidade de ver a casa por si mesma; e, quando o assunto foi retomado na manhã seguinte e novamente lhe pediram a opinião, pôde responder prontamente, e com o devido ar de indiferença, que na verdade não tinha nenhuma objeção ao plano.

A Pemberley, portanto, iriam.

VOLUME

III

XLIII



Elizabeth, enquanto seguiam de carruagem, espreitava com certa perturbação o primeiro sinal dos bosques de Pemberley; e quando, por fim, entraram pelo portão da guarita, seu ânimo estava em grande agitação.

O parque era muito grande e apresentava enorme variedade de terreno. Entraram por um de seus pontos mais baixos e percorreram por algum tempo um belo bosque que se estendia por larga extensão.

O espírito de Elizabeth estava cheio demais para conversar, mas ela via e admirava cada ponto notável, cada perspectiva. Subiram gradualmente por meia milha e então se viram no alto de uma elevação considerável, onde o bosque terminava e o olhar era imediatamente atraído pela casa de Pemberley, situada do lado oposto do vale, para onde a estrada descia serpenteando com certa brusquidão. Era um edifício de pedra grande e belo, bem assentado sobre um terreno em aclive, tendo ao fundo uma cadeia de colinas altas e arborizadas; e, à frente, um riacho de alguma importância natural fora alargado até tornar-se maior, mas sem nenhuma aparência artificial. Suas margens não eram nem formais nem falsamente enfeitadas. Elizabeth ficou encantada. Nunca vira um lugar pelo qual a natureza tivesse feito tanto, ou onde a beleza natural tivesse sido tão pouco contrariada por um gosto desajeitado. Todos eles foram calorosos na admiração; e naquele momento ela sentiu que ser a senhora de Pemberley poderia ser alguma coisa!

Desceram a colina, atravessaram a ponte e seguiram até a porta; e, enquanto examinava o aspecto mais próximo da casa, toda a sua apreensão de encontrar o dono voltou. Temia que a camareira se tivesse enganado. Ao pedirem para ver a casa, foram admitidos no vestíbulo; e Elizabeth, enquanto esperavam pela governanta, teve tempo de admirar-se por estar onde estava.

A governanta veio: uma senhora idosa de aspecto respeitável, muito menos afetada e mais cortês do que ela tivera qualquer ideia de encontrar. Seguiram-na até

a sala de jantar. Era um aposento grande, bem proporcionado e belamente arrumado. Elizabeth, depois de examiná-lo de leve, foi a uma janela para apreciar a vista. A colina coroada de mata, de onde haviam descido, parecendo mais abrupta com a distância, era um belo objeto. Cada disposição do terreno era boa; e ela contemplou com deleite toda a cena: o rio, as árvores espalhadas pelas margens e as curvas do vale, até onde podia acompanhá-lo com os olhos. À medida que passavam para outros aposentos, esses objetos iam tomando posições diferentes; mas de cada janela havia belezas a ver. Os cômodos eram altos e belos, e o mobiliário condizente com a fortuna do proprietário; mas Elizabeth notou, com admiração pelo gosto dele, que não era nem espalhafatoso nem inutilmente luxuoso — com menos esplendor e mais verdadeira elegância do que o mobiliário de Rosings.

"E deste lugar", pensou ela, "eu poderia ter sido a senhora! Com estes aposentos eu poderia agora estar familiarizada! Em vez de vê-los como uma estranha, poderia me alegrar com eles como meus, e receber neles, como visitantes, meus tios. Mas não", recobrando-se, "isso nunca poderia ser; meus tios estariam perdidos para mim; não me teriam permitido convidá-los."

Foi uma lembrança feliz — salvou-a de algo parecido com o arrependimento.

Ela ansiava por perguntar à governanta se o patrão estava realmente ausente, mas não tinha coragem. Por fim, contudo, a pergunta foi feita pelo tio; e ela virou-se com alarme, enquanto a sra. Reynolds respondia que

sim, acrescentando: — Mas nós o esperamos amanhã, com um grande grupo de amigos. — Como se alegrou Elizabeth de que a viagem deles não tivesse sido atrasada por nenhuma circunstância nem sequer um dia!

A tia chamou-a então para olhar um quadro. Ela aproximou-se e viu o retrato do sr. Wickham, pendurado, entre várias outras miniaturas, sobre a lareira. A tia perguntou-lhe, sorrindo, o que achava dele. A governanta adiantou-se e disse-lhes que era o retrato de um jovem cavalheiro, filho do administrador de seu falecido patrão, que fora criado por ele às próprias custas. — Ele agora entrou para o exército — acrescentou —, mas temo que tenha se tornado muito desregrado.

A sra. Gardiner olhou para a sobrinha com um sorriso, mas Elizabeth não pôde retribuí-lo.

— E aquele — disse a sra. Reynolds, apontando outra das miniaturas — é o meu patrão, e muito parecido. Foi feito na mesma época que o outro, há uns oito anos.

— Ouvi falar muito da bela figura de seu patrão — disse a sra. Gardiner, olhando o retrato —; é um rosto bonito. Mas, Lizzy, você pode nos dizer se é parecido ou não.

O respeito da sra. Reynolds por Elizabeth pareceu aumentar com essa indicação de que ela conhecia o seu patrão.

— A jovem senhorita conhece o sr. Darcy?

Elizabeth corou e disse: — Um pouco.

— E não acha que ele é um cavalheiro muito bem-apessoado, senhorita?

— Sim, muito bem-apessoado.

— Tenho certeza de que *eu* não conheço ninguém tão bonito; mas na galeria, lá em cima, verão um retrato dele mais belo e maior do que este. Esta sala era a preferida de meu falecido patrão, e estas miniaturas estão exatamente como ficavam então. Ele gostava muito delas.

Isso explicou a Elizabeth por que o sr. Wickham estava entre elas.

A sra. Reynolds dirigiu-lhes então a atenção para uma miniatura da srta. Darcy, feita quando ela tinha apenas oito anos.

— E a srta. Darcy é tão bonita quanto o irmão? — disse o sr. Gardiner.

— Ah, sim, a jovem mais bonita que já se viu; e tão prendada! Toca e canta o dia inteiro. Na sala ao lado há um instrumento novo que acabou de chegar para ela, presente do meu patrão: ela vem amanhã com ele.

O sr. Gardiner, cujas maneiras eram descontraídas e agradáveis, encorajava-lhe a loquacidade com perguntas e observações; a sra. Reynolds, fosse por orgulho ou por afeição, tinha evidentemente grande prazer em falar do patrão e da irmã dele.

— Seu patrão passa muito tempo em Pemberley no decorrer do ano?

— Não tanto quanto eu gostaria, senhor; mas imagino que passe aqui metade do tempo; e a srta. Darcy vem sempre nos meses de verão.

"Exceto", pensou Elizabeth, "quando vai a Ramsgate."

— Se seu patrão se casasse, a senhora poderia vê-lo mais.

— Sim, senhor; mas não sei quando *isso* vai acontecer. Não sei quem seria boa o bastante para ele.

O sr. e a sra. Gardiner sorriram. Elizabeth não pôde deixar de dizer: — É muito honroso para ele, sem dúvida, que a senhora pense assim.

— Não digo mais do que a verdade, e o que dirá todo mundo que o conhece — respondeu a outra. Elizabeth achou que aquilo já ia bem longe; e ouviu com espanto crescente a governanta acrescentar: — Nunca na vida recebi dele uma palavra áspera, e o conheço desde os quatro anos de idade.

Esse era, de todos, o elogio mais extraordinário, o mais oposto às suas ideias. Que ele não era um homem de bom gênio fora a sua opinião mais firme. Sua atenção mais aguda despertou: ansiava por ouvir mais; e ficou grata ao tio por dizer:

— Há muito poucas pessoas de quem se pode dizer tanto. A senhora tem sorte em ter um patrão assim.

— Sim, senhor, sei que tenho. Se eu percorresse o mundo inteiro, não encontraria um melhor. Mas sempre observei que os que são bondosos quando crianças são bondosos quando crescem; e ele sempre foi o menino de temperamento mais doce e de coração mais generoso do mundo.

Elizabeth quase a encarou de olhos arregalados. "Será que esse é o sr. Darcy?", pensou.

— O pai dele era um homem excelente — disse a sra. Gardiner.

— Sim, senhora, era mesmo; e o filho será exatamente como ele, tão afável com os pobres.

Elizabeth ouvia, admirava-se, duvidava, e estava impaciente por mais. A sra. Reynolds não conseguia interessá-la em nenhum outro ponto. Em vão relatava os temas dos quadros, as dimensões dos aposentos e o preço dos móveis. O sr. Gardiner, muito divertido com aquela espécie de preconceito de família a que atribuía os elogios excessivos dela ao patrão, logo a levou de novo ao assunto; e ela se demorou com energia nos muitos méritos dele, enquanto subiam juntos a grande escadaria.

— Ele é o melhor senhorio e o melhor patrão — disse ela — que já existiu. Não é como os rapazes desregrados de hoje em dia, que só pensam em si mesmos. Não há um só de seus arrendatários ou criados que não fale bem dele. Algumas pessoas o chamam de orgulhoso; mas tenho certeza de que nunca vi nada disso. A meu ver, é só porque ele não tagarela como os outros rapazes.

"Sob que luz amável isso o coloca!", pensou Elizabeth.

— Esse belo relato a respeito dele — sussurrou a tia enquanto caminhavam — não combina muito com o modo como se comportou com o nosso pobre amigo.

— Talvez tenhamos sido enganadas.

— Não é muito provável; nossa fonte era boa demais.

Ao chegarem ao espaçoso saguão do andar de cima, foram conduzidos a uma saleta de estar muito bonita, recém-arrumada com maior elegância e leveza do que os aposentos de baixo; e foram informados de que aquilo acabara de ser feito para dar prazer à srta. Darcy, que tomara gosto pela sala na última vez em que estivera em Pemberley.

— Ele é certamente um bom irmão — disse Elizabeth, enquanto caminhava para uma das janelas.

A sra. Reynolds antecipava o encantamento da srta. Darcy quando entrasse na sala. — E é sempre assim com ele — acrescentou. — Tudo o que possa dar algum prazer à irmã, pode-se ter certeza de que é feito na hora. Não há nada que ele não faça por ela.

A galeria de quadros e dois ou três dos principais quartos eram tudo o que restava a mostrar. Na primeira havia muitas boas pinturas; mas Elizabeth nada entendia de arte; e das que já pudera ver lá embaixo, voltara-se de boa vontade para olhar alguns desenhos da srta. Darcy, a pastel, cujos temas eram em geral mais interessantes, e também mais compreensíveis.

Na galeria havia muitos retratos de família, mas eles pouco tinham que pudesse prender a atenção de um estranho. Elizabeth seguiu adiante em busca do único rosto cujas feições lhe seriam conhecidas. Por fim ele a deteve — e ela viu uma semelhança impressionante do sr. Darcy, com um sorriso no rosto como o que se lembrava de ter visto algumas vezes, quando ele olhava para ela. Ficou vários minutos diante do quadro, em séria contemplação, e voltou a ele antes de deixarem a galeria. A sra. Reynolds informou-os de que fora pintado ainda em vida do pai dele.

Havia certamente naquele momento, no espírito de Elizabeth, uma sensação mais branda em relação ao original do que ela jamais sentira no auge de seu convívio. O elogio que a sra. Reynolds lhe fizera não era de natureza insignificante. Que louvor é mais valioso do que o louvor de um criado inteligente? Como irmão,

senhorio, patrão, ela considerou quantas pessoas tinham a felicidade sob a guarda dele! Quanto prazer ou dor estava em seu poder conceder! Quanto bem ou mal devia ser feito por ele! Cada ideia apresentada pela governanta era favorável ao seu caráter; e, de pé diante da tela em que ele estava representado, com os olhos dele fixos nela, ela pensou na estima dele com um sentimento de gratidão mais profundo do que jamais lhe despertara antes: lembrou-se de seu calor, e suavizou a impropriedade de sua expressão.

Quando tudo o que na casa estava aberto à inspeção geral foi visto, desceram de novo; e, despedindo-se da governanta, foram entregues ao jardineiro, que os esperava à porta do vestíbulo.

Enquanto atravessavam o gramado em direção ao rio, Elizabeth voltou-se para olhar mais uma vez; os tios pararam também; e, enquanto o tio conjecturava sobre a data da construção, o próprio dono dela surgiu de repente pelo caminho que, por trás da casa, levava às cavalariças.

Estavam a menos de vinte jardas um do outro; e tão brusca foi a aparição dele que era impossível evitar-lhe o olhar. Seus olhos encontraram-se no mesmo instante, e as faces de ambos cobriram-se do mais profundo rubor. Ele teve um sobressalto, e por um momento pareceu imobilizado pela surpresa; mas, recobrando-se logo, avançou para o grupo e falou com Elizabeth, se não em termos de perfeita compostura, ao menos de perfeita cortesia.

Ela se voltara instintivamente para o outro lado; mas, detendo-se à aproximação dele, recebeu seus

cumprimentos com um embaraço impossível de vencer. Se a primeira aparição dele, ou a semelhança com o retrato que acabavam de examinar, não bastasse para assegurar aos outros dois que estavam vendo o sr. Darcy, a expressão de surpresa do jardineiro ao avistar o patrão lho teria dito imediatamente. Mantiveram-se um pouco afastados enquanto ele falava com a sobrinha, que, atônita e confusa, mal ousava erguer os olhos para o rosto dele, e não sabia que resposta dava às suas corteses perguntas sobre a família. Espantada com a alteração das maneiras dele desde a última vez em que se haviam separado, cada frase que ele pronunciava aumentava-lhe o embaraço; e, voltando-lhe à mente todas as ideias sobre a impropriedade de ser encontrada ali, os poucos minutos em que permaneceram juntos foram alguns dos mais desconfortáveis de sua vida. Nem ele parecia muito mais à vontade; quando falava, seu tom não tinha nada da serenidade habitual; e repetiu as perguntas sobre quando ela deixara Longbourn e sobre sua estada em Derbyshire tantas vezes, e de modo tão apressado, que denunciava claramente a perturbação de seus pensamentos.

Por fim, toda ideia pareceu faltar-lhe; e, depois de ficar alguns momentos sem dizer palavra, recobrou-se de repente e despediu-se.

Os outros juntaram-se então a ela e expressaram sua admiração pela figura dele; mas Elizabeth não ouviu uma palavra e, inteiramente absorta nos próprios sentimentos, seguiu-os em silêncio. Estava dominada pela vergonha e pela contrariedade. Sua vinda ali era a coisa mais infeliz, a mais mal ajuizada do mundo! Como

devia parecer estranho a ele! Sob que luz desonrosa não poderia aquilo parecer a um homem tão vaidoso! Poderia parecer que ela se atirara de propósito no caminho dele outra vez! Oh! por que viera? Ou por que ele chegara assim um dia antes de ser esperado? Se tivessem vindo apenas dez minutos mais cedo, estariam fora do alcance do seu discernimento; pois era evidente que ele acabava de chegar naquele instante, naquele instante apeara do cavalo ou da carruagem. Corou repetidas vezes com a perversidade do encontro. E o comportamento dele, tão notavelmente alterado — o que poderia significar? Que ele sequer lhe dirigisse a palavra já era espantoso! — mas falar com tal cortesia, perguntar pela família dela! Nunca na vida ela lhe vira as maneiras tão pouco altivas, nunca ele falara com tanta brandura como nesse encontro inesperado. Que contraste com a última vez em que lhe falara em Rosings Park, quando lhe pusera a carta na mão! Ela não sabia o que pensar, nem como explicar aquilo.

Haviam entrado agora numa bela alameda à beira da água, e cada passo revelava um declive mais nobre do terreno ou um trecho mais belo dos bosques de que se aproximavam; mas passou-se algum tempo antes que Elizabeth se desse conta de qualquer coisa disso; e, embora respondesse mecanicamente aos repetidos apelos dos tios, e parecesse dirigir os olhos aos objetos que eles apontavam, não distinguia parte alguma da cena. Seus pensamentos estavam todos fixos naquele único ponto da casa de Pemberley, qualquer que fosse, onde o sr. Darcy então se encontrava. Ansiava por saber o que naquele momento se passava no espírito dele; de

que maneira pensava nela, e se, a despeito de tudo, ela ainda lhe era querida. Talvez ele tivesse sido cortês apenas porque se sentia à vontade; contudo, houvera *algo* na voz dele que não se parecia com estar à vontade. Se ele sentira mais dor ou mais prazer ao vê-la, ela não sabia dizer; mas certamente não a vira com compostura.

Por fim, contudo, as observações dos companheiros sobre sua distração despertaram-na, e ela sentiu a necessidade de parecer mais consigo mesma.

Entraram nos bosques e, despedindo-se do rio por algum tempo, subiram a alguns dos terrenos mais altos; de onde, nos pontos em que as aberturas entre as árvores permitiam ao olhar vagar, havia muitas vistas encantadoras do vale, das colinas opostas, com a longa faixa de matas que cobria muitas delas, e ocasionalmente de parte do riacho. O sr. Gardiner manifestou o desejo de dar a volta em todo o parque, mas temia que fosse mais do que um passeio a pé. Com um sorriso triunfante, disseram-lhes que eram dez milhas de circuito. Isso resolveu a questão; e seguiram o percurso habitual, que os trouxe de novo, após algum tempo, numa descida entre matas suspensas, à beira da água, e a uma de suas partes mais estreitas. Atravessaram-na por uma ponte simples, de acordo com o ar geral da paisagem: era um lugar menos enfeitado do que qualquer outro que houvessem visitado até então; e o vale, aqui contraído numa garganta, só dava espaço para o riacho e para uma trilha estreita entre a mata rasteira e bruta que o margeava. Elizabeth ansiava por explorar-lhe as curvas; mas, quando atravessaram a ponte e perceberam a distância

a que estavam da casa, a sra. Gardiner, que não era grande andarilha, não pôde ir mais longe, e só pensava em voltar à carruagem o mais depressa possível. A sobrinha viu-se, portanto, obrigada a ceder, e tomaram o caminho da casa pelo lado oposto do rio, na direção mais curta; mas o avanço era lento, pois o sr. Gardiner, embora raramente pudesse satisfazer esse gosto, apreciava muito a pesca, e estava tão ocupado em observar o aparecimento ocasional de alguma truta na água, e em conversar com o homem a respeito delas, que pouco progredia. Enquanto vagavam desse modo lento, foram novamente surpreendidos — e o espanto de Elizabeth foi inteiramente igual ao da primeira vez — pela visão do sr. Darcy, que se aproximava deles a não grande distância. Sendo o caminho aqui menos abrigado do que do outro lado, permitiu-lhes vê-lo antes que se encontrassem. Elizabeth, por mais atônita que estivesse, estava ao menos mais preparada para uma conversa do que antes, e resolveu mostrar-se e falar com calma, se ele realmente pretendia encontrá-los. Por alguns momentos, na verdade, sentiu que ele provavelmente tomaria alguma outra trilha. A ideia durou enquanto uma curva do caminho o ocultava de sua vista; passada a curva, ele estava imediatamente diante deles. Com um olhar, ela viu que ele nada perdera de sua recente cortesia; e, para imitar-lhe a polidez, começou, assim que se encontraram, a admirar a beleza do lugar; mas não fora além das palavras "encantador" e "delicioso" quando algumas lembranças infelizes se intrometeram, e ela imaginou que um elogio a

Pemberley vindo dela poderia ser interpretado com malícia. Mudou de cor, e nada mais disse.

A sra. Gardiner estava um pouco atrás; e, quando Elizabeth se calou, ele lhe perguntou se ela lhe daria a honra de apresentá-lo aos seus amigos. Foi um rasgo de cortesia para o qual ela estava inteiramente despreparada; e mal pôde conter um sorriso ao vê-lo agora buscar conhecer algumas daquelas mesmas pessoas contra as quais o orgulho dele se revoltara, ao pedi-la em casamento. "Qual não será a surpresa dele", pensou, "quando souber quem são! Agora os toma por gente da alta sociedade."

A apresentação, contudo, foi feita imediatamente; e, ao mencionar o parentesco deles consigo, ela lançou-lhe um olhar furtivo, para ver como ele suportava a notícia; e não deixou de esperar que ele fugisse o mais depressa possível de companhias tão desonrosas. Que ele ficou *surpreso* com o parentesco era evidente; suportou-o, porém, com firmeza; e, longe de ir embora, voltou com eles e entrou em conversa com o sr. Gardiner. Elizabeth não podia deixar de sentir prazer, não podia deixar de triunfar. Era consolador que ele soubesse que ela tinha alguns parentes dos quais não havia por que se envergonhar. Escutou com a máxima atenção tudo o que se passou entre eles, e orgulhou-se de cada expressão, de cada frase do tio, que marcasse sua inteligência, seu gosto ou suas boas maneiras.

A conversa logo se voltou para a pesca; e ela ouviu o sr. Darcy convidá-lo, com a maior cortesia, a pescar ali tantas vezes quantas quisesse enquanto permanecesse na vizinhança, oferecendo-se ao mesmo tempo para

fornecer-lhe os apetrechos de pesca e apontando os trechos do riacho onde geralmente havia mais o que pescar. A sra. Gardiner, que caminhava de braço dado com Elizabeth, lançou-lhe um olhar que exprimia todo o seu espanto. Elizabeth nada disse, mas aquilo a gratificou enormemente; a homenagem devia ser toda para ela. Seu espanto, porém, era extremo; e ela repetia continuamente: "Por que ele está tão mudado? De onde pode vir isso? Não pode ser por *mim*, não pode ser por *minha* causa que as maneiras dele se abrandaram assim. Minhas censuras em Hunsford não poderiam operar uma mudança como esta. É impossível que ele ainda me ame."

Depois de caminharem algum tempo desse modo, as duas senhoras à frente e os dois cavalheiros atrás, ao retomarem seus lugares, após descerem à beira do rio para examinar melhor uma curiosa planta aquática, aconteceu uma pequena alteração. Partiu da sra. Gardiner, que, fatigada pelo exercício da manhã, achou o braço de Elizabeth insuficiente para sustentá-la e, por conseguinte, preferiu o do marido. O sr. Darcy tomou o lugar dela ao lado da sobrinha, e seguiram caminhando juntos. Depois de um breve silêncio, a moça falou primeiro. Queria que ele soubesse que lhe haviam assegurado a sua ausência antes que ela viesse ao lugar, e por isso começou observando que a chegada dele fora muito inesperada — pois a sua governanta — acrescentou — nos informou que o senhor certamente não estaria aqui antes de amanhã; e, na verdade, antes de deixarmos Bakewell, entendemos que não era esperado tão cedo na região. — Ele reconheceu a

verdade de tudo aquilo; e disse que negócios com o administrador o haviam feito adiantar-se em algumas horas ao restante do grupo com que viajava. — Eles se juntarão a mim amanhã cedo — continuou —, e entre eles há alguns que reclamarão o direito de conhecê-la: o sr. Bingley e as irmãs.

Elizabeth respondeu apenas com uma leve inclinação da cabeça. Seus pensamentos foram no mesmo instante levados de volta à ocasião em que o nome do sr. Bingley fora mencionado pela última vez entre eles; e, a julgar pela cor do rosto dele, o espírito *dele* não estava ocupado de modo muito diferente.

— Há também outra pessoa no grupo — continuou ele após uma pausa — que deseja mais particularmente conhecê-la. Permite-me, ou peço demais, que lhe apresente minha irmã durante sua estada em Lambton?

A surpresa de tal pedido foi realmente grande; grande demais para que ela soubesse de que modo consentiu. Sentiu imediatamente que qualquer desejo que a srta. Darcy pudesse ter de conhecê-la devia ser obra do irmão, e, sem ir mais longe, isso era satisfatório; era gratificante saber que o ressentimento dele não o fizera pensar realmente mal dela.

Caminharam agora em silêncio, cada um mergulhado em seus pensamentos. Elizabeth não estava à vontade; isso era impossível; mas estava lisonjeada e satisfeita. O desejo dele de apresentar-lhe a irmã era uma homenagem da mais alta espécie. Logo deixaram os outros para trás; e, quando chegaram à carruagem, o sr. e a sra. Gardiner estavam a um oitavo de milha de distância.

Ele então a convidou a entrar na casa — mas ela declarou não estar cansada, e ficaram juntos no gramado. Numa ocasião dessas, muito se poderia ter dito, e o silêncio era muito constrangedor. Ela queria falar, mas parecia haver um embargo sobre todos os assuntos. Por fim lembrou-se de que estivera viajando, e falaram de Matlock e Dovedale com grande perseverança. Contudo, o tempo e a tia moviam-se lentamente — e sua paciência e suas ideias estavam quase esgotadas antes que o *tête-à-tête* terminasse.

Quando o sr. e a sra. Gardiner chegaram, todos foram instados a entrar na casa e tomar algum refresco; mas a oferta foi recusada, e separaram-se, de ambos os lados, com a máxima polidez. O sr. Darcy ajudou as senhoras a subir à carruagem; e, quando esta partiu, Elizabeth viu-o caminhar lentamente em direção à casa.

Começaram então as observações dos tios; e cada um deles declarou-o infinitamente superior a tudo o que haviam esperado.

— Ele é perfeitamente bem-comportado, polido e modesto — disse o tio.

— *Há* nele algo um pouco majestoso, é verdade — respondeu a tia —; mas isso se limita ao seu ar, e não fica mal. Posso agora dizer, com a governanta, que, embora algumas pessoas o chamem de orgulhoso, *eu* não vi nada disso.

— Nunca fiquei tão surpreso quanto com o comportamento dele conosco. Foi mais do que cortês; foi realmente atencioso; e não havia nenhuma necessidade de tal atenção. O conhecimento dele com Elizabeth era muito superficial.

— É verdade, Lizzy — disse a tia —, ele não é tão bonito quanto Wickham; ou melhor, não tem a fisionomia de Wickham, pois as feições dele são perfeitamente boas. Mas como foi que você nos disse que ele era tão desagradável?

Elizabeth desculpou-se como pôde: disse que gostara mais dele quando se encontraram em Kent do que antes, e que nunca o vira tão agradável como naquela manhã.

— Mas talvez ele seja um pouco caprichoso em suas cortesias — respondeu o tio. — Os seus grandes homens costumam ser; e por isso não vou tomá-lo ao pé da letra quanto à pesca, pois ele pode mudar de ideia outro dia e me expulsar de suas terras.

Elizabeth sentiu que eles haviam entendido completamente errado o caráter dele, mas nada disse.

— Pelo que vimos dele — continuou a sra. Gardiner — , eu realmente não pensaria que ele pudesse ter se comportado de modo tão cruel com alguém como se comportou com o pobre Wickham. Ele não tem um ar de má índole. Ao contrário, há algo agradável na boca dele quando fala. E há certa dignidade em seu semblante que não daria a ninguém uma ideia desfavorável de seu coração. Mas, é verdade, a boa senhora que nos mostrou a casa fez dele um retrato dos mais inflamados! Às vezes mal pude conter o riso. Mas suponho que ele seja um patrão generoso, e *isso*, aos olhos de um criado, compreende todas as virtudes.

Elizabeth sentiu-se aqui na obrigação de dizer algo em defesa do comportamento dele com Wickham; e, portanto, deu-lhes a entender, da maneira mais

cautelosa que pôde, que, pelo que ouvira dos parentes dele em Kent, os atos dele admitiam uma interpretação muito diferente; e que o caráter dele não era de modo algum tão defeituoso, nem o de Wickham tão amável, quanto se havia considerado em Hertfordshire. Para confirmá-lo, relatou os pormenores de todas as transações pecuniárias em que os dois haviam estado envolvidos, sem nomear de fato a sua fonte, mas afirmando que era de confiança.

A sra. Gardiner ficou surpresa e preocupada; mas, como se aproximavam agora do cenário de seus antigos prazeres, toda ideia cedeu ao encanto da recordação; e ela estava ocupada demais em apontar ao marido todos os lugares interessantes dos arredores para pensar em qualquer outra coisa. Por mais fatigada que estivesse pela caminhada da manhã, mal haviam jantado e ela já partia de novo em busca de seus antigos conhecidos, e a noite passou-se nas satisfações de um convívio renovado após muitos anos de interrupção.

Os acontecimentos do dia eram cheios demais de interesse para deixar a Elizabeth muita atenção para qualquer desses novos amigos; e ela não conseguia fazer nada senão pensar, e pensar com assombro, na cortesia do sr. Darcy e, acima de tudo, no desejo dele de que ela conhecesse a sua irmã.

XLIV



Elizabeth assentara consigo mesma que o sr. Darcy traria a irmã para visitá-la logo no dia seguinte à chegada dela a Pemberley; e, por conseguinte, estava resolvida a não se afastar da estalagem durante toda aquela manhã. Mas sua conclusão era falsa; pois na própria manhã seguinte à sua chegada a Lambton essas visitas apareceram. Haviam estado passeando pelo lugar com alguns de seus novos amigos, e acabavam de voltar à estalagem para se vestirem para jantar com a mesma

família, quando o som de uma carruagem os atraiu a uma janela, e viram um cavalheiro e uma dama num cabriolé subindo a rua. Elizabeth, reconhecendo de imediato a libré, adivinhou o que aquilo significava, e causou não pequena surpresa aos parentes ao informá-los da honra que esperava. Os tios ficaram todo espanto; e o embaraço de suas maneiras enquanto falava, somado à própria circunstância e a muitas das circunstâncias do dia anterior, abriu-lhes uma nova ideia sobre o assunto. Nada o sugerira antes, mas eles sentiam agora que não havia outro modo de explicar tais atenções, vindas de tal parte, senão supondo uma inclinação pela sobrinha. Enquanto essas noções recém-nascidas lhes passavam pela cabeça, a perturbação dos sentimentos de Elizabeth aumentava a cada momento. Ela estava inteiramente espantada com o próprio desassossego; mas, entre outros motivos de inquietação, temia que a parcialidade do irmão tivesse dito demais em seu favor; e, mais do que habitualmente ansiosa por agradar, naturalmente suspeitava que todo o poder de agradar lhe faltaria.

Afastou-se da janela, receosa de ser vista; e, enquanto andava de um lado para outro do quarto, esforçando-se por se acalmar, viu nos tios tais olhares de surpresa interrogativa que tudo piorou.

A srta. Darcy e o irmão apareceram, e essa temível apresentação teve lugar. Com espanto, Elizabeth viu que sua nova conhecida estava ao menos tão embaraçada quanto ela mesma. Desde que estava em Lambton, ouvira dizer que a srta. Darcy era extremamente orgulhosa; mas a observação de uns poucos minutos

convenceu-a de que ela era apenas extremamente tímida. Achou difícil obter dela sequer uma palavra além de um monossílabo.

A srta. Darcy era alta, e de porte mais avantajado que Elizabeth; e, embora tivesse pouco mais de dezesseis anos, sua figura estava formada, e sua aparência era feminina e graciosa. Era menos bonita que o irmão, mas havia juízo e bom humor em seu rosto, e suas maneiras eram perfeitamente modestas e gentis. Elizabeth, que esperava encontrar nela uma observadora tão aguda e desembaraçada quanto o sr. Darcy sempre fora, sentiu grande alívio ao discernir sentimentos tão diferentes.

Não estavam juntos havia muito tempo quando Darcy lhe disse que Bingley também vinha visitá-la; e ela mal tivera tempo de exprimir sua satisfação e preparar-se para tal visitante, quando o passo rápido de Bingley se ouviu na escada, e num instante ele entrou na sala. Toda a raiva de Elizabeth contra ele havia muito se dissipara; mas, se ainda sentisse alguma, dificilmente ela teria resistido à cordialidade sem afetação com que ele se expressou ao revê-la. Perguntou, de modo amistoso, embora genérico, pela família dela, e olhou e falou com a mesma desenvoltura bem-humorada de sempre.

Para o sr. e a sra. Gardiner, ele era um personagem pouco menos interessante do que para ela. Havia muito desejavam vê-lo. Todo o grupo diante deles, na verdade, despertava viva atenção. As suspeitas que acabavam de surgir a respeito do sr. Darcy e da sobrinha dirigiam-lhes a observação para cada um, com uma investigação séria, embora discreta; e logo tiraram dessa investigação a plena convicção de que ao menos um dos

dois sabia o que era amar. Quanto aos sentimentos da moça, ficaram com alguma dúvida; mas que o cavalheiro transbordava de admiração era bastante evidente.



Elizabeth, de sua parte, tinha muito o que fazer. Queria averiguar os sentimentos de cada um de seus visitantes, queria acalmar os seus próprios e tornar-se agradável a todos; e nesse último objetivo, em que mais temia falhar, era em que tinha maior certeza de êxito, pois aqueles a quem se esforçava por agradar estavam predispostos em seu favor. Bingley estava pronto, Georgiana ansiosa, e Darcy determinado a ficar satisfeito.

Ao ver Bingley, seus pensamentos voaram naturalmente para a irmã; e, oh! com que ardor desejava saber se algum dos pensamentos dele tomava a mesma

direção. Às vezes chegava a imaginar que ele falava menos do que em ocasiões anteriores, e uma ou duas vezes agradou-se com a ideia de que, ao olhar para ela, ele tentava encontrar uma semelhança. Mas, embora isso pudesse ser imaginação, não podia se enganar quanto ao comportamento dele com a srta. Darcy, que fora apontada como rival de Jane. Não apareceu olhar algum, de nenhum dos lados, que exprimisse um interesse particular. Nada ocorreu entre eles que pudesse justificar as esperanças da irmã dele. Nesse ponto, ela logo se tranquilizou; e duas ou três pequenas circunstâncias ocorreram antes que se separassem, as quais, em sua interpretação ansiosa, denotavam uma lembrança de Jane, não isenta de ternura, e um desejo de dizer mais alguma coisa que pudesse levar à menção dela, se ele ousasse. Ele observou-lhe, num momento em que os outros conversavam entre si, e num tom que tinha algo de verdadeiro pesar, que "fazia muito tempo que não tinha o prazer de vê-la"; e, antes que ela pudesse responder, acrescentou: — São mais de oito meses. Não nos encontramos desde o dia 26 de novembro, quando estávamos todos dançando juntos em Netherfield.

Elizabeth ficou satisfeita ao ver que a memória dele era tão exata; e depois ele aproveitou a ocasião para lhe perguntar, quando nenhum dos outros lhes prestava atenção, se *todas* as suas irmãs estavam em Longbourn. Não havia muito na pergunta, nem na observação anterior; mas havia um olhar e um modo que lhes davam significado.

Não era com frequência que ela podia voltar os olhos para o próprio sr. Darcy; mas sempre que lhe apanhava um relance via uma expressão de complacência geral, e em tudo o que ele dizia ouvia um tom tão distante da *hauteur* ou do desdém pelos companheiros, que a convencia de que a melhora das maneiras que testemunhara na véspera, por mais temporária que viesse a se revelar, ao menos sobrevivera a um dia. Ao vê-lo assim, buscando a amizade e cortejando a boa opinião de pessoas com quem qualquer convívio, poucos meses antes, teria sido uma desonra; ao vê-lo assim cortês, não só com ela, mas com os próprios parentes que ele desdenhara abertamente, e ao recordar a última cena animada entre eles no presbitério de Hunsford, a diferença, a mudança era tão grande, e impressionava-lhe tão fortemente o espírito, que ela mal podia impedir que seu espanto se tornasse visível. Nunca, nem mesmo na companhia de seus caros amigos em Netherfield, ou de seus dignos parentes em Rosings, ela o vira tão desejoso de agradar, tão livre de presunção ou de reserva inflexível como agora, quando nenhuma importância podia resultar do êxito de seus esforços, e quando até o simples conhecimento daqueles a quem suas atenções se dirigiam atrairia o ridículo e a censura das senhoras tanto de Netherfield quanto de Rosings.

Os visitantes ficaram com eles mais de meia hora; e, quando se levantaram para partir, o sr. Darcy pediu à irmã que se juntasse a ele para exprimir o desejo de ambos de receber o sr. e a sra. Gardiner e a srta. Bennet para jantar em Pemberley, antes que deixassem a região.

A srta. Darcy, embora com uma timidez que revelava seu pouco hábito de fazer convites, obedeceu prontamente. A sra. Gardiner olhou para a sobrinha, desejosa de saber como *ela*, a quem o convite mais dizia respeito, se sentia disposta a aceitá-lo; mas Elizabeth virara o rosto. Presumindo, contudo, que aquela evasiva estudada indicava antes um embaraço momentâneo do que qualquer desagrado pela proposta, e vendo no marido, que apreciava a sociedade, uma perfeita disposição de aceitar, arriscou-se a comprometer a presença da sobrinha, e o dia depois do seguinte foi marcado.

Bingley manifestou grande prazer com a certeza de rever Elizabeth, pois ainda tinha muito a lhe dizer, e muitas perguntas a fazer sobre todos os amigos de Hertfordshire. Elizabeth, interpretando tudo isso como um desejo de ouvi-la falar da irmã, ficou satisfeita; e por esse motivo, assim como por alguns outros, viu-se capaz, quando as visitas os deixaram, de considerar a última meia hora com certa satisfação, embora, enquanto transcorria, o prazer tivesse sido pequeno. Ansiosa por ficar sozinha, e temerosa de perguntas ou insinuações dos tios, permaneceu com eles apenas o tempo suficiente para ouvir sua opinião favorável sobre Bingley, e depois correu a se vestir.

Mas ela não tinha razão para temer a curiosidade do sr. e da sra. Gardiner; não era desejo deles forçar-lhe as confidências. Era evidente que ela conhecia o sr. Darcy muito melhor do que eles antes haviam imaginado; era evidente que ele estava muito apaixonado por ela. Viam muito que interessava, mas nada que justificasse perguntas.

Do sr. Darcy, era agora motivo de ansiedade pensar bem; e, até onde ia o conhecimento que tinham dele, não havia defeito a encontrar. Não podiam ficar insensíveis à sua polidez; e, se tivessem traçado o caráter dele a partir dos próprios sentimentos e do relato de sua criada, sem referência a nenhum outro depoimento, o círculo de Hertfordshire em que ele era conhecido não o teria reconhecido como o sr. Darcy. Havia agora, porém, um interesse em acreditar na governanta; e logo se deram conta de que a autoridade de uma criada que o conhecia desde os quatro anos, e cujas próprias maneiras indicavam respeitabilidade, não devia ser rejeitada às pressas. Nem ocorrera nada nas informações de seus amigos de Lambton que pudesse diminuir-lhe materialmente o peso. Não tinham de que o acusar senão de orgulho; orgulho ele provavelmente tinha, e, se não, certamente lho atribuiriam os habitantes de uma pequena cidade de mercado que a família não frequentava. Reconhecia-se, contudo, que ele era um homem generoso, e que fazia muito bem entre os pobres.

Quanto a Wickham, os viajantes logo descobriram que ele não era tido ali em grande estima; pois, embora o essencial de suas relações com o filho de seu protetor fosse imperfeitamente compreendido, era ainda assim fato bem conhecido que, ao deixar Derbyshire, ele deixara muitas dívidas para trás, que o sr. Darcy depois saldou.

Quanto a Elizabeth, seus pensamentos estiveram em Pemberley naquela noite mais do que na anterior; e a noite, embora parecesse longa enquanto passava, não

foi longa o bastante para que ela determinasse seus sentimentos por *um* dos moradores daquela mansão; e ficou acordada duas horas inteiras, esforçando-se por decifrá-los. Certamente não o odiava. Não; o ódio desaparecera havia muito, e quase havia o mesmo tempo ela se envergonhava de alguma vez ter sentido por ele uma antipatia que merecesse esse nome. O respeito criado pela convicção de suas valiosas qualidades, embora a princípio admitido a contragosto, havia algum tempo deixara de repugnar aos seus sentimentos; e agora se elevava a algo de natureza mais amistosa, graças ao testemunho tão altamente a favor dele, que punha sua índole sob luz tão amável, produzido na véspera. Mas, acima de tudo, acima do respeito e da estima, havia nela um motivo de boa vontade que não podia ser ignorado. Era gratidão — gratidão não apenas por tê-la amado uma vez, mas por amá-la ainda o bastante para perdoar toda a petulância e a acrimônia de suas maneiras ao rejeitá-lo, e todas as acusações injustas que acompanharam a recusa. Ele, que, segundo ela se convencera, a evitaria como sua maior inimiga, parecia, nesse encontro acidental, muito ansioso por preservar a amizade; e, sem nenhuma demonstração indelicada de afeto, nem qualquer particularidade de maneiras no que dizia respeito apenas aos dois, solicitava a boa opinião dos amigos dela e empenhava-se em apresentá-la à irmã. Tal mudança num homem de tanto orgulho despertava não só espanto, mas gratidão — pois ao amor, ao amor ardente, devia ser atribuída; e, como tal, a impressão que causava nela era de um tipo a ser encorajado, por nada

desagradável, ainda que não pudesse ser exatamente definida. Ela o respeitava, ela o estimava, era-lhe grata, sentia um interesse verdadeiro pelo bem-estar dele; e só queria saber até que ponto desejava que esse bem-estar dependesse dela mesma, e até que ponto seria para a felicidade de ambos que ela empregasse o poder que, segundo lhe dizia a imaginação, ainda possuía, de provocar a renovação de seu pedido.

Ficara combinado à noite, entre tia e sobrinha, que uma cortesia tão notável como a da srta. Darcy, ao vir visitá-las no próprio dia de sua chegada a Pemberley — pois ela só chegara a tempo de um café da manhã tardio —, devia ser imitada, ainda que não pudesse ser igualada, por algum esforço de polidez do lado delas; e, por conseguinte, que seria altamente conveniente visitá-la em Pemberley na manhã seguinte. Iriam, portanto. Elizabeth ficou satisfeita; embora, quando perguntou a si mesma a razão, tivesse muito pouco a responder.

O sr. Gardiner deixou-as logo depois do café da manhã. O plano da pescaria fora renovado na véspera, e ficara firmemente combinado que ele se encontraria com alguns dos cavalheiros em Pemberley ao meio-dia.

XLV



Convencida como agora estava de que a antipatia da srta. Bingley por ela nascera do ciúme, Elizabeth não podia deixar de sentir quão indesejada devia ser, para aquela senhora, a sua aparição em Pemberley, e tinha curiosidade de saber com quanta cortesia, da parte dela, o conhecimento seria agora renovado.

Ao chegarem à casa, foram conduzidas pelo vestíbulo até o salão, cuja orientação para o norte o tornava

delicioso no verão. Suas janelas, que se abriam ao nível do chão, ofereciam uma vista refrescantíssima das altas colinas arborizadas por trás da casa e dos belos carvalhos e castanheiros espalhados pelo gramado que ficava entre uma e outras.

Nessa sala foram recebidas pela srta. Darcy, que ali estava sentada com a sra. Hurst, a srta. Bingley e a senhora com quem morava em Londres. A acolhida de Georgiana foi muito cortês, mas acompanhada de todo aquele embaraço que, embora nascesse da timidez e do medo de errar, facilmente daria a quem se sentisse inferior a impressão de que ela era orgulhosa e reservada. A sra. Gardiner e a sobrinha, porém, lhe fizeram justiça e tiveram pena dela.

Da sra. Hurst e da srta. Bingley receberam apenas uma reverência; e, uma vez sentadas, seguiu-se por alguns instantes uma pausa, constrangedora como tais pausas sempre são. Foi rompida primeiro pela sra. Annesley, mulher distinta, de aparência agradável, cujo esforço em introduzir algum tipo de conversa provava ser ela mais verdadeiramente bem-educada do que qualquer das outras duas; e entre ela e a sra. Gardiner, com a ajuda ocasional de Elizabeth, a conversa foi levada adiante. A srta. Darcy parecia desejar coragem suficiente para tomar parte nela, e de vez em quando arriscava uma frase curta, quando havia menos perigo de que fosse ouvida.

Elizabeth logo percebeu que era observada de perto pela srta. Bingley e que não podia dizer uma palavra, sobretudo à srta. Darcy, sem lhe chamar a atenção. Essa

observação não a teria impedido de tentar conversar com a última, não estivessem sentadas a uma distância inconveniente; mas não lamentou ser poupada da necessidade de falar muito: seus próprios pensamentos a ocupavam. Esperava a cada instante que algum dos cavalheiros entrasse na sala: desejava, temia, que o dono da casa estivesse entre eles; e se o desejava ou temia mais, mal conseguia determinar. Depois de permanecer sentada desse modo por um quarto de hora, sem ouvir a voz da srta. Bingley, Elizabeth foi despertada por uma fria pergunta desta sobre a saúde de sua família. Respondeu com igual indiferença e brevidade, e a outra não disse mais nada.

A variação seguinte que a visita lhes ofereceu foi produzida pela entrada dos criados com carnes frias, bolo e uma variedade das mais finas frutas da estação; mas isso só aconteceu depois de muitos olhares e sorrisos significativos da sra. Annesley para a srta. Darcy, a fim de lembrá-la de seu papel. Havia agora ocupação para todo o grupo; pois, embora nem todas pudessem conversar, todas podiam comer; e as belas pirâmides de uvas, nectarinas e pêssegos logo as reuniram em torno da mesa.

Enquanto assim se ocupava, Elizabeth teve boa oportunidade de decidir se temia ou desejava mais a aparição do sr. Darcy, pelos sentimentos que prevaleceram quando ele entrou na sala; e então, embora um instante antes tivesse acreditado que seus desejos predominavam, começou a lamentar que ele viesse.

Ele estivera algum tempo com o sr. Gardiner, que, com dois ou três outros cavalheiros da casa, se entretinha à beira do rio; e só o deixara ao saber que as senhoras da família pretendiam visitar Georgiana naquela manhã. Mal ele apareceu, Elizabeth resolveu sabiamente mostrar-se perfeitamente à vontade e sem embaraço — resolução tanto mais necessária de tomar, mas talvez não tão fácil de manter, porque ela via que as suspeitas de todo o grupo se haviam despertado contra os dois, e que mal havia um olho que não observasse o comportamento dele ao entrar na sala. Em nenhum semblante a curiosidade atenta se marcava tão fortemente quanto no da srta. Bingley, a despeito dos sorrisos que lhe cobriam o rosto sempre que falava a um dos seus alvos; pois o ciúme ainda não a tornara desesperada, e suas atenções ao sr. Darcy estavam longe de ter terminado. A srta. Darcy, à entrada do irmão, esforçou-se muito mais para conversar; e Elizabeth viu que ele estava ansioso para que a irmã e ela se conhecessem melhor, e favorecia, tanto quanto possível, toda tentativa de conversa de uma parte ou de outra. A srta. Bingley também viu tudo isso; e, na imprudência da raiva, aproveitou a primeira oportunidade para dizer, com cortesia zombeteira:

— Diga-me, srta. Eliza, a milícia de ----shire não foi transferida de Meryton? Deve ser uma grande perda para a *sua* família.

Na presença de Darcy, não ousava mencionar o nome de Wickham; mas Elizabeth compreendeu imediatamente que ele ocupava o primeiro lugar em

seus pensamentos, e as várias lembranças ligadas a ele lhe causaram um momento de aflição; contudo, esforçando-se vigorosamente para repelir o ataque malévolo, logo respondeu à pergunta em tom razoavelmente desprendido. Enquanto falava, um olhar involuntário lhe mostrou Darcy com o rosto corado, fitando-a com seriedade, e a irmã dele tomada de confusão, incapaz de erguer os olhos. Se a srta. Bingley soubesse que dor estava causando à sua querida amiga, sem dúvida teria se abstido da insinuação; mas ela quisera apenas desconcertar Elizabeth, trazendo à tona a ideia de um homem por quem a julgava inclinada, para fazê-la trair uma sensibilidade que pudesse prejudicá-la na opinião de Darcy e, talvez, lembrar a este todas as tolices e absurdos pelos quais parte da família dela se ligava àquele regimento. Nem uma sílaba jamais lhe chegara sobre a fuga que a srta. Darcy planejara. A ninguém fora revelada, onde o segredo era possível, exceto a Elizabeth; e de todas as relações de Bingley o irmão dela estava particularmente ansioso por escondê-la, por aquele mesmo desejo que Elizabeth havia muito lhe atribuíra: o de que viessem um dia a ser também as dela. Ele decerto formara tal plano; e, sem pretender que isso influísse em seu esforço para separar o amigo da srta. Bennet, é provável que acrescentasse algo ao vivo interesse que tinha pelo bem-estar dele.

O comportamento sereno de Elizabeth, porém, logo lhe acalmou a emoção; e como a srta. Bingley, vexada e decepcionada, não ousou aproximar-se mais de Wickham, Georgiana também se recobrou com o tempo,

embora não o bastante para conseguir falar de novo. O irmão, cujo olhar ela temia encontrar, mal se lembrava do interesse dela no assunto; e a própria circunstância que fora planejada para desviar os pensamentos dele de Elizabeth parecia tê-los fixado nela cada vez mais alegremente.

A visita não se prolongou muito depois da pergunta e da resposta acima mencionadas; e enquanto o sr. Darcy as acompanhava até a carruagem, a srta. Bingley desafogava seus sentimentos em críticas à pessoa, ao comportamento e ao vestido de Elizabeth. Mas Georgiana não a acompanhou. A recomendação do irmão bastava para assegurar a Elizabeth o seu favor: o julgamento dele não podia errar; e ele falara de Elizabeth em tais termos que Georgiana ficara sem poder achá-la outra coisa senão encantadora e amável. Quando Darcy voltou ao salão, a srta. Bingley não pôde deixar de lhe repetir parte do que estivera dizendo à irmã dele.

— Como Eliza Bennet está com má aparência esta manhã, sr. Darcy! — exclamou ela. — Nunca na vida vi alguém tão mudado quanto ela desde o inverno. Ficou tão morena e grosseira! Louisa e eu concordávamos que não a teríamos reconhecido.

Por pouco que o sr. Darcy pudesse ter apreciado semelhante observação, contentou-se em responder friamente que não percebia outra mudança senão a de ela estar um tanto bronzeada — consequência nada milagrosa de viajar no verão.

— Da minha parte — replicou ela —, devo confessar que nunca consegui ver nenhuma beleza nela. O rosto é

fino demais; a pele não tem brilho; e as feições não são nada bonitas. O nariz carece de caráter; não há nada marcante em suas linhas. Os dentes são toleráveis, mas nada fora do comum; e quanto aos olhos, que às vezes foram chamados de tão belos, nunca pude perceber neles nada de extraordinário. Têm um ar penetrante, de megera, de que não gosto nem um pouco; e, no conjunto do seu porte, há uma autossuficiência sem elegância que é intolerável.

Persuadida como estava a srta. Bingley de que Darcy admirava Elizabeth, esse não era o melhor método de se recomendar; mas as pessoas iradas nem sempre são sábias; e, ao vê-lo por fim parecer um tanto irritado, obteve todo o sucesso que esperava. Ele, contudo, manteve-se resolutamente calado; e ela, determinada a fazê-lo falar, continuou:

— Lembro-me de que, quando a conhecemos em Hertfordshire, todos ficamos espantados ao descobrir que ela tinha fama de beldade; e recordo em particular que o senhor disse certa noite, depois que eles jantaram em Netherfield: "*Ela*, uma beldade! Seria o mesmo que chamar a mãe dela de espirituosa". Mas depois ela parece ter melhorado aos seus olhos, e creio que a certa altura o senhor a achou bem bonita.

— Sim — respondeu Darcy, que já não conseguia conter-se —, mas *isso* foi só quando a conheci; pois há muitos meses que a considero uma das mulheres mais belas entre as minhas conhecidas.

Em seguida retirou-se, e a srta. Bingley ficou com toda a satisfação de tê-lo obrigado a dizer o que não causava dor a ninguém senão a ela mesma.

A sra. Gardiner e Elizabeth conversaram, no caminho de volta, sobre tudo o que ocorrera durante a visita, exceto sobre o que particularmente interessara a ambas. Os olhares e o comportamento de todos os que tinham visto foram discutidos, exceto os da pessoa que mais lhes prendera a atenção. Falaram da irmã dele, dos amigos dele, da casa dele, das frutas dele, de tudo, menos dele mesmo; no entanto, Elizabeth ansiava por saber o que a sra. Gardiner pensava dele, e a sra. Gardiner teria ficado muito satisfeita se a sobrinha tivesse começado o assunto.

XLVI



Elizabeth ficara bastante decepcionada por não encontrar uma carta de Jane quando chegaram a Lambton; e essa decepção se renovara em cada uma das manhãs que ali haviam passado até então; mas na terceira o seu queixume acabou, e a irmã ficou justificada, com o recebimento de duas cartas dela de uma só vez, numa das quais vinha a indicação de que fora enviada por engano a outro lugar. Elizabeth não se

surpreendeu, pois Jane escrevera o endereço notavelmente mal.

Estavam justamente se preparando para um passeio quando as cartas chegaram; e os tios, deixando-a desfrutá-las em sossego, saíram sozinhos. A carta extraviada devia ser lida primeiro; fora escrita cinco dias antes. O começo continha um relato de todas as pequenas reuniões e compromissos da família, com as novidades que a província oferecia; mas a segunda metade, datada de um dia depois e escrita em evidente agitação, trazia informações mais importantes. Era do seguinte teor:

Sem se dar tempo para reflexão, e mal sabendo o que sentia, Elizabeth, ao terminar essa carta, agarrou imediatamente a outra e, abrindo-a com a máxima impaciência, leu o que se segue: fora escrita um dia depois da conclusão da primeira.

— Oh! Onde, onde está meu tio? — exclamou Elizabeth, saltando da cadeira ao terminar a carta, ansiosa por segui-lo, sem perder um instante daquele tempo tão precioso; mas, ao chegar à porta, esta foi aberta por um criado, e o sr. Darcy apareceu. O rosto pálido e o modo impetuoso dela o fizeram sobressaltar-se, e antes que ele pudesse recobrar-se o bastante para falar, ela, em cuja mente toda ideia fora suplantada pela situação de Lydia, exclamou apressadamente: — Peço-lhe perdão, mas preciso deixá-lo. Preciso encontrar o sr.

Gardiner neste instante, por um assunto que não pode ser adiado; não tenho um momento a perder.

— Santo Deus! O que aconteceu? — exclamou ele, com mais sentimento do que polidez; depois, recompondo-se: — Não a deterei um minuto; mas permita que eu, ou o criado, vá atrás do sr. e da sra. Gardiner. A senhorita não está bem o bastante; não pode ir pessoalmente.

Elizabeth hesitou; mas os joelhos lhe tremiam, e ela sentiu quão pouco ganharia tentando persegui-los. Chamando de volta o criado, portanto, encarregou-o, embora num tom tão ofegante que quase a tornava ininteligível, de trazer imediatamente para casa o patrão e a patroa.

Quando ele saiu da sala, ela sentou-se, incapaz de se sustentar, e com uma aparência tão miseravelmente doente que era impossível a Darcy deixá-la, ou abster-se de dizer, num tom de brandura e compaixão: — Permita-me chamar sua criada. Não há nada que a senhorita possa tomar para lhe dar algum alívio imediato? Um copo de vinho; quer que eu lhe traga um? A senhorita está muito mal.

— Não, agradeço-lhe — respondeu ela, esforçando-se por se recobrar. — Não tenho nada. Estou perfeitamente bem, estou apenas aflita por causa de umas notícias terríveis que acabo de receber de Longbourn.

Desatou em lágrimas ao aludir a isso, e por alguns minutos não conseguiu dizer mais uma palavra. Darcy, em penosa expectativa, só pôde dizer algo indistinto

sobre a sua preocupação e observá-la em silêncio compassivo. Por fim ela voltou a falar. — Acabo de receber uma carta de Jane, com notícias tão terríveis. Não se pode esconder de ninguém. Minha irmã mais nova deixou todos os seus — fugiu; entregou-se ao poder de... do sr. Wickham. Partiram juntos de Brighton. O *senhor* o conhece bem demais para duvidar do resto. Ela não tem dinheiro, não tem relações, nada que possa tentá-lo a... está perdida para sempre.

Darcy ficou paralisado de espanto.

— Quando penso — acrescentou ela, com a voz ainda mais agitada — que *eu* poderia ter evitado isso! *Eu*, que sabia o que ele era. Se ao menos eu tivesse explicado uma parte, só uma parte do que soube, à minha própria família! Se o caráter dele fosse conhecido, isso não poderia ter acontecido. Mas agora é tudo, tudo tarde demais.

— Lamento, de fato — exclamou Darcy —, lamento... estou chocado. Mas é certo, absolutamente certo?



— Oh, sim! Deixaram Brighton juntos no domingo à noite, e foram rastreados quase até Londres, mas não além: com certeza não foram para a Escócia.

— E o que se fez, o que se tentou, para recuperá-la?

— Meu pai foi a Londres, e Jane escreveu para implorar a ajuda imediata de meu tio, e partiremos, espero, dentro de meia hora. Mas nada se pode fazer; sei muito bem que nada se pode fazer. Como influenciar um homem daqueles? Como sequer descobri-los? Não tenho a menor esperança. É horrível sob todos os aspectos!

Darcy balançou a cabeça em silenciosa concordância.

— Quando os *meus* olhos se abriram para o verdadeiro caráter dele, oh! Se eu soubesse o que devia,

o que ousava fazer! Mas eu não sabia... tinha medo de fazer demais. Erro miserável, miserável!

Darcy não respondeu. Parecia mal ouvi-la, e andava de um lado para o outro da sala em profunda meditação; a testa contraída, o ar sombrio. Elizabeth logo o observou, e imediatamente compreendeu. O seu poder afundava; tudo *devia* afundar diante de semelhante prova de fraqueza familiar, de tamanha certeza da mais profunda desonra. Ela não podia nem admirar-se nem condenar; mas a convicção de que ele se dominava não trouxe nada de consolador ao seu peito, não ofereceu alívio à sua angústia. Era, ao contrário, exatamente o que servia para fazê-la compreender os próprios desejos; e nunca sentira tão sinceramente que poderia tê-lo amado como agora, quando todo amor devia ser em vão.

Mas o eu, embora se impusesse, não podia absorvê-la por completo. Lydia — a humilhação, a desgraça que ela trazia sobre todos eles — logo engoliu toda preocupação pessoal; e, cobrindo o rosto com o lenço, Elizabeth em pouco tempo se perdeu para tudo o mais; e, depois de uma pausa de vários minutos, só foi chamada de volta à consciência da sua situação pela voz do companheiro, que, de um modo que, se falava de compaixão, falava também de reserva, disse:

— Receio que já há muito a senhorita deseje a minha ausência, e não tenho nada a alegar em desculpa da minha permanência senão uma preocupação real, ainda que inútil. Quisera o Céu que algo pudesse ser dito ou feito da minha parte que oferecesse consolo a tamanha

aflição! Mas não a atormentarei com votos vãos, que poderiam parecer feitos de propósito para pedir os seus agradecimentos. Este infeliz acontecimento, receio, impedirá que minha irmã tenha o prazer de vê-la hoje em Pemberley.

— Oh, sim! Tenha a bondade de nos desculpar junto à srta. Darcy. Diga que um assunto urgente nos chama para casa imediatamente. Esconda a triste verdade enquanto for possível. Sei que não pode ser por muito tempo.

Ele prontamente lhe assegurou o seu sigilo, exprimiu de novo o pesar pela aflição dela, desejou-lhe um desfecho mais feliz do que havia, no momento, razão para esperar e, deixando seus cumprimentos para os parentes dela, com um único e sério olhar de despedida, retirou-se.

Quando ele saiu da sala, Elizabeth sentiu quão improvável era que voltassem a se ver em termos de cordialidade como os que haviam marcado seus vários encontros em Derbyshire; e, lançando um olhar retrospectivo sobre todo o seu relacionamento, tão cheio de contradições e variações, suspirou diante da perversidade daqueles sentimentos que agora teriam favorecido a sua continuação, e que antes teriam se alegrado com o seu término.

Se gratidão e estima são bons fundamentos para a afeição, a mudança de sentimento de Elizabeth não será nem improvável nem censurável. Mas se for de outro modo, se o afeto que nasce de tais fontes é desarrazoado ou antinatural, em comparação com o que

tantas vezes se descreve como surgindo ao primeiro encontro com seu objeto, e antes mesmo que duas palavras tenham sido trocadas, nada se pode dizer em sua defesa, exceto que ela já pusera um tanto à prova o último método, em sua inclinação por Wickham, e que o mau resultado talvez a autorizasse a buscar o outro modo de afeição, menos interessante. Seja como for, viu-o partir com pesar; e neste primeiro exemplo do que a infâmia de Lydia devia produzir, encontrou angústia adicional ao refletir sobre aquele miserável assunto. Nunca, desde que lera a segunda carta de Jane, alimentara a esperança de que Wickham pretendesse casar-se com ela. Ninguém a não ser Jane, pensava, poderia iludir-se com semelhante expectativa. A surpresa era o menor de todos os seus sentimentos diante desse desdobramento. Enquanto o conteúdo da primeira carta lhe permanecia na mente, ela era toda surpresa, todo espanto, por Wickham se casar com uma moça com quem era impossível casar-se por dinheiro; e como Lydia jamais pudera cativá-lo parecera incompreensível. Mas agora tudo era natural demais. Para uma ligação como esta, ela bem podia ter encantos suficientes; e embora não supusesse que Lydia se lançasse deliberadamente numa fuga sem a intenção de casamento, não tinha dificuldade em acreditar que nem a virtude nem a inteligência dela a preservariam de cair como presa fácil.

Nunca percebera, enquanto o regimento estava em Hertfordshire, que Lydia tivesse alguma inclinação por ele; mas estava convencida de que a Lydia só faltara

encorajamento para se apegar a qualquer um. Ora um oficial, ora outro, fora o seu favorito, conforme as atenções deles os elevavam em sua opinião. Suas afeições tinham flutuado continuamente, mas nunca sem objeto. O mal do descuido e da indulgência equivocada para com uma moça assim — oh! Como ela o sentia agora com toda a agudeza!

Estava louca para chegar em casa — para ouvir, ver, estar presente e partilhar com Jane os cuidados que agora deviam recair inteiramente sobre ela, numa família tão transtornada; um pai ausente, uma mãe incapaz de qualquer esforço e exigindo atenção constante; e, embora quase persuadida de que nada se podia fazer por Lydia, a intervenção do tio parecia da máxima importância, e até que ele entrasse na sala a aflição da sua impaciência foi severa. O sr. e a sra. Gardiner haviam voltado às pressas, alarmados, supondo, pelo relato do criado, que a sobrinha adoecera de repente; mas, tranquilizando-os de imediato nesse ponto, ela comunicou ansiosamente a causa do chamado, lendo as duas cartas em voz alta e demorando-se no pós-escrito da última com trêmula energia. Embora Lydia nunca tivesse sido a favorita deles, o sr. e a sra. Gardiner não podiam deixar de ficar profundamente abalados. Não apenas Lydia, mas todos estavam envolvidos naquilo; e depois das primeiras exclamações de surpresa e horror, o sr. Gardiner prontamente prometeu toda a ajuda ao seu alcance. Elizabeth, embora não esperasse menos, agradeceu-lhe com lágrimas de gratidão; e, movidos os três por um só

espírito, tudo o que se referia à viagem foi rapidamente resolvido. Partiriam o mais cedo possível. — Mas o que fazer quanto a Pemberley? — exclamou a sra. Gardiner. — John nos disse que o sr. Darcy estava aqui quando você mandou nos chamar; é verdade?

— Sim; e eu lhe disse que não poderíamos cumprir o nosso compromisso. *Isso* está tudo resolvido.

— O que está tudo resolvido? — repetiu a outra, enquanto corria para o quarto a fim de se aprontar. — E estarão eles em tais termos que ela lhe revelasse a verdade inteira? Oh, quem me dera saber como é!

Mas os desejos eram vãos; ou, na melhor das hipóteses, só podiam servir para entretê-la na pressa e confusão da hora seguinte. Tivesse Elizabeth a liberdade de ficar ociosa, teria permanecido certa de que qualquer ocupação era impossível a alguém tão infeliz quanto ela; mas tinha a sua parte de afazeres, assim como a tia, e entre outras coisas havia bilhetes a escrever a todos os conhecidos de Lambton, com falsas desculpas pela partida repentina. Uma hora, porém, viu tudo concluído; e, tendo o sr. Gardiner, entretanto, acertado a conta na estalagem, nada mais restava a fazer senão partir; e Elizabeth, depois de toda a desgraça da manhã, viu-se, em menos tempo do que poderia supor, sentada na carruagem e a caminho de Longbourn.

XLVII



— Estive pensando de novo no assunto, Elizabeth — disse o tio, enquanto saíam da cidade —, e, na verdade, depois de séria reflexão, estou muito mais inclinado do que estava a julgar a questão como a sua irmã mais velha. Parece-me tão pouco provável que um rapaz forme semelhante desígnio contra uma moça que de modo algum está desprotegida ou sem amigos, e que na verdade estava hospedada na família do seu coronel, que me sinto fortemente inclinado a esperar o melhor.

Poderia ele esperar que os parentes dela não interviessem? Poderia esperar ser recebido de novo pelo regimento, depois de tal afronta ao coronel Forster? A tentação não compensa o risco.

— O senhor acha mesmo? — exclamou Elizabeth, animando-se por um momento.

— Palavra de honra — disse a sra. Gardiner —, começo a ser da opinião do seu tio. É realmente uma violação grande demais da decência, da honra e do interesse para que ele seja culpado dela. Não consigo pensar tão mal de Wickham. Pode você mesma, Lizzy, desistir dele tão completamente, a ponto de acreditá-lo capaz disso?

— Talvez não de negligenciar o próprio interesse. Mas de qualquer outra negligência eu o creio capaz. Se, de fato, fosse assim! Mas não ouso esperá-lo. Por que não teriam seguido para a Escócia, se fosse esse o caso?

— Em primeiro lugar — respondeu o sr. Gardiner —, não há prova absoluta de que não tenham ido para a Escócia.

— Oh, mas terem passado da sege para um coche de aluguel é uma presunção tão forte! E, além disso, não se encontrou nenhum rastro deles na estrada de Barnet.

— Bem, então... supondo que estejam em Londres... podem estar lá, embora com o propósito de se esconder, sem outro propósito mais condenável. Não é provável que o dinheiro seja muito abundante de nenhum dos lados; e pode ter-lhes ocorrido que poderiam casar-se de modo mais econômico, embora menos expedito, em Londres do que na Escócia.

— Mas por que todo esse segredo? Por que o medo de serem descobertos? Por que o casamento deles teria de ser às escondidas? Oh, não, não... isso não é provável. O amigo mais íntimo dele, como se vê pelo relato de Jane, estava persuadido de que ele nunca pretendera casar-se com ela. Wickham jamais se casará com uma mulher sem algum dinheiro. Não pode permitir-se isso. E que direitos tem Lydia, que atrativos tem ela além da juventude, da saúde e do bom humor, que pudessem levá-lo a renunciar, por causa dela, a toda chance de se beneficiar com um bom casamento? Quanto ao freio que o receio da desonra no regimento pudesse impor a uma fuga desonrosa com ela, não sou capaz de julgar; pois nada sei dos efeitos que semelhante passo poderia produzir. Mas quanto à sua outra objeção, receio que dificilmente se sustente. Lydia não tem irmãos que intervenham; e ele bem poderia imaginar, pelo comportamento de meu pai, pela sua indolência e pela pouca atenção que sempre pareceu dar ao que se passava na família, que *ele* faria tão pouco, e pensaria tão pouco a respeito, quanto qualquer pai poderia fazer em semelhante assunto.

— Mas você acha que Lydia está tão perdida para tudo, exceto o amor por ele, a ponto de consentir em viver com ele em quaisquer outros termos que não o casamento?

— Parece, de fato, e é chocante em extremo — respondeu Elizabeth, com lágrimas nos olhos —, que o senso de decência e virtude de uma irmã, em tal ponto, admita dúvida. Mas, realmente, não sei o que dizer. Talvez eu não lhe esteja fazendo justiça. Mas ela é muito

jovem; nunca lhe ensinaram a pensar em assuntos sérios; e no último meio ano, ou melhor, no último ano inteiro, ela se entregou a nada além de diversão e vaidade. Permitiram-lhe dispor do seu tempo da maneira mais ociosa e frívola, e adotar quaisquer opiniões que lhe aparecessem pelo caminho. Desde que o ----shire se aquartelou pela primeira vez em Meryton, não teve na cabeça nada além de amor, namorico e oficiais. Ela vem fazendo tudo o que está ao seu alcance, pensando e falando no assunto, para dar maior... como direi?... suscetibilidade aos seus sentimentos, que já são naturalmente bastante vivos. E todos sabemos que Wickham tem todo o encanto de pessoa e de trato capaz de cativar uma mulher.

— Mas você vê que Jane — disse a tia — não pensa tão mal de Wickham a ponto de acreditá-lo capaz da tentativa.

— De quem Jane pensa mal alguma vez? E quem existe, qualquer que tenha sido a sua conduta anterior, que ela acreditasse capaz de semelhante tentativa, antes que fosse provada contra ele? Mas Jane sabe, tão bem quanto eu, o que Wickham realmente é. Nós duas sabemos que ele tem sido devasso em todos os sentidos da palavra; que não tem integridade nem honra; que é tão falso e enganador quanto insinuante.

— E você sabe mesmo tudo isso? — exclamou a sra. Gardiner, cuja curiosidade quanto ao modo como ela obtivera tais informações estava inteiramente desperta.

— Sei, de fato — respondeu Elizabeth, corando. — Contei-lhe outro dia o comportamento infame dele para com o sr. Darcy; e a senhora mesma, quando esteve pela

última vez em Longbourn, ouviu de que maneira ele falava do homem que se conduzira com tanta paciência e generosidade para com ele. E há outras circunstâncias que não tenho liberdade... que não vale a pena relatar; mas as mentiras dele sobre toda a família de Pemberley são intermináveis. Pelo que ele disse da srta. Darcy, eu estava inteiramente preparada para ver uma moça orgulhosa, reservada e desagradável. No entanto, ele mesmo sabia que era o contrário. Deve saber que ela é tão amável e despretensiosa quanto a encontramos.

— Mas Lydia não sabe nada disso? Pode ela ignorar o que você e Jane parecem compreender tão bem?

— Oh, sim! Isso, isso é o pior de tudo. Até estar em Kent, e ver tanto do sr. Darcy quanto de seu parente, o coronel Fitzwilliam, eu mesma ignorava a verdade. E quando voltei para casa, o ----shire devia deixar Meryton dentro de uma semana ou quinze dias. Sendo assim, nem Jane, a quem contei tudo, nem eu julgamos necessário tornar público o que sabíamos; pois de que utilidade poderia ser, aparentemente, para quem quer que fosse, que a boa opinião que toda a vizinhança tinha dele fosse então derrubada? E mesmo quando ficou acertado que Lydia iria com a sra. Forster, a necessidade de abrir-lhe os olhos para o caráter dele nunca me ocorreu. Que *ela* pudesse correr algum perigo por causa do engano jamais me passou pela cabeça. Que uma consequência como *esta* viesse a seguir-se, a senhora pode facilmente acreditar que estava bem longe dos meus pensamentos.

— Quando todos se mudaram para Brighton, portanto, você não tinha razão, suponho, para acreditar que gostassem um do outro?

— Nem a menor. Não me lembro de nenhum sintoma de afeição de nenhum dos lados; e se algo do gênero tivesse sido perceptível, a senhora bem sabe que a nossa não é uma família em que isso passasse despercebido. Quando ele entrou no regimento, ela estava bem disposta a admirá-lo; mas todas nós estávamos. Toda moça de Meryton e arredores andou fora de si por ele nos dois primeiros meses; mas ele nunca *a* distinguiu com nenhuma atenção particular; e, por conseguinte, depois de um período moderado de admiração extravagante e desenfreada, o entusiasmo dela por ele cedeu, e outros do regimento, que a tratavam com mais distinção, voltaram a ser os seus favoritos.

É fácil acreditar que, por pouca novidade que a repetida discussão pudesse acrescentar aos seus temores, esperanças e conjecturas sobre esse assunto tão interessante, nenhum outro conseguiu afastá-los dele por muito tempo, durante toda a viagem. Dos pensamentos de Elizabeth ele nunca esteve ausente. Fixado ali pela mais aguda de todas as angústias, a autocensura, ela não conseguia encontrar nenhum intervalo de alívio ou esquecimento.

Viajaram o mais depressa possível; e, dormindo uma noite na estrada, chegaram a Longbourn à hora do jantar do dia seguinte. Era um consolo para Elizabeth pensar que Jane não podia ter-se cansado com uma longa espera.

Os pequenos Gardiner, atraídos pela vista de uma sege, estavam parados nos degraus da casa quando eles entraram no cercado; e, quando a carruagem se aproximou da porta, a alegre surpresa que lhes iluminou os rostos e se manifestou em todo o corpo, numa variedade de saltos e cabriolas, foi o primeiro e agradável sinal das boas-vindas.

Elizabeth saltou da carruagem; e, depois de dar a cada um deles um beijo apressado, correu para o vestíbulo, onde Jane, que descia correndo do quarto da mãe, foi imediatamente ao seu encontro.

Elizabeth, ao abraçá-la com afeto, enquanto as lágrimas enchiam os olhos de ambas, não perdeu um instante em perguntar se havia alguma notícia dos fugitivos.

— Ainda não — respondeu Jane. — Mas agora que o nosso querido tio chegou, espero que tudo corra bem.

— Papai está em Londres?

— Sim, foi na terça-feira, como lhe escrevi.

— E vocês têm tido notícias dele com frequência?

— Só tivemos notícias uma vez. Ele me escreveu algumas linhas na quarta-feira, para dizer que chegara em segurança e me dar o seu endereço, o que eu lhe pedira particularmente que fizesse. Acrescentou apenas que não escreveria de novo até ter algo de importante a comunicar.

— E mamãe... como está? Como estão todos vocês?

— Mamãe está razoavelmente bem, creio; embora o seu ânimo esteja muito abalado. Está lá em cima, e terá grande satisfação em vê-los a todos. Ainda não sai do

quarto de vestir. Mary e Kitty, graças a Deus, estão perfeitamente bem.

— Mas você... como está você? — exclamou Elizabeth. — Está pálida. Por quanta coisa deve ter passado!

A irmã, porém, lhe assegurou que estava perfeitamente bem; e a conversa das duas, que decorrera enquanto o sr. e a sra. Gardiner se ocupavam com os filhos, foi então interrompida pela aproximação de todo o grupo. Jane correu para os tios e os acolheu e agradeceu a ambos, alternando sorrisos e lágrimas.

Quando estavam todos na sala de visitas, as perguntas que Elizabeth já fizera foram naturalmente repetidas pelos outros, e logo descobriram que Jane não tinha informação alguma a dar. A esperança otimista no bem, porém, que a benevolência do seu coração lhe sugeria, ainda não a abandonara; ela continuava a esperar que tudo terminasse bem, e que cada manhã trouxesse alguma carta, de Lydia ou do pai, explicando o que haviam feito e, talvez, anunciando o casamento.

A sra. Bennet, a cujos aposentos todos se dirigiram depois de alguns minutos de conversa, recebeu-os exatamente como se poderia esperar: com lágrimas e lamentações de pesar, invectivas contra a conduta vil de Wickham, e queixas dos próprios sofrimentos e maus-tratos; culpando a todos, menos a pessoa a cuja indulgência sem juízo se deviam principalmente os erros da filha.

— Se eu tivesse conseguido — disse ela — impor a minha vontade de ir a Brighton com toda a família, *isso* não teria acontecido; mas a pobre e querida Lydia não tinha ninguém para cuidar dela. Por que os Forster a

deixaram sair de vista? Tenho certeza de que houve algum grande descuido da parte deles, pois ela não é o tipo de moça que faz uma coisa dessas, se tivesse sido bem vigiada. Sempre achei que eles eram muito inadequados para se encarregar dela; mas fui vencida, como sempre sou. Pobre e querida menina! E agora o sr. Bennet foi embora, e sei que vai se bater com Wickham onde quer que o encontre, e então será morto, e o que será de todos nós? Os Collins nos porão para fora antes que ele esfrie na sepultura; e se o senhor não for bondoso conosco, meu irmão, não sei o que faremos.

Todos protestaram contra ideias tão terríveis; e o sr. Gardiner, depois de garantias gerais de sua afeição por ela e por toda a família, disse-lhe que pretendia estar em Londres já no dia seguinte, e que ajudaria o sr. Bennet em todo esforço para recuperar Lydia.

— Não se entregue a um alarme inútil — acrescentou ele. — Embora seja certo preparar-se para o pior, não há motivo para considerá-lo como certo. Ainda não faz uma semana que eles deixaram Brighton. Em mais alguns dias, poderemos ter alguma notícia deles; e até sabermos que não estão casados e que não têm intenção de casar-se, não demos a questão por perdida. Assim que chegar a Londres, irei procurar meu cunhado e o farei vir comigo para Gracechurch Street, e então poderemos deliberar juntos sobre o que fazer.

— Oh, meu querido irmão — respondeu a sra. Bennet —, é exatamente o que eu mais poderia desejar. E agora, quando chegar a Londres, encontre-os, onde quer que estejam; e se ainda não estiverem casados, *faça-os* casar. E quanto ao enxoval, não os deixe esperar por isso, mas

diga a Lydia que ela terá todo o dinheiro que quiser para comprá-lo depois que estiverem casados. E, acima de tudo, impeça o sr. Bennet de se bater. Diga-lhe em que estado terrível estou... que estou apavorada a ponto de perder o juízo; e tenho tais tremores, tais palpitações por todo o corpo, tais espasmos no lado, e dores de cabeça, e tais batimentos no coração, que não consigo descansar nem de noite nem de dia. E diga à minha querida Lydia que não dê nenhuma ordem sobre as roupas dela antes de me ver, pois ela não sabe quais são os melhores armazéns. Oh, meu irmão, como o senhor é bondoso! Sei que vai dar um jeito em tudo.

Mas o sr. Gardiner, embora lhe assegurasse de novo os seus sinceros esforços na causa, não pôde deixar de lhe recomendar moderação, tanto nas esperanças quanto nos temores; e, depois de conversar com ela desse modo até que o jantar estivesse na mesa, deixaram-na desabafar todos os seus sentimentos com a governanta, que a assistia na ausência das filhas.

Embora o irmão e a cunhada estivessem persuadidos de que não havia motivo real para semelhante reclusão da família, não tentaram opor-se a ela; pois sabiam que ela não tinha prudência suficiente para segurar a língua diante dos criados, enquanto serviam à mesa, e julgaram melhor que *uma* só pessoa da casa, e aquela em quem mais podiam confiar, compreendesse todos os seus temores e inquietações sobre o assunto.

Na sala de jantar logo se juntaram a eles Mary e Kitty, que tinham estado ocupadas demais em seus respectivos quartos para aparecer antes. Uma vinha dos seus livros, a outra da sua toalete. Os rostos de ambas,

porém, estavam razoavelmente calmos; e nenhuma mudança era visível em qualquer delas, exceto que a perda da irmã favorita, ou a irritação que ela mesma atraíra para si no caso, dera algo mais de rabugice do que de costume ao tom de voz de Kitty. Quanto a Mary, era senhora de si o bastante para sussurrar a Elizabeth, com um semblante de grave reflexão, logo depois que se sentaram à mesa:

— Este é um caso muito infeliz, e provavelmente dará muito o que falar. Mas devemos conter a maré da malícia e derramar, cada uma no peito ferido da outra, o bálsamo da consolação fraterna.

Então, não percebendo em Elizabeth nenhuma disposição de responder, acrescentou: — Por mais infeliz que o acontecimento seja para Lydia, podemos tirar dele esta lição útil: que a perda da virtude numa mulher é irreparável, que um único passo em falso a envolve em ruína sem fim, que a sua reputação não é menos frágil do que bela, e que ela nunca se resguardará demais no seu comportamento para com os indignos do outro sexo.

Elizabeth ergueu os olhos, espantada, mas estava oprimida demais para dar qualquer resposta. Mary, porém, continuou a consolar-se com esse tipo de extrações morais do mal que tinham diante de si.

À tarde, as duas srtas. Bennet mais velhas puderam ficar a sós por meia hora; e Elizabeth aproveitou imediatamente a oportunidade para fazer todas as perguntas que Jane estava igualmente ansiosa por responder. Depois de se unirem em lamentações gerais sobre o terrível desfecho desse acontecimento, que

Elizabeth considerava quase certo, e que a srta. Bennet não podia afirmar ser totalmente impossível, a primeira prosseguiu no assunto dizendo: — Mas conte-me tudo, tudo sobre isso que eu ainda não sei. Dê-me mais detalhes. O que disse o coronel Forster? Não tinham nenhuma suspeita de nada antes que a fuga acontecesse? Devem tê-los visto juntos o tempo todo.

— O coronel Forster admitiu que muitas vezes suspeitara de alguma inclinação, sobretudo da parte de Lydia, mas nada que lhe causasse alarme. Sinto tanto por ele. O seu comportamento foi atencioso e bondoso ao extremo. Ele *já* vinha nos ver, para nos assegurar da sua preocupação, antes de ter qualquer ideia de que eles não tinham ido para a Escócia; quando essa apreensão começou a se espalhar, apressou a viagem.

— E Denny estava convencido de que Wickham não se casaria? Sabia da intenção deles de fugir? O coronel Forster falou pessoalmente com Denny?

— Sim; mas, interrogado por *ele*, Denny negou saber qualquer coisa do plano deles, e não quis dar a sua verdadeira opinião a respeito. Não repetiu a sua convicção de que eles não se casariam, e por *isso* inclino-me a esperar que ele possa ter sido mal compreendido antes.

— E até que o coronel Forster viesse pessoalmente, nenhuma de vocês teve dúvida, suponho, de que eles estavam realmente casados?

— Como seria possível que semelhante ideia nos entrasse na cabeça? Eu me senti um pouco inquieta… um pouco temerosa pela felicidade da minha irmã no casamento com ele, porque sabia que a conduta dele

nem sempre fora inteiramente correta. Papai e mamãe não sabiam nada disso; apenas sentiam quão imprudente devia ser o casamento. Kitty então confessou, com um triunfo muito natural por saber mais do que nós, que na última carta de Lydia esta a preparara para um passo assim. Ela sabia, ao que parece, havia muitas semanas, que os dois estavam apaixonados um pelo outro.

— Mas não antes de irem para Brighton?

— Não, creio que não.

— E o coronel Forster pareceu pensar mal de Wickham? Conhece o verdadeiro caráter dele?

— Devo confessar que ele não falou tão bem de Wickham como falava antes. Acreditava-o imprudente e extravagante; e desde que este triste caso aconteceu, diz-se que ele deixou Meryton com muitas dívidas; mas espero que isso seja falso.

— Oh, Jane, se tivéssemos sido menos discretas, se tivéssemos contado o que sabíamos dele, isso não poderia ter acontecido!

— Talvez tivesse sido melhor — respondeu a irmã.

— Mas expor as faltas passadas de qualquer pessoa, sem saber quais eram os seus sentimentos presentes, parecia injustificável.

— Agimos com as melhores intenções.

— O coronel Forster pôde repetir os detalhes do bilhete de Lydia para a esposa dele?

— Ele o trouxe consigo para que o víssemos.

Jane então o tirou da carteira e o entregou a Elizabeth. Era este o conteúdo:

> Você vai rir quando souber para onde fui, e eu mesma não consigo deixar de rir da sua surpresa amanhã de manhã, assim que derem pela minha falta. Estou indo para Gretna Green, e se você não adivinhar com quem, vou achá-la uma tolinha, pois só existe um homem no mundo que eu amo, e ele é um anjo. Eu nunca seria feliz sem ele, então não veja mal nenhum em eu partir. Você não precisa avisar em Longbourn da minha ida, se não quiser, pois a surpresa será ainda maior quando eu lhes escrever e assinar Lydia Wickham. Que boa brincadeira vai ser! Mal consigo escrever de tanto rir. Por favor, peça desculpas por mim a Pratt por não cumprir o meu compromisso e não dançar com ele esta noite. Diga-lhe que espero que ele me perdoe quando souber de tudo, e diga-lhe que dançarei com ele no próximo baile em que nos encontrarmos, com muito prazer. Mandarei buscar minhas roupas quando chegar a Longbourn; mas gostaria que você dissesse a Sally para consertar um grande rasgo no meu vestido de musselina bordada antes que sejam embaladas. Adeus. Mande lembranças minhas ao coronel Forster. Espero que vocês bebam à nossa boa viagem.
>
> Sua amiga afetuosa,
>
> LYDIA BENNET.

— Oh, leviana, leviana Lydia! — exclamou Elizabeth quando terminou de ler. — Que carta, para ser escrita num momento desses! Mas pelo menos mostra que *ela* estava falando sério quanto ao objetivo da viagem. Fosse ao que fosse que ele a persuadisse depois, da parte dela não era um *plano* de infâmia. Meu pobre pai! Como ele deve ter sentido!

— Nunca vi ninguém tão chocado. Não conseguiu dizer uma palavra por dez minutos inteiros. Mamãe adoeceu imediatamente, e a casa toda ficou numa confusão!

— Oh, Jane — exclamou Elizabeth —, houve um só criado da casa que não soubesse a história inteira antes do fim do dia?

— Não sei; espero que sim. Mas ser cautelosa num momento desses é muito difícil. Mamãe estava histérica; e embora eu me esforçasse por lhe dar toda a assistência ao meu alcance, receio não ter feito tanto quanto poderia. Mas o horror do que podia acontecer quase me tirou as faculdades.

— Os cuidados com ela foram demais para você. Você não parece bem. Oh, se eu estivesse com você! Teve todos os cuidados e ansiedades sobre os ombros sozinha.

— Mary e Kitty têm sido muito boas, e teriam partilhado de toda fadiga, tenho certeza, mas não achei certo para nenhuma das duas. Kitty é frágil e delicada, e Mary estuda tanto que as suas horas de repouso não devem ser interrompidas. Minha tia Philips veio a Longbourn na terça-feira, depois que papai partiu; e teve a bondade de ficar comigo até quinta. Foi de grande utilidade e conforto para todas nós, e lady Lucas tem sido muito bondosa: veio a pé aqui na quarta-feira de manhã para nos dar os pêsames, e ofereceu os seus serviços, ou os de qualquer das filhas, se pudessem nos ser úteis.

— Melhor teria sido que ficasse em casa — exclamou Elizabeth. — Talvez ela tivesse *boa* intenção, mas, numa

desgraça como esta, quanto menos se vê dos vizinhos, melhor. Ajuda é impossível; condolências, insuportáveis. Que triunfem sobre nós à distância, e se contentem com isso.

Passou então a indagar sobre as medidas que o pai pretendera tomar, em Londres, para recuperar a filha.

— Ele pretendia, creio — respondeu Jane —, ir a Epsom, o lugar onde eles trocaram de cavalos pela última vez, falar com os postilhões e ver se algo se podia apurar com eles. O seu principal objetivo devia ser descobrir o número do coche de aluguel que os levou de Clapham. Ele viera com um passageiro de Londres; e como papai achava que a circunstância de um cavalheiro e uma senhora passarem de uma carruagem para outra pudesse ter sido notada, pretendia fazer indagações em Clapham. Se conseguisse de algum modo descobrir em que casa o cocheiro deixara antes o passageiro, estava decidido a fazer indagações ali, e esperava que não fosse impossível descobrir o ponto e o número do coche. Não sei de nenhum outro plano que ele tenha formado; mas estava com tanta pressa de partir, e com o ânimo tão perturbado, que tive dificuldade em apurar sequer isto.

XLVIII



Toda a família tinha esperanças de receber uma carta do sr. Bennet na manhã seguinte, mas o correio chegou sem trazer uma única linha dele. Sabiam que, nas ocasiões comuns, ele era um correspondente dos mais negligentes e vagarosos; mas, numa hora como aquela, tinham esperado algum esforço. Foram forçados a concluir que ele não tinha notícias agradáveis a enviar; mas mesmo *disso* teriam gostado de ter certeza. O sr. Gardiner esperara apenas pelas cartas antes de partir.

Depois que ele se foi, tiveram ao menos a certeza de receber informações constantes sobre o que se passava; e o tio prometeu, na despedida, convencer o sr. Bennet a voltar a Longbourn assim que pudesse, para grande consolo da irmã, que considerava isso a única garantia de que o marido não seria morto num duelo.

A sra. Gardiner e as crianças ficariam em Hertfordshire mais alguns dias, pois ela julgava que sua presença poderia ser útil às sobrinhas. Dividia com elas os cuidados com a sra. Bennet e era um grande conforto nas horas livres. A outra tia também as visitava com frequência, e sempre, como dizia, com a intenção de animá-las e dar-lhes coragem — embora, como nunca chegasse sem relatar algum novo exemplo da extravagância ou das irregularidades de Wickham, raramente fosse embora sem deixá-las mais desalentadas do que as encontrara.

Toda Meryton parecia empenhada em denegrir o homem que, apenas três meses antes, fora quase um anjo de luz. Diziam que ele devia a todos os comerciantes do lugar, e suas intrigas, todas honradas com o título de sedução, haviam se estendido à família de cada um deles. Todos declaravam que era o jovem mais perverso do mundo; e todos começavam a descobrir que sempre haviam desconfiado da aparência de sua bondade. Elizabeth, embora não acreditasse nem na metade do que se dizia, acreditava o bastante para tornar ainda mais certa sua antiga convicção de que a irmã estava perdida; e até Jane, que acreditava em menos ainda, quase perdeu a esperança, sobretudo porque já chegara o momento em que, se tivessem ido

para a Escócia — coisa de que ela nunca desistira inteiramente —, com toda a probabilidade já teriam recebido alguma notícia deles.

O sr. Gardiner partiu de Longbourn no domingo; na terça-feira, sua esposa recebeu uma carta dele: contava que, ao chegar, encontrara imediatamente o cunhado e o persuadira a ir para Gracechurch Street. Que o sr. Bennet estivera em Epsom e em Clapham antes de sua chegada, mas sem obter nenhuma informação satisfatória; e que agora estava decidido a indagar em todos os principais hotéis de Londres, pois o sr. Bennet achava possível que tivessem se hospedado num deles ao chegarem à cidade, antes de arranjar alojamento. O próprio sr. Gardiner não esperava nenhum resultado dessa medida; mas, como o cunhado estava empenhado nela, pretendia ajudá-lo a levá-la adiante. Acrescentava que o sr. Bennet parecia, no momento, inteiramente avesso a deixar Londres, e prometia escrever de novo muito em breve. Havia também um pós-escrito nestes termos:

Elizabeth não teve dificuldade em compreender de onde vinha essa deferência à sua autoridade; mas não estava em seu poder dar nenhuma informação tão satisfatória quanto o elogio merecia.

Nunca ouvira falar que ele tivesse parentes, a não ser o pai e a mãe, ambos mortos havia muitos anos. Era possível, contudo, que alguns de seus companheiros do ----shire pudessem dar mais informações; e, embora ela não fosse muito otimista a esse respeito, a consulta era ao menos algo que se podia aguardar.

Cada dia em Longbourn era agora um dia de ansiedade; mas a parte mais ansiosa de cada um deles era quando se esperava o correio. A chegada das cartas era o primeiro grande objeto da impaciência de todas as manhãs. Pelas cartas, tudo de bom ou de mau que houvesse a contar seria comunicado; e esperava-se que cada novo dia trouxesse alguma notícia de importância.

Mas, antes que tivessem novas do sr. Gardiner, chegou uma carta para o pai, de outra procedência: do sr. Collins; e como Jane recebera instruções para abrir toda a correspondência que chegasse para ele durante sua ausência, ela a leu; e Elizabeth, que sabia que curiosidades eram sempre as cartas dele, leu-a também, por cima do ombro da irmã. Dizia o seguinte:

> "Sinto-me chamado, por nosso parentesco e por minha posição na vida, a condoer-me com o senhor pela dolorosa aflição que ora o acomete, da qual fomos informados ontem por uma carta de Hertfordshire. Esteja certo, meu caro senhor, de que a sra. Collins e eu nos solidarizamos sinceramente com o senhor, e com toda a sua respeitável família, em sua presente angústia, que há de ser das mais amargas, por provir de uma causa que nenhum tempo pode remover. Não faltarão argumentos de minha parte que possam aliviar tão severo infortúnio, ou que possam confortá-lo diante de uma circunstância que deve ser, entre todas, a mais aflitiva para o espírito de um pai. A morte de sua filha teria sido uma bênção em comparação com isto. E é tanto mais de lamentar porque há razões para supor, conforme me informa minha cara Charlotte, que essa licenciosidade de conduta de sua

> filha proveio de um grau defeituoso de indulgência; embora, ao mesmo tempo, para consolo seu e da sra. Bennet, eu me incline a pensar que a índole dela deve ser naturalmente má, ou não poderia ser culpada de tamanha enormidade em idade tão tenra. Seja como for, o senhor é digno de profunda compaixão; opinião em que me acompanham não só a sra. Collins, mas também lady Catherine e sua filha, a quem relatei o caso. Elas concordam comigo em temer que esse passo em falso de uma das filhas seja prejudicial à sorte de todas as outras: pois quem, como a própria lady Catherine condescendentemente observa, haverá de querer ligar-se a semelhante família? E essa consideração me leva, além disso, a refletir, com satisfação redobrada, sobre certo acontecimento de novembro passado; pois, se tivesse sido de outro modo, eu estaria agora envolvido em todo o seu pesar e desonra. Permita-me aconselhá-lo, pois, meu caro senhor, a consolar-se o quanto possível, a expulsar para sempre de seu afeto a filha indigna, e a deixá-la colher os frutos de sua própria ofensa hedionda.
>
> "Sou, caro senhor," etc., etc.

O sr. Gardiner só voltou a escrever depois de receber a resposta do coronel Forster; e então não tinha nada de agradável a comunicar. Não se sabia que Wickham tivesse um único parente com quem mantivesse qualquer relação, e era certo que não tinha nenhum parente próximo vivo. Suas antigas amizades haviam sido numerosas; mas, desde que entrara para a milícia, não parecia ter travado amizade particular com nenhuma delas. Não havia, portanto, ninguém que se pudesse apontar como capaz de dar notícias dele. E, no

estado lastimável de suas próprias finanças, havia um motivo muito poderoso para o segredo, além do medo de ser descoberto pelos parentes de Lydia; pois acabara de vir à tona que ele deixara para trás dívidas de jogo de valor muito considerável. O coronel Forster acreditava que seriam necessárias mais de mil libras para saldar suas despesas em Brighton. Devia bastante na cidade, mas suas dívidas de honra eram ainda mais formidáveis. O sr. Gardiner não tentou esconder esses pormenores da família de Longbourn; Jane os ouviu com horror. — Um jogador! — exclamou. — Isso é totalmente inesperado; eu não fazia a menor ideia.

O sr. Gardiner acrescentava, na carta, que podiam esperar o pai em casa no dia seguinte, que era sábado. Desanimado pelo insucesso de todos os esforços, ele cedera às súplicas do cunhado para que voltasse para junto da família e deixasse a seu cargo fazer o que a ocasião sugerisse como aconselhável para continuar as buscas. Quando a sra. Bennet soube disso, não manifestou tanta satisfação quanto as filhas esperavam, considerando o que fora antes sua ansiedade pela vida do marido.

— O quê! Ele está voltando para casa, e sem a pobre Lydia? — exclamou. — Decerto ele não vai deixar Londres antes de encontrá-los. Quem vai lutar com Wickham e obrigá-lo a se casar com ela, se ele vier embora?



Como a sra. Gardiner começava a desejar estar em casa, ficou combinado que ela e os filhos iriam para Londres ao mesmo tempo que o sr. Bennet voltaria de lá. A carruagem, portanto, levou-os na primeira etapa da viagem e trouxe seu dono de volta a Longbourn.

A sra. Gardiner partiu com toda a perplexidade a respeito de Elizabeth e seu amigo de Derbyshire que a acompanhava desde aquela parte do mundo. O nome dele nunca fora mencionado espontaneamente pela sobrinha diante deles; e a espécie de meia-expectativa que a sra. Gardiner formara, de que seriam seguidos por uma carta dele, terminara em nada. Elizabeth não recebera nenhuma, desde a volta, que pudesse vir de Pemberley.

O estado infeliz em que a família se encontrava tornava desnecessária qualquer outra desculpa para o

abatimento de seu ânimo; nada, portanto, se podia conjeturar honestamente a partir *disso* — embora Elizabeth, que a essa altura conhecia razoavelmente bem os próprios sentimentos, tivesse perfeita consciência de que, se nada soubesse de Darcy, teria suportado um pouco melhor o pavor da infâmia de Lydia. Isso lhe teria poupado, pensava ela, uma noite insone em cada duas.

Quando o sr. Bennet chegou, tinha toda a aparência de sua habitual compostura filosófica. Falou tão pouco quanto sempre tivera o hábito de falar; não fez menção ao assunto que o levara embora; e passou algum tempo antes que as filhas tivessem coragem de tocar nele.

Só à tarde, quando ele se juntou a elas para o chá, foi que Elizabeth se arriscou a introduzir o assunto; e então, quando ela expressou brevemente seu pesar pelo que ele devia ter sofrido, ele respondeu: — Não fale disso. Quem deveria sofrer senão eu? A culpa foi minha, e é justo que eu a sinta.

— O senhor não deve ser severo demais consigo mesmo — replicou Elizabeth.

— Faz bem em me prevenir contra esse mal. A natureza humana é tão propensa a cair nele! Não, Lizzy, deixe-me sentir, uma vez na vida, o quanto fui culpado. Não tenho medo de ser esmagado pela impressão. Ela passará bem depressa.

— O senhor acha que eles estão em Londres?

— Sim; onde mais poderiam esconder-se tão bem?

— E Lydia sempre quis ir a Londres — acrescentou Kitty.

— Então ela está feliz — disse o pai, secamente —, e sua estada por lá provavelmente há de durar algum tempo.

Depois, após um breve silêncio, prosseguiu: — Lizzy, não lhe guardo rancor por ter tido razão no conselho que me deu em maio passado, o que, considerando o resultado, revela certa grandeza de espírito.

Foram interrompidos pela srta. Bennet, que veio buscar o chá da mãe.

— Eis uma encenação — exclamou ele — que faz bem à gente; dá tal elegância ao infortúnio! Outro dia farei o mesmo: vou sentar-me na biblioteca, de touca de dormir e roupão de pentear, e dar todo o trabalho que puder; ou talvez adie isso até que Kitty fuja de casa.

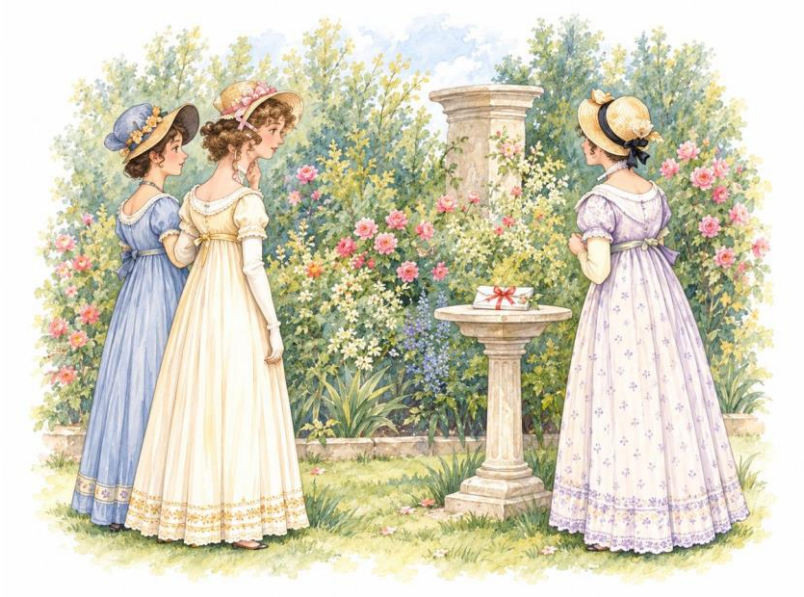
— Eu não vou fugir, papai — disse Kitty, aborrecida. — Se *eu* fosse a Brighton algum dia, me comportaria melhor do que Lydia.

— *Você*, ir a Brighton! Eu não a deixaria chegar nem tão perto quanto Eastbourne, nem por cinquenta libras! Não, Kitty, ao menos aprendi a ser cauteloso, e você sentirá os efeitos disso. Nenhum oficial há de entrar de novo em minha casa, nem sequer passar pela aldeia. Os bailes ficam absolutamente proibidos, a menos que você dance com uma de suas irmãs. E nunca mais porá o pé fora de casa enquanto não provar que passou dez minutos de cada dia de maneira racional.

Kitty, que levou todas essas ameaças a sério, começou a chorar.

— Bem, bem — disse ele —, não fique infeliz. Se for uma boa menina pelos próximos dez anos, eu a levarei a uma parada militar no fim deles.

XLIX



Dois dias depois do regresso do sr. Bennet, quando Jane e Elizabeth passeavam juntas pelo bosquete atrás da casa, viram a governanta vir em sua direção e, concluindo que ela vinha chamá-las para junto da mãe, adiantaram-se ao seu encontro; mas, em vez do chamado esperado, quando se aproximaram, ela disse à srta. Bennet: — Peço-lhe perdão, senhorita, por interrompê-la, mas tinha esperanças de que tivessem

recebido alguma boa notícia de Londres, e por isso tomei a liberdade de vir perguntar.

— O que quer dizer, Hill? Não recebemos nenhuma notícia de Londres.

— Minha cara senhorita — exclamou a sra. Hill, com grande espanto —, não sabe que chegou um mensageiro expresso do sr. Gardiner para o patrão? Já faz meia hora que está aqui, e o patrão recebeu uma carta.

As moças saíram correndo, ansiosas demais por entrar para ter tempo de falar. Atravessaram o vestíbulo até a sala de café; dali, até a biblioteca; o pai não estava em nenhuma das duas; e estavam a ponto de procurá-lo lá em cima, com a mãe, quando encontraram o mordomo, que disse:

— Se estão procurando o patrão, senhorita, ele foi passear na direção do pequeno bosque.

Com essa informação, atravessaram de novo o saguão imediatamente e correram pelo gramado atrás do pai, que seguia com passo deliberado rumo a uma pequena mata a um lado do cercado.

Jane, que não era tão leve nem tão habituada a correr quanto Elizabeth, logo ficou para trás, enquanto a irmã, ofegante, alcançava o pai e exclamava, ansiosa:

— Oh, papai, que notícias? Que notícias? O senhor teve notícias do meu tio?

— Sim, recebi uma carta dele por mensageiro expresso.

— E então, que notícias traz? Boas ou más?

— Que há de bom a esperar? — disse ele, tirando a carta do bolso. — Mas talvez você queira lê-la.

Elizabeth arrancou-a impacientemente de sua mão. Jane chegou nesse momento.



— Leia em voz alta — disse o pai —, pois eu mesmo mal sei do que se trata.

"Meu caro irmão,

"Finalmente posso enviar-lhe algumas notícias de minha sobrinha, e tais que, no conjunto, espero que lhe deem satisfação. Pouco depois de o senhor me deixar, no sábado, tive a sorte de descobrir em que parte de Londres eles estavam. Os pormenores reservo para quando nos encontrarmos. Basta saber que foram descobertos: vi os dois..."

— Então é como sempre esperei — exclamou Jane —, estão casados!

Elizabeth continuou a ler:

"EDW. GARDINER."

— Será possível? — exclamou Elizabeth, quando terminou. — Será possível que ele vá se casar com ela?

— Wickham não é tão indigno, então, quanto pensávamos — disse a irmã. — Meu querido pai, eu o felicito.

— E o senhor já respondeu à carta? — perguntou Elizabeth.

— Não; mas é preciso fazê-lo logo.

Com a maior seriedade ela lhe suplicou então que não perdesse mais tempo antes de escrever.

— Oh, meu querido pai — exclamou —, volte e escreva imediatamente. Considere como cada momento é importante num caso desses.

— Deixe que eu escreva pelo senhor — disse Jane —, se o incômodo lhe desagrada.

— Desagrada-me muito — respondeu ele —, mas é preciso fazê-lo.

E, dizendo isso, voltou com elas e caminhou em direção à casa.

— E... posso perguntar? — disse Elizabeth. — Mas as condições, suponho, terão de ser aceitas.

— Aceitas! Só me envergonho de ele pedir tão pouco.

— E eles *têm* de se casar! E no entanto ele é *um* homem daqueles.

— Sim, sim, têm de se casar. Não há mais nada a fazer. Mas há duas coisas que eu gostaria muito de saber: uma é quanto dinheiro seu tio desembolsou para conseguir isso; a outra, como é que eu vou pagar-lhe algum dia.

— Dinheiro! Meu tio! — exclamou Jane. — O que quer dizer, senhor?

— Quero dizer que nenhum homem em seu juízo perfeito se casaria com Lydia por tentação tão pequena quanto cem libras por ano enquanto eu viver, e cinquenta depois que eu morrer.

— É bem verdade — disse Elizabeth —, embora isso não me tivesse ocorrido antes. As dívidas dele pagas, e ainda sobrar alguma coisa! Oh, só pode ser obra do meu tio! Homem generoso e bom, receio que tenha se sacrificado. Uma quantia pequena não faria tudo isso.

— Não — disse o pai. — Wickham é um tolo se a aceita por um centavo a menos que dez mil libras: eu lamentaria pensar tão mal dele, logo no começo de nosso parentesco.

— Dez mil libras! Deus nos livre! Como se poderá pagar sequer metade de tal soma?

O sr. Bennet não respondeu; e cada um deles, mergulhado em pensamentos, continuou em silêncio até chegarem à casa. O pai foi então para a biblioteca escrever, e as moças entraram na sala de café.

— E eles vão mesmo se casar! — exclamou Elizabeth, assim que ficaram a sós. — Como isso é estranho! E é por *isso* que devemos ser gratas. Que se casem, por pequena que seja sua chance de felicidade e por desprezível que seja o caráter dele, somos forçadas a nos alegrar! Oh, Lydia!

— Consolo-me pensando — respondeu Jane — que ele certamente não se casaria com Lydia se não tivesse por ela verdadeira afeição. Embora nosso bom tio tenha feito alguma coisa para quitar as dívidas dele, não posso

acreditar que dez mil libras, ou algo parecido, tenham sido adiantadas. Ele tem filhos, e pode vir a ter mais. Como poderia dispor de metade de dez mil libras?

— Se algum dia conseguirmos saber quais foram as dívidas de Wickham — disse Elizabeth — e quanto ele assegurou, de sua parte, à nossa irmã, saberemos exatamente o que o sr. Gardiner fez por eles, porque Wickham não tem um tostão de seu. A bondade de meus tios nunca poderá ser retribuída. Levá-la para sua casa e dar-lhe sua proteção pessoal e seu apoio é um sacrifício tão grande em benefício dela que anos de gratidão não bastariam para reconhecê-lo. A esta altura ela já está mesmo com eles! Se tamanha bondade não a fizer sentir-se infeliz agora, ela nunca merecerá ser feliz! Que encontro para ela, quando vir minha tia pela primeira vez!

— Devemos nos esforçar para esquecer tudo o que se passou, de ambos os lados — disse Jane. — Espero e confio que ainda serão felizes. O fato de ele consentir em casar-se com ela é uma prova, quero crer, de que chegou a uma maneira correta de pensar. A afeição mútua lhes dará firmeza; e gosto de pensar que se estabelecerão tão tranquilamente, e viverão de maneira tão sensata, que com o tempo a imprudência passada será esquecida.

— A conduta deles foi tal — respondeu Elizabeth — que nem você, nem eu, nem ninguém poderá esquecê-la jamais. É inútil falar nisso.

Ocorreu então às moças que a mãe muito provavelmente ignorava por completo o que acontecera. Foram, portanto, à biblioteca e

perguntaram ao pai se ele não desejava que lhe dessem a notícia. Ele estava escrevendo e, sem levantar a cabeça, respondeu friamente:

— Como quiserem.

— Podemos levar a carta do meu tio para ler para ela?

— Levem o que quiserem, e saiam daqui.

Elizabeth pegou a carta na escrivaninha, e as duas subiram juntas. Mary e Kitty estavam ambas com a sra. Bennet: uma única comunicação, portanto, serviria para todas. Depois de uma ligeira preparação para as boas notícias, a carta foi lida em voz alta. A sra. Bennet mal conseguia conter-se. Assim que Jane leu a esperança do sr. Gardiner de que Lydia logo se casasse, sua alegria explodiu, e cada frase seguinte aumentava a exuberância. Estava agora numa agitação tão violenta de contentamento quanto antes estivera inquieta de alarme e aflição. Saber que a filha ia se casar bastava. Não a perturbava nenhum temor pela felicidade dela, nem a humilhava nenhuma lembrança de seu mau comportamento.

— Minha querida, querida Lydia! — exclamou. — Isto é mesmo uma delícia! Ela vai se casar! Vou vê-la de novo! Vai se casar aos dezesseis anos! Meu bom e generoso irmão! Eu sabia que seria assim... sabia que ele daria jeito em tudo. Como anseio por vê-la! E por ver o querido Wickham também! Mas as roupas, o enxoval de casamento! Vou escrever à minha irmã Gardiner sobre isso agora mesmo. Lizzy, minha querida, corra lá embaixo e pergunte a seu pai quanto ele vai dar a ela. Espere, espere, eu mesma vou. Toque a campainha, Kitty, chame Hill. Num instante me visto. Minha querida,

querida Lydia! Como vamos nos divertir juntas quando nos encontrarmos!

A filha mais velha procurou dar algum alívio à violência desses transportes, dirigindo os pensamentos da mãe para as obrigações que o comportamento do sr. Gardiner impunha a todos eles.

— Pois devemos atribuir esta feliz conclusão — acrescentou — em grande medida à bondade dele. Estamos convencidas de que ele se comprometeu a ajudar o sr. Wickham com dinheiro.

— Ora — exclamou a mãe —, está tudo muito certo; quem haveria de fazê-lo senão o próprio tio dela? Se ele não tivesse família, eu e meus filhos ficaríamos com todo o dinheiro dele, como vocês sabem; e é a primeira vez que recebemos alguma coisa dele, além de uns poucos presentes. Ora! Estou tão feliz. Em pouco tempo terei uma filha casada. Sra. Wickham! Como soa bem! E ela só fez dezesseis anos em junho passado. Minha querida Jane, estou tão agitada que tenho certeza de que não consigo escrever; então vou ditar, e você escreve por mim. Depois acertamos com seu pai a questão do dinheiro; mas as coisas devem ser encomendadas imediatamente.

Passou então a todos os pormenores de chita, musselina e cambraia, e logo teria ditado encomendas muito fartas, se Jane, embora com alguma dificuldade, não a tivesse persuadido a esperar até que o pai estivesse livre para ser consultado. Um dia de atraso, observou, teria pouca importância; e a mãe estava feliz demais para ser tão obstinada quanto de costume. Outros planos também lhe vieram à cabeça.

— Vou a Meryton — disse ela — assim que estiver vestida, contar a boa, boa notícia à minha irmã Philips. E na volta posso passar na casa de lady Lucas e da sra. Long. Kitty, corra lá embaixo e mande preparar a carruagem. Tomar um pouco de ar vai me fazer muito bem, tenho certeza. Meninas, posso fazer alguma coisa por vocês em Meryton? Oh! Aí vem Hill. Minha cara Hill, já soube da boa notícia? A srta. Lydia vai se casar; e todos vocês terão uma tigela de ponche para festejar o casamento dela.

A sra. Hill começou imediatamente a manifestar sua alegria. Elizabeth recebeu seus cumprimentos entre os demais e depois, farta de toda aquela tolice, refugiou-se no próprio quarto, para poder pensar em liberdade. A situação da pobre Lydia devia ser, na melhor das hipóteses, bastante ruim; mas, por não ser pior, ela precisava ser grata. E era; e embora, olhando para o futuro, não se pudesse esperar com justiça para a irmã nem felicidade racional nem prosperidade mundana, olhando para trás, para o que haviam temido apenas duas horas antes, ela sentia todas as vantagens do que haviam ganhado.

L



O sr. Bennet muitas vezes desejara, antes desse período de sua vida, ter posto de lado uma soma anual, em vez de gastar toda a sua renda, para melhor prover as filhas e a esposa, caso ela lhe sobrevivesse. Agora o desejava mais do que nunca. Tivesse cumprido seu dever nesse ponto, Lydia não precisaria dever ao tio o que de honra ou de crédito agora se pudesse comprar para ela. A satisfação de convencer um dos jovens mais

imprestáveis da Grã-Bretanha a tornar-se seu marido teria então recaído sobre quem de direito.

Preocupava-o seriamente que uma causa de tão pouco proveito para quem quer que fosse avançasse à custa exclusiva do cunhado; e estava decidido, se possível, a descobrir a extensão dessa ajuda e a saldar a obrigação assim que pudesse.

Quando o sr. Bennet se casou, a economia era tida como perfeitamente inútil; pois, naturalmente, haveriam de ter um filho. Esse filho se juntaria ao pai para romper o vínculo assim que atingisse a maioridade, e a viúva e os filhos mais novos ficariam, por esse meio, amparados. Cinco filhas vieram ao mundo, uma após a outra, mas o filho ainda estava por chegar; e a sra. Bennet, por muitos anos depois do nascimento de Lydia, tivera certeza de que ele viria. Por fim perderam a esperança nesse acontecimento, mas então já era tarde demais para economizar. A sra. Bennet não tinha nenhuma inclinação para a economia; e só o amor do marido pela independência os impedira de gastar além da renda.

Cinco mil libras haviam sido asseguradas, pelo contrato de casamento, à sra. Bennet e aos filhos. Mas em que proporções essa soma seria dividida entre os últimos dependia da vontade dos pais. Esse era um ponto que, ao menos quanto a Lydia, devia agora ser resolvido, e o sr. Bennet não podia hesitar em aceder à proposta que tinha diante de si. Em termos de grato reconhecimento pela bondade do cunhado, embora expressos da maneira mais concisa, ele pôs então no papel sua inteira aprovação a tudo o que fora feito, e sua

disposição de cumprir os compromissos assumidos em seu nome. Nunca antes supusera que, caso Wickham se deixasse persuadir a casar-se com sua filha, isso se faria com tão pouco transtorno para ele quanto pelo presente arranjo. Mal perderia dez libras por ano com as cem que lhes seriam pagas; pois, entre o sustento dela, a mesada e os contínuos presentes em dinheiro que lhe chegavam pelas mãos da mãe, as despesas de Lydia haviam ficado muito pouco abaixo dessa quantia.

Que tudo se fizesse também com tão insignificante esforço de sua parte era outra surpresa muito bem-vinda; pois seu principal desejo, no momento, era ter o menor trabalho possível com o assunto. Passados os primeiros transportes de cólera que haviam produzido sua atividade em procurá-la, ele voltou naturalmente a toda a sua antiga indolência. A carta foi logo despachada; pois, embora vagaroso em empreender negócios, era rápido em executá-los. Pedia para saber mais pormenores do que devia ao cunhado; mas estava zangado demais com Lydia para lhe mandar qualquer recado.

A boa notícia espalhou-se depressa pela casa; e com velocidade proporcional pela vizinhança. Nesta, foi recebida com decente filosofia. Sem dúvida, teria sido mais proveitoso para a conversação que a srta. Lydia Bennet tivesse caído na vida; ou, como alternativa mais feliz, que fosse recolhida do mundo em alguma fazenda distante. Mas havia muito o que dizer sobre seu casamento; e os votos bondosos por seu bem-estar, que antes partiam de todas as velhas maldosas de Meryton, pouco perderam do vigor com essa mudança de

circunstâncias, porque com semelhante marido sua desgraça era considerada certa.

Fazia quinze dias que a sra. Bennet não descia, mas nesse dia feliz ela retomou seu lugar à cabeceira da mesa, com um ânimo opressivamente elevado. Nenhum sentimento de vergonha esfriava seu triunfo. O casamento de uma filha, que fora o primeiro objeto de seus desejos desde que Jane completara dezesseis anos, estava agora a ponto de realizar-se, e seus pensamentos e suas palavras giravam inteiramente em torno dos acessórios de núpcias elegantes: musselinas finas, carruagens novas e criados. Andava atarefada, vasculhando a vizinhança em busca de uma casa adequada para a filha; e, sem saber nem considerar qual seria a renda do casal, rejeitou muitas por deficientes em tamanho e importância.

— Haye Park poderia servir — dizia ela —, se os Goulding a deixassem, ou a casa grande de Stoke, se a sala de visitas fosse maior; mas Ashworth é longe demais. Eu não suportaria tê-la a dez milhas de mim; e quanto a Purvis Lodge, os sótãos são horríveis.

O marido deixou-a falar sem interrupção enquanto os criados permaneceram na sala. Mas, quando eles se retiraram, disse-lhe: — Sra. Bennet, antes que a senhora alugue qualquer uma dessas casas, ou todas elas, para seu filho e sua filha, cheguemos a um entendimento claro. Em *uma* casa desta vizinhança eles jamais terão entrada. Não vou encorajar a imprudência de nenhum dos dois recebendo-os em Longbourn.

Uma longa disputa seguiu-se a essa declaração; mas o sr. Bennet foi firme: ela logo levou a outra; e a sra.

Bennet descobriu, com espanto e horror, que o marido não adiantaria um guinéu para comprar roupas para a filha. Ele protestou que ela não receberia dele, na ocasião, nenhuma prova de afeto, qualquer que fosse. A sra. Bennet mal conseguia compreender. Que a raiva dele pudesse ser levada a tal ponto de inconcebível ressentimento a ponto de recusar à filha um privilégio sem o qual seu casamento mal pareceria válido excedia tudo o que ela podia acreditar possível. Estava mais sensível à desonra que a falta de roupas novas haveria de lançar sobre as núpcias da filha do que a qualquer sentimento de vergonha por ela ter fugido e vivido com Wickham durante quinze dias antes de se realizarem.

Elizabeth lamentava agora de todo o coração ter sido levada, pela angústia do momento, a pôr o sr. Darcy a par de seus temores pela irmã; pois, como o casamento daria em tão pouco tempo o desfecho apropriado à fuga, podiam esperar esconder seu começo desfavorável de todos os que não estivessem presentes no local.

Não temia que a notícia se espalhasse por meio dele. Havia poucas pessoas em cuja discrição ela confiaria com mais segurança; mas, ao mesmo tempo, não havia ninguém cujo conhecimento da fraqueza de uma irmã a mortificasse tanto. Não, porém, por qualquer temor de prejuízo individual para si mesma; pois, de qualquer modo, parecia haver entre eles um abismo intransponível. Ainda que o casamento de Lydia tivesse sido concluído nos termos mais honrosos, não se podia supor que o sr. Darcy quisesse ligar-se a uma família em que, a todas as outras objeções, agora se acrescentaria

uma aliança e um parentesco dos mais próximos com o homem que ele tão justamente desprezava.

De semelhante ligação, ela não podia estranhar que ele se afastasse. O desejo de conquistar sua estima, que ela se convencera de que ele sentia em Derbyshire, não podia, em expectativa racional, sobreviver a um golpe como esse. Sentia-se humilhada, sentia-se aflita; arrependia-se, embora mal soubesse de quê. Tornou-se ciosa da estima dele quando já não podia esperar beneficiar-se dela. Queria ter notícias suas quando parecia haver a menor chance de obtê-las. Estava convencida de que poderia ter sido feliz com ele quando já não era provável que se encontrassem.

Que triunfo para ele, pensava ela muitas vezes, se pudesse saber que a proposta que ela orgulhosamente rejeitara apenas quatro meses antes seria agora recebida com alegria e gratidão! Ele era tão generoso, ela não duvidava, quanto o mais generoso de seu sexo. Mas, enquanto fosse mortal, haveria de sentir um triunfo.

Começava agora a compreender que ele era exatamente o homem que, em índole e talentos, mais lhe convinha. A inteligência e o temperamento dele, embora diferentes dos seus, teriam correspondido a todos os seus desejos. Era uma união que teria sido vantajosa para ambos: pela naturalidade e vivacidade dela, o espírito dele poderia ter-se abrandado, suas maneiras melhorado; e do juízo, da instrução e do conhecimento de mundo dele, ela teria recebido benefício de maior importância.

Mas nenhum casamento tão feliz poderia agora ensinar à multidão admirada o que era realmente a felicidade conjugal. Uma união de tendência bem diversa, e que excluía a possibilidade da outra, estava prestes a se formar em sua família.

Como Wickham e Lydia haveriam de sustentar-se numa independência tolerável, ela não conseguia imaginar. Mas quão pouca felicidade duradoura poderia caber a um casal unido apenas porque suas paixões eram mais fortes que sua virtude, isso ela podia conjeturar com facilidade.

O sr. Gardiner logo escreveu de novo ao cunhado. Aos agradecimentos do sr. Bennet, respondeu brevemente, com garantias de seu empenho em promover o bem-estar de qualquer membro da família; e concluía com o pedido de que o assunto nunca mais lhe fosse mencionado. O propósito principal da carta era informá-los de que o sr. Wickham resolvera deixar a milícia.

"E. GARDINER."

O sr. Bennet e as filhas viam todas as vantagens da saída de Wickham do ----shire com tanta clareza quanto o sr. Gardiner. Mas a sra. Bennet não ficou tão satisfeita com isso. Que Lydia se estabelecesse no norte, justamente quando ela esperava o maior prazer e orgulho em sua companhia — pois de modo algum desistira do plano de que residissem em Hertfordshire —, era uma severa decepção; e, além disso, era uma pena

tão grande que Lydia fosse tirada de um regimento onde conhecia todo mundo e tinha tantos favoritos.

— Ela gosta tanto da sra. Forster — dizia —, vai ser um choque mandá-la embora! E há vários rapazes, também, de quem ela gosta muito. Os oficiais talvez não sejam tão agradáveis no regimento do general ----.

O pedido da filha, pois assim se podia considerar, de ser admitida de novo na família antes de partir para o norte, recebeu a princípio uma negativa absoluta. Mas Jane e Elizabeth, que concordavam em desejar, pelos sentimentos e pela posição da irmã, que os pais lhe dessem alguma atenção por ocasião do casamento, insistiram com ele tão seriamente, e ao mesmo tempo com tanta sensatez e brandura, para que recebesse Lydia e o marido em Longbourn assim que estivessem casados, que ele se deixou convencer a pensar como elas pensavam e a agir como elas desejavam. E a mãe teve a satisfação de saber que poderia exibir a filha casada na vizinhança antes que ela fosse banida para o norte. Quando o sr. Bennet escreveu de novo ao cunhado, portanto, enviou sua permissão para que viessem; e ficou combinado que, assim que a cerimônia terminasse, seguiriam para Longbourn. Elizabeth ficou surpresa, porém, de que Wickham consentisse em tal plano; e, se consultasse apenas a própria inclinação, qualquer encontro com ele seria o último de seus desejos.

LI



Chegou o dia do casamento da irmã; e Jane e Elizabeth provavelmente sentiram por ela mais do que ela própria sentia. A carruagem foi enviada para buscá-los em ----, e eles deviam voltar nela à hora do jantar. As srtas. Bennet mais velhas temiam sua chegada — sobretudo Jane, que atribuía a Lydia os sentimentos que teriam sido os seus, se *ela* fosse a culpada, e sofria só de pensar no que a irmã devia estar suportando.

Eles chegaram. A família estava reunida na sala de café para recebê-los. Sorrisos enfeitavam o rosto da sra. Bennet quando a carruagem parou à porta; o marido parecia impenetravelmente grave; as filhas, alarmadas, ansiosas, inquietas.

A voz de Lydia ouviu-se no vestíbulo; a porta escancarou-se, e ela entrou correndo na sala. A mãe adiantou-se, abraçou-a e deu-lhe as boas-vindas com arrebatamento; estendeu a mão, com um sorriso afetuoso, a Wickham, que seguia a esposa; e desejou felicidades a ambos, com uma prontidão que não demonstrava a menor dúvida quanto à felicidade deles.

A recepção do sr. Bennet, a quem se dirigiram em seguida, não foi tão cordial. Seu semblante antes ganhou em austeridade; e ele mal abriu os lábios. A desenvoltura tranquila do jovem casal, na verdade, era o bastante para provocá-lo.

Elizabeth estava enojada, e até a srta. Bennet ficou chocada. Lydia continuava sendo Lydia: indomada, desavergonhada, exaltada, barulhenta e destemida. Voltava-se de uma irmã para outra, exigindo seus cumprimentos; e quando, por fim, todos se sentaram, olhou avidamente em volta da sala, notou alguma pequena alteração nela e observou, rindo, que fazia muito tempo que não estava ali.

Wickham não estava nem um pouco mais constrangido do que ela; mas seus modos eram sempre tão agradáveis que, se seu caráter e seu casamento fossem exatamente o que deviam ser, seus sorrisos e seu trato desembaraçado, ao reivindicar o parentesco,

teriam encantado a todos. Elizabeth não o julgara antes capaz de tamanho desembaraço; mas sentou-se, resolvendo consigo mesma não pôr, no futuro, limites à impudência de um homem impudente. *Ela* corou, e Jane corou; mas as faces dos dois que causavam o seu embaraço não sofreram nenhuma variação de cor.

Não faltou conversa. A noiva e a mãe não conseguiam falar depressa o bastante; e Wickham, que por acaso ficou sentado perto de Elizabeth, começou a perguntar por seus conhecidos da vizinhança, com uma naturalidade bem-humorada que ela se sentia muito incapaz de igualar nas respostas. Cada um dos dois parecia ter as recordações mais felizes do mundo. Nada do passado era lembrado com dor; e Lydia conduzia espontaneamente a conversa para assuntos a que as irmãs não fariam alusão por nada deste mundo.

— Pensar que já faz três meses — exclamou — que fui embora! Parece que foram só quinze dias, juro; e no entanto aconteceram coisas bastantes nesse tempo. Santo Deus! Quando fui embora, com certeza eu não fazia a menor ideia de que estaria casada quando voltasse! Embora achasse que seria muito divertido se estivesse.

O pai ergueu os olhos, Jane ficou aflita, Elizabeth olhou de modo expressivo para Lydia; mas ela, que nunca ouvia nem via nada a que preferisse ficar insensível, prosseguiu alegremente:

— Oh, mamãe, as pessoas daqui sabem que me casei hoje? Eu tinha medo de que não soubessem; e nós ultrapassamos William Goulding no cabriolé dele, então

fiquei decidida a que ele soubesse, e por isso baixei o vidro do lado dele, tirei a luva e deixei a mão pousada de leve na moldura da janela, para que ele visse a aliança, e então fiz uma reverência e sorri como nunca.

Elizabeth não pôde suportar mais. Levantou-se e saiu correndo da sala; e só voltou quando os ouviu atravessar o saguão rumo à sala de jantar. Juntou-se a eles então a tempo de ver Lydia, com ansiosa ostentação, encaminhar-se para a direita da mãe, e de ouvi-la dizer à irmã mais velha:

— Ah, Jane, agora eu tomo o seu lugar, e você tem de sentar-se mais abaixo, porque sou uma mulher casada.

Não era de supor que o tempo desse a Lydia aquele embaraço de que ela estivera tão inteiramente livre a princípio. Sua desenvoltura e seu bom humor aumentaram. Ansiava por ver a sra. Philips, os Lucas e todos os outros vizinhos, e por ouvir-se chamada de "sra. Wickham" por cada um deles; e, enquanto isso, foi depois do jantar mostrar a aliança e gabar-se de estar casada à sra. Hill e às duas criadas.

— Então, mamãe — disse ela, quando todos voltaram à sala de café —, o que acha do meu marido? Não é um homem encantador? Tenho certeza de que todas as minhas irmãs devem me invejar. Só espero que tenham metade da minha sorte. Todas elas têm de ir a Brighton. É lá o lugar para arranjar marido. Que pena, mamãe, que não fomos todas!

— É bem verdade; e se dependesse de mim teríamos ido. Mas, minha querida Lydia, não gosto nada de você ir para tão longe. Tem de ser assim?

— Ah, meu Deus, sim; não tem nada de mais. Vou gostar mais do que de tudo. A senhora e papai, e minhas irmãs, têm de ir nos visitar. Ficaremos em Newcastle o inverno inteiro, e imagino que haverá alguns bailes, e cuidarei de arranjar bons pares para todas elas.

— Eu gostaria disso mais do que de qualquer coisa! — disse a mãe.

— E depois, quando a senhora for embora, pode deixar uma ou duas das minhas irmãs conosco; e imagino que vou arranjar marido para elas antes que o inverno acabe.

— Agradeço-lhe a minha parte no favor — disse Elizabeth —, mas não aprecio particularmente o seu modo de arranjar maridos.

Os visitantes não deviam ficar mais de dez dias com eles. O sr. Wickham recebera sua patente antes de deixar Londres e devia juntar-se ao regimento ao fim de quinze dias.

Ninguém, a não ser a sra. Bennet, lamentou que a estada fosse tão curta; e ela aproveitou o tempo ao máximo, fazendo visitas com a filha e oferecendo reuniões muito frequentes em casa. Essas reuniões agradavam a todos; evitar o círculo familiar era ainda mais desejável para os que pensavam do que para os que não pensavam.

A afeição de Wickham por Lydia era exatamente o que Elizabeth esperara encontrar: não igual à de Lydia por ele. Ela mal precisara da observação presente para convencer-se, pela lógica das coisas, de que a fuga fora provocada pela força do amor dela, e não do dele; e teria

se perguntado por que, sem gostar dela com paixão, ele escolhera fugir com ela, se não tivesse certeza de que sua fuga se tornara necessária pelo aperto das circunstâncias; e, sendo esse o caso, ele não era o tipo de rapaz que resistisse à oportunidade de ter uma companhia.

Lydia era extremamente apegada a ele. Era o seu querido Wickham em todas as ocasiões; ninguém podia ser posto em competição com ele. Ele fazia tudo melhor do que ninguém no mundo; e ela tinha certeza de que ele mataria mais aves no primeiro de setembro do que qualquer outro no país.

Uma manhã, pouco depois da chegada deles, estando sentada com as duas irmãs mais velhas, ela disse a Elizabeth:

— Lizzy, eu nunca contei a *você* como foi o meu casamento, acho. Você não estava presente quando contei tudo a mamãe e às outras. Não está curiosa para saber como foi arranjado?

— Não, realmente — respondeu Elizabeth. — Acho que quanto menos se falar do assunto, melhor.

— Ora! Você é tão esquisita! Mas preciso contar como foi. Nós nos casamos, sabe, em St. Clement's, porque os aposentos de Wickham ficavam naquela paróquia. E ficou combinado que estaríamos todos lá às onze horas. Meu tio, minha tia e eu iríamos juntos; e os outros se encontrariam conosco na igreja.

— Bem, chegou a manhã de segunda-feira, e eu estava numa agitação! Tinha tanto medo, sabe, de que acontecesse alguma coisa para adiar tudo, e aí eu teria

ficado completamente louca. E lá estava minha tia, o tempo todo enquanto eu me vestia, pregando e falando sem parar, como se estivesse lendo um sermão. Mas eu não ouvia mais que uma palavra em dez, porque estava pensando, como você pode imaginar, no meu querido Wickham. Queria tanto saber se ele se casaria com o casaco azul.

— Bem, e então tomamos o café da manhã às dez, como de costume: achei que nunca ia acabar; pois, por falar nisso, você precisa saber que meu tio e minha tia foram horrivelmente desagradáveis todo o tempo em que fiquei com eles. Se quiser acreditar, não pus o pé fora de casa uma única vez, embora tenha ficado lá quinze dias. Nem uma reunião, nem um passeio, nem nada! É verdade que Londres estava meio vazia, mas, mesmo assim, o Little Theatre estava aberto.

— Bem, e então, justo quando a carruagem chegou à porta, meu tio foi chamado a negócios por aquele homem horrível, o sr. Stone. E aí, sabe, quando os dois se juntam, não acaba nunca. Bom, fiquei tão assustada que não sabia o que fazer, porque meu tio é que ia me entregar; e se passássemos da hora, não poderíamos nos casar o dia inteiro. Mas, por sorte, ele voltou dez minutos depois, e então partimos todos. Contudo, lembrei-me depois que, se ele *tivesse* sido impedido de ir, o casamento não precisaria ser adiado, porque o sr. Darcy poderia ter servido igualmente bem.

— O sr. Darcy! — repetiu Elizabeth, em completo espanto.

— Ah, sim! Ele ia até lá com Wickham, sabe. Mas, misericórdia! Esqueci completamente! Eu não devia ter dito uma palavra sobre isso. Prometi a eles tão solenemente! O que Wickham vai dizer? Era para ser um segredo tão grande!

— Se era para ser segredo — disse Jane —, não diga mais uma palavra sobre o assunto. Pode contar que não vou perguntar mais nada.

— Oh, certamente — disse Elizabeth, embora ardendo de curiosidade —, não lhe faremos nenhuma pergunta.

— Obrigada — disse Lydia —, porque, se fizessem, eu certamente contaria tudo, e aí Wickham ficaria tão zangado.

Diante de tal encorajamento para perguntar, Elizabeth foi forçada a colocar-se fora de tentação, fugindo dali.

Mas viver na ignorância sobre um ponto desses era impossível; ou, ao menos, era impossível não tentar obter informações. O sr. Darcy estivera no casamento de sua irmã. Era exatamente uma cena, e exatamente entre pessoas, em que ele aparentemente tinha menos o que fazer, e menos tentação de comparecer. Conjeturas sobre o significado disso, rápidas e desenfreadas, precipitaram-se em sua mente; mas nenhuma a satisfazia. As que mais lhe agradavam, por colocarem a conduta dele sob a luz mais nobre, pareciam as mais improváveis. Não podia suportar tal incerteza; e, pegando às pressas uma folha de papel, escreveu uma breve carta à tia, pedindo uma explicação

para o que Lydia deixara escapar, se isso fosse compatível com o segredo que se pretendera guardar.

— Não que eu *vá* me contentar — acrescentou para si mesma, ao terminar a carta —; e, minha cara tia, se a senhora não me contar de maneira honrosa, certamente terei de recorrer a truques e estratagemas para descobrir.

O delicado senso de honra de Jane não lhe permitia falar em particular com Elizabeth sobre o que Lydia deixara escapar; Elizabeth ficou contente com isso: até que se visse se suas indagações receberiam alguma satisfação, preferia ficar sem confidente.

LII



Elizabeth teve a satisfação de receber resposta à sua carta tão depressa quanto seria possível. Mal a tinha em mãos, correu para o pequeno bosque, onde havia menos risco de ser interrompida, sentou-se num dos bancos e preparou-se para ser feliz; pois a extensão da carta a convencia de que não continha uma negativa.

Minha querida sobrinha,

Acabo de receber a sua carta, e vou dedicar toda esta manhã a respondê-la, pois prevejo que *poucas* linhas não bastarão para o que tenho a lhe contar. Devo confessar que o seu pedido me surpreendeu; não o esperava de *você*. Não pense, porém, que estou zangada, pois quero apenas que saiba que eu não imaginava serem tais perguntas necessárias da *sua* parte. Se prefere não me entender, perdoe a minha impertinência. Seu tio está tão surpreso quanto eu; e só a convicção de que você era parte interessada no assunto lhe permitiu agir como agiu. Mas, se você é realmente inocente e ignorante de tudo, preciso ser mais explícita. No mesmo dia em que voltei de Longbourn, seu tio recebeu um visitante muito inesperado. O sr. Darcy apareceu, e ficou fechado com ele por várias horas. Tudo já havia terminado quando cheguei; de modo que a minha curiosidade não foi tão terrivelmente torturada quanto a *sua* parece ter sido. Ele veio dizer ao sr. Gardiner que havia descoberto onde estavam a sua irmã e o sr. Wickham, e que já tinha visto e conversado com ambos — com Wickham repetidas vezes, com Lydia uma só. Pelo que pude apurar, ele deixou Derbyshire apenas um dia depois de nós, e veio a Londres com a resolução de procurá-los. O motivo declarado era a sua convicção de que fora por culpa dele que a indignidade de Wickham não se tornara conhecida a ponto de impossibilitar que qualquer moça de caráter o amasse ou nele confiasse. Generosamente, atribuiu tudo ao seu orgulho equivocado, e confessou que antes julgara indigno de si expor ao mundo os seus atos particulares. O seu caráter deveria falar por si mesmo. Considerou, portanto, seu dever apresentar-se

e procurar remediar um mal que ele próprio havia causado. Se ele *tinha outro* motivo, estou certa de que jamais o desonraria. Passara alguns dias em Londres antes de conseguir encontrá-los; mas tinha algo que orientasse a sua busca, o que era mais do que *nós* tínhamos; e a consciência disso foi outra razão para resolver seguir-nos. Há uma senhora, ao que parece, uma certa sra. Younge, que algum tempo atrás foi preceptora da srta. Darcy, e que foi dispensada do cargo por algum motivo de reprovação, embora ele não dissesse qual. Ela alugou então uma casa grande na Edward Street, e desde então sustenta-se alugando quartos. Essa sra. Younge era, ele sabia, íntima de Wickham; e foi procurá-la em busca de notícias dele assim que chegou a Londres. Mas levou dois ou três dias para conseguir dela o que queria. Ela não trairia a confiança que lhe fora depositada, suponho, sem suborno e corrupção, pois de fato sabia onde o amigo podia ser encontrado. Wickham, com efeito, a tinha procurado logo que chegaram a Londres; e, se ela pudesse recebê-los em sua casa, teriam se instalado lá. Por fim, contudo, o nosso bondoso amigo obteve o endereço desejado. Estavam na rua ----. Ele viu Wickham, e depois insistiu em ver Lydia. O seu primeiro objetivo com ela, reconheceu, fora persuadi-la a abandonar a situação vergonhosa em que se encontrava e voltar para a família assim que esta consentisse em recebê-la, oferecendo a sua ajuda até onde pudesse chegar. Mas encontrou Lydia absolutamente decidida a ficar onde estava. Não se importava com nenhum dos seus; não queria ajuda alguma dele; não admitia ouvir falar em deixar Wickham. Tinha certeza de que se casariam mais cedo ou mais tarde, e pouco importava

quando. Sendo esses os sentimentos dela, só restava, pensou ele, garantir e apressar um casamento que, já na primeira conversa com Wickham, ele facilmente descobriu nunca ter sido intenção *dele*. Wickham confessou-se obrigado a deixar o regimento por causa de algumas dívidas de honra muito urgentes; e não teve escrúpulos em atribuir todas as más consequências da fuga de Lydia unicamente à tolice dela. Pretendia renunciar imediatamente à sua patente; e, quanto à sua situação futura, pouco podia conjecturar. Precisava ir para algum lugar, mas não sabia para onde, e sabia que não teria de que viver. O sr. Darcy perguntou-lhe por que não se casava logo com a sua irmã. Embora o sr. Bennet não fosse tido por muito rico, poderia fazer alguma coisa por ele, e a sua situação só teria a ganhar com o casamento. Mas descobriu, em resposta a essa pergunta, que Wickham ainda acalentava a esperança de fazer fortuna de modo mais eficaz por meio de um casamento em algum outro país. Em tais circunstâncias, porém, não era provável que resistisse à tentação de um alívio imediato. Encontraram-se várias vezes, pois havia muito a discutir. Wickham, é claro, queria mais do que poderia obter; mas por fim foi reduzido à razão. Uma vez tudo acertado entre *eles*, o passo seguinte do sr. Darcy foi pôr o seu tio a par do assunto, e ele foi primeiro à Gracechurch Street na noite anterior à minha volta. Mas o sr. Gardiner não pôde recebê-lo; e o sr. Darcy soube, ao indagar, que o seu pai ainda estava com ele, mas deixaria Londres na manhã seguinte. Não julgou o seu pai uma pessoa a quem pudesse consultar tão adequadamente quanto ao seu tio, e por isso adiou de bom grado o encontro para depois da partida daquele. Não deixou o nome, e até o dia seguinte só se

soube que um cavalheiro havia procurado o seu tio a negócios. No sábado, voltou. Seu pai tinha partido, seu tio estava em casa e, como já disse, conversaram longamente. Encontraram-se de novo no domingo, e então *eu* também o vi. Nada ficou inteiramente resolvido antes de segunda-feira; assim que ficou, o expresso foi despachado para Longbourn. Mas o nosso visitante foi muito obstinado. Imagino, Lizzy, que a obstinação seja, afinal, o verdadeiro defeito do seu caráter. Já o acusaram de muitos defeitos em diferentes ocasiões; mas *este* é o verdadeiro. Nada devia ser feito que não fosse por ele mesmo; embora eu esteja certa (e não digo isso para ser agradecida, portanto não fale nada a respeito) de que o seu tio teria resolvido tudo de muito boa vontade. Discutiram por muito tempo, o que era mais do que mereciam o cavalheiro e a dama envolvidos no caso. Mas por fim o seu tio foi obrigado a ceder e, em vez de lhe permitirem ser útil à sobrinha, teve de se contentar apenas com o provável crédito da coisa, o que lhe ia inteiramente contra a vontade; e creio sinceramente que a sua carta desta manhã lhe deu grande prazer, porque exigia uma explicação que o despojaria das penas emprestadas e daria o louvor a quem de direito. Mas, Lizzy, isto não deve ir além de você, ou de Jane, no máximo. Você sabe muito bem, suponho, o que foi feito pelos dois jovens. As dívidas dele devem ser pagas, e somam, creio, consideravelmente mais de mil libras; outras mil, além das que já lhe cabiam, foram assentadas em nome *dela*; e a patente dele foi comprada. A razão pela qual tudo isso devia ser feito por ele sozinho foi a que expus acima. Fora por culpa dele, da sua reserva e da falta da devida consideração, que o caráter de Wickham tinha

sido tão mal compreendido e, por consequência, que ele fora recebido e distinguido como fora. Talvez haja alguma verdade *nisso*; embora eu duvide de que a reserva *dele*, ou a reserva de *quem quer que seja*, possa responder pelo ocorrido. Mas, apesar de todo esse belo discurso, minha querida Lizzy, pode ficar perfeitamente segura de que o seu tio jamais teria cedido se não lhe tivéssemos atribuído *outro interesse* no caso. Quando tudo isso ficou resolvido, ele voltou para junto dos amigos, que ainda estavam em Pemberley; mas ficou combinado que estaria em Londres outra vez quando o casamento se realizasse, e todas as questões de dinheiro receberiam então o acabamento final. Creio que agora já lhe contei tudo. É um relato que, segundo você me diz, há de causar-lhe grande surpresa; espero ao menos que não lhe cause desagrado algum. Lydia veio ficar conosco, e Wickham teve entrada constante na casa. *Ele* era exatamente o que fora quando o conheci em Hertfordshire; mas eu não lhe diria quão pouco fiquei satisfeita com o comportamento *dela* enquanto esteve conosco, se não tivesse percebido, pela carta de Jane da última quarta-feira, que a sua conduta ao chegar em casa foi exatamente da mesma têmpera, e portanto o que lhe conto agora não pode causar-lhe nenhuma dor nova. Falei com ela repetidas vezes, do modo mais sério, mostrando-lhe a maldade do que havia feito e toda a infelicidade que trouxera à família. Se me ouviu, foi por sorte, pois tenho certeza de que não prestou atenção. Às vezes eu ficava bastante irritada; mas então me lembrava das minhas queridas Elizabeth e Jane, e, por amor a elas, tinha paciência com ela. O sr. Darcy foi pontual na volta e, como Lydia lhe informou, assistiu ao casamento. Jantou conosco no dia

seguinte, e devia deixar Londres novamente na quarta ou quinta-feira. Vai ficar muito zangada comigo, minha querida Lizzy, se eu aproveitar esta oportunidade para dizer (o que nunca tive ousadia de dizer antes) o quanto gosto dele? O seu comportamento conosco foi, em todos os aspectos, tão agradável quanto quando estávamos em Derbyshire. A sua inteligência e as suas opiniões me agradam inteiramente; só lhe falta um pouco mais de vivacidade, e *isso*, se ele se casar *com prudência*, a esposa poderá ensinar-lhe. Achei-o muito dissimulado; quase nunca mencionou o seu nome. Mas a dissimulação parece estar na moda. Peço que me perdoe, se fui muito presunçosa, ou ao menos não me castigue a ponto de me excluir de P. Nunca serei inteiramente feliz enquanto não tiver dado a volta completa ao parque. Um faetonte baixo, com um belo par de pôneis, seria a coisa ideal. Mas não devo escrever mais. As crianças estão me chamando há meia hora.

Sua, muito sinceramente,

M. GARDINER.

O conteúdo desta carta lançou Elizabeth numa agitação de espírito em que era difícil determinar se o prazer ou a dor tinham a maior parte. As suspeitas vagas e inconstantes que a incerteza produzira sobre o que o sr. Darcy poderia ter feito para promover o casamento da irmã — suspeitas que ela temera alimentar, como um esforço de bondade grande demais para ser provável, e ao mesmo tempo receara que fossem justas, pela dor da obrigação — estavam provadas verdadeiras, e muito além do seu maior alcance! Ele os seguira de propósito até Londres, tomara sobre si todo o incômodo e a mortificação inerentes a tal busca; na qual fora preciso

suplicar a uma mulher que ele devia abominar e desprezar, e na qual se vira reduzido a encontrar, encontrar com frequência, argumentar, persuadir e por fim subornar o homem que sempre mais desejara evitar, e cujo simples nome lhe era um castigo pronunciar. Fizera tudo isso por uma moça a quem não podia ter nem consideração nem estima. O coração de Elizabeth lhe sussurrava que ele o fizera por ela. Mas era uma esperança logo refreada por outras considerações; e ela sentiu em breve que nem mesmo a sua vaidade bastava, quando se lhe exigia contar com o afeto dele por ela, uma mulher que já o havia recusado, como capaz de vencer um sentimento tão natural quanto a repugnância a um parentesco com Wickham. Cunhado de Wickham! Toda espécie de orgulho havia de se revoltar contra tal ligação. Ele fizera, sem dúvida, muito. Ela se envergonhava de pensar o quanto. Mas ele dera para a sua intervenção uma razão que não exigia nenhum esforço extraordinário de crença. Era razoável que sentisse ter errado; ele tinha generosidade, e tinha os meios de exercê-la; e, embora ela não se colocasse como o seu principal motivo, podia talvez acreditar que uma inclinação remanescente por ela pudesse ter auxiliado os seus esforços numa causa em que a paz de espírito dela estava materialmente envolvida. Era doloroso, extremamente doloroso, saber que estavam em dívida com uma pessoa que jamais poderia receber retribuição. Deviam a ele a recuperação de Lydia, a reputação dela, tudo. Oh, com que sinceridade ela lamentava cada sentimento ingrato que um dia alimentara, cada palavra atrevida que um dia lhe dirigira!

Quanto a si mesma, sentia-se humilhada; mas tinha orgulho dele — orgulho de que, numa causa de compaixão e de honra, ele tivesse sido capaz de vencer a si mesmo. Releu o elogio que a tia lhe fazia, vezes e vezes seguidas. Mal bastava; mas lhe dava prazer. Sentiu até certa satisfação, ainda que mesclada de pesar, ao descobrir com que firmeza tanto ela quanto o tio estavam persuadidos de que havia afeto e confiança entre o sr. Darcy e ela.

Foi arrancada do banco e das suas reflexões pela aproximação de alguém; e, antes que pudesse tomar outro caminho, foi alcançada por Wickham.

— Receio interromper o seu passeio solitário, minha cara irmã — disse ele, ao juntar-se a ela.

— Interrompe, com certeza — respondeu ela, sorrindo —; mas não se segue daí que a interrupção seja mal-vinda.

— Eu lamentaria muito, de fato, se fosse. Nós sempre fomos bons amigos, e agora somos ainda melhores.

— É verdade. Os outros também vêm?

— Não sei. A sra. Bennet e Lydia vão de carruagem a Meryton. Então, minha cara irmã, fiquei sabendo, pelos nossos tios, que a senhorita esteve realmente em Pemberley.

Ela respondeu que sim.

— Quase lhe invejo o prazer, e no entanto creio que seria demais para mim, ou então poderia passar por lá a caminho de Newcastle. E viu a velha governanta, suponho? Pobre Reynolds, sempre gostou muito de mim. Mas é claro que não lhe mencionou o meu nome.

— Mencionou, sim.

— E o que disse?

— Que o senhor tinha entrado para o exército, e que ela receava que... não tivesse dado bom resultado. A uma distância como *aquela*, o senhor sabe, as coisas são estranhamente deturpadas.

— Certamente — replicou ele, mordendo os lábios. Elizabeth esperava tê-lo silenciado; mas pouco depois ele disse:

— Fiquei surpreso ao ver Darcy em Londres no mês passado. Cruzamos um com o outro várias vezes. Pergunto-me o que ele poderia estar fazendo lá.

— Talvez preparando o seu casamento com a srta. de Bourgh — disse Elizabeth. — Deve ser algo de especial para levá-lo lá nesta época do ano.

— Sem dúvida. A senhorita o viu enquanto esteve em Lambton? Pareceu-me entender dos Gardiner que sim.

— Sim; ele nos apresentou à irmã.

— E gostou dela?

— Muito.

— Ouvi dizer, de fato, que ela melhorou extraordinariamente nestes últimos um ou dois anos. Da última vez que a vi, não prometia muito. Fico muito contente que tenha gostado dela. Espero que ela venha a dar bom resultado.

— Creio que sim; já passou da idade mais difícil.

— Passaram pela aldeia de Kympton?

— Não me lembro de termos passado.

— Menciono-a porque é o benefício que eu deveria ter recebido. Um lugar deliciosíssimo! Excelente presbitério! Ter-me-ia convindo em todos os sentidos.

— E o senhor teria gostado de fazer sermões?

— Extremamente. Eu o teria considerado parte do meu dever, e o esforço logo não seria nada. Não se deve lamentar; mas, com certeza, teria sido uma grande coisa para mim! A tranquilidade, o recolhimento de uma vida assim teriam correspondido a todas as minhas ideias de felicidade! Mas não estava destinado. Chegou a ouvir Darcy mencionar o caso quando esteve em Kent?

— *Ouvi* de uma fonte que julguei *igualmente boa* que o benefício lhe fora deixado apenas condicionalmente, e à vontade do atual patrono.

— Ouviu! Sim, havia algo *disso*; eu lhe disse desde o início, deve lembrar-se.

— *Ouvi* também que houve um tempo em que fazer sermões não lhe era tão agradável quanto parece ser agora; que o senhor chegou a declarar a sua resolução de nunca se ordenar, e que o assunto foi resolvido em conformidade com isso.

— Ouviu! E não era de todo sem fundamento. Deve lembrar-se do que lhe contei sobre esse ponto, quando falamos nisso pela primeira vez.

Estavam agora quase à porta da casa, pois ela caminhara depressa para livrar-se dele; e, sem querer provocá-lo, por consideração à irmã, ela apenas respondeu, com um sorriso bem-humorado:

— Vamos, sr. Wickham, somos irmãos, o senhor sabe. Não briguemos por causa do passado. No futuro, espero que estejamos sempre de acordo.

Ela estendeu-lhe a mão; ele a beijou com afetuosa galanteria, embora mal soubesse que expressão assumir, e entraram na casa.

LIII



O sr. Wickham ficou tão perfeitamente satisfeito com essa conversa que nunca mais se afligiu, nem provocou a sua cara irmã Elizabeth, tocando no assunto; e ela ficou contente ao perceber que dissera o bastante para mantê-lo calado.

O dia da partida dele e de Lydia logo chegou; e a sra. Bennet foi obrigada a submeter-se a uma separação que, como o marido de modo algum aderia ao seu plano de irem todos para Newcastle, provavelmente duraria pelo menos um ano.

— Oh, minha querida Lydia — exclamou ela —, quando nos veremos de novo?

— Oh, meu Deus! Não sei. Não nestes dois ou três anos, talvez.

— Escreva-me com muita frequência, minha querida.

— Tão frequentemente quanto puder. Mas a senhora sabe que as mulheres casadas nunca têm muito tempo para escrever. Minhas irmãs podem escrever para *mim*. Elas não terão mais nada que fazer.

As despedidas do sr. Wickham foram muito mais afetuosas do que as da esposa. Ele sorriu, mostrou-se bem-apessoado e disse muitas coisas bonitas.

— É um sujeito tão elegante — disse o sr. Bennet, assim que eles saíram da casa — quanto jamais vi. Sorri afetadamente, faz caretas de satisfação e corteja a todos nós. Tenho um orgulho prodigioso dele. Desafio até o próprio sir William Lucas a apresentar um genro mais valioso.

A perda da filha deixou a sra. Bennet muito abatida por vários dias.

— Penso muitas vezes — dizia ela — que não há nada tão ruim quanto separar-se dos entes queridos. A gente parece tão desamparada sem eles.

— É a consequência, a senhora vê, de casar uma filha — disse Elizabeth. — Deve deixá-la mais satisfeita por ter as outras quatro solteiras.

— Não é nada disso. Lydia não me deixa por estar casada, mas apenas porque o regimento do marido fica por acaso tão longe. Se fosse mais perto, ela não teria ido embora tão cedo.

Mas o estado de desânimo em que esse acontecimento a lançou foi aliviado em pouco tempo, e o seu espírito abriu-se de novo à agitação da esperança, graças a uma notícia que então começou a circular. A governanta de Netherfield recebera ordens de preparar-se para a chegada do patrão, que viria dentro de um ou dois dias, para caçar ali por várias semanas. A sra. Bennet não cabia em si de inquietação. Olhava para Jane, e sorria, e balançava a cabeça, alternadamente.

— Ora, ora, então o sr. Bingley está chegando, minha irmã — (pois fora a sra. Philips quem primeiro lhe trouxera a notícia). — Bem, tanto melhor. Não que eu me importe com isso, claro. Ele não é nada para nós, a senhora sabe, e garanto que não quero nunca mais vê-lo. Mas, enfim, ele é muito bem-vindo a Netherfield, se lhe apraz. E quem sabe o que *pode* acontecer? Mas isso não é nada para nós. A senhora sabe, minha irmã, que combinamos há muito tempo nunca mais dizer uma palavra sobre o assunto. E então, é bem certo que ele vem?

— Pode ter certeza — respondeu a outra —, pois a sra. Nichols esteve em Meryton ontem à noite: eu a vi passar, e saí de propósito para saber se era verdade; e ela me disse que era certíssimo. Ele chega na quinta-feira, o mais tardar, muito provavelmente na quarta. Ela ia ao açougue, disse-me, de propósito para encomendar carne para quarta-feira, e tem três casais de patos justamente no ponto de serem abatidos.

A srta. Bennet não pudera ouvir falar da vinda dele sem mudar de cor. Fazia muitos meses que não

mencionava o nome dele a Elizabeth; mas agora, assim que ficaram a sós, disse:

— Vi você olhar para mim hoje, Lizzy, quando a nossa tia nos contou o boato que corre; e sei que pareci perturbada; mas não imagine que foi por algum motivo tolo. Fiquei confusa só por um instante, porque senti que *seria* observada. Asseguro-lhe que a notícia não me afeta nem com prazer nem com dor. Alegro-me com uma coisa: que ele venha sozinho; porque assim o veremos menos. Não que eu tenha medo de *mim mesma*, mas receio os comentários dos outros.

Elizabeth não sabia o que pensar daquilo. Se não o tivesse visto em Derbyshire, poderia supô-lo capaz de vir ali sem outro propósito além do declarado; mas ainda o julgava inclinado a Jane, e hesitava quanto ao que seria mais provável: que ele viesse *com* a permissão do amigo, ou que fosse ousado o bastante para vir sem ela.

"Mas é duro", pensava ela às vezes, "que este pobre homem não possa vir a uma casa que alugou legalmente sem provocar toda esta especulação! Vou deixá-lo em paz."

Apesar do que a irmã declarava, e acreditava sinceramente serem os seus sentimentos, na expectativa da chegada dele, Elizabeth podia perceber com facilidade que o ânimo de Jane estava abalado. Estava mais perturbado, mais desigual, do que costumava vê-lo.

O assunto que fora tão calorosamente debatido entre os pais, cerca de um ano antes, foi agora trazido de novo à baila.

— Assim que o sr. Bingley chegar, meu caro — disse a sra. Bennet —, o senhor irá visitá-lo, é claro.

— Não, não. A senhora me obrigou a visitá-lo no ano passado, e prometeu que, se eu fosse vê-lo, ele se casaria com uma das minhas filhas. Mas não deu em nada, e não serei mandado outra vez numa missão de tolo.

A esposa expôs-lhe como tal atenção seria absolutamente necessária da parte de todos os cavalheiros da vizinhança, quando ele voltasse a Netherfield.

— É uma *etiqueta* que desprezo — disse ele. — Se ele quer a nossa companhia, que a procure. Sabe onde moramos. Não vou gastar as *minhas* horas correndo atrás dos vizinhos toda vez que eles vão embora e voltam.

— Bem, tudo o que sei é que será abominavelmente grosseiro se o senhor não o visitar. Mas, enfim, isso não me impedirá de convidá-lo a jantar aqui, estou decidida. Precisamos receber logo a sra. Long e os Goulding. Isso dará treze, conosco, de modo que haverá justamente um lugar à mesa para ele.

Consolada por essa resolução, ela pôde suportar melhor a descortesia do marido; embora fosse muito mortificante saber que todos os vizinhos poderiam, em consequência disso, ver o sr. Bingley antes *deles*. Quando o dia da chegada se aproximou:

— Começo a lamentar que ele venha — disse Jane à irmã. — Não seria nada; eu poderia vê-lo com perfeita indiferença; mas mal consigo suportar ouvir falar nisso perpetuamente. Minha mãe tem boas intenções; mas

não sabe, ninguém pode saber, o quanto sofro com o que ela diz. Que feliz serei quando a estada dele em Netherfield terminar!

— Gostaria de poder dizer alguma coisa para consolá-la — respondeu Elizabeth —; mas está inteiramente fora do meu alcance. Você há de senti-lo; e a satisfação habitual de pregar paciência a quem sofre me é negada, porque você sempre tem tanta.

O sr. Bingley chegou. A sra. Bennet, com a ajuda dos criados, conseguiu ter as primeiras notícias disso, para que o período de ansiedade e inquietação de sua parte fosse o mais longo possível. Contava os dias que deviam passar antes que o convite pudesse ser enviado — sem esperança de vê-lo antes. Mas, na terceira manhã após a chegada dele a Hertfordshire, ela o viu, da janela do seu quarto de vestir, entrar no cercado e cavalgar em direção à casa.

As filhas foram chamadas com ansiedade para compartilhar a sua alegria. Jane manteve-se resolutamente no seu lugar à mesa; mas Elizabeth, para satisfazer a mãe, foi até a janela — olhou — viu o sr. Darcy com ele, e sentou-se de novo ao lado da irmã.

— Há um cavalheiro com ele, mamãe — disse Kitty — ; quem poderá ser?

— Algum conhecido, minha querida, suponho; francamente, não sei.

— Ora! — replicou Kitty. — Parece muito com aquele homem que costumava andar com ele antes. O sr. como é mesmo o nome... aquele homem alto e orgulhoso.

— Santo Deus! O sr. Darcy! E é mesmo, palavra. Bem, qualquer amigo do sr. Bingley será sempre bem-vindo

aqui, com certeza; mas, fora isso, devo dizer que detesto até a vista dele.

Jane olhou para Elizabeth com surpresa e preocupação. Sabia muito pouco do encontro em Derbyshire, e por isso se compadecia do constrangimento que a irmã devia sentir ao vê-lo quase pela primeira vez depois de receber a carta de explicações. As duas irmãs estavam bastante pouco à vontade. Cada uma se compadecia da outra, e naturalmente de si mesma; e a mãe continuava a falar da sua antipatia pelo sr. Darcy, e da sua resolução de ser cortês com ele apenas como amigo do sr. Bingley, sem ser ouvida por nenhuma das duas. Mas Elizabeth tinha motivos de inquietação que Jane ainda não podia suspeitar, pois nunca tivera coragem de lhe mostrar a carta da sra. Gardiner, nem de lhe relatar a própria mudança de sentimentos em relação a ele. Para Jane, ele só podia ser um homem cujas propostas ela recusara, e cujos méritos subestimara; mas, para o seu conhecimento mais amplo, era a pessoa a quem toda a família devia o primeiro dos benefícios, e a quem ela própria considerava com um interesse, se não tão terno, ao menos tão razoável e justo quanto o que Jane sentia por Bingley. O seu espanto com a vinda dele — a sua vinda a Netherfield, a Longbourn, procurando-a de novo voluntariamente — era quase igual ao que sentira ao testemunhar pela primeira vez a mudança do seu comportamento em Derbyshire.

A cor que lhe fugira do rosto voltou por meio minuto com um brilho adicional, e um sorriso de contentamento acrescentou lustre aos seus olhos,

enquanto pensava, por esse espaço de tempo, que o afeto e os desejos dele deviam continuar inabalados; mas não queria dar-se por segura.

"Deixe-me ver primeiro como ele se comporta", disse a si mesma; "então ainda será cedo o bastante para esperar."

Ficou sentada, atenta ao trabalho, esforçando-se por manter a compostura, e sem ousar levantar os olhos, até que uma curiosidade ansiosa os levou ao rosto da irmã, quando o criado se aproximava da porta. Jane parecia um pouco mais pálida do que de costume, mas mais serena do que Elizabeth esperava. Quando os cavalheiros apareceram, a sua cor aumentou; contudo, recebeu-os com tolerável desembaraço, e com uma correção de comportamento igualmente livre de qualquer sinal de ressentimento ou de qualquer complacência desnecessária.

Elizabeth disse a cada um deles tão pouco quanto a cortesia permitia, e sentou-se de novo ao seu trabalho, com uma dedicação que ele raramente lhe merecia. Arriscara apenas um olhar a Darcy. Ele parecia sério como de costume; e, pensou ela, mais como costumava parecer em Hertfordshire do que como ela o vira em Pemberley. Mas talvez ele não pudesse, na presença da mãe dela, ser o que fora diante dos seus tios. Era uma conjectura dolorosa, mas não improvável.

Bingley, ela também o vira por um instante, e nesse breve momento notou que parecia ao mesmo tempo contente e embaraçado. Foi recebido pela sra. Bennet com um grau de cortesia que envergonhou as duas filhas, sobretudo em contraste com a polidez fria e

cerimoniosa da reverência e das palavras que ela dirigiu ao amigo dele.

Elizabeth, em particular, que sabia dever a mãe a este último a preservação da sua filha predileta de uma infâmia irremediável, ficou magoada e aflita no mais doloroso grau por uma distinção tão mal aplicada.

Darcy, depois de lhe perguntar como passavam o sr. e a sra. Gardiner — pergunta que ela não pôde responder sem confusão —, quase nada disse. Não estava sentado ao lado dela; talvez fosse essa a razão do seu silêncio; mas não fora assim em Derbyshire. Lá, ele conversara com os seus parentes quando não podia conversar com ela própria. Mas agora vários minutos se passaram sem trazer o som da sua voz; e quando, de vez em quando, incapaz de resistir ao impulso da curiosidade, ela levantava os olhos para o rosto dele, encontrava-o tantas vezes olhando para Jane quanto para ela, e frequentemente para nenhum objeto além do chão. Mais reflexão e menos ansiedade de agradar do que no último encontro estavam claramente expressas. Ela ficou decepcionada, e zangada consigo mesma por estar.

"Poderia eu esperar que fosse de outro modo?", disse a si mesma. "Mas então por que ele veio?"

Não estava com disposição para conversar com ninguém a não ser com ele; e a ele mal tinha coragem de falar.

Perguntou-lhe pela irmã, mas não conseguiu fazer mais nada.

— Faz muito tempo, sr. Bingley, que o senhor partiu — disse a sra. Bennet.

Ele concordou prontamente.

— Comecei a recear que o senhor nunca mais voltasse. As pessoas *chegaram* a dizer que o senhor pretendia deixar o lugar de vez no dia de São Miguel; mas, enfim, espero que não seja verdade. Aconteceram muitas mudanças na vizinhança desde que o senhor partiu. A srta. Lucas casou-se e está estabelecida; e uma das minhas próprias filhas também. Suponho que já soube; na verdade, deve ter visto nos jornais. Saiu no *Times* e no *Courier*, sei disso; embora não tenha sido publicado como deveria. Só dizia: "Recentemente, George Wickham, Esq., com a srta. Lydia Bennet", sem uma sílaba sobre o pai dela, ou o lugar onde morava, ou coisa alguma. E foi o meu irmão Gardiner quem redigiu, também, e não entendo como conseguiu fazer um trabalho tão desajeitado. O senhor viu?

Bingley respondeu que sim, e apresentou os seus parabéns. Elizabeth não ousou levantar os olhos. Que expressão tinha o sr. Darcy, portanto, ela não podia dizer.

— É uma coisa deliciosa, com certeza, ter uma filha bem casada — continuou a mãe —; mas ao mesmo tempo, sr. Bingley, é muito duro vê-la ser levada para longe de mim. Foram para Newcastle, um lugar bem ao norte, ao que parece, e lá ficarão, não sei por quanto tempo. O regimento dele está lá; pois suponho que o senhor já soube que ele deixou o ----shire e entrou para o exército regular. Graças a Deus, ele tem *alguns* amigos, embora, talvez, não tantos quantos merece.

Elizabeth, que sabia que isso era dirigido ao sr. Darcy, estava em tal aflição de vergonha que mal conseguia

permanecer sentada. Isso, porém, arrancou-lhe o esforço de falar, o que nada mais conseguira até então com tanta eficácia; e ela perguntou a Bingley se pretendia demorar-se no campo por enquanto. Algumas semanas, acreditava ele.

— Quando o senhor tiver matado todas as suas aves, sr. Bingley — disse a mãe —, peço-lhe que venha aqui e cace quantas quiser nas terras do sr. Bennet. Tenho certeza de que ele ficará imensamente feliz em servi-lo, e guardará para o senhor todos os melhores bandos de perdizes.

A aflição de Elizabeth aumentou com uma atenção tão desnecessária, tão inoportuna! Se a mesma bela perspectiva que os iludira um ano antes se apresentasse agora, tudo, ela estava convencida, correria depressa para a mesma conclusão vexatória. Naquele instante, sentiu que anos de felicidade não poderiam compensar Jane ou a si mesma por momentos de tão penosa confusão.

"O primeiro desejo do meu coração", disse a si mesma, "é nunca mais estar na companhia de nenhum dos dois. A sociedade deles não pode oferecer prazer que expie uma desgraça como esta! Que eu nunca mais veja nem um nem outro!"

Contudo, a aflição para a qual anos de felicidade não ofereceriam compensação recebeu pouco depois um alívio material, ao observar ela o quanto a beleza da irmã reacendia a admiração do antigo pretendente. Quando entrou, ele lhe falara pouco, mas a cada cinco minutos parecia dedicar-lhe mais atenção. Achou-a tão bela quanto no ano anterior; tão bondosa e tão natural,

embora não tão conversadora. Jane estava ansiosa para que não se percebesse nela diferença alguma, e estava realmente convencida de que falava tanto quanto sempre; mas o seu espírito estava tão ocupado que nem sempre sabia quando estava calada.

Quando os cavalheiros se levantaram para ir embora, a sra. Bennet lembrou-se da cortesia que planejara, e eles foram convidados e comprometidos a jantar em Longbourn dali a alguns dias.

— O senhor me deve uma visita, sr. Bingley — acrescentou ela —; pois, quando foi para Londres no inverno passado, prometeu vir jantar em família conosco assim que voltasse. Não me esqueci, o senhor vê; e asseguro-lhe que fiquei muito decepcionada por não ter voltado para cumprir o compromisso.

Bingley pareceu um pouco tolo diante dessa observação, e disse algo sobre o seu pesar por ter sido impedido por negócios. Depois, foram embora.

A sra. Bennet estivera fortemente inclinada a convidá-los para ficar e jantar ali naquele mesmo dia; mas, embora mantivesse sempre uma mesa muito boa, não julgava que menos de dois serviços pudessem ser bons o suficiente para um homem sobre quem tinha desígnios tão ansiosos, ou satisfazer o apetite e o orgulho de alguém que tinha dez mil libras por ano.

LIV



Assim que eles se foram, Elizabeth saiu a passear para recobrar o ânimo; ou, em outras palavras, para se demorar sem interrupção naqueles assuntos que ainda mais o deviam abater. O comportamento do sr. Darcy a espantava e a irritava.

"Ora, se ele veio apenas para ficar calado, grave e indiferente", disse a si mesma, "por que veio afinal?"

Não conseguia explicá-lo de nenhum modo que lhe desse prazer.

"Ele ainda pôde ser amável, ainda pôde agradar aos meus tios, quando esteve em Londres; e por que não a mim? Se me teme, por que vir aqui? Se já não se importa comigo, por que o silêncio? Homem exasperante, exasperante! Não vou mais pensar nele."

A sua resolução foi por algum tempo involuntariamente mantida pela aproximação da irmã, que se juntou a ela com um ar alegre que a mostrava mais satisfeita com os visitantes do que Elizabeth.

— Agora — disse ela — que este primeiro encontro passou, sinto-me perfeitamente tranquila. Conheço as minhas forças, e nunca mais ficarei embaraçada com a vinda dele. Estou contente que ele venha jantar aqui na terça-feira. Ficará então publicamente demonstrado que, de ambos os lados, nos encontramos apenas como conhecidos comuns e indiferentes.

— Sim, muito indiferentes, de fato — disse Elizabeth, rindo. — Oh, Jane! Tome cuidado.

— Minha querida Lizzy, você não pode me julgar tão fraca a ponto de estar em perigo agora.

— Acho que você está em grandíssimo perigo de fazê-lo tão apaixonado por você quanto sempre foi.

Não tornaram a ver os cavalheiros até terça-feira; e a sra. Bennet, nesse meio-tempo, entregava-se a todos os felizes planos que o bom humor e a polidez comum de Bingley, numa visita de meia hora, haviam reavivado.

Na terça-feira, reuniu-se em Longbourn numerosa companhia; e os dois que eram esperados com maior ansiedade, para crédito da sua pontualidade de caçadores, chegaram em muito boa hora. Quando passaram à sala de jantar, Elizabeth observou com

avidez se Bingley tomaria o lugar que, em todas as reuniões anteriores, lhe pertencera, ao lado da irmã. A prudente mãe, ocupada pelas mesmas ideias, absteve-se de convidá-lo a sentar-se junto dela. Ao entrar na sala, ele pareceu hesitar; mas Jane por acaso olhou em volta, e por acaso sorriu: estava decidido. Ele colocou-se ao lado dela.

Elizabeth, com uma sensação de triunfo, olhou para o amigo dele. Ele suportou aquilo com nobre indiferença; e ela teria imaginado que Bingley recebera a sua permissão para ser feliz, se não tivesse visto os olhos dele voltarem-se também para o sr. Darcy, com uma expressão de alarme meio risonho.

O comportamento dele com a irmã durante o jantar foi tal que revelava uma admiração por ela que, embora mais cautelosa do que antes, convenceu Elizabeth de que, se fosse deixado inteiramente a si mesmo, a felicidade de Jane, e a dele próprio, seria rapidamente assegurada. Embora não ousasse contar com a consequência, ela sentia prazer em observar o comportamento dele. Isso lhe dava toda a animação de que o seu ânimo podia gabar-se; pois não estava de humor alegre. O sr. Darcy estava quase tão longe dela quanto a mesa podia separá-los. Estava de um dos lados da mãe dela. Ela sabia quão pouco tal situação daria prazer a qualquer dos dois, ou faria qualquer dos dois parecer melhor. Não estava perto o bastante para ouvir nada da conversa; mas podia ver quão raramente falavam um com o outro, e quão formais e frias eram as suas maneiras sempre que o faziam. A falta de amabilidade da mãe tornava mais dolorosa, no espírito

de Elizabeth, a consciência do que lhe deviam; e ela teria dado, às vezes, qualquer coisa pelo privilégio de lhe dizer que a sua bondade não era desconhecida nem insensível para toda a família.

Tinha esperança de que a noite oferecesse alguma oportunidade de aproximá-los; de que a visita inteira não se passasse sem lhes permitir entrar em algo mais de conversa do que a mera saudação cerimoniosa que acompanhara a entrada dele. Ansiosa e inquieta, o período que se passou na sala de visitas antes de os cavalheiros chegarem foi enfadonho e monótono a um ponto que quase a tornou descortês. Aguardava a entrada deles como o ponto de que devia depender toda a sua chance de prazer naquela noite.

"Se ele não vier até mim *então*", disse a si mesma, "desisto dele para sempre."

Os cavalheiros vieram; e ela achou que ele parecia disposto a corresponder às suas esperanças; mas, ai!, as damas tinham-se aglomerado em volta da mesa onde a srta. Bennet preparava o chá e Elizabeth servia o café, numa confederação tão cerrada que não havia perto dela um único espaço vago que admitisse uma cadeira. E, quando os cavalheiros se aproximaram, uma das moças chegou-se a ela mais do que nunca, e disse, num sussurro:

— Os homens não vão vir nos separar, estou decidida. Não precisamos de nenhum deles; não é mesmo?

Darcy afastara-se para outra parte da sala. Ela o seguiu com os olhos, invejou todos com quem ele falava, mal teve paciência para servir café a alguém, e depois enfureceu-se consigo mesma por ser tão tola!

"Um homem que já foi recusado uma vez! Como pude ser tola a ponto de esperar que o seu amor renascesse? Haverá um só entre os homens que não protestasse contra uma fraqueza como um segundo pedido à mesma mulher? Não há indignidade tão repugnante aos seus sentimentos."

Reanimou-se um pouco, porém, quando ele mesmo veio trazer de volta a sua xícara de café; e ela aproveitou a oportunidade para dizer:

— A sua irmã ainda está em Pemberley?

— Sim; ficará lá até o Natal.

— E inteiramente sozinha? Todas as suas amigas a deixaram?

— A sra. Annesley está com ela. Os outros seguiram para Scarborough há três semanas.

Ela não conseguiu pensar em mais nada para dizer; mas, se ele desejasse conversar com ela, poderia ter mais sucesso. Ele ficou ao lado dela, porém, por alguns minutos, em silêncio; e, por fim, quando a moça tornou a sussurrar algo a Elizabeth, afastou-se.



Quando o serviço de chá foi retirado e as mesas de jogo colocadas, todas as damas se levantaram; e Elizabeth esperava então que ele logo viesse juntar-se a ela, quando todas as suas perspectivas foram derrubadas ao vê-lo cair vítima da rapacidade de sua mãe por jogadores de *whist*, e poucos instantes depois sentado com o resto da companhia. Perdeu agora toda expectativa de prazer. Estavam confinados pelo resto da noite a mesas diferentes; e nada lhe restava esperar, a não ser que os olhos dele se voltassem tantas vezes para o seu lado da sala que ele jogasse com tão pouco sucesso quanto ela.

A sra. Bennet planejara reter os dois cavalheiros de Netherfield para a ceia; mas a carruagem deles, infelizmente, foi pedida antes de qualquer outra, e ela não teve oportunidade de detê-los.

— Bem, meninas — disse ela, assim que ficaram a sós —, o que me dizem do dia? Acho que tudo correu extraordinariamente bem, garanto-lhes. O jantar estava tão bem preparado quanto qualquer outro que já vi. O veado estava assado no ponto — e todos disseram que nunca tinham visto um quarto tão gordo. A sopa estava cinquenta vezes melhor do que a que comemos na casa dos Lucas na semana passada; e até o sr. Darcy reconheceu que as perdizes estavam notavelmente bem feitas; e suponho que ele tenha pelo menos dois ou três cozinheiros franceses. E, minha querida Jane, nunca a vi tão bela. A sra. Long também disse isso, pois eu lhe perguntei se não achava. E o que vocês pensam que ela disse mais? "Ah! sra. Bennet, vamos tê-la em Netherfield, enfim!" Disse mesmo. Acho realmente que a sra. Long é a melhor criatura que já viveu — e as sobrinhas dela são moças muito bem comportadas, e nem um pouco bonitas: gosto delas prodigiosamente.

A sra. Bennet, em suma, estava de excelente ânimo: vira o bastante do comportamento de Bingley com Jane para se convencer de que ela o conquistaria enfim; e as suas expectativas de vantagem para a família, quando estava de bom humor, iam tão além da razão que ficou bastante decepcionada por não o ver ali de novo no dia seguinte, para fazer o seu pedido.

— Foi um dia muito agradável — disse a srta. Bennet a Elizabeth. — A companhia parecia tão bem escolhida, tão adequada uns aos outros. Espero que possamos nos reunir muitas vezes ainda.

Elizabeth sorriu.

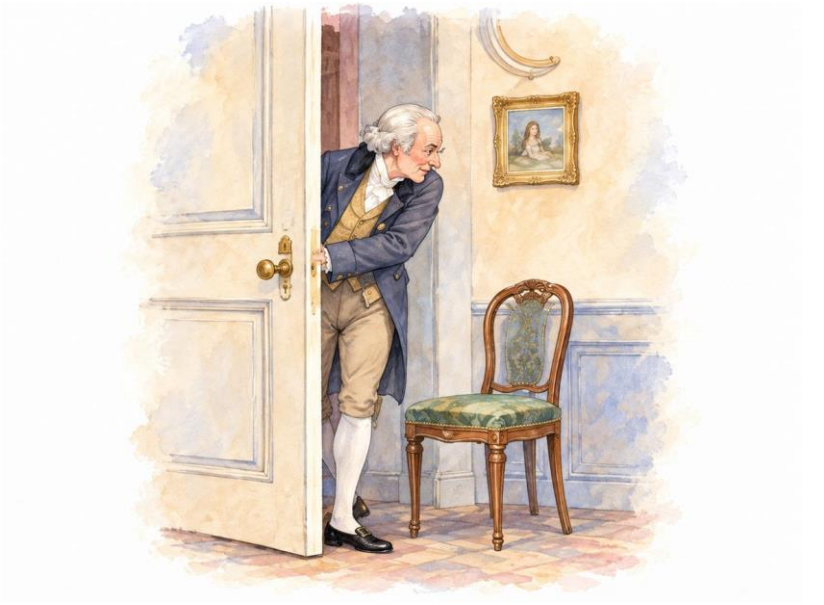
— Lizzy, você não deve fazer isso. Não deve suspeitar de mim. Isso me mortifica. Asseguro-lhe que agora aprendi a apreciar a conversa dele como a de um jovem agradável e sensato, sem desejar nada além disso. Estou perfeitamente convencida, pelas maneiras que ele tem agora, de que nunca teve qualquer intenção de conquistar o meu afeto. É só que ele é dotado de maior doçura de trato, e de um desejo mais forte de agradar a todos, do que qualquer outro homem.

— Você é muito cruel — disse a irmã —; não me deixa sorrir, e me provoca a isso a todo momento.

— Como é difícil, em certos casos, que acreditem na gente! E como é impossível em outros! Mas por que você haveria de querer me persuadir de que sinto mais do que admito?

— Essa é uma pergunta que mal sei como responder. Todos gostamos de instruir, embora só possamos ensinar o que não vale a pena saber. Perdoe-me; e, se você persiste na indiferença, não faça de *mim* a sua confidente.

LV



Poucos dias depois dessa visita, o sr. Bingley voltou, e sozinho. O amigo o deixara naquela manhã, partindo para Londres, mas devia estar de volta dentro de dez dias. Ele ficou com elas por mais de uma hora, e estava de notável bom humor. A sra. Bennet convidou-o para jantar com elas; mas, com muitas expressões de pesar, ele confessou-se comprometido em outro lugar.

— Da próxima vez que nos visitar — disse ela —, espero que tenhamos mais sorte.

Ele teria imenso prazer em qualquer ocasião, etc., etc.; e, se ela lhe desse licença, aproveitaria a primeira oportunidade para visitá-las.

— Pode vir amanhã?

Sim, não tinha compromisso algum para o dia seguinte; e o convite foi aceito com presteza.

Ele veio, e tão cedo que nenhuma das senhoras estava vestida. A sra. Bennet entrou correndo no quarto das filhas, de roupão, com o cabelo meio arrumado, gritando:

— Minha querida Jane, apresse-se e desça depressa. Ele chegou... o sr. Bingley chegou. Chegou mesmo. Depressa, depressa. Aqui, Sarah, venha já ajudar a srta. Bennet a vestir o vestido. Não se preocupe com o cabelo da srta. Lizzy.

— Desceremos assim que pudermos — disse Jane —; mas creio que Kitty está mais adiantada do que nós duas, pois subiu há meia hora.

— Oh! Que se dane Kitty! O que ela tem a ver com isso? Vamos, depressa, depressa! Onde está a sua faixa, minha querida?

Mas, quando a mãe se foi, Jane não se deixou convencer a descer sem uma das irmãs.

A mesma ansiedade por deixá-los a sós tornou a manifestar-se à noite. Depois do chá, o sr. Bennet retirou-se para a biblioteca, como era seu costume, e Mary subiu para o seu instrumento. Removidos assim dois dos cinco obstáculos, a sra. Bennet ficou sentada, olhando e piscando para Elizabeth e Catherine por um tempo considerável, sem produzir nelas impressão alguma. Elizabeth não queria notá-la; e quando, por fim,

Kitty notou, disse com toda a inocência: — O que foi, mamãe? Por que fica piscando para mim? O que devo fazer?

— Nada, criança, nada. Não pisquei para você. — Ficou então sentada por mais cinco minutos; mas, incapaz de desperdiçar ocasião tão preciosa, levantou-se de repente e, dizendo a Kitty:

— Venha cá, meu amor, quero falar com você — levou-a para fora da sala. Jane lançou imediatamente a Elizabeth um olhar que exprimia a sua aflição diante de tal premeditação, e a sua súplica para que *ela* não cedesse àquilo. Poucos minutos depois, a sra. Bennet entreabriu a porta e chamou:

— Lizzy, minha querida, quero falar com você.

Elizabeth foi obrigada a ir.

— É melhor deixá-los a sós, você sabe — disse a mãe, assim que ela chegou ao vestíbulo. — Kitty e eu vamos subir e ficar no meu quarto de vestir.

Elizabeth não fez nenhuma tentativa de argumentar com a mãe, mas permaneceu tranquilamente no vestíbulo até que ela e Kitty sumissem de vista; depois, voltou à sala de visitas.

Os planos da sra. Bennet para esse dia foram inúteis. Bingley foi tudo o que havia de encantador, exceto o pretendente declarado da filha dela. A sua desenvoltura e a sua alegria fizeram dele um acréscimo muito agradável à reunião da noite; e ele suportou a intromissão mal calculada da mãe, e ouviu todas as suas observações tolas com uma paciência e um domínio do semblante particularmente gratos à filha.

Mal precisou de convite para ficar para a ceia; e, antes de ir embora, ficou combinado, sobretudo por iniciativa dele próprio e da sra. Bennet, que viria na manhã seguinte caçar com o marido dela.

Depois desse dia, Jane não falou mais da sua indiferença. Nem uma palavra se passou entre as irmãs a respeito de Bingley; mas Elizabeth foi para a cama na feliz convicção de que tudo se concluiria depressa, a menos que o sr. Darcy voltasse dentro do prazo anunciado. Falando sério, porém, sentia-se razoavelmente persuadida de que tudo aquilo devia estar acontecendo com a anuência daquele cavalheiro.

Bingley foi pontual ao compromisso; e ele e o sr. Bennet passaram a manhã juntos, como fora combinado. Este último mostrou-se muito mais agradável do que o companheiro esperava. Não havia em Bingley nada de presunção ou tolice que pudesse provocar-lhe o ridículo ou aborrecê-lo a ponto de silenciá-lo; e ele esteve mais comunicativo, e menos excêntrico, do que o outro jamais o vira. Bingley, é claro, voltou com ele para o jantar; e à noite a inventividade da sra. Bennet pôs-se de novo a trabalhar para afastar todo mundo dele e da filha. Elizabeth, que tinha uma carta a escrever, foi para a sala de café com esse propósito logo depois do chá; pois, como os outros iam todos sentar-se para jogar cartas, não seria necessária para contrariar os planos da mãe.

Mas, ao voltar à sala de visitas, terminada a carta, viu, para sua infinita surpresa, que havia razão para temer que a mãe tivesse sido engenhosa demais para ela. Ao abrir a porta, percebeu a irmã e Bingley de pé, juntos,

diante da lareira, como que entretidos em conversa séria; e, se isso não tivesse despertado suspeita, os rostos de ambos, ao se voltarem apressadamente e se afastarem um do outro, teriam contado tudo. A situação *deles* era bastante embaraçosa; mas a *dela*, pensou, era ainda pior. Nenhum dos dois pronunciou uma sílaba; e Elizabeth estava a ponto de sair de novo, quando Bingley, que, como a outra, se sentara, levantou-se de repente e, sussurrando algumas palavras à irmã dela, saiu correndo da sala.

Jane não podia ter reservas com Elizabeth, quando a confidência lhe daria prazer; e, abraçando-a no mesmo instante, reconheceu, com a mais viva emoção, que era a criatura mais feliz do mundo.

— É demais! — acrescentou. — É demais, de longe. Não o mereço. Oh, por que não são todos tão felizes?

Os parabéns de Elizabeth foram dados com uma sinceridade, um calor, um contentamento que as palavras só poderiam exprimir muito mal. Cada frase de carinho era para Jane uma nova fonte de felicidade. Mas ela não se permitiu ficar com a irmã, nem dizer metade do que restava a dizer, por enquanto.

— Preciso ir imediatamente à minha mãe — exclamou. — Não quereria, por motivo algum, brincar com a sua afetuosa solicitude, nem permitir que ela soubesse por outra pessoa que não eu. Ele já foi falar com o meu pai. Oh, Lizzy, saber que o que tenho a contar dará tanto prazer a toda a minha querida família! Como suportarei tanta felicidade?

Correu então para a mãe, que de propósito havia dissolvido a partida de cartas e estava sentada lá em cima com Kitty.

Elizabeth, que ficou sozinha, sorriu agora da rapidez e da facilidade com que se resolvera por fim um assunto que lhes dera tantos meses anteriores de suspense e aborrecimento.

"E este", disse ela, "é o fim de toda a ansiosa circunspecção do amigo dele! De toda a falsidade e de todas as manobras da irmã! O fim mais feliz, mais sensato e mais razoável!"

Poucos minutos depois, Bingley juntou-se a ela; a sua conferência com o pai dela fora breve e direta.

— Onde está a sua irmã? — disse ele apressadamente, ao abrir a porta.

— Lá em cima, com a minha mãe. Deve descer num instante, creio.

Ele então fechou a porta e, aproximando-se dela, reclamou os bons votos e o afeto de uma irmã. Elizabeth exprimiu com honestidade e de todo o coração o seu contentamento com a perspectiva desse parentesco. Apertaram-se as mãos com grande cordialidade; e depois, até que a irmã descesse, ela teve de ouvir tudo o que ele tinha a dizer sobre a própria felicidade e sobre as perfeições de Jane; e, apesar de ele ser um apaixonado, Elizabeth acreditava sinceramente que todas as suas expectativas de felicidade tinham fundamento racional, porque tinham por base a excelente inteligência e a mais que excelente índole de Jane, e uma semelhança geral de sentimento e gosto entre ela e ele.

Foi uma noite de contentamento fora do comum para todos; a satisfação de espírito da srta. Bennet dava ao seu rosto tal brilho de doce animação que a fazia parecer mais bela do que nunca. Kitty sorria com afetação e esperava que a sua vez chegasse logo. A sra. Bennet não conseguia dar o seu consentimento, nem exprimir a sua aprovação, em termos calorosos o bastante para satisfazer os seus sentimentos, embora não falasse de outra coisa com Bingley por meia hora; e, quando o sr. Bennet se juntou a eles na ceia, a sua voz e os seus modos mostravam claramente o quanto estava realmente feliz.

Nem uma palavra, contudo, lhe saiu dos lábios em alusão ao assunto, até que o visitante se despediu por aquela noite; mas, assim que ele se foi, voltou-se para a filha e disse:

— Jane, eu a felicito. Você será uma mulher muito feliz.

Jane foi imediatamente até ele, beijou-o e agradeceu-lhe a bondade.

— Você é uma boa menina — replicou ele —, e tenho grande prazer em pensar que ficará tão felizmente estabelecida. Não tenho a menor dúvida de que se darão muito bem juntos. Os seus temperamentos não são nada diferentes. Vocês são ambos tão condescendentes que nada jamais será decidido; tão fáceis, que todos os criados hão de enganá-los; e tão generosos, que sempre gastarão mais do que a sua renda.

— Espero que não. Imprudência ou leviandade em questões de dinheiro seriam imperdoáveis em *mim*.

— Gastar mais do que a renda! Meu caro sr. Bennet — exclamou a esposa —, do que está falando? Ora, ele tem quatro ou cinco mil libras por ano, e muito provavelmente mais. — Depois, dirigindo-se à filha: — Oh, minha querida, querida Jane, estou tão feliz! Tenho certeza de que não vou pregar olho a noite inteira. Eu sabia que seria assim. Sempre disse que tinha de acabar assim, no fim. Eu tinha certeza de que você não podia ser tão bela por nada! Lembro-me de que, assim que o vi, quando ele chegou a Hertfordshire pela primeira vez no ano passado, pensei em como era provável que vocês acabassem juntos. Oh, ele é o jovem mais bonito que já se viu!

Wickham, Lydia, tudo estava esquecido. Jane era, sem competição, a sua filha predileta. Naquele momento, não se importava com nenhuma outra. As irmãs mais novas logo começaram a interceder junto a ela por objetos de felicidade que ela talvez pudesse distribuir no futuro.

Mary pediu o uso da biblioteca de Netherfield; e Kitty suplicou com muito empenho alguns bailes por lá todos os invernos.

Bingley, a partir de então, foi naturalmente visitante diário em Longbourn; chegando muitas vezes antes do café da manhã, e ficando sempre até depois da ceia; a menos que algum vizinho bárbaro, que nunca seria detestado o bastante, lhe tivesse feito um convite para jantar que ele se julgasse obrigado a aceitar.

Elizabeth tinha agora pouco tempo para conversar com a irmã; pois, enquanto ele estava presente, Jane não tinha atenção a dedicar a mais ninguém; mas ela se via

consideravelmente útil a ambos naquelas horas de separação que às vezes tinham de ocorrer. Na ausência de Jane, ele sempre se ligava a Elizabeth pelo prazer de falar dela; e, quando Bingley se ia, Jane constantemente buscava o mesmo meio de alívio.

— Ele me fez tão feliz — disse ela, uma noite — ao me dizer que ignorava completamente que eu estivesse em Londres na primavera passada! Eu não teria acreditado que fosse possível.

— Eu suspeitava disso — respondeu Elizabeth. — Mas como ele explicou?

— Deve ter sido obra das irmãs dele. Elas certamente não viam com bons olhos a amizade dele comigo, o que não me admira, já que ele poderia ter escolhido de modo muito mais vantajoso em muitos aspectos. Mas, quando elas virem, como confio que verão, que o irmão é feliz comigo, aprenderão a se contentar, e voltaremos a ter boas relações: embora nunca possamos ser o que fomos uma para a outra.

— Esse é o discurso mais implacável — disse Elizabeth — que já a ouvi proferir. Boa menina! Eu ficaria de fato aborrecida em vê-la outra vez enganada pela fingida consideração da srta. Bingley.

— Você acreditaria, Lizzy, que, quando ele foi para Londres em novembro passado, ele me amava de verdade, e que só a convicção de que *eu* era indiferente o impediu de voltar?

— Ele cometeu um pequeno erro, com certeza; mas isso faz crédito à sua modéstia.

Isso, naturalmente, deu ensejo a um panegírico de Jane sobre a timidez dele e o pouco valor que ele dava às próprias boas qualidades.

Elizabeth ficou contente ao descobrir que ele não revelara a interferência do amigo; pois, embora Jane tivesse o coração mais generoso e indulgente do mundo, sabia que era uma circunstância que a predisporia contra ele.

— Sou com certeza a criatura mais afortunada que já existiu! — exclamou Jane. — Oh, Lizzy, por que sou assim distinguida entre a minha família, e abençoada acima de todos? Se eu pudesse vê-la tão feliz! Se houvesse outro homem assim para você!

— Se você me desse quarenta homens assim, eu nunca poderia ser tão feliz quanto você. Enquanto não tiver a sua índole, a sua bondade, nunca poderei ter a sua felicidade. Não, não, deixe que eu me arranje sozinha; e talvez, se tiver muita sorte, eu encontre outro sr. Collins com o tempo.

O estado dos negócios na família de Longbourn não podia ficar em segredo por muito tempo. A sra. Bennet teve o privilégio de sussurrá-lo à sra. Philips, e esta arriscou-se, sem permissão alguma, a fazer o mesmo com todos os vizinhos de Meryton.

Os Bennet foram rapidamente proclamados a família mais afortunada do mundo; embora poucas semanas antes, quando Lydia acabara de fugir, tivessem sido geralmente considerados como marcados para o infortúnio.

LVI



Certa manhã, cerca de uma semana depois de firmado o noivado de Bingley com Jane, estavam ele e as mulheres da família reunidos na sala de jantar quando o ruído de uma carruagem lhes atraiu de repente a atenção para a janela; e viram uma sege com quatro cavalos subindo pelo gramado. Era cedo demais para visitas; e, além disso, a equipagem não correspondia à de nenhum dos vizinhos. Os cavalos eram de posta; e nem a carruagem, nem a libré do criado que a precedia

lhes eram familiares. Como fosse certo, porém, que alguém estava chegando, Bingley convenceu de pronto a srta. Bennet a evitar o constrangimento de semelhante intrusão e a sair com ele para o bosquete. Os dois partiram; e as conjecturas das três que ficaram prosseguiram, embora com pouco proveito, até que a porta se abriu de par em par e a visitante entrou. Era lady Catherine de Bourgh.

Todas, naturalmente, contavam com uma surpresa; mas o assombro superou a expectativa; e, da parte da sra. Bennet e de Kitty, embora a dama lhes fosse inteiramente desconhecida, ainda foi menor do que o que sentiu Elizabeth.

Ela entrou na sala com um ar ainda mais desagradável do que de costume, não deu outra resposta ao cumprimento de Elizabeth senão uma leve inclinação da cabeça, e sentou-se sem dizer palavra. Elizabeth havia mencionado o nome dela à mãe quando Sua Senhoria entrou, embora nenhum pedido de apresentação tivesse sido feito.

A sra. Bennet, toda assombro, embora lisonjeada por receber uma hóspede de tão alta importância, acolheu-a com a máxima polidez. Depois de ficar sentada um instante em silêncio, lady Catherine disse, com muita rigidez, a Elizabeth:

— Espero que esteja bem, srta. Bennet. Aquela senhora, suponho, é sua mãe?

Elizabeth respondeu muito concisamente que sim.

— E *aquela*, suponho, é uma de suas irmãs?

— Sim, senhora — disse a sra. Bennet, encantada por falar com uma lady Catherine. — É a minha penúltima. A

mais nova de todas casou-se há pouco, e a mais velha está em algum lugar dos jardins, passeando com um rapaz que, creio, em breve fará parte da família.

— A senhora tem aqui um parque muito pequeno — replicou lady Catherine, após um breve silêncio.

— Não é nada em comparação com Rosings, minha senhora, imagino; mas, asseguro-lhe, é bem maior que o de sir William Lucas.

— Esta deve ser uma sala das mais incômodas para as noites de verão: as janelas dão em cheio para o poente.

A sra. Bennet garantiu-lhe que nunca ficavam ali depois do jantar; e então acrescentou:

— Posso tomar a liberdade de perguntar a Vossa Senhoria se deixou o sr. e a sra. Collins bem de saúde?

— Sim, muito bem. Vi-os anteontem à noite.

Elizabeth esperava agora que ela tirasse uma carta de Charlotte para lhe entregar, pois parecia o único motivo provável da visita. Mas nenhuma carta apareceu, e ela ficou completamente perplexa.

A sra. Bennet, com grande cortesia, rogou a Sua Senhoria que aceitasse algum refresco; mas lady Catherine, muito resolutamente, e não muito polidamente, recusou comer o que quer que fosse; e então, levantando-se, disse a Elizabeth:

— Srta. Bennet, pareceu-me haver um bosquezinho bastante bonitinho de um dos lados do gramado. Gostaria de dar uma volta por ele, se a senhorita me fizer o favor de sua companhia.

— Vá, minha querida — exclamou a mãe —, e mostre a Sua Senhoria os diversos passeios. Acho que ela vai gostar do eremitério.

Elizabeth obedeceu; e, correndo ao quarto para buscar a sombrinha, acompanhou a nobre hóspede escada abaixo. Ao atravessarem o vestíbulo, lady Catherine abriu as portas da sala de jantar e da sala de visitas e, declarando-as, após breve inspeção, aposentos de aparência decente, seguiu adiante.

A carruagem permanecia à porta, e Elizabeth viu que a criada de quarto estava dentro dela. Prosseguiram em silêncio pelo caminho de cascalho que levava ao bosque; Elizabeth estava decidida a não fazer esforço algum para conversar com uma mulher que se mostrava agora mais insolente e desagradável do que de costume.

"Como pude algum dia achá-la parecida com o sobrinho?", disse consigo, ao olhá-la no rosto.



Assim que entraram no bosque, lady Catherine começou da seguinte maneira:

— A senhorita não pode ter dificuldade, srta. Bennet, em compreender a razão de minha viagem até aqui. Seu próprio coração, sua própria consciência devem dizer-lhe por que vim.

Elizabeth olhou-a com assombro sincero.

— Na verdade, a senhora se engana; não fui capaz, de modo algum, de explicar a honra de vê-la aqui.

— Srta. Bennet — replicou Sua Senhoria em tom irado —, a senhorita deveria saber que não sou pessoa com quem se brinque. Mas, por mais insincera que a *senhorita* queira ser, não me encontrará *a mim* assim. Meu caráter sempre foi celebrado por sua sinceridade e franqueza; e numa causa de tal importância como esta, certamente não me afastarei dele. Chegou-me aos ouvidos, há dois dias, uma notícia da natureza mais alarmante. Disseram-me que não apenas sua irmã estava prestes a fazer um casamento dos mais vantajosos, mas que a *senhorita*... que a srta. Elizabeth Bennet seria, com toda a probabilidade, logo depois unida a meu sobrinho... meu próprio sobrinho, o sr. Darcy. Embora eu *saiba* que deve ser uma falsidade escandalosa, embora eu não quisesse ofendê-lo a ponto de supor possível a verdade disso, resolvi de imediato partir para cá, a fim de lhe tornar conhecidos os meus sentimentos.

— Se a senhora acreditava impossível que fosse verdade — disse Elizabeth, corando de assombro e desdém —, admira-me que se tenha dado ao trabalho de vir tão longe. Que se propunha Vossa Senhoria com isso?

— Exigir de imediato que semelhante boato seja universalmente desmentido.

— A sua vinda a Longbourn, para ver a mim e a minha família — disse Elizabeth friamente —, será antes uma confirmação dele... se é que, de fato, esse boato existe.

— Se! A senhorita finge então ignorá-lo? Não foi ele diligentemente espalhado pelos senhores mesmos? Não sabe que semelhante boato corre por toda parte?

— Nunca ouvi dizer que corresse.

— E pode igualmente declarar que não há *fundamento* para ele?

— Não pretendo possuir franqueza igual à de Vossa Senhoria. A *senhora* pode fazer perguntas que *eu* não me disporei a responder.

— Isto não se pode tolerar. Srta. Bennet, insisto em ser satisfeita. Ele, meu sobrinho, fez-lhe uma proposta de casamento?

— Vossa Senhoria declarou que isso é impossível.

— Deveria sê-lo; há de sê-lo, enquanto ele conservar o uso da razão. Mas as *suas* artes e seduções podem, num momento de encantamento, tê-lo feito esquecer o que deve a si mesmo e a toda a sua família. A senhorita pode tê-lo enredado.

— Se o fiz, serei a última pessoa a confessá-lo.

— Srta. Bennet, sabe quem eu sou? Não estou acostumada a linguagem como esta. Sou quase a parenta mais próxima que ele tem no mundo, e tenho o direito de conhecer todos os seus assuntos mais caros.

— Mas não tem o direito de conhecer os *meus*; nem semelhante comportamento jamais me induzirá a ser explícita.

— Que fique bem entendido. Este casamento, a que a senhorita tem a presunção de aspirar, nunca poderá realizar-se. Não, nunca. O sr. Darcy está prometido a *minha filha*. Agora, que tem a dizer?

— Apenas isto: que, se ele está, a senhora não pode ter razão alguma para supor que me faça uma proposta.

Lady Catherine hesitou um instante, e depois replicou:

— O compromisso entre eles é de natureza peculiar. Desde a infância, foram destinados um ao outro. Era o desejo predileto da mãe *dele*, assim como da dela. Ainda no berço, planejamos a união; e agora, no momento em que os desejos de ambas as irmãs iriam realizar-se, há de o casamento deles ser impedido por uma jovem de nascimento inferior, sem importância alguma no mundo e inteiramente estranha à família? Não tem a senhorita nenhuma consideração pelos desejos dos parentes dele... pelo compromisso tácito que o une à srta. de Bourgh? Perdeu todo sentimento de decoro e delicadeza? Não me ouviu dizer que, desde as primeiras horas de vida, ele foi destinado à prima?

— Sim; e já o tinha ouvido antes. Mas que tenho eu com isso? Se não há outra objeção ao meu casamento com seu sobrinho, certamente não me deterá saber que a mãe e a tia dele desejavam que ele se casasse com a srta. de Bourgh. As duas fizeram o que puderam ao planejar o casamento. A realização dependia de outros. Se o sr. Darcy não está preso à prima nem pela honra nem pela inclinação, por que não há de fazer outra escolha? E se eu sou essa escolha, por que não posso aceitá-lo?

— Porque a honra, o decoro, a prudência... mais ainda, o interesse... o proíbem. Sim, srta. Bennet, o interesse; pois não espere ser notada pela família ou pelos amigos dele, se agir deliberadamente contra a vontade de todos. Será censurada, desprezada e menosprezada por todos os que lhe são ligados. Sua aliança será uma desonra; seu nome jamais será sequer mencionado por qualquer de nós.

— São pesadas desgraças — replicou Elizabeth. — Mas a esposa do sr. Darcy há de ter tão extraordinárias fontes de felicidade necessariamente ligadas à sua situação que, no conjunto, não terá motivo para se lamentar.

— Menina obstinada e teimosa! Tenho vergonha da senhorita! É esta a sua gratidão pelas atenções que lhe dispensei na primavera passada? Nada me é devido por esse título? Sentemo-nos. Fique sabendo, srta. Bennet, que vim aqui com a firme resolução de levar a cabo meu propósito; e não serei dissuadida dele. Não estou acostumada a submeter-me aos caprichos de ninguém. Não tenho o hábito de suportar contrariedades.

— *Isso* tornará a situação atual de Vossa Senhoria mais digna de pena; mas não terá efeito algum sobre *mim*.

— Não admito ser interrompida! Ouça-me em silêncio. Minha filha e meu sobrinho foram feitos um para o outro. Descendem, pelo lado materno, da mesma linhagem nobre; e, pelo paterno, de famílias respeitáveis, honradas e antigas, ainda que sem título. A fortuna de ambos os lados é esplêndida. Estão destinados um ao outro pela voz de todos os membros

de suas respectivas casas; e o que há de separá-los? As pretensões arrivistas de uma jovem sem família, sem relações e sem fortuna! É isto de suportar-se? Mas não há de ser, não será! Se a senhorita tivesse juízo para reconhecer o seu próprio bem, não desejaria deixar a esfera em que foi criada.

— Ao casar-me com seu sobrinho, não consideraria estar deixando essa esfera. Ele é um cavalheiro; eu sou filha de um cavalheiro; até aí somos iguais.

— É verdade. A senhorita *é* filha de um cavalheiro. Mas que era sua mãe? Quem são seus tios e tias? Não imagine que ignoro a condição deles.

— Sejam quais forem as minhas relações — disse Elizabeth —, se seu sobrinho não faz objeção a elas, nada podem importar à *senhora*.

— Diga-me, de uma vez por todas: está comprometida com ele?

Embora Elizabeth não respondesse a essa pergunta apenas para satisfazer lady Catherine, não pôde deixar de dizer, após um instante de reflexão:

— Não estou.

Lady Catherine pareceu satisfeita.

— E promete-me nunca contrair semelhante compromisso?

— Não farei promessa alguma dessa natureza.

— Srta. Bennet, estou chocada e atônita. Esperava encontrar uma jovem mais razoável. Mas não se iluda acreditando que algum dia recuarei. Não irei embora enquanto a senhorita não me der a garantia que exijo.

— E eu certamente *nunca* a darei. Não me deixo intimidar a fazer algo tão inteiramente desarrazoado.

Vossa Senhoria quer que o sr. Darcy se case com sua filha; mas o fato de eu lhe dar a promessa desejada tornaria o casamento *deles* um pouco mais provável? Supondo que ele me tenha afeição, a *minha* recusa em aceitar-lhe a mão faria com que ele desejasse oferecê-la à prima? Permita-me dizer, lady Catherine, que os argumentos com que a senhora sustentou este extraordinário pedido foram tão frívolos quanto foi mal ajuizado o pedido. Enganou-se por completo a respeito do meu caráter, se pensa que posso ser influenciada por persuasões como estas. Até que ponto seu sobrinho aprovaria sua interferência nos assuntos *dele*, não sei dizer; mas a senhora certamente não tem direito algum de se intrometer nos meus. Devo pedir, portanto, que não me importune mais sobre o assunto.

— Não tenha tanta pressa, por favor. Não terminei, de modo algum. A todas as objeções que já apresentei, tenho ainda outra a acrescentar. Não me são estranhos os pormenores da infame fuga de sua irmã mais nova. Sei de tudo; sei que o casamento do rapaz com ela foi um negócio remendado, à custa de seu pai e de seu tio. E há *semelhante* moça de ser cunhada de meu sobrinho? Há o marido *dela*, que é filho do administrador do falecido pai dele, de ser seu cunhado? Céus e terra! Em que está pensando? Hão de as sombras de Pemberley ser assim profanadas?

— *Agora* a senhora não pode ter mais nada a dizer — respondeu ela, ressentida. — Insultou-me de todas as maneiras possíveis. Devo pedir licença para voltar à casa.

E levantou-se enquanto falava. Lady Catherine levantou-se também, e as duas tomaram o caminho de volta. Sua Senhoria estava altamente indignada.

— A senhorita não tem consideração alguma, então, pela honra e pelo crédito de meu sobrinho! Menina insensível e egoísta! Não vê que uma ligação com a senhorita há de desonrá-lo aos olhos de todos?

— Lady Catherine, não tenho mais nada a dizer. A senhora conhece meus sentimentos.

— Está então resolvida a ficar com ele?

— Não disse tal coisa. Estou resolvida apenas a agir da maneira que, na minha opinião, constitua a minha felicidade, sem referência à *senhora* ou a qualquer pessoa tão inteiramente alheia a mim.

— Está bem. A senhorita se recusa, então, a atender-me. Recusa-se a obedecer às exigências do dever, da honra e da gratidão. Está determinada a arruiná-lo na opinião de todos os seus amigos e a fazer dele o desprezo do mundo.

— Nem o dever, nem a honra, nem a gratidão — replicou Elizabeth — têm qualquer direito possível sobre mim no caso presente. Nenhum princípio de qualquer deles seria violado pelo meu casamento com o sr. Darcy. E, quanto ao ressentimento da família dele ou à indignação do mundo, se o primeiro *fosse* despertado por ele casar-se comigo, isso não me daria um só momento de preocupação... e o mundo em geral teria bom senso demais para se juntar ao desprezo.

— E é esta a sua verdadeira opinião! É esta a sua resolução final! Muito bem. Agora saberei como agir. Não imagine, srta. Bennet, que a sua ambição será algum

dia satisfeita. Vim pôr a senhorita à prova. Esperava encontrá-la razoável; mas fique certa de que hei de levar a minha avante.

Dessa maneira lady Catherine foi falando até chegarem à porta da carruagem, quando, voltando-se bruscamente, acrescentou:

— Não me despeço da senhorita, srta. Bennet. Não mando cumprimentos à sua mãe. A senhorita não merece semelhante atenção. Estou seriamente desgostosa.

Elizabeth não deu resposta; e, sem tentar persuadir Sua Senhoria a voltar para dentro, entrou tranquilamente ela própria. Ouviu a carruagem afastar-se enquanto subia a escada. A mãe, impaciente, esperava-a à porta do quarto de vestir, para perguntar por que lady Catherine não quisera entrar de novo e descansar um pouco.

— Ela não quis — disse a filha. — Fez questão de ir.

— É uma mulher de aparência muito distinta! E a visita dela aqui foi prodigiosamente cortês! Pois só veio, suponho, para nos dizer que os Collins estavam bem. Está a caminho de algum lugar, imagino; e, passando por Meryton, achou que bem podia fazer-lhe uma visita. Suponho que não tinha nada de especial a lhe dizer, Lizzy?

Elizabeth foi forçada a recorrer aqui a uma pequena mentira; pois confessar a substância da conversa era impossível.

LVII



A perturbação de ânimo em que essa extraordinária visita lançou Elizabeth não se deixou vencer com facilidade; nem conseguiu ela, por muitas horas, pensar no assunto menos que incessantemente. Lady Catherine, ao que parecia, havia de fato se dado ao trabalho dessa viagem desde Rosings com o único propósito de romper o suposto noivado dela com o sr. Darcy. Era um plano racional, sem dúvida! Mas de onde poderia ter nascido o boato desse compromisso,

Elizabeth não conseguia imaginar; até que se lembrou de que o fato de *ele* ser o amigo íntimo de Bingley e de *ela* ser irmã de Jane bastava, numa época em que a expectativa de um casamento deixava todos ansiosos por outro, para sugerir a ideia. Ela própria não deixara de sentir que o casamento da irmã os reuniria com mais frequência. E os vizinhos de Lucas Lodge, portanto (pois, pela correspondência deles com os Collins, o boato, concluiu ela, chegara a lady Catherine), apenas haviam dado como quase certo e imediato *aquilo* que *ela* encarava como possível em algum tempo futuro.

Ao revolver, porém, as expressões de lady Catherine, não pôde deixar de sentir certa inquietação quanto à possível consequência de ela persistir nessa interferência. Pelo que dissera de sua resolução de impedir o casamento, ocorreu a Elizabeth que ela devia estar meditando um apelo ao sobrinho; e como ele receberia semelhante exposição dos males ligados a uma união com ela, Elizabeth não ousava dizer. Não conhecia o grau exato da afeição dele pela tia, nem de sua dependência do juízo dela; mas era natural supor que ele tinha Sua Senhoria em conta muito mais alta do que *ela* jamais poderia ter; e era certo que, ao enumerar as misérias de um casamento com *alguém* cujo parentesco imediato era tão desigual ao dele, a tia o atingiria em seu lado mais fraco. Com as noções de dignidade que tinha, ele provavelmente sentiria que os argumentos que a Elizabeth pareceram fracos e ridículos continham muito bom senso e sólido raciocínio.

Se antes ele estivera vacilante sobre o que deveria fazer, o que muitas vezes parecera provável, o conselho e as súplicas de parenta tão próxima poderiam dissipar toda dúvida e determiná-lo de vez a ser tão feliz quanto uma dignidade sem mancha pudesse torná-lo. Nesse caso, ele não voltaria mais. Lady Catherine poderia vê-lo ao passar por Londres; e o compromisso que assumira com Bingley de voltar a Netherfield teria de ceder.

"Se, portanto, dentro de poucos dias chegar ao amigo dele uma desculpa por não cumprir a promessa", acrescentou ela consigo, "saberei como entendê-la. Abandonarei então toda expectativa, todo desejo de constância da parte dele. Se ele se contenta apenas com lamentar a minha perda, quando poderia ter obtido minha afeição e minha mão, logo deixarei de lamentá-lo por completo."

A surpresa do resto da família, ao saber quem fora a visitante, foi muito grande; mas todos a satisfizeram obsequiosamente com o mesmo tipo de suposição que aplacara a curiosidade da sra. Bennet; e Elizabeth foi poupada de muitas caçoadas sobre o assunto.

Na manhã seguinte, quando descia a escada, encontrou-se com o pai, que saía da biblioteca com uma carta na mão.

— Lizzy — disse ele —, eu ia procurá-la: venha ao meu gabinete.

Ela o seguiu até lá; e a curiosidade de saber o que ele tinha a lhe dizer aumentou com a suposição de que estivesse de algum modo ligado à carta que ele segurava. De súbito lhe ocorreu que podia ser de lady Catherine,

e ela antecipou com consternação todas as explicações que daí decorreriam.

Seguiu o pai até a lareira, e ambos se sentaram. Ele disse então:

— Recebi esta manhã uma carta que me deixou extremamente assombrado. Como diz respeito principalmente a você, deve conhecer-lhe o conteúdo. Não sabia até agora que tinha *duas* filhas à beira do matrimônio. Permita-me felicitá-la por uma conquista muito importante.

O rubor subiu então às faces de Elizabeth, na convicção instantânea de que se tratava de uma carta do sobrinho, e não da tia; e ela estava indecisa entre alegrar-se por ele se explicar de algum modo, ou ofender-se por a carta não ter sido antes dirigida a ela própria, quando o pai prosseguiu:

— Você parece saber do que se trata. As moças têm grande penetração em assuntos como estes; mas creio poder desafiar até mesmo a *sua* sagacidade a descobrir o nome do seu admirador. Esta carta é do sr. Collins.

— Do sr. Collins! E que pode *ele* ter a dizer?

— Algo muito a propósito, naturalmente. Começa com felicitações pelas próximas núpcias de minha filha mais velha, das quais, ao que parece, foi informado por algum dos bondosos e tagarelas Lucas. Não vou brincar com a sua impaciência lendo o que ele diz sobre esse ponto. O que se refere a você é o seguinte: "Tendo assim oferecido ao senhor as sinceras felicitações da sra. Collins e as minhas por este feliz acontecimento, permita-me agora acrescentar uma breve advertência sobre o assunto de outro, do qual fomos avisados pela

mesma fonte. Sua filha Elizabeth, presume-se, não conservará por muito tempo o nome de Bennet, depois que a irmã mais velha a ele tiver renunciado; e o companheiro escolhido para o seu destino pode razoavelmente ser tido como um dos mais ilustres personagens desta terra." Você é capaz de adivinhar, Lizzy, a quem ele se refere? "Este jovem cavalheiro é abençoado, de modo singular, com tudo o que o coração de um mortal pode mais desejar: esplêndida propriedade, nobre parentela e vasto patronato. Contudo, apesar de todas essas tentações, permita-me advertir minha prima Elizabeth, e ao senhor mesmo, dos males em que podem incorrer por uma aceitação precipitada das propostas deste cavalheiro, das quais, naturalmente, estarão inclinados a tirar imediato proveito." Faz alguma ideia, Lizzy, de quem seja esse cavalheiro? Mas agora vem a revelação. "Meu motivo para preveni-los é o seguinte: temos razões para imaginar que a tia dele, lady Catherine de Bourgh, não vê o casamento com bons olhos." O *sr. Darcy*, está vendo, é o homem! Agora, Lizzy, creio que a surpreendi *de verdade*. Poderiam ele, ou os Lucas, ter escolhido, no círculo de nossas relações, algum homem cujo nome desmentisse com mais eficácia o que contaram? O sr. Darcy, que nunca olha para uma mulher senão para lhe ver um defeito, e que provavelmente nunca olhou para *você* na vida! É admirável!

Elizabeth tentou acompanhar a brincadeira do pai, mas só conseguiu forçar um sorriso dos mais relutantes. Nunca o espírito dele se dirigira de maneira tão pouco agradável a ela.

— Não está se divertindo?

— Oh, sim. Continue a ler, por favor.

— "Depois de eu mencionar a probabilidade deste casamento a Sua Senhoria ontem à noite, ela imediatamente, com sua habitual condescendência, expressou o que sentia a respeito; e tornou-se evidente que, em razão de certas objeções de família da parte de minha prima, ela jamais daria seu consentimento ao que chamou de união tão desonrosa. Julguei ser meu dever comunicar isto o mais depressa possível a minha prima, a fim de que ela e seu nobre admirador tenham consciência do que fazem e não se lancem precipitadamente num casamento que não foi devidamente sancionado." O sr. Collins acrescenta, além disso: "Alegra-me sinceramente que o triste caso de minha prima Lydia tenha sido tão bem abafado, e só me preocupa que o fato de terem vivido juntos antes de realizado o casamento seja tão geralmente conhecido. Não devo, contudo, negligenciar os deveres de meu estado, nem deixar de declarar meu assombro ao saber que o senhor recebeu o jovem casal em sua casa tão logo se casaram. Foi um incentivo ao vício; e, se eu fosse o pároco de Longbourn, ter-me-ia oposto a isso com todo o vigor. O senhor certamente deve perdoá-los como cristão, mas nunca admiti-los em sua presença, nem permitir que seus nomes sejam mencionados diante de si." *Essa* é a noção que ele tem de perdão cristão! O resto da carta trata apenas da situação de sua querida Charlotte e da expectativa de um jovem ramo de oliveira. Mas, Lizzy, você parece não estar gostando. Não vai bancar a *melindrosa*, espero, e fingir-se

ofendida com um boato vazio. Para que vivemos, senão para servir de divertimento aos vizinhos e rir deles por nossa vez?

— Oh — exclamou Elizabeth —, estou me divertindo imensamente. Mas é tão estranho!

— Sim, é *isso* que o torna engraçado. Tivessem escolhido qualquer outro homem, não seria nada; mas a perfeita indiferença *dele* e a sua marcada antipatia tornam a coisa tão deliciosamente absurda! Por mais que eu abomine escrever, não abriria mão da correspondência do sr. Collins por consideração alguma. Mais ainda: quando leio uma carta dele, não posso deixar de lhe dar preferência até mesmo sobre Wickham, por mais que eu aprecie a impudência e a hipocrisia do meu genro. E diga-me, Lizzy, que disse lady Catherine sobre esse boato? Veio aqui para recusar o consentimento?

A essa pergunta a filha respondeu apenas com uma risada; e, como fora feita sem a menor suspeita, ela não se afligiu quando ele a repetiu. Nunca Elizabeth se vira em tal dificuldade para fazer seus sentimentos parecerem o que não eram. Era preciso rir, quando ela preferiria chorar. O pai a mortificara da maneira mais cruel com o que dissera sobre a indiferença do sr. Darcy; e ela nada pôde fazer senão admirar-se de tal falta de penetração, ou temer que, talvez, em vez de ele ver *de menos*, fosse ela quem imaginara *demais*.

LVIII



Em vez de receber do amigo alguma carta de desculpas, como Elizabeth quase esperava que acontecesse com o sr. Bingley, este pôde trazer Darcy consigo a Longbourn poucos dias depois da visita de lady Catherine. Os cavalheiros chegaram cedo; e, antes que a sra. Bennet tivesse tempo de lhe contar que haviam recebido a tia dele, coisa que a filha temia a cada instante, Bingley, que queria ficar a sós com Jane, propôs que todos saíssem a passear. Assim ficou

combinado. A sra. Bennet não tinha o hábito de caminhar, Mary nunca dispunha de tempo, mas os cinco restantes partiram juntos. Bingley e Jane, porém, logo deixaram que os outros os ultrapassassem. Ficaram para trás, enquanto Elizabeth, Kitty e Darcy tinham de entreter-se mutuamente. Muito pouco se disse de parte a parte; Kitty tinha medo demais dele para falar; Elizabeth formava em segredo uma resolução desesperada; e talvez ele estivesse fazendo o mesmo.

Caminharam em direção à casa dos Lucas, porque Kitty desejava visitar Maria; e como Elizabeth não viu motivo para fazer disso uma questão de todos, quando Kitty os deixou ela seguiu adiante, corajosamente, a sós com ele. Era chegado o momento de executar sua resolução; e, enquanto a coragem estava alta, disse de imediato:

— Sr. Darcy, sou uma criatura muito egoísta e, para dar alívio aos meus próprios sentimentos, não me importo com o quanto possa estar ferindo os seus. Não posso mais deixar de agradecer-lhe a bondade sem exemplo que teve para com a minha pobre irmã. Desde que a conheci, tenho estado ansiosíssima por lhe manifestar quanta gratidão sinto. Se o resto de minha família a conhecesse, não teria eu apenas a minha própria gratidão a expressar.

— Lamento, lamento profundamente — replicou Darcy, num tom de surpresa e emoção —, que a senhorita tenha sido informada de algo que, visto sob uma luz equivocada, pode ter-lhe causado inquietação. Não pensei que a sra. Gardiner merecesse tão pouca confiança.

— O senhor não deve culpar minha tia. Foi a irreflexão de Lydia que primeiro me revelou que o senhor estivera envolvido no caso; e, naturalmente, não pude sossegar enquanto não soube dos pormenores. Permita-me agradecer-lhe uma e outra vez, em nome de toda a minha família, por aquela generosa compaixão que o induziu a tomar tanto trabalho e a suportar tantas mortificações a fim de encontrá-los.

— Se a senhorita *faz questão* de me agradecer — replicou ele —, que seja apenas por si mesma. Que o desejo de lhe dar felicidade possa ter acrescentado força aos outros motivos que me impeliram, não tentarei negar. Mas a sua *família* nada me deve. Por mais que os respeite, creio que pensei apenas na *senhorita*.

Elizabeth estava embaraçada demais para dizer uma palavra. Após breve pausa, o companheiro acrescentou:

— A senhorita é generosa demais para brincar comigo. Se os seus sentimentos ainda são o que eram em abril passado, diga-mo de uma vez. *Minha* afeição e meus desejos não mudaram; mas uma palavra sua me silenciará para sempre sobre este assunto.

Elizabeth, sentindo todo o constrangimento e a ansiedade mais que comuns da situação dele, forçou-se então a falar; e de imediato, embora não com muita fluência, deu-lhe a entender que seus sentimentos haviam sofrido mudança tão substancial desde a época a que ele aludia, que ela recebia agora com gratidão e prazer as suas presentes garantias. A felicidade que essa resposta produziu foi tal como ele provavelmente nunca sentira antes; e ele se expressou, na ocasião, com tanto juízo e tanto calor quanto se pode supor de um homem

violentamente apaixonado. Tivesse Elizabeth sido capaz de encarar-lhe os olhos, teria visto quanto lhe ficava bem a expressão de sincero deleite que se espalhava por seu rosto; mas, embora não pudesse olhar, podia ouvir; e ele lhe falou de sentimentos que, ao provar a importância que ela tinha para ele, tornavam sua afeição a cada momento mais valiosa.

Seguiram caminhando sem saber em que direção. Havia coisas demais a pensar, a sentir e a dizer para que dessem atenção a qualquer outro objeto. Ela logo soube que deviam o presente bom entendimento entre ambos aos esforços da tia dele, que *de fato* o procurara ao passar de volta por Londres, e ali lhe relatara a viagem a Longbourn, o motivo dela e a substância de sua conversa com Elizabeth; detendo-se com ênfase em cada expressão desta última que, no entender de Sua Senhoria, denotava de modo particular sua perversidade e seu atrevimento, na crença de que semelhante relato haveria de auxiliá-la em seus esforços para obter do sobrinho aquela promessa que *ela* se recusara a dar. Mas, por infelicidade de Sua Senhoria, o efeito fora exatamente o contrário.

— Ensinou-me a ter esperança — disse ele —, como eu quase nunca me permitira ter antes. Conhecia bastante a sua índole para ter certeza de que, se a senhorita estivesse absoluta e irrevogavelmente decidida contra mim, tê-lo-ia confessado a lady Catherine com franqueza e abertamente.

Elizabeth corou e riu ao responder:

— Sim, o senhor conhece o bastante a minha *franqueza* para me julgar capaz *disso*. Depois de o ter

maltratado tão abominavelmente na sua cara, não teria escrúpulo algum em maltratá-lo diante de todos os seus parentes.

— Que disse a senhorita de mim que eu não merecesse? Pois, embora as suas acusações fossem infundadas, formadas sobre premissas equivocadas, meu comportamento para com a senhorita naquela ocasião merecia a mais severa reprovação. Foi imperdoável. Não posso pensar nele sem horror.

— Não vamos disputar a maior parcela de culpa ligada àquela noite — disse Elizabeth. — A conduta de nenhum de nós, se estritamente examinada, será irrepreensível; mas desde então ambos, espero, progredimos em cortesia.

— Não posso reconciliar-me comigo mesmo com tanta facilidade. A lembrança do que eu disse então, de minha conduta, de minhas maneiras, de minhas expressões durante todo aquele encontro, é agora, e tem sido por muitos meses, inexprimivelmente dolorosa para mim. Sua censura, tão bem aplicada, nunca esquecerei: "Se o senhor se tivesse comportado de maneira mais digna de um cavalheiro." Foram essas as suas palavras. A senhorita não sabe, mal pode conceber, quanto elas me torturaram; embora tenha levado algum tempo, confesso, até que eu fosse razoável o bastante para lhes admitir a justiça.

— Eu certamente estava muito longe de esperar que causassem impressão tão forte. Não tinha a menor ideia de que pudessem algum dia ser sentidas dessa maneira.

— Posso facilmente acreditar. A senhorita me julgava então desprovido de todo sentimento decente, tenho

certeza. Nunca esquecerei a expressão do seu rosto ao dizer que eu não poderia ter-me dirigido à senhorita de nenhuma maneira possível que a induzisse a aceitar-me.

— Oh, não repita o que eu disse então. Essas lembranças não servem para nada. Asseguro-lhe que há muito tempo me envergonho disso do fundo do coração.

Darcy mencionou sua carta.

— Ela fez — disse ele —, ela fez *logo* que a senhorita pensasse melhor de mim? Ao lê-la, deu algum crédito ao seu conteúdo?

Ela explicou quais haviam sido os efeitos da carta sobre ela, e como, pouco a pouco, todos os seus antigos preconceitos tinham sido removidos.

— Eu sabia — disse ele — que o que escrevia lhe causaria dor, mas era necessário. Espero que tenha destruído a carta. Havia uma parte, especialmente o começo, que eu temeria que a senhorita tivesse o poder de reler. Lembro-me de algumas expressões que poderiam, com justiça, fazer com que me odiasse.

— A carta será certamente queimada, se o senhor acredita ser isso essencial à preservação da minha estima; mas, embora ambos tenhamos razão para pensar que minhas opiniões não são inteiramente inalteráveis, elas não são, espero, tão facilmente mudadas quanto isso dá a entender.

— Quando escrevi aquela carta — replicou Darcy —, julgava-me perfeitamente calmo e frio; mas desde então me convenci de que foi escrita numa terrível amargura de espírito.

— A carta, talvez, começou em amargura, mas não terminou assim. A despedida é a própria caridade. Mas

não pense mais na carta. Os sentimentos da pessoa que a escreveu e da pessoa que a recebeu são agora tão diferentes do que eram então, que toda circunstância desagradável que a cercou deve ser esquecida. O senhor precisa aprender um pouco da minha filosofia. Pense no passado apenas na medida em que sua lembrança lhe dá prazer.

— Não posso atribuir-lhe filosofia alguma dessa espécie. As *suas* retrospecções devem ser tão totalmente isentas de censura, que o contentamento que delas nasce não vem da filosofia, mas, o que é muito melhor, da ignorância. Mas *comigo* não é assim. Lembranças dolorosas hão de intrometer-se, e não podem, não devem ser repelidas. Fui um ser egoísta toda a minha vida, na prática, embora não nos princípios. Em criança, ensinaram-me o que era *certo*, mas não me ensinaram a corrigir o meu gênio. Deram-me bons princípios, mas deixaram-me segui-los com orgulho e presunção. Infelizmente filho único (por muitos anos, *filho* único de todo), fui mimado pelos meus pais, que, embora bons em si mesmos (meu pai, sobretudo, era todo benevolência e amabilidade), permitiram, encorajaram, quase me ensinaram a ser egoísta e arrogante, a não me importar com ninguém fora do meu círculo familiar, a pensar mesquinhamente de todo o resto do mundo, a *desejar*, ao menos, pensar mesquinhamente do juízo e do valor dos outros em comparação com os meus. Assim fui eu, dos oito aos vinte e oito anos; e assim poderia ainda ser, não fosse a senhorita, minha querida, minha adorável Elizabeth! O que não lhe devo! A senhorita me deu uma lição, dura,

de fato, a princípio, mas das mais proveitosas. Pela senhorita fui devidamente humilhado. Cheguei diante da senhorita sem uma dúvida quanto à minha acolhida. A senhorita me mostrou como eram insuficientes todas as minhas pretensões de agradar a uma mulher digna de ser agradada.

— O senhor se havia então persuadido de que eu o aceitaria?

— Na verdade, sim. Que pensará a senhorita da minha vaidade? Acreditava que a senhorita desejava, esperava a minha proposta.

— Minhas maneiras devem ter tido culpa, mas não intencionalmente, asseguro-lhe. Nunca pretendi enganá-lo, mas o meu ânimo pode muitas vezes ter-me levado ao erro. Como o senhor deve ter-me odiado depois *daquela* noite!

— Odiá-la! Fiquei zangado, talvez, a princípio, mas a minha raiva logo começou a tomar a direção certa.

— Quase tenho medo de perguntar o que pensou de mim quando nos encontramos em Pemberley. Censurou-me por ter ido?

— Não, de modo algum; não senti nada além de surpresa.

— A sua surpresa não pode ter sido maior que a *minha* ao ser notada pelo senhor. Minha consciência me dizia que eu não merecia nenhuma polidez extraordinária, e confesso que não esperava receber *mais* do que me era devido.

— Meu objetivo *então* — replicou Darcy — era mostrar-lhe, por toda a cortesia ao meu alcance, que eu não era tão mesquinho a ponto de guardar

ressentimento do passado; e esperava obter o seu perdão, atenuar a má opinião que tinha de mim, deixando-a ver que as suas censuras haviam sido levadas em conta. Quão depressa outros desejos se introduziram, mal sei dizer, mas creio que cerca de meia hora depois de tê-la visto.

Ele lhe contou então do encanto de Georgiana ao conhecê-la, e do seu desapontamento com a súbita interrupção dessa amizade; o que, levando naturalmente à causa dessa interrupção, ela logo soube que a resolução dele de segui-la desde Derbyshire em busca de sua irmã fora tomada antes de ele deixar a estalagem, e que a gravidade e o ar pensativo que mostrara ali não haviam nascido de outras lutas senão as que semelhante propósito necessariamente encerrava.

Ela expressou de novo sua gratidão, mas era um assunto doloroso demais para ambos para que se demorassem mais nele.

Depois de caminharem várias milhas sem pressa, e ocupados demais para se darem conta disso, descobriram por fim, ao consultar os relógios, que era hora de estar em casa.

"Que teria sido do sr. Bingley e de Jane?" foi uma pergunta que introduziu a discussão dos assuntos *deles*. Darcy estava encantado com o noivado; o amigo lhe dera a primeira notícia dele.

— Devo perguntar se o senhor ficou surpreso? — disse Elizabeth.

— De modo algum. Quando parti, senti que aconteceria em breve.

— Isto é, o senhor tinha dado a sua permissão. Foi o que imaginei.

E, embora ele protestasse contra o termo, ela descobriu que fora mais ou menos isso mesmo.

— Na noite anterior à minha ida a Londres — disse ele —, fiz-lhe uma confissão que, creio, deveria ter feito há muito tempo. Contei-lhe tudo o que havia ocorrido para tornar absurda e impertinente a minha antiga interferência nos assuntos dele. A surpresa dele foi grande. Nunca tivera a menor suspeita. Disse-lhe, além disso, que me julgava enganado ao supor, como supusera, que a sua irmã lhe era indiferente; e, como pude perceber facilmente que a afeição dele por ela não diminuíra, não tive dúvida da felicidade dos dois juntos.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir com a maneira desembaraçada com que ele dirigia o amigo.

— O senhor falou por observação própria — disse ela — ao lhe dizer que minha irmã o amava, ou apenas com base na informação que lhe dei na primavera passada?

— Pela primeira. Eu a observara atentamente durante as duas visitas que lhe fizera aqui havia pouco; e fiquei convencido da afeição dela.

— E a sua garantia, suponho, levou-lhe imediata convicção.

— Levou. Bingley é modesto da forma mais sincera. A sua timidez o impedira de confiar no próprio juízo num caso tão angustiante, mas a confiança que tem no meu tornou tudo fácil. Fui obrigado a confessar uma coisa que, por algum tempo, e não sem razão, o ofendeu. Não pude permitir-me ocultar que a sua irmã estivera em Londres por três meses no inverno passado, que eu o

soubera e que deliberadamente o escondera dele. Ele ficou zangado. Mas a raiva dele, estou convencido, não durou mais do que o tempo em que teve alguma dúvida sobre os sentimentos de sua irmã. Agora já me perdoou de todo o coração.

Elizabeth teve vontade de observar que o sr. Bingley fora um amigo dos mais deliciosos; tão fácil de guiar que o seu valor era inestimável; mas conteve-se. Lembrou-se de que ele ainda tinha de aprender a ser alvo de riso, e era um pouco cedo demais para começar. Antecipando a felicidade de Bingley, que, naturalmente, só seria inferior à sua própria, ele prosseguiu na conversa até chegarem à casa. No vestíbulo, separaram-se.

LIX



— Minha cara Lizzy, por onde é que você andou passeando? — foi a pergunta que Elizabeth recebeu de Jane assim que entrou na sala, e de todos os outros quando se sentaram à mesa. Só teve a responder que haviam vagado por ali até ela já não saber mais onde estava. Corou ao falar; mas nem isso, nem qualquer outra coisa, despertou suspeita da verdade.

A noite transcorreu tranquila, sem nada de extraordinário. Os namorados reconhecidos

conversavam e riam; os não reconhecidos calavam. Darcy não era de índole em que a felicidade transborda em alegria ruidosa; e Elizabeth, agitada e confusa, antes *sabia* que estava feliz do que se *sentia* assim; pois, além do constrangimento imediato, havia outros males diante dela. Previa o que a família sentiria quando sua situação se tornasse conhecida: tinha consciência de que ninguém gostava dele além de Jane; e chegava a temer que, nos outros, houvesse uma *antipatia* que nem toda a sua fortuna e posição fossem capazes de desfazer.

À noite, abriu o coração a Jane. Embora a desconfiança estivesse muito longe dos hábitos da srta. Bennet, aqui ela se mostrou absolutamente incrédula.

— Você está brincando, Lizzy. Não pode ser! Noiva do sr. Darcy! Não, não, você não vai me enganar: eu sei que é impossível.

— Que começo desanimador, de fato! Você era minha única esperança; e tenho certeza de que ninguém mais vai acreditar em mim, se você não acreditar. E, no entanto, estou falando sério. Não digo senão a verdade. Ele ainda me ama, e estamos noivos.

Jane olhou-a com dúvida. — Ah, Lizzy! Não pode ser. Eu sei o quanto você o detesta.

— Você não sabe nada do assunto. *Isso* deve ser inteiramente esquecido. Talvez eu nem sempre o tenha amado tanto quanto o amo agora; mas em casos como este uma boa memória é imperdoável. Esta é a última vez que eu mesma vou me lembrar disso.

A srta. Bennet continuava a ser toda espanto. Elizabeth, de novo, e com mais seriedade, assegurou-lhe que era verdade.

— Céus! Será mesmo possível? Mas agora tenho de acreditar em você — exclamou Jane. — Minha querida, querida Lizzy, eu a felicitaria, eu a felicito; mas você tem certeza... perdoe a pergunta... tem plena certeza de que pode ser feliz com ele?

— Disso não pode haver dúvida. Já está combinado entre nós que seremos o casal mais feliz do mundo. Mas você está contente, Jane? Vai gostar de ter um cunhado assim?

— Muito, muito mesmo. Nada poderia dar a Bingley ou a mim maior alegria. Mas nós considerávamos isso, nós falávamos disso como uma coisa impossível. E você realmente o ama o bastante? Ah, Lizzy! Faça qualquer coisa, menos casar-se sem afeto. Você tem plena certeza de que sente o que deveria sentir?

— Ah, sim! Você só vai achar que sinto *mais* do que deveria quando eu lhe contar tudo.

— O que você quer dizer?

— Ora, tenho de confessar que o amo mais do que amo Bingley. Receio que você fique zangada.

— Minha irmã queridíssima, agora seja, *seja* séria. Quero conversar muito seriamente. Conte-me tudo o que devo saber, sem demora. Você me diz há quanto tempo o ama?

— Foi vindo tão aos poucos que mal sei quando começou; mas creio que devo datá-lo da primeira vez em que vi os belos jardins de Pemberley.

Outro apelo para que fosse séria, porém, produziu o efeito desejado; e ela logo satisfez Jane com solenes garantias de afeto. Convencida nesse ponto, a srta. Bennet nada mais tinha a desejar.

— Agora estou inteiramente feliz — disse ela —, porque você será tão feliz quanto eu. Sempre tive apreço por ele. Nem que fosse apenas pelo amor que ele tem a você, eu já teria de estimá-lo sempre; mas agora, como amigo de Bingley e seu marido, só Bingley e você me serão mais queridos. Mas, Lizzy, você foi muito dissimulada, muito reservada comigo. Como me contou pouco do que se passou em Pemberley e em Lambton! Tudo o que sei disso devo a outra pessoa, não a você.

Elizabeth explicou-lhe os motivos de seu segredo. Não quisera mencionar Bingley; e o estado indefinido de seus próprios sentimentos a fizera evitar igualmente o nome do amigo dele: mas agora não lhe esconderia mais a parte que ele tivera no casamento de Lydia. Tudo foi confessado, e metade da noite se passou em conversa.

— Santo Deus! — exclamou a sra. Bennet, de pé junto à janela na manhã seguinte. — Se não é aquele desagradável sr. Darcy vindo outra vez para cá com o nosso querido Bingley! O que pretende ele, sendo tão maçante a ponto de estar sempre aqui? Eu imaginava que ele fosse caçar, ou coisa que o valha, e não nos incomodar com a sua companhia. O que vamos fazer com ele? Lizzy, você tem de sair para passear com ele de novo, para que não atrapalhe Bingley.

Elizabeth mal pôde conter o riso diante de proposta tão conveniente; mas ficou realmente aborrecida que a mãe lhe desse sempre semelhante epíteto.

Assim que entraram, Bingley olhou para ela de modo tão expressivo, e apertou-lhe a mão com tanto calor, que não deixou dúvida de estar bem informado; e pouco depois disse em voz alta: — Sra. Bennet, a senhora não tem mais alamedas por aqui em que Lizzy possa se perder outra vez hoje?

— Eu aconselho o sr. Darcy, e Lizzy, e Kitty — disse a sra. Bennet — a caminharem até o monte Oakham esta manhã. É um passeio bom e longo, e o sr. Darcy nunca viu a vista.

— Pode servir muito bem para os outros — respondeu o sr. Bingley —, mas tenho certeza de que será demais para Kitty. Não é, Kitty?

Kitty confessou que preferia ficar em casa. Darcy declarou grande curiosidade de ver a vista do monte, e Elizabeth consentiu em silêncio. Quando ela subiu para se aprontar, a sra. Bennet a seguiu, dizendo:

— Sinto muito, Lizzy, que você seja obrigada a aturar aquele homem desagradável sozinha; mas espero que não se importe. É tudo por Jane, você sabe; e não há necessidade de conversar com ele, a não ser de vez em quando; portanto, não se incomode.

Durante o passeio, ficou resolvido que o consentimento do sr. Bennet seria pedido no decorrer da noite: Elizabeth reservou para si o pedido à mãe. Não conseguia prever como a mãe o receberia; às vezes duvidava que toda a riqueza e a grandeza dele bastassem para vencer a aversão que ela lhe tinha; mas, fosse ela violentamente contrária ao casamento ou violentamente encantada com ele, era certo que seu modo de agir seria igualmente incapaz de fazer justiça

ao seu juízo; e Elizabeth não podia suportar que o sr. Darcy ouvisse os primeiros arroubos de sua alegria, tanto quanto a primeira veemência de sua desaprovação.

À noite, pouco depois de o sr. Bennet se retirar para a biblioteca, ela viu o sr. Darcy levantar-se também e segui-lo, e sua agitação ao ver isso foi extrema. Não temia a oposição do pai, mas ele ia ficar infeliz, e por causa dela; que *ela*, a filha predileta, o afligisse com sua escolha, o enchesse de temores e pesares ao entregá-la, era uma reflexão penosa, e ficou sentada em aflição até que o sr. Darcy reapareceu, quando, olhando para ele, sentiu-se um pouco aliviada pelo seu sorriso. Em poucos minutos ele se aproximou da mesa a que ela estava sentada com Kitty e, fingindo admirar o trabalho dela, disse num sussurro: — Vá ter com seu pai; ele a espera na biblioteca. — Ela foi imediatamente.

O pai andava de um lado para outro da sala, com ar grave e ansioso. — Lizzy — disse ele —, o que você está fazendo? Perdeu o juízo para aceitar esse homem? Você não o detestou sempre?

Com que sinceridade desejou ela, então, que suas antigas opiniões tivessem sido mais razoáveis, suas expressões mais moderadas! Isso a teria poupado de explicações e declarações que era extremamente embaraçoso dar; mas agora eram necessárias, e ela lhe assegurou, com alguma confusão, o seu afeto pelo sr. Darcy.

— Ou, em outras palavras, você está decidida a ficar com ele. Ele é rico, sem dúvida, e você poderá ter mais

roupas finas e carruagens finas do que Jane. Mas elas a farão feliz?

— O senhor tem alguma outra objeção — disse Elizabeth — além de acreditar na minha indiferença?

— Nenhuma. Todos sabemos que ele é um homem orgulhoso e desagradável; mas isso não seria nada se você gostasse dele de verdade.

— Eu gosto, eu gosto dele — respondeu ela, com lágrimas nos olhos —, eu o amo. Na verdade, ele não tem nenhum orgulho descabido. É perfeitamente amável. O senhor não sabe o que ele é de fato; portanto, peço que não me magoe falando dele em tais termos.

— Lizzy — disse o pai —, eu lhe dei o meu consentimento. Ele é, de fato, o tipo de homem a quem eu jamais ousaria recusar coisa alguma que se dignasse a pedir. Agora eu o dou a *você*, se está resolvida a ficar com ele. Mas deixe que eu a aconselhe a pensar melhor. Conheço a sua índole, Lizzy. Sei que você não poderia ser feliz nem respeitável a menos que estimasse verdadeiramente o seu marido, a menos que o visse como um superior. Os seus talentos vivazes a colocariam no maior perigo num casamento desigual. Você dificilmente escaparia ao descrédito e à infelicidade. Minha filha, não me dê o desgosto de ver *você* incapaz de respeitar o seu companheiro na vida. Você não sabe o que está fazendo.

Elizabeth, ainda mais comovida, foi sincera e solene em sua resposta; e, por fim, com repetidas garantias de que o sr. Darcy era realmente o objeto de sua escolha, explicando a mudança gradual que a sua estima por ele sofrera, relatando sua absoluta certeza de que o afeto

dele não era obra de um dia, mas resistira à prova de muitos meses de incerteza, e enumerando com energia todas as boas qualidades dele, conseguiu vencer a incredulidade do pai e reconciliá-lo com o casamento.

— Bem, minha cara — disse ele, quando ela parou de falar —, não tenho mais nada a dizer. Se é assim, ele a merece. Eu não poderia ter me separado de você, minha Lizzy, por alguém menos digno.

Para completar a impressão favorável, ela então lhe contou o que o sr. Darcy fizera espontaneamente por Lydia. Ele a ouviu com assombro.

— Esta é, de fato, uma noite de prodígios! E então, Darcy fez tudo; arranjou o casamento, deu o dinheiro, pagou as dívidas do sujeito e conseguiu-lhe a patente! Tanto melhor. Isso me poupará um mundo de preocupações e economias. Se tivesse sido obra do seu tio, eu teria de pagá-lo, e *pagaria*; mas esses jovens apaixonados impetuosos fazem tudo do seu jeito. Amanhã vou me oferecer para pagá-lo, ele vai esbravejar e tempestuar sobre o amor que tem por você, e o assunto estará encerrado.

Lembrou-se então do embaraço dela alguns dias antes, quando ele lera a carta do sr. Collins; e, depois de rir dela por algum tempo, permitiu-lhe enfim que saísse, dizendo, quando ela deixava a sala: — Se aparecerem rapazes pedindo Mary ou Kitty, mande-os entrar, pois estou completamente desocupado.

O espírito de Elizabeth estava agora aliviado de um peso muito grande; e, depois de meia hora de reflexão tranquila em seu quarto, pôde juntar-se aos outros com razoável compostura. Tudo era recente demais para

alegria, mas a noite passou serenamente; já não havia nada de importante a temer, e o conforto da naturalidade e da familiaridade viria com o tempo.

Quando a mãe subiu ao seu quarto de vestir à noite, ela a seguiu e fez a importante comunicação. O efeito foi extraordinário; pois, ao ouvi-la pela primeira vez, a sra. Bennet ficou completamente imóvel, incapaz de articular uma sílaba. E só depois de muitos, muitos minutos conseguiu compreender o que ouvia, embora em geral não fosse lenta em dar crédito ao que fosse vantajoso para a família, ou ao que viesse sob a forma de um pretendente para qualquer uma das filhas. Começou enfim a se recobrar, a remexer-se na cadeira, levantar-se, sentar-se de novo, admirar-se e benzer-se.

— Santo Deus! Deus me abençoe! Imagine só! Meu Deus! O sr. Darcy! Quem diria? E é mesmo verdade? Ah, minha doce Lizzy! Como você vai ser rica e importante! Que mesada, que joias, que carruagens você vai ter! O de Jane não é nada perto disso... nada, absolutamente. Estou tão contente... tão feliz. Que homem encantador! Tão bonito! Tão alto! Ah, minha querida Lizzy! Peça-lhe desculpas por eu ter antipatizado tanto com ele antes. Espero que ele releve. Querida, querida Lizzy. Uma casa em Londres! Tudo o que há de encantador! Três filhas casadas! Dez mil libras por ano! Ah, meu Deus! O que vai ser de mim? Vou ficar louca.

Isso bastou para provar que sua aprovação não precisava ser posta em dúvida; e Elizabeth, contente que tal efusão fosse ouvida apenas por ela, logo se retirou. Mas não estava havia três minutos em seu quarto quando a mãe a seguiu.

— Minha filha queridíssima — exclamou —, não consigo pensar em outra coisa. Dez mil libras por ano, e muito provavelmente mais! É tão bom quanto um lorde! E uma licença especial... você tem de se casar, e vai se casar, com uma licença especial. Mas, meu amor, diga-me de que prato o sr. Darcy gosta especialmente, para que eu o mande preparar amanhã.

Era um triste presságio do que poderia ser o comportamento da mãe diante do próprio cavalheiro; e Elizabeth descobriu que, embora na posse certa do mais caloroso afeto dele, e segura do consentimento dos parentes, ainda havia algo a desejar. Mas o dia seguinte correu muito melhor do que ela esperava; pois a sra. Bennet, por sorte, tinha tamanho respeito temeroso pelo futuro genro que não se atrevia a lhe dirigir a palavra, a não ser quando lhe era possível oferecer-lhe alguma atenção ou marcar sua deferência pela opinião dele.

Elizabeth teve a satisfação de ver o pai esforçar-se por conhecê-lo melhor; e o sr. Bennet logo lhe garantiu que ele subia a cada hora em sua estima.

— Admiro muito todos os meus três genros — disse ele. — Wickham, talvez, é o meu favorito; mas creio que vou gostar do *seu* marido tanto quanto do de Jane.

LX



Como o ânimo de Elizabeth logo voltou à sua brincadeira habitual, ela quis que o sr. Darcy explicasse como fora se apaixonar por ela. — Como é que o senhor pôde começar? — disse ela. — Compreendo que tenha prosseguido encantadoramente, uma vez feito o começo; mas o que o pôs em movimento, para início de conversa?

— Não consigo fixar a hora, nem o lugar, nem o olhar, nem as palavras que lançaram o alicerce. Faz tempo demais. Eu já estava no meio antes de saber que *tinha* começado.

— À minha beleza o senhor resistiu desde cedo, e quanto às minhas maneiras... o meu comportamento com *o senhor* sempre beirou, no mínimo, a descortesia, e nunca lhe dirigi a palavra sem desejar antes magoá-lo do que o contrário. Agora, seja sincero: o senhor me admirou pela minha impertinência?

— Pela vivacidade do seu espírito, sim.

— Pode muito bem chamar isso de impertinência de uma vez. Era bem pouco menos do que isso. O fato é que o senhor estava farto de cortesia, de deferência, de atenções solícitas. Estava enfastiado das mulheres que sempre falavam, e olhavam, e pensavam apenas em busca da *sua* aprovação. Eu o despertei e o interessei porque era tão diferente *delas*. Se o senhor não fosse realmente amável, teria me odiado por isso: mas, apesar do trabalho que tomou para se disfarçar, seus sentimentos sempre foram nobres e justos; e no fundo do coração o senhor desprezava inteiramente as pessoas que o cortejavam com tanta assiduidade. Pronto... poupei-lhe o trabalho de explicar; e, na verdade, tudo considerado, começo a achar isso perfeitamente razoável. É claro que o senhor não conhece nenhuma qualidade real em mim... mas ninguém pensa *nisso* quando se apaixona.

— Não havia nada de bom no seu comportamento afetuoso com Jane, enquanto ela esteve doente em Netherfield?

— Querida Jane! Quem poderia ter feito menos por ela? Mas faça disso uma virtude, sem dúvida. As minhas boas qualidades estão sob a sua proteção, e o senhor deve exagerá-las o máximo possível; e, em troca, cabe a mim encontrar ocasiões para provocá-lo e discutir com o senhor tantas vezes quanto possível; e começarei imediatamente, perguntando-lhe o que o tornou tão relutante em chegar ao ponto, afinal? O que o deixou tão acanhado comigo, quando fez a primeira visita e depois jantou aqui? Por que, sobretudo, quando veio nos visitar, o senhor parecia não se importar comigo?

— Porque a senhorita estava grave e calada, e não me dava nenhum encorajamento.

— Mas eu estava constrangida.

— E eu também.

— O senhor poderia ter conversado mais comigo quando veio jantar.

— Um homem que sentisse menos, poderia.

— Que azar o senhor ter uma resposta razoável a dar, e eu ser tão razoável a ponto de admiti-la! Mas fico a imaginar por quanto tempo o senhor *teria* continuado assim, se o deixassem por sua própria conta. Fico a imaginar quando *teria* falado, se eu não lhe tivesse perguntado! Minha resolução de agradecer-lhe a bondade para com Lydia teve, sem dúvida, grande efeito. Efeito *demais*, receio; pois o que é feito da moral, se o nosso conforto nasce de uma promessa quebrada,

já que eu não deveria ter mencionado o assunto? Isso não pode ser.

— Não precisa se afligir. A moral ficará perfeitamente a salvo. Os esforços injustificáveis de lady Catherine para nos separar foram o meio de dissipar todas as minhas dúvidas. Não devo a minha felicidade presente ao seu desejo ansioso de exprimir gratidão. Eu não estava com disposição para esperar que a senhorita me desse uma abertura. As informações de minha tia me haviam dado esperança, e eu estava decidido a saber de tudo imediatamente.

— Lady Catherine foi de infinita utilidade, o que deve deixá-la feliz, pois ela adora ser útil. Mas diga-me: para que o senhor veio a Netherfield? Foi apenas para cavalgar até Longbourn e ficar constrangido? Ou tinha em vista consequências mais sérias?

— Meu verdadeiro propósito era ver *a senhorita*, e julgar, se pudesse, se algum dia eu poderia esperar fazer-me amado por ela. O propósito confessado, ou o que eu confessava a mim mesmo, era ver se a sua irmã ainda tinha inclinação por Bingley e, em caso afirmativo, fazer-lhe a confissão que desde então lhe fiz.

— O senhor terá algum dia coragem de anunciar a lady Catherine o que a espera?

— É mais provável que me falte tempo do que coragem, Elizabeth. Mas deve ser feito; e, se a senhorita me der uma folha de papel, será feito imediatamente.

— E se eu mesma não tivesse uma carta a escrever, poderia sentar-me ao seu lado e admirar a regularidade da sua letra, como outra jovem já fez. Mas eu também

baixelivros.com.br

tenho uma tia, que não pode continuar negligenciada por mais tempo.

Por relutância em confessar quanto a sua intimidade com o sr. Darcy fora superestimada, Elizabeth ainda não respondera à longa carta da sra. Gardiner; mas agora, tendo *aquilo* a comunicar que sabia ser muito bem-vindo, quase se envergonhou de descobrir que o tio e a tia já haviam perdido três dias de felicidade, e escreveu imediatamente o seguinte:

A carta do sr. Darcy a lady Catherine foi de estilo diferente, e ainda diferente de ambas foi a que o sr. Bennet enviou ao sr. Collins, em resposta à última deste.

> Devo incomodá-lo mais uma vez por congratulações. Elizabeth será em breve a esposa do sr. Darcy. Console lady Catherine como puder. Mas, se eu fosse o senhor, ficaria do lado do sobrinho. Ele tem mais a oferecer.
>
> Sinceramente seu, etc.

As felicitações da srta. Bingley ao irmão por seu casamento próximo foram tudo o que há de afetuoso e insincero. Escreveu até mesmo a Jane na ocasião, para exprimir seu contentamento e repetir todas as antigas declarações de estima. Jane não se deixou enganar, mas ficou comovida; e, embora não depositasse nela nenhuma confiança, não pôde deixar de lhe escrever uma resposta muito mais gentil do que sabia ser merecida.

A alegria que a srta. Darcy manifestou ao receber notícia semelhante foi tão sincera quanto a do irmão ao

enviá-la. Quatro páginas de papel foram insuficientes para conter todo o seu contentamento e todo o seu sincero desejo de ser amada pela cunhada.

Antes que pudesse chegar qualquer resposta do sr. Collins, ou quaisquer felicitações a Elizabeth por parte de sua esposa, a família de Longbourn soube que os Collins tinham vindo em pessoa a Lucas Lodge. A razão dessa mudança repentina logo ficou evidente. Lady Catherine ficara tão extremamente irritada com o conteúdo da carta do sobrinho que Charlotte, alegrando-se sinceramente com o casamento, estava ansiosa por se afastar até que a tempestade passasse. Em tal momento, a chegada da amiga foi um prazer sincero para Elizabeth, embora, no decorrer dos encontros, ela às vezes tivesse de achar o prazer caro demais, ao ver o sr. Darcy exposto a toda a cortesia ostentosa e obsequiosa do marido dela. Ele a suportou, porém, com admirável calma. Conseguiu até ouvir sir William Lucas, quando este o cumprimentou por levar consigo a joia mais brilhante da região e exprimiu a esperança de que todos se encontrassem frequentemente em St. James, com bem decente compostura. Se chegou a dar de ombros, foi só quando sir William já estava fora de vista.

A vulgaridade da sra. Philips foi outro, e talvez maior, tributo cobrado à sua paciência; e embora a sra. Philips, assim como a irmã, tivesse por ele um respeito temeroso demais para falar com a familiaridade que o bom humor de Bingley encorajava, sempre que *chegava* a falar, era forçosamente vulgar. E o respeito que lhe

tinha, embora a tornasse mais quieta, de modo algum tendia a torná-la mais elegante. Elizabeth fazia tudo o que podia para protegê-lo das frequentes atenções de ambas, e estava sempre ansiosa por mantê-lo só para si, e para aqueles de sua família com quem ele pudesse conversar sem mortificação; e embora os sentimentos desagradáveis que tudo isso provocava tirassem da temporada de noivado boa parte do seu encanto, acrescentavam algo à esperança do futuro; e ela aguardava com deleite o tempo em que estivessem afastados de uma sociedade tão pouco agradável a qualquer dos dois, para todo o conforto e a elegância do seu círculo familiar em Pemberley.

LXI



Feliz para todos os seus sentimentos maternos foi o dia em que a sra. Bennet se livrou das duas filhas mais merecedoras. Com que orgulho encantado ela passou depois a visitar a sra. Bingley e a falar da sra. Darcy, pode-se adivinhar. Gostaria de poder dizer, pelo bem de sua família, que a realização do seu mais ardente desejo, com o estabelecimento de tantas de suas filhas, produziu efeito tão feliz a ponto de torná-la uma mulher sensata, amável e bem-informada pelo resto da vida;

embora, talvez, tenha sido uma sorte para o marido, que poderia não apreciar a felicidade doméstica sob forma tão insólita, que ela continuasse ocasionalmente nervosa e invariavelmente tola.

O sr. Bennet sentiu enormemente a falta da segunda filha; o afeto que lhe tinha o tirava de casa com mais frequência do que qualquer outra coisa seria capaz de fazer. Deleitava-se em ir a Pemberley, sobretudo quando era menos esperado.

O sr. Bingley e Jane permaneceram em Netherfield apenas um ano. Vizinhança tão próxima da mãe dela e dos parentes de Meryton não era desejável nem mesmo para o temperamento fácil *dele*, nem para o coração afetuoso *dela*. O desejo mais querido das irmãs dele foi então satisfeito: ele comprou uma propriedade num condado vizinho a Derbyshire; e Jane e Elizabeth, além de todas as outras fontes de felicidade, ficaram a menos de trinta milhas uma da outra.

Kitty, para seu grande proveito, passou a maior parte do tempo com as duas irmãs mais velhas. Numa sociedade tão superior à que em geral conhecera, seu progresso foi grande. Não tinha temperamento tão ingovernável quanto Lydia; e, afastada da influência do exemplo de Lydia, tornou-se, com a devida atenção e orientação, menos irritadiça, menos ignorante e menos insípida. Da desvantagem adicional da companhia de Lydia foi, naturalmente, mantida com cuidado à distância; e embora a sra. Wickham a convidasse com frequência para ir passar uma temporada com ela, com a promessa de bailes e rapazes, o pai jamais consentiu que fosse.

Mary foi a única filha que permaneceu em casa; e foi necessariamente afastada do cultivo das prendas pelo fato de a sra. Bennet ser inteiramente incapaz de ficar sozinha. Mary viu-se obrigada a conviver mais com o mundo, mas ainda podia moralizar sobre cada visita matinal; e, como já não era mortificada por comparações entre a beleza das irmãs e a sua, o pai suspeitava que ela se submetia à mudança sem grande relutância.

Quanto a Wickham e Lydia, seus caracteres não sofreram nenhuma revolução com o casamento das irmãs dela. Ele suportou com filosofia a convicção de que Elizabeth agora tomaria conhecimento de tudo o que de sua ingratidão e falsidade lhe fora até então desconhecido; e, apesar de tudo, não estava inteiramente sem esperança de que Darcy ainda pudesse ser persuadido a fazer-lhe a fortuna. A carta de felicitações que Elizabeth recebeu de Lydia por ocasião do casamento deixou-lhe claro que, pela esposa ao menos, se não por ele mesmo, tal esperança era acalentada. A carta dizia mais ou menos o seguinte:

> Desejo-lhe muitas felicidades. Se você ama o sr. Darcy metade do que eu amo o meu querido Wickham, deve estar muito feliz. É um grande consolo ter você tão rica; e, quando não tiver mais nada a fazer, espero que pense em nós. Tenho certeza de que Wickham gostaria muito de um posto na corte; e não creio que tenhamos dinheiro suficiente para viver sem alguma ajuda. Qualquer posto serviria, de umas trezentas ou

quatrocentas libras por ano; mas, de todo modo, não fale disso com o sr. Darcy, se preferir não falar.

Sua, etc.

Como acontecia de Elizabeth preferir, e muito, não falar, ela se esforçou, na resposta, por pôr fim a toda súplica e expectativa desse gênero. Contudo, o alívio que estava em seu poder proporcionar, pela prática do que se poderia chamar de economia em suas despesas particulares, ela lhes enviava com frequência. Sempre lhe fora evidente que uma renda como a deles, sob a direção de duas pessoas tão extravagantes em seus desejos e tão descuidadas do futuro, devia ser muito insuficiente para o seu sustento; e sempre que mudavam de guarnição, Jane ou ela podiam ter certeza de ser procuradas por alguma pequena ajuda para quitar as contas. O modo de vida deles, mesmo quando o restabelecimento da paz os dispensou para um lar, era instável ao extremo. Estavam sempre se mudando de um lugar para outro em busca de moradia barata, e sempre gastando mais do que deviam. O afeto dele por ela logo afundou na indiferença: o dela durou um pouco mais; e, apesar da sua juventude e das suas maneiras, ela conservou todos os direitos à reputação que o casamento lhe dera. Embora Darcy jamais pudesse recebê-lo *a ele* em Pemberley, ainda assim, por Elizabeth, continuou a ajudá-lo na carreira. Lydia era ocasionalmente visita ali, quando o marido ia divertir-se em Londres ou em Bath; e com os Bingley ambos se demoravam com tanta frequência e por tanto tempo, que até o bom humor de Bingley se esgotou, e ele

chegou ao ponto de *falar* em dar-lhes a entender que era hora de partir.

A srta. Bingley ficou profundamente mortificada com o casamento de Darcy; mas, como julgou aconselhável conservar o direito de visitar Pemberley, abandonou todo o ressentimento; passou a gostar mais do que nunca de Georgiana, mostrou-se quase tão atenciosa com Darcy quanto antes e pagou a Elizabeth todos os atrasados de cortesia.

Pemberley era agora o lar de Georgiana; e a afeição entre as cunhadas era exatamente o que Darcy esperara ver. Conseguiram amar-se tanto quanto pretendiam. Georgiana tinha a mais alta opinião do mundo sobre Elizabeth; embora, a princípio, ouvisse muitas vezes com um espanto beirando o alarme o modo vivo e brincalhão com que ela falava com o irmão. Aquele que sempre lhe inspirara um respeito que quase sobrepujava o afeto, ela via agora como objeto de gracejos abertos. Seu espírito recebeu um conhecimento que nunca antes lhe cruzara o caminho. Pelas instruções de Elizabeth, começou a compreender que uma mulher pode tomar com o marido liberdades que um irmão nem sempre permitirá a uma irmã mais de dez anos mais nova do que ele.

Lady Catherine ficou extremamente indignada com o casamento do sobrinho; e, como deu vazão a toda a genuína franqueza de seu caráter na resposta à carta que lhe anunciava o ajuste, mandou-lhe uma linguagem tão injuriosa, sobretudo a respeito de Elizabeth, que por algum tempo toda relação entre eles cessou. Mas, por fim, pela persuasão de Elizabeth, ele foi levado a relevar

a ofensa e a buscar uma reconciliação; e, depois de mais um pouco de resistência por parte da tia, o ressentimento dela cedeu, ou ao afeto que lhe tinha, ou à curiosidade de ver como a esposa dele se conduzia; e ela se dignou a visitá-los em Pemberley, apesar da poluição que os seus bosques haviam recebido, não apenas da presença de semelhante dona da casa, mas das visitas dos tios dela vindos da cidade.

Com os Gardiner, estiveram sempre nos termos mais íntimos. Darcy, tanto quanto Elizabeth, gostava deles de verdade; e ambos foram sempre conscientes da mais calorosa gratidão para com as pessoas que, ao levá-la a Derbyshire, haviam sido o meio de uni-los.

Apontamentos críticos

da tradutora

1. A primeira frase (Capítulo I). Toda a arte de Austen está no modo como a frase de abertura se desmente a si mesma. "É uma verdade universalmente reconhecida" promete um princípio; o que vem depois é um preconceito de vizinhança. O leitor aprende, já ali, o método do livro: nunca acreditar na primeira formulação de nada. E aprende também uma coisa sobre a vida — que as "verdades universais" que ouvimos repetidas todos os dias costumam ser interesses particulares disfarçados de lei geral. Observe-se, ainda no primeiro capítulo, o retrato do casal Bennet, feito inteiramente por meio de diálogo: em duas páginas sabemos que ele é inteligente e desdenhoso, que ela é limitada e ansiosa, e que aquele casamento é um erro antigo com o qual os dois aprenderam a conviver, cada qual a seu modo — ele zombando, ela reclamando dos nervos. Vinte e três anos, diz o narrador, não bastaram para que ela entendesse o marido. É uma das frases mais melancólicas do livro, e está disfarçada de piada.

2. O primeiro baile, ou como se forma um preconceito (Capítulo III). Darcy recusa dançar com Elizabeth e diz, ao alcance dos ouvidos dela, que ela é "tolerável" mas não bonita o bastante para tentá-lo. Elizabeth ri, conta a história às amigas e transforma a ofensa em anedota. Repare-se no que Austen faz aqui: a ofensa é real, e a reação de Elizabeth é a mais saudável possível — rir em vez de se magoar. Mas é justamente por rir que ela não percebe o que a ofensa fez nela: fixou um juízo. Daí em diante, tudo o que Darcy faz será lido à luz daquela frase. É assim

que nascem os preconceitos nas pessoas inteligentes: não por falta de espírito, mas por excesso dele. O ressentimento que se transforma em piada não deixa de ser ressentimento; apenas deixa de ser visível para quem o sente.

3. Charlotte Lucas e a teoria da felicidade (Capítulo VI). Numa conversa aparentemente leve, Charlotte expõe a Elizabeth a sua doutrina: a felicidade no casamento é questão de sorte, e é melhor conhecer o menos possível os defeitos do homem com quem se vai passar a vida. Elizabeth ri e diz que a amiga jamais agiria assim. Vinte capítulos depois, Charlotte age exatamente assim. O leitor deve guardar essa cena, porque Austen a plantou de propósito: a pessoa que formula em teoria uma ideia é quase sempre a pessoa que vai praticá-la, e quem ouve rindo é quase sempre quem se recusa a acreditar que o outro fale a sério. Charlotte fala a sério. Não é uma cínica; é uma mulher de vinte e sete anos, sem beleza e sem dote, que fez as contas. A tristeza da sua posição não a desculpa inteiramente, mas explica-a — e o livro exige que se entenda antes de julgar.

4. O que é uma mulher prendada (Capítulo VIII). A discussão em Netherfield sobre as "prendas" de uma moça — música, desenho, línguas, "um certo algo no porte e no andar" — é uma pequena comédia de vaidades, mas esconde uma questão real. A srta. Bingley enumera talentos de superfície; Darcy acrescenta a única coisa que importa: o cultivo do espírito pela leitura séria. Elizabeth zomba de todos e diz que nunca viu uma mulher assim. A ironia é que ela, que zomba, é a única na sala que corresponde ao ideal de Darcy — e que ele já percebeu isso, e ela não. Note-se também a lição prática que a cena deixa: as qualidades que se exibem em sociedade são as que menos valem numa vida em comum. Ninguém se casa com um talento para o piano; casa-se com um caráter.

5. Wickham conta a sua história (Capítulo XVI). É a cena que o leitor deve reler depois de terminar o livro. Wickham, na primeira noite em que conhece Elizabeth, conta-lhe uma história íntima e humilhante sobre um homem que ela detesta, a uma quase desconhecida, num jogo de cartas. Tudo nele é encantador, e tudo nele é sinal de alarme: a intimidade rápida demais, a queixa contra alguém ausente, a nobreza declarada de quem "não vai expor" o inimigo — enquanto o expõe. Elizabeth, que é a pessoa mais perspicaz do romance, não vê nada disso, e a razão é simples: ele a elogiou. O bom senso tem aqui uma regra que vale para qualquer época: desconfie-se de quem, ao primeiro encontro, nos conta os seus sofrimentos e nos faz sentir escolhidos. A confidência precoce não é intimidade; é técnica.

6. A proposta do sr. Collins (Capítulo XIX). É uma das cenas cômicas mais perfeitas da língua inglesa, e é também um pequeno tratado sobre o que não deve ser um casamento. Collins enumera as razões pelas quais vai se casar: é um dever do clérigo, fará a sua felicidade, foi recomendado pela sua protetora. Em nenhum momento menciona Elizabeth. Ela poderia ser qualquer uma — e de fato, três dias depois, será outra. O ridículo da cena não deve esconder a sua seriedade: um homem que escolhe uma esposa como escolhe um móvel para a casa paroquial está cometendo, com toda a boa intenção, uma ofensa contra a dignidade da pessoa que pede. E a recusa de Elizabeth — que ele se recusa a ouvir, tomando-a por coqueteria — é o primeiro grande ato de coragem do livro. Recusar segurança por respeito a si mesma, aos vinte anos, sem dote, é coisa que exige mais firmeza do que qualquer gesto heroico.

7. O sr. Bennet escolhe (Capítulo XX). A sra. Bennet exige que o marido obrigue Elizabeth a aceitar Collins, e o sr. Bennet, com a sua ironia habitual, diz à filha que a mãe nunca mais lhe falará

se ela recusar, e que ele nunca mais lhe falará se ela aceitar. É a fala mais citada do livro e uma das mais amáveis. Mas guarde-se a observação: é a única vez em todo o romance em que o sr. Bennet exerce a sua autoridade de pai, e ele a exerce em forma de piada. O leitor que ri com ele deve perguntar-se por que esse homem, capaz de ver tão claro quando se trata de Elizabeth, não vê nada quando se trata de Lydia. A resposta é que Elizabeth o diverte, e Lydia o aborrece. Ele é pai da filha que lhe dá prazer; das outras, é apenas o dono da casa.

8. Charlotte aceita (Capítulo XXII). Três dias depois da recusa de Elizabeth, Charlotte Lucas aceita o mesmo homem, e Austen escreve a frase que resume a decisão: ela o aceitava "unicamente pelo desejo puro e desinteressado de uma posição estável". Não há ironia mais fria em todo o livro. Charlotte não se ilude: sabe que Collins não é sensato nem agradável, e diz à amiga que pede apenas um lar confortável. O leitor moderno tende a admirar o "realismo" de Charlotte; o leitor atento deve resistir a essa admiração. Ela faz a Collins exatamente o que Collins fez a ela: trata uma pessoa como um meio. E a paz doméstica que Austen lhe concede nos capítulos de Hunsford — a saleta escolhida nos fundos para não ver o marido, os passeios que o mantêm ocupado no jardim — não é felicidade; é administração. Pode-se viver assim. Não se deve chamar a isso de casamento bem-sucedido.

9. A carta de Jane e o silêncio de Bingley (Capítulos XXI e XXIV). Bingley vai a Londres e não volta; as irmãs escrevem a Jane insinuando que ele se casará com a srta. Darcy. Jane sofre em silêncio e, com a sua bondade habitual, procura desculpar a todos. Elizabeth se revolta. O leitor está do lado de Elizabeth, e tem razão; mas repare-se na lição que o desfecho dará: Jane quase perde Bingley não por culpa das irmãs dele, e sim porque a sua reserva foi tomada por indiferença. Charlotte já tinha dito

isso no Capítulo VI — que uma mulher deve mostrar mais do que sente, para prender um homem —, e Elizabeth discordou. A verdade, como sempre neste livro, está no meio: não se deve fingir sentimento, mas também não se deve escondê-lo por orgulho ou por pudor excessivo. A modéstia que se torna opacidade é uma forma de mentira, e pode custar caro.

10. Hunsford, ou a primeira proposta (Capítulo XXXIV). É a cena central do romance, e uma das mais violentas que Austen escreveu, embora ninguém levante a voz. Darcy declara-se a Elizabeth dizendo-lhe, em substância, que a ama contra a própria vontade, contra a razão e contra o próprio caráter, por causa da inferioridade da família dela. Ele espera ser aceito; é recusado com uma dureza que o deixa branco. Cada um dos dois tem razão contra o outro e está errado sobre si mesmo. Darcy tem razão sobre a família Bennet e está errado ao dizê-lo a quem a ama; Elizabeth tem razão ao rejeitar um pedido feito em termos de humilhação e está errada em quase todas as acusações que faz — a de Wickham inteiramente, a de Jane em parte. É uma cena de duas pessoas orgulhosas que se atingem no que têm de melhor. E note-se a última frase de Elizabeth: ela lhe diz que ele não é um cavalheiro. É a única coisa que Darcy nunca esquecerá, porque é a única que era verdadeira.

11. A carta (Capítulos XXXV e XXXVI). Darcy não se defende de viva voz; escreve. E a carta é a peça mais notável do livro: um homem ferido, injustiçado numa coisa e culpado noutra, expondo os fatos sem pedir desculpas e sem pedir perdão, com uma frieza que é a forma da sua dignidade. Elizabeth lê a carta caminhando, e o Capítulo XXXVI é a descrição mais exata que conheço de uma consciência mudando de opinião: primeiro a recusa, depois a releitura, depois a lembrança dos detalhes que ela não quisera ver, depois a vergonha. O que ela descobre não é que Darcy é bom; é que ela mesma não era quem pensava. “Até

este momento, nunca me conheci." Há pouquíssimas heroínas na literatura capazes de dizer essa frase, e menos ainda capazes de dizê-la sem se destruir. Elizabeth diz e continua inteira. Isso é o que se chama caráter: a capacidade de suportar a verdade sobre si mesmo sem desabar e sem se endurecer.

12. O sr. Bennet e Brighton (Capítulo XLI). Elizabeth pede ao pai que não deixe Lydia ir a Brighton com o regimento, e faz-lhe um discurso de uma lucidez notável: a leviandade de Lydia envergonhará a família toda e prejudicará as irmãs. O pai ouve, concorda em parte, e deixa-a ir mesmo assim — porque seria trabalhoso impedi-la, e porque a casa ficará mais sossegada sem ela. É o momento em que o leitor deve parar de achar graça no sr. Bennet. Ele sabe. Foi avisado por quem ele mais respeita. E escolhe a comodidade. Tudo o que acontece depois — a fuga, a desonra, a dívida com Darcy — é consequência direta dessa tarde na biblioteca. Austen não o acusa; deixa que os fatos o acusem, e é pior. Um pai que prevê o mal e não o impede não é um homem irônico; é um homem que faltou.

13. Pemberley (Capítulo XLIII). Elizabeth visita a casa de Darcy pensando que ele está ausente, e a governanta, uma velha senhora que o conhece desde os quatro anos, diz dele o que ninguém dissera: que nunca ouviu dele uma palavra áspera, que é o melhor dos senhores e o melhor dos irmãos, que os pobres da região o abençoam. Elizabeth ouve tudo isso diante do retrato dele, que sorri. É o momento da conversão, e vale notar de onde ela vem: não do próprio Darcy, que ainda não apareceu, mas do testemunho de quem depende dele. Austen sabia que a melhor prova do caráter de alguém não são as suas maneiras com os iguais, e sim o seu tratamento dos que não podem retribuir. O leitor que quiser conhecer um homem faça o que Elizabeth fez por acaso: pergunte aos criados. E quando Darcy aparece, transformado em cortesia, o espanto dela é o espanto

de quem descobre que a mudança que exigiu foi realmente feita — e feita por causa dela.

14. A fuga de Lydia (Capítulos XLVI e XLVII). Lydia foge com Wickham, e a família descobre, em dias de agonia, que ele não tem intenção de casar. O leitor de hoje talvez não meça bem a dimensão da catástrofe: uma moça de dezesseis anos que vive com um homem sem casamento não desonrava apenas a si mesma; tornava impossível o casamento decente das quatro irmãs. Não é exagero de época: é a consequência real de um ato que atinge todos os que carregam o mesmo nome. Lydia não pensa nisso porque nunca pensou em nada, e o livro é claro sobre quem a fez assim — uma mãe que a incentivou e um pai que não a corrigiu. Mas Austen não a absolve por isso. Lydia, ao voltar, não sente vergonha nenhuma; exibe a aliança, quer ser chamada de senhora, quer passar na frente das irmãs. É a única personagem do livro incapaz de aprender, e é assim que o romance define a verdadeira tolice: não a falta de inteligência, mas a ausência de consciência.

15. O que Darcy faz (Capítulo LII). A carta da sra. Gardiner revela o que Darcy fez em segredo: procurou Wickham em Londres, pagou-lhe as dívidas, comprou-lhe a patente, forçou o casamento, e exigiu que ninguém soubesse. Elizabeth lê e entende que o homem que ela humilhou em Hunsford por não ser um cavalheiro acaba de agir como o único cavalheiro do livro — e a favor da família que ele desprezava, sem esperar nada, sem sequer querer que ela soubesse. Repare-se como Austen constrói o mérito: pelo custo e pelo silêncio. Darcy não faz um gesto; paga um preço, e paga-o a um homem que o injuriou. A generosidade que se anuncia é vaidade; a que se esconde é virtude. O leitor deve ainda observar que Darcy se culpa pelo mal de Lydia — julga que, se tivesse exposto Wickham a tempo, nada teria acontecido. É a mesma severidade consigo mesmo

que Elizabeth aprendeu no Capítulo XXXVI. Os dois só se tornam dignos um do outro quando cada um se torna capaz de se acusar.

16. Lady Catherine em Longbourn (Capítulo LVI). Uma grande dama vem, sem convite, exigir de uma moça sem fortuna a promessa de que nunca se casará com o sobrinho dela. A cena é uma das mais satisfatórias da literatura, e o leitor deve saboreá-la; mas convém notar o que dá a Elizabeth a força de resistir. Não é o desprezo pela hierarquia — ela reconhece que Darcy é superior em posição — e sim uma convicção simples: que é filha de um cavalheiro, que Darcy é um cavalheiro, e que nesse ponto são iguais. Elizabeth não é uma revolucionária; é alguém que sabe exatamente o que lhe é devido e o que não é, e que não deve satisfações a quem não tem direito a elas. Lady Catherine, com toda a sua posição, perde porque confunde autoridade com direito; Elizabeth vence porque não confunde dignidade com insolência. E há uma ironia final que Austen reserva ao leitor: foi a intervenção de lady Catherine, ao relatar a Darcy a recusa de Elizabeth em prometer, que lhe deu a esperança de tentar de novo. A soberba, ao querer impedir, produziu o que temia.

17. A segunda proposta (Capítulo LVIII). Não há nela uma frase de amor apaixonado; há duas pessoas que reconhecem, cada uma, o que aprendeu com a outra. Darcy diz que foi ensinado a ser orgulhoso e egoísta desde criança, e que Elizabeth o humilhou "como ele merecia". Elizabeth diz que as suas acusações foram injustas e formadas sobre premissas falsas. É a cena de amor mais séria que se pode escrever, porque o que se declara ali não é um sentimento, e sim uma mudança — e as mudanças custam mais que os sentimentos. Repare-se na delicadeza com que Austen recusa descrever o rosto de Elizabeth no momento da resposta: diz apenas que ela não era

bonita de olhar naquele instante, mas que a expressão fazia Darcy feliz. Há mais verdade nisso do que em todas as descrições de beleza da literatura romântica. A felicidade real não é fotogênica.

18. Elizabeth explica ao pai (Capítulo LIX). O sr. Bennet, ao saber do noivado, diz à filha a única coisa que um pai deveria dizer nessas circunstâncias: que ele lhe deu o consentimento, mas que a aconselha a pensar melhor, porque a conhece, e sabe que ela não seria feliz nem respeitável num casamento sem estima pelo marido. E acrescenta, com uma tristeza que raras vezes deixa aparecer: "Minha filha, não me dê o desgosto de ver você incapaz de respeitar o seu companheiro na vida." Ele está falando de si mesmo. É a confissão que o livro esperou sessenta capítulos para ouvir — o homem que se casou por um rosto e passou a vida pagando. Elizabeth entende, e responde com a única coisa que pode consolá-lo: que ama Darcy, e que ele merece. A cena vale como advertência para qualquer geração: o conselho mais útil que os pais dão é o que vem da sua própria ferida, e é quase sempre o mais difícil de dar.

19. Os casamentos comparados (Capítulo LXI). O último capítulo, com a sua lista de destinos, é o balanço moral do romance, feito sem um único juízo explícito. Lydia e Wickham vivem mudando de casa, gastando mais do que têm, pedindo dinheiro às irmãs, e o afeto dele por ela "afunda na indiferença" enquanto o dela dura "um pouco mais". Kitty, afastada da irmã e recebendo enfim alguma direção, melhora. Mary fica em casa e deixa de ser ridícula, porque já não precisa competir com a beleza das irmãs. Charlotte administra Hunsford. Jane e Bingley são felizes e se mudam para longe da sra. Bennet. Elizabeth e Darcy recebem em Pemberley os Gardiner — as pessoas de comércio que a srta. Bingley desprezava — "nos termos mais íntimos", e o livro fecha com a gratidão de ambos a esse tio e a

essa tia, que foram os únicos adultos do romance a agir sempre com bom senso. Austen não diz que a virtude é recompensada; mostra apenas que cada um colhe o que escolheu. Não é uma lição de moral; é uma constatação, e por isso convence.

20. Sobre o riso de Elizabeth. Uma última observação sobre a heroína, porque é o que faz este livro ser amado há dois séculos. Elizabeth Bennet diz, num certo momento, que adora rir, e que tolices e absurdos a divertem sempre que pode. Darcy responde que os mais sábios podem ser ridicularizados por quem faz da zombaria o primeiro objetivo da vida — e ela concorda: nunca ri do que é sábio ou bom. É essa a linha que separa Elizabeth do pai. Os dois riem; mas o pai ri de tudo, inclusive do que devia proteger, e ela ri apenas do que merece riso. O riso que respeita o bem é uma forma de inteligência; o riso que não respeita nada é uma forma de abandono. Austen conhecia a diferença, e escreveu um livro inteiro para ensiná-la sem nunca a dizer. Quem terminar a leitura rindo dos personagens certos aprendeu a lição; quem terminar rindo de todos ainda não a aprendeu, e deve começar de novo — o que, tratando-se deste livro, não é castigo nenhum.

ORGULHO E PRECONCEITO

Jane Austen

Tradução e introdução de Vitória Gomes Menezes
Aquarelas de Helena Abreu, segundo Hugh Thomson, 1894

Composto em Lora, corpo 12, em formato A5,
para leitura gratuita e livre difusão.

REGISTRO

APD-2026-00046-9

archivepublicdomain.com/registry

Aponte a câmera do celular para conferir esta ficha.

BAIXE LIVROS · 2026

baixelivros.com.br

Uma verdade universalmente reconhecida

Orgulho e Preconceito começa com uma das frases mais célebres da literatura inglesa: a afirmação de que todo homem solteiro e rico deve estar à procura de uma esposa. A ironia aparece imediatamente: essa "verdade" pertence menos ao homem do que às famílias da vizinhança, prontas a destiná-lo a uma de suas filhas. Em poucas linhas, Jane Austen anuncia o assunto, o humor e a exigência do romance. Lê-lo apenas como história de amor ou apenas como sátira é perder metade de sua força.

Filha de um pároco rural, Jane Austen (1775–1817) conheceu profundamente o pequeno mundo das famílias inglesas, suas convenções, ilusões, casamentos e arrependimentos. Com esse material aparentemente modesto, criou um dos retratos mais inteligentes do coração humano. Rascunhado como Primeiras Impressões e publicado em 1813, Orgulho e Preconceito tornou-se sua obra mais popular.

Para as cinco filhas Bennet, casar não é simples capricho: sem profissão, fortuna ou direito à propriedade familiar, o casamento representa segurança e futuro. Ainda assim, Austen demonstra que uma necessidade real não justifica qualquer escolha. Charlotte escolhe a prudência sem amor; Lydia, a paixão sem prudência; Jane quase perde a felicidade por excesso de reserva; e Elizabeth só encontra o amor depois de reconhecer os próprios enganos. Entre interesse, afeto e estima, o romance pergunta não apenas com quem casar, mas como aprender a ver o outro — e a si mesmo — com verdade.

BAIXE LIVROS .com.br